



Universidade Aberta

Mestrado em Relações Interculturais

Dissertação de Mestrado

Um Olhar de Sofrimento:

**Comportamentos e Atitudes de Crianças Vítimas de
Maus-Tratos Residentes num Centro de Acolhimento**

Cinco Estudos de Caso

Dora Isabel Roberto Rodrigues

Número: 60970

Orientadora: Professora Doutora Joana Miranda

Lisboa, 15 de Dezembro de 2006

Índice

<u>Agradecimentos</u> -----	9
<u>Resumo</u> -----	10
<u>Introdução</u> -----	13

PARTE I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I – Maus-Tratos Infantis

<u>1.1. Os Maus-Tratos ao Longo dos Tempos</u> -----	15
<u>1.2. O conceito de Maus -Tratos</u> -----	19
<u>1.3. Tipos de Maus-Tratos</u>	
1.3.1. Mau -trato e negligência intra-uterina -----	20
1.3.2. Mau-trato físico: síndrome da criança espancada e infanticídio ----	21
1.3.3. Mau-trato alimentar -----	21
1.3.4. Abandono, mendicidade, mau-trato emocional -----	22
1.3.5. Mau-trato por negligência -----	23
1.3.6. Abuso sexual infantil -----	23
<u>1.4. Causas dos maus-tratos infantis</u>	
1.4.1. Factores individuais -----	25
1.4.2. Factores familiares -----	28
1.4.3. Factores sociais -----	29
<u>1.5. Prevenção dos maus-tratos infantis</u> -----	30
<u>1.6. Tratamento dos maus-tratos infantis</u>	
1.6.1. Quais as decisões -----	30
1.6.2. Serviços Oferecidos -----	31
<u>1.7. Os Maus -tratos e o seu impacto no desenvolvimento da criança</u> -----	32

Capítulo II – A criança

<u>2.1. As Instituições Democráticas e a Criança</u>	
2.1.1. Os direitos da Criança nas instituições democráticas -----	36

2.1.2. A Criança e a Intervenção Social da Justiça -----	40
2.2. <u>A Negligência e a Criança</u>	
2.2.1. As crianças em risco -----	43
2.2.2. Diferentes Graus de Patologia -----	48
2.3. <u>Crianças Institucionalizadas</u>	
2.3.1. A institucionalização e a sua necessidade -----	53
2.3.2. A assistência e a protecção à infância enquanto sistema de qualidade na institucionalização -----	53
 Capítulo III – A Família e as Suas Dinâmicas	
3.1. <u>A Importância da família</u> -----	56
3.2. <u>Considerações gerais sobre a família enquanto núcleo primário, social e educativo</u> -----	57
3.3. <u>Evolução e Transformação da Família: Factores e Abordagens</u> -----	
3.3.1 Um laço familiar fragilizado -----	59
3.3.2. Infâncias de Risco -----	61
 Capítulo IV – A Institucionalização	
4.1. <u>A Institucionalização e os seus Marcos Históricos</u> -----	62
4.2. Instituição e os seus princípios -----	63
4.3. <u>A intervenção e a sua programação</u> -----	66
4.4. <u>Rede nacional de lares para acolhimento de crianças e jovens em situação de risco</u> -----	71
4.4.1. Objectivos e princípios de funcionamento dos Lares de Crianças e Jovens -----	72
4.4.2. Normas e dinâmicas de funcionamento: a organização e o acompanhamento -----	77
4.5. <u>Institucionalização e as suas Repercussões</u> -----	78
 Capítulo V – A Acção Social	
5.1. <u>A Acção Social</u> -----	80
5.2. <u>Encaminhamento e acompanhamento das crianças e jovens acolhidos</u> -----	82

PARTE II
INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Capítulo I - Opções Metodológicas	84
Capítulo II - Instrumentos de Análise	
2.1. <u>O inquérito por entrevista</u>	92
2.2. <u>A observação</u>	100
Capítulo III - Campo da Investigação	
3.1. <u>Caracterização do Contexto Institucional</u>	
3.1.1. O concelho de Vila Franca de Xira	101
3.1.2. A Freguesia de Alverca do Ribatejo	103
3.1.3. Caracterização da Fundação Centro de Bem-estar Infantil de Alverca (CEBI)	104
3.2. <u>O Centro de Emergência Social de Alverca</u>	
3.2.1. Orgânica e funcionamento	107
3.2.2. Dimensão Física	109
3.2.3. Dimensão Humana	116
3.2.4. Relações Humanas	119
3.3. <u>As crianças do CES</u>	
3.3.1. A Rotina	120
3.3.2. A Integração Social	122
3.3.3. Aspectos da personalidade das crianças	123
Capítulo IV – Resultados do Trabalho de Campo	
4.1. <u>Análise dos Inquéritos por Entrevista</u>	
4.1.1. Análise da entrevista à Equipa Técnica do CES – Educadora Elisabete - sobre as características do CES (E2)	125
4.1.2. Análise da entrevista a um membro da Equipa Técnica do CES – Educadora Elisabete - para conhecer a integração social, a rotina diária e aspectos da personalidade dos residentes do CES (E1)	128

4.1.3. Análise das entrevistas às professoras das crianças em estudo (E3, E4, E5, E6, E7) -----	132
4.1.4. Análise das entrevista à psicóloga, sobre as crianças em estudo (E8, E9, E10, E11, E12) -----	137
4.1.5. Análise das entrevista às crianças em estudo (E13, E14, E15, E16, E17) -----	141
4.2. <u>Análise das Grelhas de Observação:</u>	
4.2.1. Análise das Grelhas de Observação das Crianças em Actividades Lúdicas (O7) -----	151
4.2.2. Análise das Grelhas de Observação das Crianças em Ocasões Rotineiras (O1, O2, O3, O4, O5, O6) -----	151
4.2.3. Análise das Grelhas de Observação efectuadas às crianças em contexto escolar -----	157
4.3. <u>Caracterização das crianças, através do cruzamento de dados recolhidos nas entrevistas e nas observações</u>	
4.3.1.Criança 1 -----	164
4.3.2.Criança 2 -----	166
4.3.3.Criança 3 -----	168
4.3.4. Criança 4 -----	169
4.3.5. Criança 5 -----	171
4.4. <u>Análise dos dados recolhidos durante a investigação empírica</u> -----	174
Capítulo V - Discussão de Resultados -----	179

PARTE III

Capítulo I – Conclusão -----	183
Capítulo II - Referências Bibliográficas -----	187

ANEXOS

I. Observações das Crianças no CES

i. Observações no CES -----	197
ii. Observações no CES durante actividades lúdicas -----	211
II. <u>Observações das crianças em contexto escolar</u>	
i. Observações à Criança 1 -----	213
ii. Observações à Criança 2 -----	218
iii. Observações à Criança 3 -----	223
iv. Observações à Criança 4 -----	227
v. Observações à Criança 5 -----	230
III. <u>Entrevista à Educadora Elisabete para conhecer a integração social, a rotina diária e aspectos de personalidade dos residentes do CES.</u>	
<u>A vida das crianças (E1)</u> -----	235
IV. <u>Entrevista a Funcionários sobre as características do CES. Caracterizar o CES (E2)</u> -----	244
V. <u>Entrevista aos professores das Crianças do CES (E3, E4, E5, E6, E7)</u> -----	252
VI. <u>Entrevistas à Psicóloga sobre as crianças em Estudo (E8, E9, E10, E11, E12)</u> -----	258
VII. <u>Entrevistas às Crianças (E13, E14, E15, E16, E17)</u> -----	272
VIII. <u>Regulamento Interno CES</u> -----	300

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Distribuição das crianças quanto à idade -----	116
Gráfico 2 – Distribuição das crianças quanto ao sexo -----	117
Gráfico 3 – Distribuição das crianças quanto ao grupo sócio-económico a que pertencem -----	117
Gráfico 4 – Distribuição das crianças quanto ao ano de admissão no CES -----	117
Gráfico 5 – Distribuição das crianças quanto às causas da institucionalização -----	117
Gráfico 6 – Zona dos Hospitais, Tribunais de Família de Menores, Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco, Instituto de Solidariedade e Segurança Social que sinalizam as crianças -----	117
Gráfico 7 – Número de crianças com características de personalidade diferentes -----	156
Gráfico 8 – Número de crianças que apresentam características comuns, em contexto escolar -----	162
Gráfico 9 – Número de crianças que apresentam comportamentos comuns observados em contexto escolar -----	163

Índice de Quadro

<i>Quadro 1</i> – Horário de actividades da Fundação CEBI durante a semana -----	121
<i>Quadro 2</i> – Horário de actividades do CES ao fim-de-semana -----	122
<i>Quadro 3</i> – Atitudes em actividades interiores/exteriores à sala-de-aula e personalidade-----	133
<i>Quadro 4</i> – Características comuns à personalidade das crianças em estudo -----	134
<i>Quadro 5</i> – Atitudes -----	134
<i>Quadro 6</i> – Atitudes comuns -----	134
<i>Quadro 7</i> – Comportamentos das crianças -----	135
<i>Quadro 8</i> – Comportamentos comuns -----	135
<i>Quadro 9</i> – Caracterização individual das personalidades -----	136
<i>Quadro 10</i> – Aspectos comuns da personalidade das crianças -----	136
<i>Quadro 11</i> – Interesse/empenho pela escola -----	136
<i>Quadro 12</i> – Características comuns -----	137
<i>Quadro 13</i> – Comportamentos das crianças ao levantar -----	153
<i>Quadro 14</i> – Comportamentos das crianças ao pequeno-almoço -----	154
<i>Quadro 15</i> – Comportamentos das crianças após o pequeno-almoço -----	154
<i>Quadro 16</i> – Comportamentos das crianças à tarde -----	155

<i>Quadro 17</i> – Comportamentos das crianças ao jantar -----	155
<i>Quadro 18</i> – Comportamentos das crianças após o jantar -----	155
<i>Quadro 19</i> – Características de personalidade das crianças observadas no CES -----	156
<i>Quadro 20</i> – Características de personalidade das crianças observadas em contexto escolar -----	162
<i>Quadro 21</i> – Comportamentos das crianças observados em contexto escolar -----	163

Agradecimentos

Só devido ao envolvimento e dedicação de um grande número de pessoas é que foi possível a realização desta Dissertação, nomeadamente:

- À Universidade Aberta, pela possibilidade que deu em frequentar este mestrado e que possibilitou esta investigação;
- À professora Doutora Joana Miranda, pela orientação e apoio;
- Aos meus pais, colegas e amigos, pelo apoio e estímulo prestado;
- À Educadora Elisabete e à Psicóloga Mafalda, do CES, pela sua atenção e colaboração ao longo da investigação prática;
- À Fundação CEBI, pela disponibilidade de realização deste trabalho nas suas instalações;
- Aos professores das cinco crianças observadas, pelo apoio prestado na realização do estudo;
- Às crianças 1, 2, 3, 4 e 5, por todos os momentos que me fizeram passar ao longo da investigação prática, em especial pelos sorrisos e manifestações de carinho.

Resumo

Cada vez mais nos apercebemos que, tanto em Portugal como no Mundo, as crianças não estão a ser tratadas com a consideração e o respeito fundamental que merecem. Diariamente, os meios de comunicação social falam da existência de crianças que foram abusadas e/ou maltratadas pelos seus próprios pais ou outros familiares próximos. Todos os dias chegam às pediatrias dos hospitais crianças com lesões corporais.

Este facto motivou a escolha do tema do presente estudo: *Um Olhar de Sofrimento: Comportamentos e Atitudes de Crianças Vítimas de Maus-Tratos, residentes num Centro de Acolhimento – cinco estudos de caso*. Com este trabalho, pretende-se, não só relatar o universo destas crianças abusadas, como também observar o seu dia-a-dia e compreender os comportamentos e as atitudes que essas mesmas crianças adoptam após os abusos sofridos. Num estudo desta natureza, torna-se também importante realçar o facto de que a legislação portuguesa não protege suficientemente as crianças de castigos corporais ou de tratamentos humilhantes.

A observação dos cinco casos estudados foi realizada no Centro de Emergência Social de Alverca (CES), que pertence à Fundação Centro de Bem-Estar Infantil dessa mesma localidade (CEBI). A escolha recaiu sobre esta instituição porque ela se destina a acolher crianças dos dois sexos, até aos 12 anos de idade, que se encontram em situação de risco. Desde que entrou em funcionamento, já passaram por esta instituição, mais de 140 crianças, todas vítimas de maus-tratos, de negligência parental, de abandono ou de abuso sexual. Através de uma intervenção multidisciplinar, o CES pretende criar as condições que proporcionem a reabilitação e a recuperação das crianças que ali dão entrada, designadamente nos domínios clínico, psicológico, social e educativo. O CES é um espaço que tenta reproduzir um ambiente familiar, privilegiando espaços acolhedores, onde as crianças sintam que os adultos as respeitam, não só a elas, como também ao seu sofrimento, aos seus silêncios e ao tempo que necessitam para, com amor e carinho, voltarem a sorrir de novo.

Résumée

De plus en plus, on s'aperçoit que au Portugal, comme dans le monde, les enfants ne sont pas traités avec autant de respect qu'ils le méritent. Tous les jours, la communication sociale informe de l'existence d'enfants mal traités par ses propres parents et entourages familiaux. Quotidiennement, ils consultent des pédiatres, dans les hôpitaux, à cause des lésions corporelles qu'ils ont subis.

C'est celle-ci la principale motivation sur le choix du thème de cette étude: *Un regard de souffrance: Comportements et Attitudes d'Enfants Victimes de Maltraitance qui résident dans un Centre d'Accueil – 5 études de cas.*

Avec ce travail, nous prétendons, non seulement protéger l'univers de ces enfants, mais surtout observer leur quotidien, pour comprendre les comportements que ces mêmes enfants adoptent, après avoir souffert les abus. Dans une étude de cette nature, il est aussi important de souligner que la législation portugaise ne protège suffisamment pas les victimes de punitions corporelles et d'humiliation.

L'observation des cinq cas étudiés a été réalisée dans le Centre d'Émergence d'Alverca, (CES) qui appartient à la Fondation CEBI. Le choix est tombé sur cette institution, car elle se destine à accueillir des enfants des deux sexes, jusqu'à l'âge de douze ans, qui se trouvent en situation de risques. Depuis que l'établissement fonctionne, le nombre d'enfants qui y sont passés s'élève au-delà de 140, tous victimes de maltraitances physiques, de négligence parentale, d'abandon ou d'abus sexuel. A travers d'une intervention multidisciplinaire, le CES prétend créer les conditions capables de proportionner la réhabilitation et la récupération des enfants qui y vivent, dans les domaines cliniques, psychologiques, sociaux et éducatifs. Le CES est un espace qui essaye de reproduire une ambiance familiale, privilégiant des espaces accueillants et agréables, où les enfants sentent que les adultes les respectent, non seulement à eux, mais aussi leur souffrance, leur silence et le temps qu'ils nécessitent pour retrouver le sourire perdu.

Summary

More and more, we realize that children, in Portugal, are not being treated with the consideration and respect they deserve. Media show us, daily, children victims of abuses and/or hurt by their own parents or relatives. Everyday, pediatric urgencies receive children with violence marks all over their bodies.

The purpose of the study is to go through this matter and verify which behaviors and attitudes derive from these children's living conditions. It is also relevant to notice that Portuguese legislation doesn't protect children from corporal punishment or humiliating treatment.

The study "*Um Olhar de Sofrimento – O Comportamento e Atitudes de Crianças Institucionalizadas Vítimas de Maus Tratos - Cinco Estudos de Caso*", comes from the need to tell about these children's universe, aiming to verify their behaviors and attitudes, through a short analysis of their trajectory and their day by day lives.

The choice fell upon Centro de Emergência Social de Alverca, property of Fundação CEBI, because this centre receives children of both genders, ages up to twelve years old, living risk situations. This institution already took care of over 140 ill-treated children, victims of parental negligence, abandonment, sexual abuse. The multidisciplinary intervention is a reality in each and every situation, with the main goal of recuperating the child, by creating the favorable conditions for rehabilitation and development, as harmonious as possible, namely in the psychological, social and educational fields. CES is a space that tries to recreate a home environment, privileging welcoming spaces, where children can feel respect for themselves, for their suffering, for their silences, for the time they need to, with love and care, begin to play again.

Introdução

Em todas as épocas da história da Humanidade as crianças foram vítimas de maus-tratos e crueldades. Contudo, os maus-tratos apenas foram sendo vistos como um problema à medida que se operacionalizavam mudanças na sociedade e na sensibilidade humana.

Nesta mudança de atitude perante a importância e a salvaguarda da criança, ocorreram progressos políticos importantes, nomeadamente com a *Convenção das Nações Unidas* e com a *Convenção sobre os Direitos da Criança*, em que são afirmados os vários direitos das crianças, assim como a protecção que lhes é devida, contra todas as formas de maus-tratos. Contudo, apesar disso, continuamos diariamente a verificar através da televisão, dos jornais ou da rádio que existem muitas crianças que sofrem abusos, tanto emocionais, como físicos ou sexuais.

Se bem que o mundo tenha entrado no novo milénio, ainda não conseguiu cumprir a missão que pretendia alcançar no século passado, que era a de garantir a toda e a qualquer criança a satisfação de três direitos básicos: a participação, a provisão e a protecção. Todos os dias se continuam a ver e a ouvir relatos de crianças violadas nestes direitos fundamentais. E apesar de ter sido nos países democráticos que surgiu a *Convenção sobre os Direitos das Crianças* e de se ter consagrado a *Convenção das Nações Unidas*, mesmo nestes países ainda se verificam frequentemente repetidas situações de abuso emocional, físico e sexual, ou seja, as necessidades das crianças ainda continuam a não ser satisfeitas e os seus direitos ignorados.

O ponto de partida para concretizar este projecto de investigação resultou do interesse do investigador pelas crianças que sofreram maus-tratos e em especial por aquelas que passaram a viver numa “grande família” que é a instituição que as acolheu.

Este trabalho, intitulado “*Um Olhar de Sofrimento*” analisa a problemática dos maus-tratos e procura compreender de que forma é que esses maus-tratos estão relacionados com a alteração de comportamentos das crianças envolvidas.

No seguimento da escolha da temática dos maus-tratos infligidos às crianças, a questão que deu origem à investigação foi:

- *De que forma é que os maus-tratos sofridos na família, afectam os comportamentos e as atitudes das crianças que residem no Centro de Emergência Social de Alverca?*

A dissertação que resultou do estudo e da investigação encontra-se dividida em três partes.

A primeira parte inclui um enquadramento teórico, que é iniciado com a problematização do estudo e na qual definimos alguns conceitos que consideramos importantes para o mesmo. Esta parte encontra-se dividida em cinco capítulos. No primeiro apresenta-se a evolução do conceito de “*maus-tratos*” ao longo dos tempos, descrevem-se os vários tipos de maus-tratos, enumeram-se as causas que levam aos maus-tratos infantis, discute-se como se podem prevenir e analisam-se os impactos que os maus-tratos podem ter no desenvolvimento das crianças implicadas.

O segundo capítulo pretende reflectir sobre o papel da criança na sociedade, aludir aos tipos de negligência exercidos sobre ela e as consequências daí resultantes e, por último, abordar a problemática da institucionalização.

O terceiro capítulo tem como objectivos analisar a importância da família, referir a evolução e transformação pelas quais a família passou e falar do papel da família actual.

O quarto capítulo aborda a institucionalização e tem como objectivos: descrever os marcos históricos da institucionalização, os seus princípios, enquadrar o modo como as instituições intervêm e programam a sua intervenção e, por último, ilustrar as repercussões da institucionalização.

O quinto e último capítulo analisam o papel da acção social e do encaminhamento e acompanhamento das crianças e jovens acolhidos.

A investigação empírica é apresentada na segunda parte da dissertação. Esta inclui quatro capítulos, nos quais pretendemos recolher informações sobre as crianças maltratadas, acolhidas no CES, bem como o local e as condições em que vivem, passando ainda pela análise dos comportamentos que as caracterizam.

Na terceira parte desta dissertação, apresentamos as conclusões, as limitações do estudo e as referências bibliográficas relativas à metodologia da investigação, ao tema da pesquisa e estudos consultados no âmbito deste mestrado.

Os anexos constam no final deste trabalho.

Após a pesquisa bibliográfica, foram efectuadas fichas de leitura, sendo a sua finalidade obter os elementos fulcrais para a realização do *corpus* teórico que serviu de base à investigação empírica.

Ao longo de todo o estudo empírico, tivemos como prioridade a preservação da identidade das crianças observadas.

PARTE I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo I – Maus-Tratos Infantis

1.1.Os Maus-Tratos ao Longo dos Tempos

Conhecer as práticas e as ideias que apoiavam e promoviam muitos actos socialmente aceites em determinada época, relativamente à infância, e que hoje nos parecem brutais, pode contribuir para uma compreensão actual do fenómeno dos maus-tratos. (Magalhães, 2002: 25)

Preconizando a ideia acima apresentada, estamos em crer que uma breve história do papel da criança, ao longo dos tempos, poderá contribuir para uma maior clarificação do tema deste capítulo.

Assim, atendamos a DeMause (1991), segundo o qual a história da criança pode dividir-se em seis etapas:

A primeira dessas etapas começa na Antiguidade e termina no século III. Esta pode considerar-se como sendo uma **etapa de infanticídio**. A segunda tem início no século IV e finaliza no século XIII, sendo caracterizada como uma **etapa de abandono**. A terceira vai desde o século XIV até ao século XVII. Trata-se de uma **etapa de ambivalência**. A quarta ocorre durante o século XVIII e caracteriza-se como sendo uma **etapa da intrusão**. A quinta é considerada como a **etapa da socialização** e vai do século XIX, até à primeira metade do século XX. Por último, a sexta etapa, que tem início na segunda metade do século XX, e se desenvolveu até à actualidade designa-se como a **etapa da ajuda**.

1ª etapa: **O infanticídio** era considerado na antiguidade como uma prática habitual. Ocorreu tanto em culturas ocidentais, como orientais, até ao fim do século III. Eram vários os motivos que levavam à sua realização, tais como eliminar deficientes ou prematuros, filhos ilegítimos, controlar a natalidade e dar respostas a crenças religiosas (como acalmar a fúria dos deuses, ou salvar a vida do rei em perigo).

Quando um rei sabia da existência de um possível rival, generalizava-se o infanticídio na população infantil, com idade semelhante à do herdeiro do trono.

O assassinato de crianças foi vulgar nos povos antigos. É possível confirmar essa prática, através da descoberta de recipientes enterrados junto às portas das casas dos

cananeus, contendo esqueletos de recém-nascidos.

Na Roma Antiga, efectuava-se mesmo um ritual para se decidir o direito à vida. Normalmente, era o pai que o realizava, uma vez que possuía sobre os seus filhos um direito ilimitado. As crianças excluídas eram então sacrificadas em altares, lançadas contra paredes ou abandonadas nuas.

Na Grécia antiga, quando a vida do rei corria perigo, a fúria dos deuses era acalmada através do sacrifício do filho primogénito, em casas específicas para esse fim.

É possível constatar o apoio que certas personalidades históricas davam a estas práticas: Platão apoiava o abandono dos inválidos e dos deficientes. Aristóteles era a favor do aborto, como uma necessidade de controlo da natalidade.

Para além do infanticídio também a prostituição de criança era considerada uma prática vulgar.

Tanto na civilização Grega, como na Romana, existiam casas de prostituição específicas para que os adultos abusassem sexualmente das crianças. Também no Egipto, até ao surgimento da menarca, manter relações sexuais com meninas de classes sociais elevadas constituía uma prática religiosa comum. Por outro lado, na Índia, China e Pérsia era muito frequente a venda de crianças.

2ªetapa: **O abandono** – Com a conversão do Imperador Constantino ao Cristianismo deu-se uma alteração fulcral da sociedade e uma mudança de atitude para com as pessoas mais frágeis. Este Imperador não só implementou a primeira lei contra o infanticídio, como também reconheceu alguns direitos às crianças. Graças a essa lei, deu-se uma diminuição do número de infanticídios, sendo o Imperador Constantino uma figura fundamental e decisiva no percurso histórico da violência sobre as crianças.

3ªetapa: **A Ambivalência** – Na Idade Média, ainda eram completamente desconhecidas as características das várias fases do crescimento das crianças e as especificidades da infância. Em algumas sociedades, os castigos humilhantes eram os meios utilizados para educar. A precariedade económica e as constantes guerras eram as principais responsáveis pelo abandono de crianças oriundas dos estratos mais baixos. Nos estratos mais abastados, em que pai era o detentor dos direitos sobre a criança, ocorria frequentemente o abandono afectivo.

4ªetapa: **A intrusão** – As crianças começam a ter um lugar na vida afectiva dos pais. Apareceram as primeiras instituições cuja finalidade era educar e proteger as crianças. Foi ainda nesta época que se defendeu que o castigo físico deveria ser moderado.

5ª etapa: **A Socialização** – A protecção das crianças continuou a ser feita através do internamento em instituições próprias. É nesta época que se começa a olhar para a infância como uma etapa da vida em que são precisas atenções especiais. A protecção aos menores dava então os primeiros passos. Sempre que os pais ou tutores procuravam o médico para tratar dos danos causados às crianças pelos espancamentos sofridos, a existência da violência física extrapolava o meio familiar.

Jean Jacques Rousseau afirmou que a criança era um sujeito com direitos, valor, detentor de respeito e com várias capacidades, tendo sido considerado muito importante conhecer quais as suas necessidades.

Em 1860 Ambroise Tardieu (citado por Magalhães 2002) foi o primeiro a estudar este problema dos espancamentos e a definir o conceito de “**mau-trato**”, tendo por base um estudo sobre 32 crianças, com idades inferiores a cinco anos. Tardieu demonstrou existirem contradições entre as justificações dadas pelos pais para o estudo das crianças e os dados clínicos. Contudo, esta investigação ficou no anonimato, até ao surgimento do caso de Mary Ellen, uma menina de quatro anos de idade, que residia em Nova Iorque com os seus pais, e a qual era sistematicamente espancada, e amarrada com correntes, aos pés da cama, durante grande parte do dia. Face ao conhecimento destes factos, o caso foi denunciado pelos vizinhos. Mas, como o mau-trato infantil não era considerado delito, foi necessário que a situação fosse apresentada à Sociedade Protectora dos Animais, referindo-se, ironicamente, que a criança pertencia a este grau da escala zoológica. Como desfecho do caso, deu-se a separação entre a criança e os pais.

Tendo por base este caso, foi fundada a *Society for Prevention for Cruelty to Children* (*Sociedade para a Prevenção da Violência para com a Criança*). Com o passar dos anos e com o aumento da sensibilidade pública, foram surgindo novas sociedades idênticas, sendo tomadas medidas legislativas relativamente à protecção infantil.

6ª etapa: **A ajuda** – Nesta fase a consciência paterna aumentou. Contudo, se por um lado estes conduziam os seus filhos aos hospitais, atribuíam a existência de feridas ou fracturas a acidentes bizarros.

Foi em 1961, na reunião anual da *Academia Americana de Pediatria*, que se efectuou o passo mais importante na definição do termo, “**battered child**” (*criança esmurrada ou espancada*), quando Henry Kempe utilizou a expressão. *The Battered Child Syndrome* (síndrome da criança espancada) foi definida como:

...um quadro clínico que se manifesta em crianças que receberam maus-tratos severos, que podem ser a causa de lesões permanentes e inclusive da sua morte. A síndrome deve ser ponderada em qualquer criança que apresente fracturas, hematoma subdural, alterações no crescimento, desnutrição, higiene deficiente, inchaços nos tecidos moles, equimoses e em qualquer criança que morra repentinamente, ou nos casos em que exista discrepância entre os dados clínicos e os dados apresentados pelos pais. Os factores psíquicos são provavelmente de suma importância na patogénese desta síndrome, mas o conhecimento destes factores é limitado (Kempe citado por Gallardo, 1994: 23)

A designação de **criança maltratada**, é introduzida por Fontana, em 1963, sendo esta definição mais abrangente que a de Henry Kempe. O novo conceito envolve todo o tipo de violência imposta à criança, começando também a violência emocional a ser considerada como uma forma de agressão muito importante.

Em 1965, Kempe (citado por Gallardo, 1994) introduz uma nova terminologia que é a de **Child Abuse** («criança abusada»), substituindo o termo «síndrome da criança espancada» por «síndrome da criança maltratada». Esta nova terminologia é relevante porque inclui crianças vítimas de maus-tratos físicos, emocionais, abandono, défice nutricional e abuso sexual.

Em 1972, Silverman propõe que a expressão «síndrome da criança maltratada» fosse substituída por *Síndrome de Tardieu*, numa clara valorização ao estudo e detecção do problema apresentado por Ambroise Tardieu em 1860 (citado por Magalhães 2002).

Um marco histórico ocorre a 20 de Novembro de 1989, com a aprovação da *Convenção dos Direitos da Criança*.

Posteriormente, a *Carta Europeia dos Direitos da Criança*, aprovada em 1992, estabelece nos países da Europa, os Direitos das Crianças e, no seu ponto 6º, refere a nomeação de um defensor desses mesmos direitos.

Reportando-nos a Portugal, verifica-se que é em 1986 que se efectua o primeiro estudo da questão, sendo Fausto Amaro o seu autor. Posteriormente, tem-se verificado uma constante adaptação da legislação portuguesa aos desenvolvimentos da problemática dos maus-tratos, a nível cultural e científico. Assim, em 1991, foi criada a *Comissão de Protecção de Menores*. Em 1998, a Comissão Interministerial define “**crianças em risco**” como *aquelas crianças sujeitas a maus-tratos, a que os pais não prestam os cuidados necessários ao seu desenvolvimento e aquelas que com o seu comportamento, ponham elas próprias em causa o seu crescimento*.

A Lei de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo entrou em vigor a 1 de Janeiro de 2001 e constitui mais um passo de extrema importância para a salvaguarda dos direitos das crianças.

1.2.O conceito de Maus-tratos

As formas de maus-tratos infantis compreendem todos os actos impostos às crianças sob a forma de exploração e abuso sexual, trabalho, abandono, negligência e violência verbal e física.

Considerando a existência de inúmeras definições de maus-tratos, as quais variam consoante as diversas sociedades, culturas e organizações, torna-se um pouco complicado e controverso definir este conceito.

Após demorada consulta decidimos adoptar a definição de Teresa Magalhães que refere mau trato infantil como *qualquer forma de tratamento físico e(ou) emocional, não acidental e inadequado, resultante de disfunções e(ou) carências nas relações entre crianças ou jovens e pessoas mais velhas, num contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e(ou) poder. Podem manifestar-se por comportamentos activos (físicos, emocionais e(ou) sexuais) ou passivos (omissão ou negligência nos cuidados e(ou) afectos). Pela maneira reiterada como geralmente acontecem, privam o menor dos seus direitos e liberdades afectando, de forma concreta ou potencial, a sua saúde, desenvolvimento (físico, psicológico e social) e(ou) dignidade.* (Magalhães, 2002: 34)

Ao conceito de mau-trato, encontram-se associados os conceitos de risco e de perigo. Várias são as vertentes que podem aparecer nestes dois conceitos de risco e perigo infantil. São elas: 1) o abandono, ou seja, através da desistência, a falta de protecção da criança, em que também pode estar ausente a promoção das competências parentais; 2) a negligência, que pode ser considerada como a incúria parental mediante as necessidades da criança, tanto a nível afectivo como do desenvolvimento; 3) o abuso sexual, ou seja, implicar crianças na prática de actos do foro sexual; 4) o abuso da autoridade parental a nível físico ou psicológico; 5) o abandono escolar, quando as crianças desistem de ir à escola; 6) o absentismo escolar, em que apesar das crianças se manterem vinculados à instituição escolar, não frequentam as aulas e 7) o trabalho infantil.

Actualmente, as crianças são vistas como pessoas detentoras de necessidades específicas e características próprias, sendo a violência um elemento negativo, ao nível da sua felicidade individual e do seu desenvolvimento.

Não se pode pensar que são só as crianças vítimas de pobreza que incorrem em situações de risco ou perigo. Os maus-tratos obedecem à regra da transversalidade social. O que se verifica na realidade é que as famílias mais carenciadas apresentam uma maior visibilidade social face aos maus-tratos, enquanto que, a realidade das famílias de classe média e alta está mais preservada.

1.3. Tipos de Maus-tratos

Não se podia desenvolver um estudo cuja temática é – *crianças vítimas de maus-tratos* – sem falar da existência dos variados tipos de maus-tratos, negligências e abusos.

Segundo Gallardo (1994) são várias as modalidades que englobam o mau-trato infantil. Todas elas têm uma natureza relativa. Apresentamos de seguida uma tentativa de explicitação de cada uma delas.

1.3.1. Mau-trato e negligência intra-uterina:

O mau-trato intra-uterino tem como finalidade magoar intencionalmente o feto de maneira a que a mulher interrompa a gravidez. Na grande maioria das vezes, se essas crianças chegam a nascer, podem tornar-se vítimas de maus-tratos, pois segundo as mães, são a imagem da sua vergonha.

A *negligência intra-uterina* assume uma importância relevante no desenvolvimento do feto. Mesmo quando se encontra no interior do ventre materno, já é necessário que a mãe tenha cuidados com os alimentos que ingere, com as drogas, o tabaco e determinadas doenças, pois tudo isso pode afectar a criança. Não podemos esquecer que algumas anomalias são hereditárias e não têm uma relação directa com o tipo de alimentação e cuidados que a mãe proporcionou à criança, mas outras, são a consequência dos seus actos.

Se a mãe durante a vida intra-uterina do seu filho consumir alimentos inapropriados, como o álcool e outras drogas e se não estiver feliz com a chegada do filho, comete negligências que afectam o feto e que mais tarde podem originar

consequências graves, a nível do desenvolvimento da criança.

1.3.2. Mau-trato físico: síndrome da criança espancada e infanticídio:

Quando Kempe adoptou a terminologia de *síndrome da criança espancada*, referiu que esta era mais frequente em crianças com menos de três anos. Na grande maioria das vezes são os pais ou tutores que exercem o espancamento e só dão parte da existência dos ferimentos da criança quando esta corre risco de vida. Este tipo de atitudes é muito frequente em pais que abusam dos filhos. Pode ocorrer que alguns destes episódios aconteçam em momentos de desespero, mas também se verifica que existem pais que têm como intenção magoar com crueldade e propositadamente os seus filhos.

[Normalmente] *é muito raro que os pais exponham livremente as brutalidades que cometeram nos seus filhos, a não ser que se sintam apertados pelas pressões médicas ou policiais, após as provas radiológicas ou de outro tipo.* (Gallardo, 1994: 51)

Quando estas crianças chegam ao hospital, apresentam em geral um aspecto pouco asseado, triste e assustado.

Por vezes, estas crianças, perante o pessoal hospitalar, reagem com gestos de defesa, evitando todo o contacto com o adulto.

A maior parte das crianças maltratadas sendo muito pequenas, não se podem exprimir verbalmente nem denunciar o autor das agressões. Daí reveste-se de extrema importância que os médicos estejam atentos ao que os ferimentos evidenciam.

Quando já são crianças mais crescidas, podem denunciar os pais, mas não o fazem, porque têm medo das represálias.

1.3.3. Mau-trato alimentar:

Ainda segundo Gallardo (1994), consoante aumentou a intensidade com que se estudou o mau trato alimentar, verificou-se a sua discriminação, sendo este considerado como desnutrição, alimentação com meios artificiais, e administração de medicamentos, originando envenenamentos, sendo esta última forma designada de síndrome de Munchausen.

A **desnutrição** é um tipo de mau-trato por omissão que pode levar à morte devido a uma alimentação deficiente. Na infância, as causas mais frequentes do peso excessivamente baixo são as deficiências nutritivas. As características que as crianças desnutridas apresentam quando são levadas para o hospital podem ser várias:

- Perturbações do estado geral: o tipo de negligência é total, verificando-se desnutrição e falta de higiene.

- Atraso no crescimento: as crianças apresentam uma grande descida na curva da altura e do peso, podendo também ocorrer um atraso no crescimento do perímetro craniano.

É muito importante que o alimento básico do bebé, durante os três primeiros meses seja o leite natural, sendo ideal prolongá-lo durante uns meses mais. Para além da alimentação com leite natural satisfazer o tubo digestivo do bebé, é um veículo muito importante para favorecer o vínculo afectivo mãe-filho, sendo fulcral para o desenvolver da sua personalidade. Contudo, assistimos com frequência à alimentação dos bebés com leite artificial, pois a mãe sobrepõe a sua comodidade ao bem-estar e à saúde do seu filho.

A administração indiscriminada de medicamentos pode provocar **envenenamentos** os quais estão na origem de transtornos a nível metabólico. São vários os componentes que podem causar o envenenamento e estes podem ser facilmente encontrados em qualquer casa.

1.3.4. Abandono, mendicidade, mau-trato emocional:

O conceito e gravidade de **abandono** encontram-se relacionados com a idade da criança.

Sempre que se trata do **abandono** de um recém-nascido, esta forma adopta o nome de neonaticídio.

Várias são as maneiras que os pais utilizam para se livrarem dos seus filhos, deixando-os no primeiro local que encontram, em orfanatos, em instituições protegidas pelo Tribunal de Menores, vendendo-os ou até oferecendo-os.

Os orfanatos que recolhem crianças abandonadas têm como finalidade principal encontrar para estas crianças uns pais adoptivos, que possam substituir os pais biológicos. Contudo, também pode acontecer que os pais adoptivos sejam maltratantes, pois em certas situações, a criança adoptada pode ser vista por estes como o representante externo da sua infertilidade, e tratada com repulsa.

Quando o mau-trato se encontra relacionado com a exploração económica da criança, falamos de **mendicidade**. Geralmente a criança vítima de mendicidade também sofre de coacção física e de negligência na alimentação e na higiene. Quase todos os dias vemos nas ruas adultos acompanhados de crianças e até mesmo de bebés a praticar a mendicidade. A finalidade desta é tocar os sentimentos das pessoas. Esta forma de

mau-trato veio originar um negócio invulgar que é o aluguer de crianças e de bebés.

O mau-trato emocional é uma contínua agressão verbal do adulto para com a criança, que se pode manifestar sob a forma de insulto, burla, desprezo ou crítica e ameaças de abandono. Esta vertente de maus-tratos é muito difícil de detectar. Normalmente é detectada por psiquiatras ou psicólogos, muito tempo depois da sua ocorrência. As crianças maltratadas emocionalmente podem não necessitar de urgência hospitalar imediata, mas no seu estado juvenil e adulto, é muito provável que se tornem delinquentes.

1.3.5 Mau-trato por negligência:

O mau-trato por negligência ocorre quando o adulto encarregue da criança, intencionalmente, não lhe proporciona o cuidado mínimo e indispensável para a sua subsistência. Pode-se considerar a negligência como um conjunto de acções irresponsáveis e deliberadas, oriundas da falta de intervenção ou intervenção inadequada dos pais para com os filhos.

Segundo Cobo (1983) pode verificar-se uma correlação entre o mau-trato ao nível da negligência e a existência de acidentes domésticos, ou seja, as crianças que foram desejadas e que são criadas com muito amor e atenção têm menos probabilidades de sofrer acidentes.

1.3.6. Abuso sexual infantil:

Devido à sua imaturidade, a criança tem dificuldades em compreender quando um adulto lhe está a impor actividades de carácter sexual. Observa-se com frequência que a maioria das situações de abuso sexual são cometidas por pessoas conhecidas da criança e com as quais esta mantém uma relação afectiva estreita. Lamentavelmente, não é invulgar que o abusador seja o próprio progenitor ou outro familiar muito próximo. Existem, contudo, casos em que o agressor é mais velho mas ainda menor, utilizando a força física e ameaças para submeter a criança.

O abuso sexual infantil é um processo no qual o adulto corteja a criança com atenção, afecto e presentes. Algumas vezes, o adulto chega a abraçar a criança em presença de outros sem que estes se apercebam da situação. Frequentemente, a criança sente culpa ou vergonha pelo abuso, o que faz com que o agressor consiga manter em segredo a agressão. Podemos suspeitar deste abuso, quando deparamos com determinadas condutas, como por exemplo: alterações de comportamento, extremas

mudanças de humor, medo de ir para a cama, dificuldades em dormir, pesadelos, jogos sexuais inadequados para a idade, masturbação contínua, excessivo interesse em temas sexuais, condutas agressivas ou rebeldes, comportamentos infantilizados, fracasso inexplicável na escola, mudanças nos hábitos de higiene, fugas, descontrole dos esfíncteres, dores de barriga, de cabeça ou na área genital e medo repentino de certos lugares ou pessoas.

A exploração sexual infantil refere-se à utilização da criança por adultos, essencialmente com fins comerciais. Segundo autores como Costa & Duarte (2000), Gallardo (1994) e Magalhães (2002) são várias as modalidades deste tipo de exploração:

1. Pornografia infantil – é um meio de mostrar a exploração sexual de um menor. Incluindo material de áudio, texto ou vídeo sobre os genitais ou o envolvimento sexual de menores. As vítimas deste delito compreendem idades entre os poucos meses e os 18 anos.
2. Pedofilia – entende-se por comportamento pedófilo quando um indivíduo sente preferência sexual por crianças e é grande consumidor de pornografia infantil.
3. Prostituição infantil – é a acção de contactar ou oferecer os serviços de uma criança para realizar actos sexuais em troca de dinheiro. As crianças prostituídas, em geral, foram abandonadas pelos pais ou provêm de famílias onde são exploradas e abusadas pelos pais.
4. Turismo sexual – é o turismo organizado com o objectivo de promover relações sexuais com crianças (prostituição infantil). A sua organização pode ser efectuada através de companhias de viagens e da Internet.
5. Tráfico de crianças – é o tráfico, com fins comerciais, de um menor de um país para outro (tráfico internacional) ou dentro do mesmo país (tráfico nacional ou local), separando-o da sua família. O tráfico pode ter diferentes objectivos, tais como: exploração de trabalho infantil (incluindo a prostituição), pornografia infantil, pedofilia, turismo sexual ou adopção com fins lucrativos (venda).

1.4. Causas dos maus-tratos infantis

Para desenvolvermos este ponto, adoptaremos o esquema de Mardomingo (1985), em que os factores precursores do comportamento de mau-trato se encontram divididos em três níveis: o individual, o familiar e o social. Segundo Osório (1981) entre estes três

níveis tem que existir um inter-relacionamento.

1.4.1. Factores individuais:

- Os pais

A partir da década de sessenta, quando se começou a considerar o mau-trato como um problema, houve um grande interesse em categorizar a personalidade e identificar as características dos pais que maltratavam os filhos. Actualmente, há correntes que entendem que os abusadores apresentam doenças mentais ou quadros psicóticos. Foram Spinetta e Rigles, nos anos de 1972 (citados por Costa & Duarte), que afirmaram que a maior parte dos pais abusadores não eram pessoas psicóticas, mas sim agressivas e projectavam na criança os seus sentimentos.

Reconheceu-se a necessidade de compreender a violência parental, porque se constatou que a associação de causa e efeito não explicava o fenómeno, sendo vários os factores que contribuíram para essa mesma violência, tais como: a história de vida, o consumo excessivo de álcool ou de drogas, características da personalidade (auto-estima baixa, imaturidade, rigidez, dependência, neuroticismo), depressão, défices de competências (auto-controlo da agressividade, disciplina, resolução de problemas), contexto cultural, *stress*, pobreza, expectativas inadequadas relativamente à idade da criança (falta de conformidade com o seu nível de desenvolvimento).

Relativamente às características dos abusadores em comparação com não abusadores, podemos concluir que emergem diferenças quer ao nível comportamental quer cognitivo – comportamental. Nestas diferenças, são de salientar a baixa tolerância à frustração e expressão inapropriada de raiva aos estímulos provocatórios, independentemente da sua génese, um maior isolamento social e conseqüente falta de redes sociais de apoio, quer este aconteça para esconder do exterior a violência intrafamiliar, quer como característica intrapsíquica do indivíduo abusador. (Costa & Duarte, 2000: 44)

Um poderoso modelo para a etiologia da agressão é o facto de que existe uma associação entre ter sido vítima de mau-trato em criança e ser agressivo na vida adulta. É possível verificar que existe sempre a repetição de abusos na história das famílias, ou seja, ocorrem factos violentos e negligências de uma geração para outra. Se o filho foi maltratado, tenderá a ser um pai maltratante. Geralmente, a forma de mau-trato está relacionada com o modo como foi vivenciada, ou seja, os pais agridem os seus filhos da

mesma maneira como foram agredidos, tornando-se adultos incapazes e sem afecto.

Segundo Barnett (1991), a violência pode ser vista como um contínuo que se desenrola desde as experiências de aprendizagem na infância, através de influências sociais (como por exemplo a comunicação social) ou através de relações com outros.

Os pais autoritários são aqueles que pensam que o método mais eficaz para educar os seus filhos é o recurso à força bruta, isto porque foi através desse mesmo método que foram educados. Quando são chamados à atenção face ao seu comportamento, referem que têm o direito de educar os filhos como o entenderem e que o fazem para bem deles

Vários são os factores que podem levar à predisposição da reprodução de padrões abusivos, nomeadamente: experiência de vida (como a separação de figuras significativas), disciplina rígida, violência emocional, abuso sexual ou físico, ausência de ternura, violência conjugal e apoio emocional limitado.

Normalmente, quando o pai ou a mãe batem, um dos dois encobre o outro ou instiga-o. Na grande maioria das agressões é o «amigo da mãe» que causa as lesões mais graves.

Também Teresa Magalhães, comunga das ideias destes dois autores ao referir, várias características que levam a que os pais maltratem os seus filhos: *a) o alcoolismo e toxicodependência; perturbações da saúde mental ou física, antecedentes de comportamento desviante; c) personalidade imatura e impulsiva, baixo auto-controle e reduzida tolerância às frustrações, grande vulnerabilidade ao stress, baixa auto-estima; d) atitude intolerante, indiferente ou excessivamente ansiosa face às responsabilidades relativas à criação dos filhos, conduzindo à falência do sistema comunicacional de retracção; e) incapacidade para admitirem que o filho foi ou possa ser maltratado e incapacidade para lhe oferecer protecção no futuro; f) antecedentes de terem sofrido maus-tratos infantis; g) idade muito jovem (inferior a 20 anos, sobretudo as mães); h) gravidezes muito próximas; i)baixo nível económico e cultural, inexperiência e falta de conhecimentos básicos sobre o processo de desenvolvimento da criança; j) desemprego; k) perturbações no processo de vinculação com o filho; l) excesso de vida social ou profissional que dificulta o estabelecimento de relações positivas com os filhos.* (Magalhães, 2002: 45 e 46)

Segundo Lynch (1975), um dos verdadeiros geradores de maus-tratos está relacionado com os problemas de gravidez que as mães tiveram. Sentindo estas que os

filhos são os responsáveis por um parto difícil, provocador das suas dores orgânicas actuais, ou então foram geradores de sofrimentos por que tiveram de passar durante o período de gestação.

Os principais antecedentes de um potencial mau-trato são: a falta de preparação para a maternidade, o insuficiente conhecimento dos mecanismos de desenvolvimento da criança, a tendência da mãe para usar estratégias agressivas e as características da criança.

Há autores que defendem que um dos factores que em muito se encontra relacionado com o mau-trato é a idade dos pais, associada a sua imaturidade e à falta de independência. É possível também encontrar situações em que a adolescente grávida é abandonada pelo pai do filho, ou adolescentes obrigados a um casamento forçado, que resultará num fracasso a longo prazo, sendo estas situações propulsoras de maus-tratos. Contudo, os resultados são um pouco contraditórios relativamente à tendência das mães adolescentes serem mais capazes de maltratar os filhos do que as mães mais velhas.

Também não podemos descurar que, se para pessoas consideradas normais, os cuidados de um recém-nascido ou de uma criança são relativamente difíceis, para pais ignorantes ou deficientes mentais, uma causa importante de maus-tratos reside na sua ignorância.

Em 1971 Kempe (citado por Gallardo 1994) efectuou um estudo no qual verificou que a grande maioria dos pais maltratantes são considerados como pessoas normais, encontrando-se bem adaptadas no seu meio laboral e de vizinhança sendo que o seu único desequilíbrio se manifesta em relação aos filhos.

● As crianças

Pode ocorrer uma grande desilusão para os pais quando o conceito que tinham da criança ideal foi substituído por outra realidade: o nascimento de criança com alguma deficiência física ou psicológica, a criação de um filho difícil ou hiperactivo. Essa desilusão pode levar ao abandono, a castigos físicos, ou a negligências graves.

Um dos factores que pode estar relacionado com o mau-trato é o baixo peso e a prematuridade do bebé recém-nascido, assim como as características implícitas: crianças choronas, feias, demasiado pequenas, que necessitam de cuidados especiais, provocando uma série de perturbações nas relações entre mãe e filho. Contudo, geralmente a prematuridade não é uma condição que, por si só, leve ao mau-trato, ocorrendo, em conjugação com outros factores (ambiente social, económico, mãe

adolescente, isolamento, etc.)

Ainda segundo Teresa Magalhães, as características dos menores que podem potenciar os maus-tratos são: *a) vulnerabilidade em termos de idade e de necessidades; b) personalidade e temperamento não ajustados aos pais; c) prematuridade e baixo peso ao nascimento (mais frágeis, menos alerta, mais difíceis de calar); d) perturbação da saúde mental ou física; e) sexo* (Magalhães, 2002: 45,46).

1.4.2. Factores familiares:

São vários os factores familiares que potenciam directa ou indirectamente os maus-tratos infligidos às crianças.

A ausência de vocação para ser pai pode potenciar a violência e o mau-trato. Esta vocação paternal não se encontra em todos aqueles que estão predispostos a construir um lar. Para os investigadores que estudam esta problemática essa vocação pode perfeitamente avaliar-se antes do casamento ou do nascimento, a partir de uma série de perguntas e de observações, efectuadas por uma pessoa especializada.

Quando a família já é muito numerosa e acontece uma gravidez não desejada, podem surgir circunstâncias propícias aos maus-tratos.

Uma criança não desejada, por ser oriunda de um casamento anterior ou de uma união extra matrimonial, pode ser considerada estranha na família e ser discriminada, nos cuidados e atenções, relativamente aos outros filhos.

Uma criança adoptada também pode ser vítima de maus-tratos, concorrendo esta ideia para a generalização de que os filhos naturais de um casamento correm menos riscos que os adoptados e os enteados.

Outro factor que pode originar mau-trato é o sexo do recém-nascido. Quando o sexo do bebé não é o esperado, este pode ser considerado como um intruso.

Normalmente nas famílias em que existem maus-tratos a vida familiar é desorganizada, verificando-se:

- Brigas familiares, que podem originar desacordos entre os cônjuges;
- Penúria económica. Muitos dos autores defendem que existe uma relação entre o abuso e as condições económicas.

Um estudo desenvolvido por Steinberg (1981) refere que quando o clima social que se respira na família é abalado nomeadamente pela perda de emprego, numa casa sem condições ou em que existe tensão no trabalho os abusos tendem a aumentar constatando também a predominância do mau-trato em famílias numerosas.

A tensão familiar tende a aumentar quando o espaço é inadequado para as crianças. Quanto menor for o intervalo entre os nascimentos dos filhos, mais punitivos e irracionais tendem a ser os pais.

1.4.3. Factores sociais:

O senso comum muitas vezes é da opinião que o abuso infantil pertence aos estratos sociais mais baixos, o que nem sempre corresponde à verdade. O que acontece na realidade é que as famílias de classes baixas ou muito baixas têm maiores tendências a serem denunciadas, condenadas ou acusadas. As crianças oriundas de famílias de classe média e alta também são vítimas de maus-tratos. Contudo, estes são mais disfarçados, evitando a intervenção das autoridades e a publicidade.

Foi Mardomingo (1985) que constatou que o grau de *stress* familiar e o nível sociocultural são inversamente proporcionais, pelo que é possível encontrar mais situações de violência e mau-trato em famílias de classe social mais desfavorecida. Kempe (1973) adianta ainda que é exigido às mães de estratos sociais inferiores que sejam exemplares e impecáveis durante todos os dias quando têm tudo contra elas.

Marcovich garante que a síndrome da criança espancada não é uma doença da pobreza, mas sim da humanidade, de uma sociedade corrupta que tem de ser curada como se de um doente se tratasse (Gallardo, 1994: 114).

Segundo Elmer (1979) é consoante os estratos sociais que as formas de tensão afectam as famílias. As classes mais baixas têm de lutar contra problemas de desemprego, sub-emprego, educação nula e tantas outras condições ligadas com a pobreza. As famílias das classes alta e média sofrem outros tipos de tensões: a pressão da carreira, o abandono afectivo dos filhos, entregando-os a empregadas (as quais muitas vezes maltratam as crianças as crianças nas costas dos pais).

Geralmente, nas crianças oriundas de famílias de baixo estrato social o tipo de mau-trato mais frequente é o físico; ao contrário das crianças de classe média e alta que são vítimas de maus-tratos emocionais.

1.5. Prevenção dos maus-tratos infantis

A prevenção reside também na divulgação de situações de mau-trato infantil. É importante que as pessoas estejam consciencializadas deste problema e que quando as crianças se encontram inseridas em famílias de risco, as saibam localizar precocemente. Aquando da localização destas crianças, uma das atitudes possíveis, senão a melhor, é a denúncia anónima da situação aos Serviços Sociais ou à Polícia.

Segundo Magalhães (2002) são três os níveis de prevenção dos maus-tratos infantis: a *prevenção primária* que tem como objectivo evitar a existência de casos de maus-tratos e está relacionada com a prestação de serviços à generalidade da população; a *prevenção secundária*, que tem como finalidade evitar ou tratar novos casos e encontra-se direccionada para a prestação de serviços a grupos específicos de risco; e a *prevenção terciária* que está voltada para a prestação de serviços a vítimas de maus-tratos e tem como finalidades evitar a reincidência e minorar a gravidade das consequências.

Magalhães (2002) também defende que as estratégias a serem incrementadas devem ter como suporte o conhecimento de cada realidade e envolverem várias entidades como o governo, os cientistas, as organizações não governamentais e a sociedade civil em geral, no sentido de banir ambientes disfuncionais, potenciadores de violência.

1.6. Tratamento dos maus-tratos infantis

No capítulo anterior, abordámos a prevenção dos maus-tratos. No entanto, nem sempre se consegue prevenir e quando a prevenção deixa de ser uma realidade, os maus-tratos já foram praticados, tornando-se necessário que as crianças sejam tratadas. Por esse motivo, aborda-se neste capítulo o tratamento dos maus-tratos infantis.

1.6.1. Quais as decisões:

Após ter-se detectado e diagnosticado uma criança vítima de maus-tratos, é imprescindível iniciar um tratamento, de forma a tratar, não só as lesões físicas como também o equilíbrio emocional. Contudo, é possível verificar que nem sempre os

serviços de apoio competentes e as acções legais lhes dão uma resposta, embora teoricamente as vítimas estejam legalmente abrangidas por condições de protecção, segurança e apoio psicoterapêutico. Reveste-se também de extrema importância o acompanhamento clínico dos agressores. Apesar de terem sido acusados, os pais agressores nem sempre são condenados, podendo daí resultar uma maior crueldade para com os filhos. Em muitas situações verificamos que quando o filho abusado é retirado do ambiente familiar, as agressões dos pais vão ser exercidas sobre o filho seguinte. Convém também referir que, para alterar comportamentos de violência, as estratégias coercivas nem sempre são eficazes, sendo sobretudo necessárias de intervenções específicas, de modo a evitar recidivas.

1.6.2. Serviços Oferecidos:

Consideramos da maior importância a criação de serviços especializados compostos por equipas multidisciplinares, capazes de dar resposta às situações de maus-tratos que a eles, serviços recorrem, mesmo que não tenha sido apresentada uma queixa legal.

Existem diversas instituições espalhadas pelo país, algumas de âmbito nacional, outras de âmbito local com a finalidade de atender os pedidos formulados pelas vítimas ou por familiares destas, nomeadamente a APAV (Associação de Apoio à Vítima), o SOS criança, o IAC (Instituto de Apoio à Criança), a CPCJ (Comissão de Protecção de Crianças e Jovens). Outro serviço de apoio existente refere-se às “Casas de Apoio” criadas para acolher mães cujos filhos foram abusados sexualmente ou maltratadas pelo pai, proporcionando-lhes segurança e abrigo e, frequentemente, encontrando-lhes o emprego necessário à sua subsistência.

Um serviço existente que pode concorrer para a estabilização dos comportamentos dos adultos abusadores é a psicoterapia.

A psicoterapia pretende auxiliar os pais a controlarem os seus impulsos, levando-os a amar mais os seus filhos e a tratá-los melhor.

Verifica-se que a *terapia de grupo, isoladamente ou em conjunto com a psicoterapia individual, consiste num grupo de Pais Anónimos, como o usado pelos Alcoólicos Anónimos, no qual os pais são capazes de discutir sem receio os problemas pessoais que têm com os filhos. Estas reuniões são muito eficazes se os participantes tentarem converter-se em grupos interactuantes e coerentes, orientados sempre por um profissional capaz de ajudar a evitar as crises de abusos* (Kempe & Kempe citado por Gallardo, 1994: 120).

É com o objectivo de alterar estereótipos culturais que se efectua uma alargada intervenção social que está para além da necessidade de criação de sistemas de apoio formais e informais. Segundo os autores Costa e Duarte (2000): *82 não basta criar instituições de apoio. É também necessário mudar mentalidades, valores, preconceitos e estereótipos disfuncionais, que pelo seu peso cultural, funcionam como promotores e mantenedores da violência/ mau-trato familiar, e formar equipas multidisciplinares com formação específica neste domínio, pois só assim se poderão criar condições de prevenção e resolução deste tipo de problemas.*

1.7. Os Maus-tratos e o seu impacto no desenvolvimento da criança

Considerando que os maus-tratos na infância podem acarretar a separação dos pais, o afastamento da criança de um dos seus progenitores ou dos dois, a adopção, o internamento em lares da especialidade, entre outros, a par de disfunções emocionais físicas e relacionais, podemos concluir que o desenvolvimento futuro das vítimas se encontra profundamente comprometido.

Segundo Bentovim e Skuse (1994) os maus-tratos sofridos na infância poderão originar consequências a nível psicológico e físico.

As sequelas mais visíveis são as físicas e delas podem resultar cicatrizes, deformações a nível ósseo e danos neurológicos, ao nível da coordenação sensorial, psicomotriz e neuromotora.

As situações de negligência podem também causar danos físicos, essencialmente quando estão relacionadas com a falta de alimentação e de higiene, desencadeando mudanças gastrointestinais ou metabólicas, diminuindo as defesas e permitindo o alastramento ou cronicidade de determinadas doenças.

Apesar de serem menos visíveis as consequências dos maus-tratos, ao nível psicológico estes podem afectar mais duradouramente o desenvolvimento das crianças. Segundo Wolfe (1987) são quatro as áreas dessas consequências: o funcionamento sócio-emocional, comportamental, cognitivo e cognitivo-social.

A investigação tem evidenciado que, ao nível do desenvolvimento sócio-emocional, os efeitos mais visíveis prendem-se com a relação de afectos e de vínculos.

A teoria da vinculação, de Crittenden e Ainsworth (1989), considera que é durante a infância que a criança desenvolve a confiança sobre a responsabilidade e a

disponibilidade dos adultos, sendo essa confiança aperfeiçoada através da interação com as figuras de vinculação e influenciada pelos processos de exploração, pela edificação de novas relações e pela resposta a novas exigências do meio. Tem sido destacado por investigadores Crittenden (1985) e por Carlson, Barnett, Cicchetti e Braunwald (1989) que as crianças vítimas de maus-tratos desenvolvem uma vinculação insegura em relação à mãe. Mas, também se constatou existir um certo número de crianças maltratadas classificadas como vinculadas, o que segundo Figueiredo (1998), citado por Formosinho (2004: 248), *chamou a atenção de alguns investigadores, os quais ao analisarem com maior detalhe e interação destes bebés com a mãe, verificaram que tal classificação resultava de um comportamento aparente da criança, assim como das limitações do sistema classificatório utilizado.*

Um grande número de vítimas de maus-tratos apresenta em termos de desenvolvimento social e interpessoal uma escassez de relações tanto com os adultos como com os seus pares. Acontece, frequentemente, que estas crianças demonstram pouca facilidade em perceber situações sociais complexas e dificuldades em reagir com empatia e sensibilidade.

Estas desenvolvem uma acção interpessoal imprópria, acompanhada de agressividade e isolamento. As investigações têm demonstrado que, do ponto de vista emocional, pode existir uma conexão entre os maus-tratos à criança e o desenvolvimento de depressão e baixa auto-estima.

Podemos portanto concluir que, as vítimas de maus-tratos apresentam padrões de conduta idênticos aos dos pais, manifestando isolamento social, agressividade, falta de competências sociais e de empatia para com os pares. A nível comportamental, manifestam hiperactividade, problemas de atenção e ansiedade.

É ainda possível constatar que os rapazes desenvolvem com maior frequência problemas de exteriorização e desordens de conduta, enquanto que as raparigas apresentam uma maior probabilidade de desenvolver sintomatologia depressiva e interiorização.

Segundo os resultados de uma investigação efectuada por Rosário, Muriel, Feldman e Salzinger (1993) existe uma maior probabilidade de as crianças vítimas de maus-tratos serem desprezadas pelos seus pares e de serem entendidas como detentoras de condutas sociais negativas.

As crianças maltratadas possuem geralmente um ambiente familiar negativo, ao nível do desempenho, o qual para além de não promover o seu desenvolvimento social nem emocional, inibe a criança na aquisição de aprendizagens.

Relativamente ao impacto ao nível do desenvolvimento cognitivo, da linguagem e do rendimento académico, segundo estudos efectuados por Elmer (1977) as crianças vítimas de maus-tratos apresentam uma menor maturação cognitiva.

Em termos neuropsicológicos, alguns estudos demonstram que as crianças poderão sofrer alguns défices no seu processamento cognitivo.

Outros autores são unânimes em considerar que ao nível do desenvolvimento da competência linguística, os maus-tratos deixam resíduos tanto no campo da expressão linguística como no da compreensão (Skuse & Bentovim, 1994).

Tem vindo a ser constantemente evidenciado que estas crianças possuem um discurso supérfluo e pobre, ao nível dos conteúdos, essencialmente nos de natureza abstracta. (Cortés & Cantón, 1999)

Em 1981, Barahal *et al* (citados por Formosinho, 2004: 250-251) referiram que *em termos sócio-cognitivos, os estudos com crianças maltratadas têm reconhecido as dificuldades por estas apresentadas na tomada de perspectiva, na identificação e designação de estados emocionais dos outros, na descrição de causas sociais e interpessoais para emoções específicas e na compreensão de papéis sociais.*

Outro aspecto importante sobre a competência sócio-cognitiva destas crianças relaciona-se com a conceptualização que elas fazem das suas relações com os pares e com os pais. As relações com estes últimos evidenciam-se pela sua complementaridade (papéis diferenciados) e as relações entre pares caracterizam-se pela sua reciprocidade (papéis simétricos).

Os investigadores têm verificado que as estruturas relacionais entre pais e filhos sofrem modificações em consequência dos maus-tratos, face às competências a atribuir aos filhos, apresentando os pais expectativas irrealistas, sendo por vezes exigida a tomada de responsabilidades pelo seu próprio bem-estar, pelo dos seus irmãos e até pelo dos próprios pais.

A criação de relacionamentos com os seus pares também se pode danificar, tornando-se menos gratificantes e profícuos e caracterizados por agressividade e isolamento.

O desenvolvimento moral é outro dos campos que ao nível da cognição social das crianças maltratadas tem merecido alguma atenção. A investigação tem-nos

demonstrado que estas crianças oriundas de ambientes de imposição e poder podem apresentar, face aos seus pares não maltratados, níveis inferiores de raciocínio moral. Segundo Basanta (2000) estas crianças apresentam maiores possibilidades de evoluírem para um pensamento egocêntrico, pouco recíproco, com distorções acentuadas de conceitos morais, como os de justiça, solidariedade ou transgressão.

Verificámos que, tanto os estudos prospectivos, como os retrospectivos têm apresentado uma associação entre comportamentos agressivos na adolescência e na idade adulta e os maus-tratos sofridos durante a infância.

Após termos reflectido sobre as conclusões retiradas ao longo deste capítulo, estamos em crer que os maus-tratos infligidos às crianças ao longo da infância se traduzem posteriormente em sequelas graves e frequentemente permanentes, tanto ao nível do desenvolvimento físico como do psicológico, para além de comprometerem as relações interpessoais e a interacção da vítima com os seus progenitores, quando esta se torna ela própria progenitora.

Capítulo II – A criança

Torna-se muito importante para o desenvolvimento do estudo definir a criança, uma vez que é sobre ela que se fundamenta toda a investigação. O conceito de criança surge nesta dissertação por considerarmos que o mesmo tem uma importância na análise dos dados obtidos na investigação bibliográfica e empírica.

Segundo a *Convenção sobre os Direitos da Criança* pode definir-se criança *como todo o ser humano com menos de dezoito anos, excepto se a lei nacional confere a maioridade mais cedo*. Verificando-se assim uma certa equivalência entre o tornar-se adulto e o deixar de ser criança. *No que concerne à definição de criança, não existe diferença entre a legislação nacional e a Convenção, visto que em Portugal a maioria de idade civil se atinge aos 18 anos.* (II Relatório de Portugal sobre a aplicação da Convenção dos Direitos da Criança, 1999: 37)

2.1. As Instituições Democráticas e a Criança

2.1.1. Os direitos da Criança nas instituições democráticas:

Nos alicerces dos direitos das crianças encontram-se determinados princípios que deveriam ser garantidos a todas elas, sem qualquer distinção:

- *O princípio da igualdade* figura sob a alusão à não discriminação da criança, por motivos religiosos, linguísticos ou étnicos.

- *O princípio da diversificação e diferenciação*, proporcionando o respeito pelas culturas das crianças, pelas suas crenças religiosas, pelas suas convicções e orientações étnicas.

- *O princípio da inclusão cultural e social*. Começou por considerar muito especificamente a criança com necessidades educativas especiais ou deficientes, para mais tarde se alargar a todas as crianças que possam vir a ser excluídas, devido à sua diferença. No entanto, a história da Humanidade refere que estes princípios nem sempre foram considerados.

Na antiguidade, a criança situava-se *ao nível do escravo ou mesmo dos animais domésticos no que se refere ao direito de disponibilidade total do pater familiae quanto à sua vida e ao seu destino. Deixá-la viver, vendê-la como escravo ou tratá-la como*

membro da família era decisão do pai que dispunha do direito de vida e de morte sobre os familiares (Formosinho, 2004: 24).

No final do Império Romano, sob a influência cristã, esta concepção da condição infantil adoptou elementos que a suavizaram e alteraram.

Esta influência religiosa prosseguiu na Idade Média, devido à persistência de situações graves de violação dos direitos das crianças. São alguns exemplos dessas violações o aborto, o abandono, o infanticídio ou a venda de crianças, como escravos. Foi então possível observar o surgimento de medidas protectoras das crianças através das ordens religiosas, misericórdias e associações cristãs.

No Século das Luzes operaram-se novas alterações relacionadas com o modo como os adultos encaravam as crianças. Segundo Aires, em 1960, a primeira grande alteração está relacionada com a manifestação de um novo interesse pela criança e não a sua perspectivação como um simples continuador do adulto. É no fim do século XVIII e no início do século XIX que ocorre a descoberta da infância como uma fase da vida diferente da fase adulta. Esta alteração é devida às transformações que ocorrem na família burguesa onde começa a existir afecto dos pais pelos filhos e vice-versa. Ocorre a substituição da aprendizagem no trabalho pela aprendizagem na escola. É dada uma maior atenção à saúde da criança, verificando-se um decréscimo da mortalidade infantil. Foram ensinadas as primeiras noções de puericultura.

É com a pedagogia de Rousseau que se verifica outra alteração, essencialmente visível na sua obra *Émile*. Segundo este autor não deve ser no mundo dos adultos que se deve centrar a educação, esta deve ser centrada na criança, no seu mundo e nos seus interesses.

Um acontecimento internacional, no plano político, mas de importância relevante foi a votação e a aprovação da *Declaração dos Direitos do Homem*, pela Assembleia Constituinte Francesa, em 1789. Foi ainda no século XVIII que um outro acontecimento teve repercussões positivas para os direitos das crianças: *a abolição da escravatura nos estados ocidentais que incluía as crianças, as leis de protecção das crianças quanto ao trabalho fabril que procuravam defender as crianças da exploração desumana no trabalho das fábricas, são também consequências de uma nova concepção iniciada no século XVIII sobre a dignidade da criança e sobre a necessidade de uma protecção jurídica especial para elas devido à sua fragilidade e dependência* (Formosinho, 2004: 26-27).

No século XIX, são introduzidas normas que têm como finalidade o desenvolvimento e a protecção das crianças: independentemente da crença religiosa ou da origem social, a escola é aberta a todas as crianças através do princípio constitucional da educação escolar.

Contudo foi no século recentemente findo, que os direitos das crianças assumiram um papel relevante. *Há um longo mas progressivo amadurecimento de uma consciência moral cuja origem está na filosofia estóica da igualdade e fraternidade universal* (Hirschberger, 1957: 233).

No século XX dá-se o aparecimento das *Declarações dos Direitos das Crianças* através da e a *Sociedade das Nações Unidas* (SDN) e aprovada pela *Organização das Nações Unidas* (ONU), fundada na sequência das duas grandes guerras mundiais.

A *Declaração dos Direitos da Criança* da *Sociedade das Nações Unidas* (SDN) foi aprovada em 24 de Setembro de 1924, em Assembleia-geral. Esta não tem um carácter vinculativo e é uma declaração detentora de cinco sintéticos artigos.

A *1ª Declaração Universal dos Direitos da Criança* da ONU foi aprovada em 1959, a 20 de Novembro, na Assembleia-geral, possuindo dez princípios também de carácter não vinculativo.

Antes da *1ª Declaração Universal dos Direitos da Criança* da ONU de 1959 foram realizadas várias acções intermédias: a *Declaração dos Direitos da Criança*, da União Internacional de Protecção à Infância, aprovada a 1 de Julho de 1952 pela *Union International de Secours aux Enfants* (UISE) e a recomendação sugerida pelo *Conselho Económico-social* da ONU, em 1946, que pretendia reactualizar a *Declaração dos Direitos da Criança*, da SDN. A criação da *United International Children's Emergency Fund* (UNICEF), como secção da *United Nations Educational Scientific Cultural Organization* (UNESCO), foi outro avanço significativo.

Em 1985, um novo documento da ONU dirigia-se directamente às crianças e referia as regras mínimas necessárias à aplicação da justiça a menores - *Regras de Beijing*.

Em 1986 redigiu-se mais um texto designado por *Declaração sobre os princípios sociais e jurídicos executáveis para o bem-estar e protecção das crianças*, destinado a situações de adopção.

Em 1989 a *Convenção dos Direitos da Criança* representa um grande êxito comparativamente com as anteriores declarações. A extensão é o primeiro facto da constatação. *Os cinco princípios da primeira declaração ampliam-se para cinquenta e*

quatro artigos da Convenção dos quais quarenta se referem ao conteúdo direitos da criança sendo os restantes respeitantes às instituições de fiscalização e às regras de adesão dos estados membros à convenção (Formosinho, 2004: 29).

Esta convenção assume-se como uma norma de aplicação obrigatória, para todos os estados que a ela aderiram. O designar-se convenção, em vez de declaração, evidencia a sua diferença a nível jurídico, relativamente ao vínculo contratual assumido pelos estados.

Contudo, desde logo alguns estados apresentaram reservas a esta Convenção de 1989, devido ao seu carácter vinculativo e à sua universalidade.

É possível verificar a existência de um percurso evolutivo desde a primeira Declaração em 1924 até esta Convenção de 1989. Este percurso demonstra uma consciência cada vez maior dos direitos da criança.

Existe contudo a concordância entre os textos, quando se refere que a criança é detentora de direitos específicos, face aos direitos dos adultos. A criança precisa que esses direitos sejam exercidos por uma instância exterior, devido à sua dependência e fragilidade. Apesar das semelhanças, no reconhecimento da natureza dos direitos da criança é possível verificar a existência de uma diferença significativa entre a Declaração de 1924 e a Convenção de 1989. Na primeira, a criança é vista como sendo um objecto de direitos, enquanto que na segunda, ela deixa de ser objecto para passar a ser sujeito. Na Convenção de 1989, o leque dos direitos subjectivos é mais esclarecido.

Sendo o marco mais importante a nível mundial, esta Convenção de 1989 evidencia o dever que os Estados têm de proteger as crianças e de fazer valer os seus direitos. No entanto, em determinados países tem sido publicada outra legislação para atender a situações específicas ou para completar algumas lacunas existentes nessa Convenção.

Foi a 8 de Junho de 1990 que esta foi aprovada e assumida por muito países, entre eles, Portugal, onde foi aprovada *através da Resolução n.º 20/90 da Assembleia da República tendo sido ratificada pelo Decreto de Presidente da República n.º 49/90 de 12 de Setembro. Com esta ratificação, a Convenção sobre os Direitos da Criança vigora como direito interno em Portugal* (Formosinho, 2004: 31).

O documento que apresenta elementos específicos relativamente à situação da criança residente na Europa é a *Carta Europeia dos Direitos da Criança*, aprovada a 8 de Julho em 1992.

Esta e outra legislação internacional publicada pelo Conselho da Europa tem sido muito importante para Portugal. São de referir também três directivas relevantes, que foram introduzidas em Conferências Internacionais:

1.º Em 1990, estabeleceu-se o consenso mundial sobre a ampliação da educação básica na *Conferência Mundial sobre a Educação para Todos* em Jomtien.

2.º Em 1994, em Salamanca, na *Conferência Mundial sobre Educação Especial* foi introduzido o princípio da Escola Inclusiva.

3.º No ano de 1997, em Oslo, na *Conferência Internacional contra o Trabalho Infantil*, determinou-se a realização de programas de modo a que a educação universal fosse obrigatória, tendo ainda sido condenado o trabalho infantil na medida em que prejudica a educação da criança.

De um modo geral, o desenvolvimento a nível cultural, social e educativo e a protecção da saúde e da vida da criança são assegurados (na maior parte das vezes) primeiramente pela família e depois pelo Estado, tendo este um papel importante mas secundário no apoio da família ou na sua substituição. No entanto, casos existem em que é o Estado quem favorece ou substitui a família na garantia dos direitos da criança. É em situações de crianças maltratadas, crianças sem família, crianças abandonadas, crianças exploradas, crianças que habitam em contextos sociais em que a sua integridade e desenvolvimento social, moral e físico correm risco e crianças oriundas de famílias que não têm as condições económicas necessárias de auxílio na sua educação que o Estado assume obrigações.

O exercício de direitos referentes à integridade psicológica e física, à vida, à liberdade e à segurança jurídica devem também ser assegurados pelo Estado, assim como os direitos familiares, sociais, educativos, culturais, económicos e pessoais.

No entanto, em países que aceitaram a Convenção de 1989 sobre os direitos da criança, ainda é possível detectar lacunas ao nível social, tais como: a exploração da criança para fins artísticos ou publicitários, os abusos sexuais, os maus-tratos, os abandonos, o trabalho infantil, as desigualdades de tratamento devido à sua origem social, etnia ou crença, o tráfico de crianças e a sua utilização nas guerrilhas e guerras.

2.1.2. A Criança e a Intervenção Social da Justiça:

Na época da pedagoga Maria Montessori, a situação da criança assemelhava-se à *de um homem sem direitos cívicos e sem ambiente próprio: um ser à margem da sociedade, que todos podem tratar sem respeito, insultar, espancar e castigar no*

exercício conferido pela natureza: o direito do adulto (Maria Montessori citada por Rodrigues, 1997: 569).

Relativamente a Portugal, poderemos dizer que desde cedo o sistema português se assume como sendo de protecção, para com as crianças. Portugal é um dos primeiros países a introduzir um regime jurídico para crianças que se encontram em risco. Este regime é datado de 1911, através do Decreto-lei, com força de lei de 27 de Maio, podendo também ser designado por *Lei de Protecção à Infância*. Tem como particularidade determinar a sanção que se vai aplicar ao acto delituoso, através das necessidades educativas do menor.

Essa *Lei da Protecção à Infância* ambicionava proteger a criança em vários domínios: educacional, cultural, da instrução e das reformas familiares. Esta lei levou à criação de um sistema de protecção, subjacente àquele que se encontra actualmente em vigor.

As crianças e adolescentes com idades inferiores a 16 anos eram consideradas penalmente irresponsáveis, passando a comparecer em tribunais especiais, nos quais eram aplicadas medidas próprias e distintas das dos adultos. Os estabelecimentos do estado onde essas medidas eram aplicadas também diferiam dos adultos.

É com o objectivo de coordenar as actividades das instituições que têm estas crianças sob tutela que em 1919 foi organizado o primeiro Serviço Central do Ministério da Justiça.

Em 1962 ocorreu uma reforma importante que originou a designação de *Direcção – Geral dos Serviços Tutelares de Menores*. Os *refúgios, anexos às Tutorias de Infância, dão lugar, depois de 1962 aos Centros de Observação anexos aos então Tribunais Centrais de Menores, em Lisboa, Porto e Coimbra. A partir de 1978, passam a designar-se Centros de Observação e Acção Social (C.O.A.S.) e assumem nova natureza e mais amplas atribuições. Para além da função de observação, passam a funcionar como órgãos não judiciários de protecção, com competência para aplicarem medidas aos menores com menos de doze anos que se encontrem em situação de risco* (Rodrigues, 1997: 571).

É com esta reforma de 1962, que é posto pela primeira vez em causa o regime de internamento em grandes instituições e se defende *uma acção educativa, tanto mais individualizada quanto a complexidade dos problemas evidenciados pelo menor, complementada por uma acção psicológica sistemática, desenvolvida em profundidade e abrangendo as próprias famílias* (Rodrigues, 1997: 571)

Foi também na sequência da reforma de 1962, que foram criados os *Lares de Semi-Liberdade* ou *Semi-Internato* e os *Lares de Patrono*. Estes não possuíam diferenciações, a nível do funcionamento, apenas designações diferentes. A partir de 1962, tanto as Colónias Correccionais como os Reformatórios passam a ser designados de Estabelecimentos de Reeducação e, a partir de 1978, de Centros Escolares.

Com a Revolução do 25 de Abril, a administração central admitiu a falha de grande parte das reformas de 1962. Foi através da tentativa de novo enquadramento legislativo que se decretou a revisão desse sistema, vindo a ocorrer através da criação da *Organização Tutelar de Menores* pelo Decreto – Lei n.º 314/78.

Em 1977, ocorreu um efeito directo das competências entre os *Novos Tribunais de Família* e os *Tribunais de Menores*, através da *Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais*.

A possibilidade da existência de uma resposta integrada num único serviço é facultada através da aprovação da *Lei Orgânica* efectivada pelo D.L. n.º 204/83 de 20 Maio e pelo D.L. n.º 319/82 de 11 de Agosto, ambos do *Instituto de Reinserção Social*.

É no desenvolvimento da criança e na realização do adulto e que a família continua a ser a base, a matriz afectiva e biológica essencial e o grande mediador cultural. Esta premissa é assinalada na mais elevada hierarquia das leis – *A Constituição da República Portuguesa*.

2.2. A Negligência e a Criança

Para que a criança possa desenvolver-se adequadamente precisa de afecto e de cuidados. É importante para o desenvolvimento desta dissertação, o estudo de situações de negligência infligidas às crianças. São consideradas como crianças vítimas de negligência aquelas que vivem sem os cuidados mínimos necessários.

Pode definir-se negligência como *o conjunto de omissões de natureza maternal ou afectiva, que ferem os direitos e as necessidades psico-físico-afectivas da criança* (Amaro, 1986: 4).

Citam-se alguns exemplos de situações de negligência – *a não alimentação de crianças; a falta de cuidados de higiene e apresentação pessoal; o uso de roupa pouco adequada à época; a falta de assistência médica ou vigilância da saúde; não frequência da escola ou pouco interesse dos pais pelo que as crianças fazem* (Amaro, 1986: 5).

2.2.1. As crianças em risco:

A criança pode ser posta em perigo quando tem uma família problemática, através da execução de acções que a põem em risco ou através da falta de cuidados essenciais ao seu desenvolvimento harmonioso. Segundo a legislação, quando as crianças estão muito tempo em situações de perigo passam a ser designadas por crianças em risco.

A falta de experiência e de poder pode levar a criança a frustrações, ilusões durante o crescimento, dificuldades em se ajustar às expectativas e às exigências do mundo dos adultos. Geralmente, elas passam por essas dificuldades, independentemente dos seus pais serem ou não carinhosos e protectores, pois estas dificuldades são características da infância.

A criança está em constante formação e relação com o seu meio, onde possui deveres e direitos. Tanto a violência familiar como os maus-tratos constituem um problema grave, a nível de repercussões sociais, fisiológicas e físicas sobre os elementos e põem em causa a manutenção da unidade familiar. Não é possível encontrar entre os especialistas *uma definição da criança «saudável» no plano social, que possa ter uma aceitação consensual, mas, tem-se vindo a verificar a existência de um acordo tácito quanto a algumas características essenciais, dessas crianças, que se enquadram numa atitude de segurança, bem como a capacidade de estabelecer relações mutuamente compensadoras, quer com os adultos quer com os seus pares* (Rodrigues, 1997: 552). A grande maioria dos estudiosos desta matéria concorda em aceitar que uma das principais causas de desordens a nível comportamental (ex: a delinquência juvenil ou a violência familiar) deve-se ao mau funcionamento familiar, sendo essa mesma família a orientadora da criança a nível do seu desenvolvimento e a nível da sua integração na sociedade.

Na actual sociedade contemporânea, o acelerado ambiente de mudança que rodeia a família vai influenciar a criança. É possível que todas as crianças vivenciem situações de tensão e de infelicidade na família, mas existem crianças que, devido a aspectos relacionados com a sua vida familiar, social ou económica, sejam duplamente lesadas.

- “Crianças de Rua”

A UNICEF considera a existência de sete grupos infantis de maior risco, sendo as crianças de rua um dos considerados. É possível verificar a existência de proporcionalidade directa entre o crescimento doentio das grandes cidades e o crescimento deste grupo de crianças.

No grupo de crianças em risco, segundo Riccardo Lucchini (2000), existem duas dimensões de crianças de rua *a dimensão física e a dimensão social. A primeira respeita ao tempo que a criança passa na rua, enquanto a segunda trata da existência ou, pelo contrário, da ausência de relação com os pais ou outros adultos responsáveis* (Lucchini, 2000: 12).

Geralmente estas crianças são oriundas de uma comunidade de residência que apresenta padrões de subcultura de pobreza, já que *as zonas onde vivem são normalmente degradadas, como degradada é a habitação, sem condições para uma qualidade de vida socialmente aceitável. O exíguo espaço habitacional, cria condições de amontoamento e de falta de intimidade, empurrando objectivamente a criança para fora de casa* (Carmo, 1993: 325). Na *economia de sobrevivência* é possível verificar que os agregados familiares encaram a necessidade de obter rendimentos que sejam suficientes para que possam sobreviver, sendo essa sobrevivência o objectivo principal.

A *precariedade a nível da saúde* é outra das características da criança de rua. É possível verificar grandes taxas de morbilidade e maiores taxas de mortalidade de crianças com idades inferiores aos cinco anos. A população das comunidades de residência apresenta, tanto do ponto de vista qualitativo, como do ponto de vista quantitativo, uma *alimentação deficiente*.

Nas suas pesquisas em 1969, Lewis (citado por Carmo 1993) constatou como característica típica da subcultura de pobreza, a ausência de despensas, isto porque em casa não existem reservas alimentares.

Outra característica é a presença *de níveis muito baixos tanto a nível de instrução como de formação profissional* levando à existência de consequências mediatas a nível da reprodução de situações de pobreza e consequências imediatas relacionadas com o rendimento familiar. Nestas comunidades é possível observar a existência de problemas de drogas, alcoolismo, prostituição, ..., verificando-se a existência de *índices elevados de patologia psicológica e de problemas sociais de comportamento desviado*.

A vivência diária das crianças de rua é recheada de violência, originando comportamentos em que a emoção se sobrepõe à razão, prevalecendo atitudes de desconfiança e de medo, baixas aspirações e fatalismos. *Numerosas famílias, das comunidades de residência das crianças de rua, vivem em alto risco de desagregação ou já desagregadas: O monoparentalismo e o casamento consensual são relativamente usais, o que fragiliza fortemente o núcleo conjugal e a relação entre adultos e crianças, no interior da família nuclear* (Carmo, 1993: 327).

É este conjunto de características que representa um quadro de factores desagradáveis que levam à exclusão ou auto-exclusão de algumas crianças, das suas comunidades de residência. Este processo de exclusão pode ser repentino ou gradual. Na segunda situação, ocorre um sucessivo afastamento da família, sendo cada vez menor o tempo que a criança se encontra dentro de casa. Ao longo do desenraizamento da escola e da comunidade de residência vai ocorrendo o lançamento dos suportes emocionais no exterior, deixando de ser o que se designa de “criança de rua” para passar a ser o que se tem chamado de “criança da rua”.

Sob a condição de “criança da rua” esta sobrevive trabalhando, dormindo na rua e criando redes sociais de apoio que se encontram bem delimitadas pelos pares que vivem na zona. *Essas zonas conhecidas por comunidades de fuga na gíria de algumas equipas de intervenção social, normalmente correspondem a antigas áreas residenciais relativamente degradadas, situadas na franja das zonas comerciais e administrativas do centro urbano* (Carmo, 1993: 327).

É nessas zonas que as crianças ganham as suas subsistências através do exercício de actividades socialmente desfavorecidas, mal pagas e efémeras. Podem até iniciar a prostituição e passagem de droga, sendo presas fáceis de adultos pouco íntegros. Este tipo de comportamentos das crianças da rua conduz a representações incorrectas, levando a que muitas vezes sejam rotuladas de delinquentes.

- A criança pobre

Actualmente, a família não assume o mesmo papel que antes desempenhava. Este fenómeno é devido à crescente importância da escola, dos “mass media” e do grupo de amigos. Nos domínios da identificação social, integração e formação escolar, acesso ao emprego e acesso ao consumo, a família ainda detém um papel fundamental no suporte afectivo e na integração do jovem nestes domínios.

Os percursos educativos das crianças e jovens são fortemente dirigidos pelas famílias. O investimento no apoio escolar e em actividades escolares paralelas está intimamente relacionado com o estatuto sócio-económico e cultural das famílias.

Um aspecto marcadamente importante no seio da família é a transição da escola para o emprego, uma vez que esta se revela o meio de subsistência, existindo em famílias de baixos recursos económicos uma grande pressão sobre o jovem para que obtenha a sua independência económica.

Existe uma grande variedade de suportes dados pelas famílias aos jovens e estes em tudo estão relacionados com o contexto social. Independentemente da classe social de qualquer jovem, os tempos livres, as actividades lúdicas e de lazer assumem uma importância extrema.

Até na forma de usufruir e de ter possibilidade de acesso aos seus tempos livres existe uma grande discrepância entre os jovens oriundos de famílias com um estatuto sócio-económico e cultural baixo e médio alto. Actividades de tempos livres como passear, ir ao cinema ou ao futebol e praticar desporto, embora também se encontrem em “jovens pobres”, são de mais fácil acesso pelos jovens com um estatuto social mais elevado.

Seja no plano individual, familiar ou comunitário, a pobreza constitui sempre uma experiência humana especialmente dolorosa que, marcando os rostos de todas as idades, ganha uma visibilidade particular nos rostos das crianças (IFOOP, 2000: 87).

No livro *Crianças de Rua, Modos Marginais na Cidade de Lisboa*, de João Sebastião é possível encontrar uma relação muito estreita das crianças de rua com a pobreza.

- A criança maltratada

A violência exercida sobre crianças não escolhe fronteiras sociais, religiosas, culturais ou económicas. Pode entrar em qualquer lar, afectando directa ou indirectamente toda a família.

Infelizmente é frequente assistirmos à ocorrência de maus-tratos, espancamentos, privação de cuidados básicos, carências de ordem psíquica sob a forma de proibição de brincar, privação de afectos ou constantes discussões. É também possível encontrar crianças que são privadas da escolarização para realizarem trabalhos muito duros e excessivamente perigosos para a sua idade. Existem também crianças que são amarradas ou fechadas em casa, sem qualquer contacto com o mundo exterior. Estes

factores podem traduzir-se em debilidades a nível físico ou mental, insucesso escolar e perturbações de personalidade. Na generalidade, os pais destas crianças possuem profissões de pouco prestígio social e mal pagas. São pessoas com pouca instrução e detentoras de uma personalidade agressiva.

Segundo Chadwick (1999) os *relatos de comportamentos que, actualmente, compõe a constelação definidora de maus-tratos têm acompanhado as descrições mais remotas acerca das vidas das crianças. Todavia, apenas nos séculos XIX e XX surgiram observadores e pensadores que identificaram determinadas acções afectando as crianças como intoleráveis, as quais, anteriormente, eram consideradas socialmente aceitáveis* (citado em Formosinho, 2004: 237).

É possível verificar que existe um aumento progressivo da exposição mediática de casos de maus-tratos infantis o que contribui para sensibilizar a sociedade quanto à gravidade da situação, resultado do desenvolvimento de uma consciencialização da criança como ser detentor de necessidades, especificidades e problemas próprios.

- A criança em situação de delinquência

Quando as palavras risco e menor surgem ligadas, os problemas da droga e da delinquência costumam assumir um palco destacado (Rodrigues, 1997: 554).

As crianças vítimas de maus-tratos podem apresentar falta de capacidade de autonomia e de auto-estima, devido à necessidade de afirmação, de afecto, segurança, identificação e protecção. Analisadas de uma forma global, poderemos afirmar que reagem com fragilidade à influência exercida pelos grupos. Têm uma sexualidade mal assumida e precoce, assim como dificuldades no respeito de regras e normas e apresentam vadiagem, irritabilidade, entrando frequentemente na prática de delitos.

Quando chega à adolescência, o jovem delinvente apresenta uma personalidade marcada por defesas e conflitos. O que contribui para uma progressiva construção psicológica na sua consciência adolescente são experiências sexuais, cognitivas e sociais e a sua história pessoal. As barreiras para conquistar novas capacidades resultarão de factores exógenos.

2.2.2. Diferentes Graus de Patologia:

São factores como a relação das crianças com o abusador, a extensão, a idade em que ocorreram os abusos, o significado atribuído pela própria criança, a par das competências e vulnerabilidades próprias que podem levar a diferentes graus de patologia na organização psíquica.

Enquanto seres humanos, somos todos diferentes e como diferentes que somos, face ao mesmo cenário traumático, nem todos respondemos de igual forma. Porém, verifica-se sempre que, todo e qualquer traumatismo resulta numa marca psíquica que actuará não só nas experiências actuais de vida, como em todas as futuras.

Existem diversos autores que demonstram a existência de uma ligação entre a resposta em termos de comportamentos violentos futuros (auto e hetero destrutivos) e as vivências da infância. *O empobrecimento da memória afectiva seria também uma anestesia defensiva das representações dos episódios traumáticos. Um bom termo seria o que propôs a pedopsiquiatra Teresa Ferreira, de «assassinato da alma». Não sentir, não estabelecer ligação afectiva, reagir sistematicamente de forma agida contra o meio exterior para expurgar as ameaças internas, é a forma tristemente possível de defender o «self» central, frágil, pequeno, embora vulgarmente esperançoso, que restou como consequência de toda a deplecção anterior* (Strecht, 1999: 118).

Seguidamente serão desenvolvidas algumas patologias, tais como, a depressão infantil, a evolução psicopática, a marginalidade, a delinquência, a prostituição infanto-juvenil e as tentativas de suicídio.

- A depressão infantil

A depressão infantil é preferencialmente marcada pelas queixas comportamentais como agressividade, instabilidade, hiperactividade e dificuldades escolares. Nos casos mais graves, está associada a falhas narcísicas nos primeiros anos de vida, confirmadas ou não posteriormente.

Nas crianças e adolescentes que se organizam em evoluções depressivas existem partes da sua personalidade que não foram desenvolvidas. Por isso é que estas crianças precisam de alguém que acredite nelas e lhes ofereça esperança. Na maioria das crianças e adolescentes, os comportamentos disruptivos são o meio que encontram para fugir a vivências depressivas. Este tipo de comportamentos é muito comum quando as crianças e adolescentes estão constantemente a ser vítimas de cenários traumáticos repetidos e intensos. Mediante uma situação de sofrimento, era preferível viver um momento

depressivo, até à reparação possível e à readaptação.

A revolta contra os outros, ou contra o próprio, é o modo que as crianças e adolescentes encontram para expressar sentimentos como a solidão, tristeza, perda ou abandono. É de constar que na adolescência, em muitas circunstâncias, o corpo é um palco conflitual através de comportamentos hétero e autodestrutivos. A exclusão das representações afectivas é efectuada através da passagem constante ao acto, traduzindo-se em comportamentos de fuga. Também é possível verificar que tentam destruir os objectos internos que lhes são ameaçadores. Quando chegam à adolescência estas crianças reequacionam as vivências infantis com um “ajuste de contas” com imagens parentais, em que simbolicamente atacam o meio envolvente. *Nas crianças vítimas de maus-tratos e abuso sexual, o entendimento das experiências anteriores sob o primado de um corpo sexualmente maturo, pode implicar um crescendo de sentimentos de culpa, vergonha (Kernberg sublinha-a particularmente), medo, dificuldade na integração da sexualidade na vida afectiva, com fragilidades nos processos de integração individual e social* (Strecht, 1999: 71-72).

Para alguns adolescentes que vivem estas situações traumáticas, as relações afectivas são sentidas como potencialmente sexualizadas, por essa mesma razão são sentidas como perigosas, ou então, podem também acontecer por se tornar mais suportável a situação de estabelecer relações desprovidas de afectos. Normalmente as crianças cuja evolução adquiriu uma vertente psicótica enfrentam no seu dia-a-dia situações de descontinuidade, ruptura e imprevisibilidade.

É claro que, nestes casos, a evolução social negativa é possível num padrão organizacional gerido pela lógica de “não sei quem sou, o que sou ou o que quero porque tudo em mim é contraditório e confuso. Este tipo de não estruturação psíquica conduz a distúrbios do sentimento de si próprio, com repetição da percepção de estado de vazio, confusão, desrealização (Strecht, 1999: 73).

- Evolução Psicopática

Quando existe na rotina da vida das crianças palavras como a descontinuidade, a ruptura, a imprevisibilidade verifica-se que estas seguem uma evolução psicopática. As constantes rejeições, a falta de capacidade dos vários meios em aceitar e integrar a sua tendência anti-social, que normalmente decorre em locais socialmente propícios de más condições a nível económico e habitacional, redes familiares ausentes ou desfeitas por problemas semelhantes.

Para uma identidade individual ou social, isoladamente ou em «gang», a vida na rua torna-se o único marco.

Aquando a organização de “gangs”, os objectivos que perseguem são muitas vezes uma luta contra a violência, mas, depressa são os próprios que incitam à violência e ao desafio, organizando ameaças sob a forma de perigo, insegurança, abuso e desrespeito, promovendo assim aquilo a que pretendiam fugir. Esta situação leva a uma antinomia que é a de que as crianças e adolescentes têm medo em relação aos outros, que é o mesmo que a sociedade tem face a eles. Estas circunstâncias são muito irónicas no sentido de que foram criadas situações para a continuação viva de acontecimentos constantes que na vida destas crianças retiram todo o significado à palavra infância, uma fase da vida que nunca experienciaram. Muitas destas crianças e adolescentes possuem vulnerabilidades típicas de etapas infantis não resolvidas. Apesar de transmitirem a ideia de que são doutorados na universidade da vida, possuem lacunas ao nível da incapacidade de escolher e decidir de forma autónoma, nas experiências relacionais, da não integração do desenvolvimento afectivo-sexual, da intensa dependência afectiva e da dificuldade em manter uma auto-censura com sentimento de culpa e concomitante necessidade de reparação. Estas crianças possuem um escudo defensivo, ou seja, apesar de aparentarem serem muito fortes por fora, o seu interior é muito frágil. Este escudo tem como finalidade defender o lado mais profundo e verdadeiro do «self».

É possível estabelecer uma metáfora entre estas crianças e o estado, ou seja, assim como um estado necessita de leis, nestas crianças e adolescentes é necessário definir claramente as regras e normas, de modo a não as transgredirem.

Quanto mais protegermos crianças e adolescentes de um meio exterior patológico, mais estaremos a evitar a perpetuação de problemas graves. Só que a actuação tem de ser precoce e envolver uma hierarquia de responsabilidades que possa responder pelo destino de todas as crianças. A pergunta «quem é responsável por mim» tornou-se difícil de responder (Strecht, 1999: 78).

- A marginalidade

As crianças ou adolescentes que viveram desde muito cedo experiências contínuas de diferentes tipos de agressão estão em risco de uma evolução marginal. Elas desconhecem, na grande maioria das vezes, qualquer outro modelo de relação válido porque estas agressões são provenientes predominantemente dos seus próprios objectos parentais. A sujeição a esses modelos leva a que estas crianças e adolescentes

inevitavelmente os repitam, identificando-se com o agressor, embora numa posição oposta, activa. A dependência desse tipo de funcionamento gera nestas crianças uma verdadeira dor que é escondida, para surgir mais tarde sob a forma de raiva e posteriormente de ódio, como modo de defesa.

A única estratégia procurada é sobreviver na luta por necessidades como dinheiro, sexo, privilégios, etc., ignorando-se a dimensão do outro como pessoa. Estas crianças e adolescentes são apenas o reflexo daquilo que viveram.

- A delinquência

A forma que as crianças e adolescentes que sofreram negligência, abandono e maus-tratos encontram para expressar o seu sofrimento psíquico é através de comportamentos marginais ou actos anti-sociais.

O acto delinvente tem normalmente um sentido, um objectivo, que é habitualmente conseguido: provoca um mal-estar, uma preocupação em todos nós. Como tal é de extrema importância a compreensão dos mecanismos subjacentes a estes actos, ou seja, situações inconscientes que estão na base dos comportamentos delinquentes.

As únicas vias possíveis para tolerar o intenso sofrimento emocional destas crianças são os comportamentos marginais, que não são mais do que uma organização psíquica defensiva.

Na grande maioria das vezes, torna-se evidente que existiu uma relação entre a privação de uma vida familiar e social normal e estas formas de perturbação do crescimento psíquico da criança ou adolescente.

Em dois artigos de 1946 e 1956, Donald Winnicott efectuou interpretações sobre o acto anti-social. Uma criança ou adolescente com comportamentos anti-sociais teria sofrido sempre uma profunda privação emocional. Seria alguém que provavelmente teria qualquer coisa que experienciou como boa e depois a perdeu, numa perda que interferiu seriamente com o sentimento de integração e continuidade. Através desta ideia admite-se que a criança já possuía organização mental para que essa privação fosse sentida como traumática, e também a noção de ela achar que tem direito mas que lhe foi retirado e o facto de ela considerar que o meio lhe deve algo que ela reclama.

Os furtos, muito frequentes neste tipo de comportamentos, não são mais do que a representação da esperança de recuperar o objecto amado e traumáticamente perdido. A destrutividade é outro comportamento frequente, visto como um apelo para perdas de

amor irreparáveis.

- Prostituição infanto-juvenil

É demonstrado através de variados estudos que as crianças e adolescentes que se dedicam à prostituição foram do ponto de vista físico, sexual ou emocional abandonados ou maltratados. São oriundas de famílias disfuncionais, com histórias traumáticas múltiplas, que possuem uma baixa auto-estima. A escola não lhes despertou interesse, por isso se verificou o abandono escolar precoce.

A grande parte das crianças e jovens possui falhas a nível da identificação sexual, sendo difícil de compreender qual é a mais comum escolha de objecto sexual, homo ou heterossexual. Pode acontecer que nem eles próprios tenham uma resposta. Na vida afectiva destes miúdos a sexualidade deixou de se encontrar integrada.

- As tentativas de suicídio

Torna-se complicado chegar a uma conclusão sobre quais as estruturações que se encontram na impulsiva emergência que é um acto suicida.

Talvez a importância da quebra súbita no desenvolvimento, com a ausência de defesas internas contra os ataques destrutivos externos e os das próprias pulsões internas, ou seja, qualquer acontecimento dito «traumático», capaz de fazer submergir o aparelho psíquico e a sua capacidade de fazer ligações. Talvez ainda a quebra psicótica aguda, tal como a refere Moses Laufer, traduzida na distorção de tentar remover um mal-estar pela fantasia de ataque: «eu sinto que preciso de me matar para poder continuar a viver» (Strecht, 2000: 134).

Deve pensar-se na tentativa de suicídio como sendo algo contraditório de abolir, um traumatismo de, pela morte, continuar a viver, como quem se encontra indeciso entre a reparação de um objecto perdido e a sua destruição.

A passagem ao acto suicida, sendo uma violência contra o próprio, é inversamente proporcional ao trabalho de interiorização e da própria VIDA psíquica, que busca uma adaptação adequada e tranquila entre realidade externa e interna (Strecht, 2000: 134).

2.3. Crianças Institucionalizadas

2.3.1. A institucionalização e a sua necessidade:

Após referência a várias situações em que as crianças se encontram em risco, surge a necessidade de se fazer uma abordagem sobre a institucionalização e as suas medidas.

As medidas institucionalizadoras em Portugal ainda são uma constante. A institucionalização torna-se uma alternativa necessária quando não existe um sistema público de serviços sociais especializados que respondam às exigências da criança em risco. Recordando a *Declaração dos Direitos da Criança*, constata-se que quando a criança é posta num ambiente institucional estável é possível garantir a sua integração na estrutura social e uma continuidade nas relações interpessoais. Na sua vida a criança vai-se deparar com a adaptação à instituição de acolhimento, à escola e terá que negociar e cultivar relações com as pessoas que a rodeiam.

Se se garantirem determinadas condições, está-se a permitir que a institucionalização trabalhe como um motor ao nível do desenvolvimento e do crescimento. Essas condições passam essencialmente pela transferência definitiva de factores de risco constantes no ambiente de pré-transição. Na instituição de acolhimento é tomada em consideração a integridade emocional e física da criança, através da ausência de ameaças directas e o estabelecer de oportunidades que levem ao seu desenvolvimento e adaptação.

É nos direitos das crianças que o trabalho institucional deve assentar as suas bases, compreendendo a criança como um indivíduo competente, activo e participante na satisfação e na busca das necessidades, deveres e direitos.

2.3.2. A assistência e a protecção à infância enquanto sistema de qualidade na institucionalização:

Na variedade das dimensões do desenvolvimento ao se reconhecer na *Convenção dos Direitos da Criança*, a sua influência nas condições de vida, está a caminhar-se no sentido de criar um ambiente adequado e integral. É nos vários aspectos do desenvolvimento infantil que se encontra uma relação sinérgica que aponta para o bem-estar da criança físico e psicossocial, onde são necessárias orientações de abordagens proactivas e holísticas.

Quando não existe um sistema público que forneça serviços sociais de qualidade, segundo o que consta na *Declaração dos Direitos da Criança*, a alternativa a contextos desapropriados e que possibilita o desenvolvimento é a institucionalização.

É quando a criança se encontra desprotegida que se recorre à medida institucional. Quando entram na instituição, estas crianças apresentam necessidades que resultam dos efeitos dos maus-tratos de que foram vítimas, e estes vão acarretar consequências a nível do desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e social conforme o tipo, a duração e a gravidade do mau-trato. É na sua multiplicidade que devem ser tomadas em consideração as necessidades destas crianças, permitindo através de princípios operacionais e estratégicos, a possibilidade de obter um serviço holístico de apoio, suporte e promoção da mudança.

Quando se assume uma «ecologia de apoio», é necessário proceder a algumas alterações relacionadas com a criança, tal como a sua família, a instituição, os serviços sociais e o sistema judicial, verificando-se que *tradicionalmente, o processo de tomada de decisão é estático e processa-se num sistema ou entre sistemas mas apenas a um nível. Assim, a intervenção junto da criança institucionalizada melhor responderá às suas necessidades ao centrar-se na forma como cada sistema, e a todos os níveis, assume e implementa decisões orientadas para a mudança das características e contingências disfuncionais, dos papéis e responsabilidades na relação menor – família* (Formosinho, 2004: 208).

Relativamente às necessidades da criança e respectiva avaliação é possível organizá-las segundo a classificação de Fernández del Valle e Zurita (2000): *a) necessidades comuns a todas as crianças; b) necessidades relacionadas com a separação entre a criança e a família; c) necessidades resultantes da situação de desprotecção que conduz à medida institucional; d) necessidades que se produzem a partir do plano individual* (Formosinho, 2004: 208).

As necessidades comuns podem ter um carácter cognitivo, biológico/físico, de inserção cultural e comunitária, emocional e social, podendo-se constatar que o afastamento da criança de situações sociais, físicas e de figuras significativas leva a perdas, assim como a sentimentos que lhe são subsequentes. As necessidades que resultam da separação da criança da família podem originar perdas de vários tipos, como é o caso das materiais e físicas (alterações nas condições contextuais), socioculturais (alterações a variados níveis desde educativos, recreativos e religiosos),

mudanças do ambiente (como novos hábitos, valores, costumes), e psicossociais (afastamento da família e de outros que lhe são significativos).

Segundo Fahlberg (1994) quando ocorre a mudança, são factores como a idade, o nível de desenvolvimento, a vinculação aos cuidados primários, o temperamento, as suas percepções sobre o que a levou à separação, as experiências anteriores à separação, a mensagem que recebe aquando a despedida, a preparação que tem para a separação e as características do ambiente que vão influenciar a reacção da criança.

Capítulo III – A Família e as Suas Dinâmicas

3.1. A importância da família

Seguidamente analisaremos a importância da família na sua complexidade de relações.

Todos nós somos criaturas sociais que apresentamos necessidades, como o viver, o trabalhar e o relacionar com diversos grupos sociais. Mas estas necessidades não se completam se não existir estima e apoio emocional no interior do primeiro grupo social que é a família.

A estrutura social tem como célula de base a família, sendo considerada como a chave de construção da sociedade e reproduz um conjunto sistémico e coeso de valores. Reflete a estrutura económica, o comportamento psicológico (Rodrigues, 1997: 557).

Tanto a variabilidade histórica como a cultural estão fortemente ligadas àquilo que a definição de família considera ou não considera. A indeterminação do termo demonstra a complexidade de dimensões e de relações contidas no circuito da família, dependendo do tipo de discursos das tradições étnicas e culturais, morais, das políticas sociais, legais, religiosas e da tradição de cada família e de cada sujeito.

A família é vista como *a união mais ou menos duradoura e socialmente aprovada de um homem e uma mulher e de seus filhos* (Levi-Strauss citado por Rodrigues, 1997: 556). A família actual é uma instituição que resiste e continua eficiente, possui novos papéis, configurações e estabelece com a sociedade novas relações, que à luz da evolução da estrutura social, podem ser analisadas.

A família é um espaço simbólico e histórico, em que ocorre a divisão do trabalho, das competências, dos espaços, dos valores e dos destinos pessoais do homem e da mulher, apesar de, nas diversas sociedades, isso assumir várias formas.

Esta é um grupo primário e natural que se apresenta como o núcleo de toda a organização social.

Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, é possível constatar que o seu papel na família vai sofrendo alterações. Nos primeiros anos da existência da criança é importante que a família seja um meio acolhedor capaz de lhe proporcionar segurança e que lhe responda a todas as exigências sócio-emocionais.

O aparecimento de condutas desviantes nas crianças é muitas vezes devido à ausência de família ou à pertença a uma família desequilibrada. Quando a família é

proporcionadora de relações estáveis, de trabalho e de vida em comunidade, as crianças têm mais possibilidades de se adaptarem às normas estabelecidas na sociedade e de se tornarem mais sociáveis. Logo, é possível verificar dois tipos de imagens contemporâneas na família, ou seja, a família como lugar de afectividade, intimidade, solidariedade e de privacidade, ou a família como lugar de agressão, egoísmo, crueldade e violência.

A forma do Homem se organizar em família está relacionada com as características da humanidade e com a sua forma estrutural solidária e social. A forma de se organizar em conjunto é devida à necessidade de se sentir amado e de amar, possuindo estabilidade a nível físico e espiritual. É possível verificar que em certas partes do globo, a família tradicional está a desaparecer, pois esta instituição está a sofrer alterações e a ser prejudicada pela evolução tecnológica e sócio-económica.

3.2.Considerações gerais sobre a família enquanto núcleo primário, social e educativo

É importante para o nosso estudo, abordar num capítulo, a temática da família enquanto núcleo primário, social e educativo, porque, nos dias que correm, a família, como forma básica da estrutura social, está a ser questionada sob vários pontos de vista, todos eles complexos. A valorização da família e seu papel condicionam o futuro imediato da criança. A criança é detentora de relações, tanto do ponto de vista afectivo como do cognitivo, e é com a mãe e restante família que ela as vai estabelecer. Segundo Benavente (1976) é na família que a criança aprende determinados princípios e comportamentos que orientam a sua vida social, sendo também na família que ela aprende a falar e a diferenciar «o que não deve fazer» e o que «deve fazer».

A personalidade e a inteligência de um sujeito são construídas através da sua interacção com o meio que a envolve e também através dos professores, dos grupos sociais, como os colegas, etc, mas a família é a unidade mais importante do desenvolvimento social da criança. A família é *um dos lugares privilegiados de construção social da realidade...* (Saraceno, 1995: 12)

Actualmente, a família enfrenta uma crise devido ao facto de não ter evoluído a par dos outros conceitos sociais e políticos. *Sobre este aspecto diz Luís González Seara num mundo que proclama a igualdade e as liberdades individuais, família mantinha-se*

com uma clara discriminação de direitos segundo os sexos e com uma estrutura autoritária incompatível com os ideais da nova democracia. A contradição não podia durar muito tempo e o conflito estalou. Não se pode manter uma estrutura familiar autoritária quando tudo à nossa volta proclama os direitos democráticos de igualdade e liberdade (citado por Flores, 1994: 8)

Ao longo da História é possível verificar uma evolução e conseqüente desaparecimento dos diferentes tipos de sociedade humana. Ainda que noutros moldes e tipos é possível verificar que desde sempre existiu família, constatando-se que esta evolução e diversificação da família fizeram com que existisse uma pluralidade e diversidade nas famílias modernas. Acha-Irizar (1982) refere que presentemente, no que se considera e conhece da civilização ocidental, existem bem definidos três tipos de famílias: a família tradicional, a família industrial e a família pós-industrial.

José Maria de Prada (citado por Flores, 1994) considera que a família tradicional se baseia em três princípios: a predeterminação de papéis, o sacrifício da individualidade de cada um, em função das obrigações preestabelecidas e a autoridade. Relativamente à predeterminação de papéis, em cada etapa da evolução familiar todos os indivíduos têm claramente definido qual o papel que desempenham. É no homem que se encontra a personificação da autoridade, estando nos dias que correm circunscrito ao âmbito jurídico-civil.

Aquando da Revolução Industrial, verificou-se uma redução da extensão da família causada pela emigração das zonas rurais para as zonas urbanas e suburbanas. Estas alterações acarretaram inovações consideráveis mas não foram suficientes para superar os princípios tradicionais. *Esta redução foi precedida pela concepção da burguesia surgida no século XIV. Nesta época a burguesia começa a enriquecer e, perante o desejo de ser prioritária total da riqueza, não aceita o modelo da família extensa que repartia o património por um grande número de familiares* (Flores, 1994: 11). Ora, não é uma novidade, a família conjugal moderna. Esta resulta da síntese da família burguesa e da família que nasce no século XIX, a operária. Quando chega à cidade, o operário não pode ter uma família numerosa, devido ao baixo salário que auferia e à dimensão reduzida da sua habitação.

3.3. A Família desestruturada

Como o tema da dissertação está relacionado com as crianças vítimas de maus-tratos, não poderíamos deixar de falar de famílias desestruturadas, uma vez que, na maioria dos casos é no seu seio que as crianças vão sofrendo e sobrevivendo aos variados tipos de maus-tratos, abusos ou negligências.

As modificações da família sofridas a partir dos anos 60 permitiram a existência de situações de exclusão, devido à dissolução dos laços familiares tradicionais e das solidariedades organizadas em volta do modelo da família alargada. Na vida pessoal, tanto as escolhas como as aspirações vão levar ao surgimento de um modelo de família de tipo nuclear, centrado na formação de um casal em que a relação assenta essencialmente na negociação. É aos poucos que se verifica o registo destas aspirações, tanto no direito como nos costumes, resultando a modificação da paisagem familiar tradicional.

3.3.1. Um laço familiar fragilizado:

As principais evoluções da família desde há cerca de trinta anos podem resumir-se ao alongamento da escolaridade, ao aumento da idade com que as pessoas se casam, à diminuição do número de casamentos ao desenvolvimento da coabitação juvenil e da união livre, ao abaixamento da natalidade e da taxa de fecundidade, ao aumento dos nascimentos fora do casamento e ao considerável aumento das separações e dos divórcios (Clavel, 2004: 117-118).

A partir da família nuclear clássica e paralelamente a ela, estas disposições levaram à criação de duas figuras familiares típicas, ou seja, o acréscimo do número de famílias monoparentais e o aumento de famílias recompostas (quando um casal educa crianças que não são fruto da mesma relação, mas sim de anteriores ligações).

O resultado destas evoluções é uma instabilidade familiar que afecta a criança, que afasta os sujeitos e que trava o acesso dos jovens à sua autonomia.

Nos primeiros anos de vida, as perturbações da vinculação pais-criança encontram-se muitas vezes presentes naqueles casos que apresentam alguma gravidade. Vulgarmente pode-se observar a existência de padrões extremos de comunicação ou de relação: demasiado intrusivos ou demasiado abandonicos. No primeiro grupo – demasiado intrusivos – encontram-se situações de vida marcadas pelos maus-ratos e abusos sexuais, físicos ou emocionais. No segundo grupo – demasiado abandonicos –

estão inseridas situações caracterizadas pelas separações, ausências, perdas, descontinuidade e interrupção momentânea na prestação de cuidados. Tanto no primeiro como no segundo grupo, é possível verificar a existência de relações com experiências pobres ou distorcidas e, devido a isso, são sentidas como pouco gratificantes. Pode-se constatar que a não existência de regras e limites pode originar comportamentos de provocação e de oposição através de um funcionamento que pode tudo.

Os filhos podem ser encarados como o prolongamento das necessidades dos pais quando estes traficam e consomem drogas, álcool ou são portadores de perturbações narcísicas. Tudo isto leva à degradação da família.

Relativamente à alteração da qualidade de relação pais e crianças nos primeiros anos de vida encontram-se inseridos os pais que não pertencem à vida afectiva dos seus filhos, e se existem, de repente deixaram de existir para voltarem ou não a aparecer, independentemente de os seus filhos precisarem ou não. Estas relações pais-filhos são caracterizadas pela predominância de padrões de distorção ou confusão e de abusos do ponto de vista sexual, físico ou emocional. Nestas crianças, existe uma falha na confiança básica.

Pode aumentar, nestas crianças, a possibilidade de permanecerem sentimentos de desconforto com poucas perspectivas, face a qualquer possibilidade de vivenciar experiências de conforto e de afecto. Em certas situações, o mundo não é encarado como hostil, mas, muitas das experiências levam à existência de sentimentos de insaciável insatisfação, tais como:

- Alteração psicológica de um dos pais, de ambos, ou da dinâmica familiar. Aqui é possível encontrar os pais alcoólicos, toxicodependentes, perversos, detentores de uma personalidade narcísica ou com perturbações depressivas muito intensas e crónicas. O «eu» de estruturação da criança não se desenvolve coerentemente quando esta se encontra num meio em que as suas referências paternas e/ou maternas são doentes e estabelecem relações patológicas e distorcidas. Estas vivências do mundo exterior são violentas, agressivas, confusas ou deturpadas.

- Múltiplos dadores de cuidados ou de substitutos parentais. Este ponto reporta-se à ausência definitiva, temporária ou intermitente dos pais, ou à incapacidade parental. Estas situações podem levar a que as crianças se encontrem entregues à sorte de não pertencerem a ninguém. Pode também ocorrer o caso de estas crianças conhecerem uma

grande quantidade de locais e de rostos, sem estabelecerem qualquer ligação ou sentimento de pertença. Um exemplo disso são as crianças institucionalizadas.

● Abuso pelos adultos. É possível encontrar esta conduta nos próprios pais, padrastos/madrastas, tios, avós, outros elementos da família ou amigos chegados à família, o que leva a que quando convive com os adultos, a criança apresente *uma certa apreensão, com uma parcela importante do mundo interno sentido como incomunicável: é o segredo ou silêncio mantido quer sob coação externa (o abusador que ameaça dizendo «se contas mato-te») ou interna (em que «dizer é pior que não dizer», por tudo o que isso implica), ambos alimentados pela força dos sentimentos descritos* (Strecht 1999: 101).

3.3.2. Infâncias de Risco:

Por vezes a criança apresenta uma certa dificuldade no contexto da recomposição e decomposição familiar, em encontrar as suas referências – ausência de um dos pais biológicos, conflitos familiares, presença de um padrasto ou madrastra educador por adopção, rupturas, ... Estamos conscientes de que o futuro e a personalidade da criança são comprometidos por carências a nível afectivo e objectivo. Os resultados escolares, a inserção profissional e a criação de desvios e de distúrbios comportamentais são influenciados por este contexto.

Em suma, *na família moderna o laço social distendeu-se; devido a este facto, as fissuras são mais numerosas; e os indivíduos, mais isolados e entregues aos seus próprios meios materiais, morais e afectivos, estão fragilizados; os riscos de voltarem a encontrar-se em situações de exclusão são maiores, a partir do momento em que vários factores se acumulam* (Clavel, 2004: 121).

Capítulo IV – A Institucionalização

4.1. A Institucionalização e os seus Marcos Históricos

Estudar a institucionalização e os seus marcos históricos poderá contribuir para uma maior clarificação do tema do capítulo.

Os hospícios foram criados a partir do século XVIII sendo considerados o real padrão da institucionalização, com dois objectivos – o de depósito de menores e o de casa de correcção. Foi a partir do século XVI que se verificou o pico da institucionalização dos desfavorecidos, tanto a nível económico como social, fase que durou até ao século XVIII. Após esse século, ocorreu o surgimento de instituições específicas, devido ao enorme abandono de crianças. O movimento generalizado de anti-institucionalização ocorre no século XX.

A partir dos anos 40 do século XX um dos tópicos da investigação é o da criança institucionalizada. Sendo que nos anos 60 e 70 é que são identificadas nas várias instituições quais as características menos positivas de forma que quer a gestão dos recursos quer os cuidados sejam melhorados. A principal medida adoptada para proteger a criança continuou a ser a institucionalização. É possível caracterizar as macro instituições por um acolhimento indistinto, por uma institucionalização auto-suficiente e fechada, em que a instrução e a satisfação de cuidados básicos e as crianças estão ao cuidado de pessoas que não têm qualquer tipo de profissionalização.

É no final dos anos 70 e início dos anos 80 que ocorre um modelo que tem como aspecto central as necessidades desenvolvimentais, o que salienta a importância de dinâmicas institucionais análogas às do ambiente familiar. Ouve-se falar da micro instituição que tem como aspecto fundamental a existência de um menor número de crianças onde constantemente se apela a uma relação de afecto e cuidados constantes, ocorrendo esforços que caminham para: *o encerramento ou conversão de macro instituições; passagem do conceito de menores para o de serviços sociais para a família e a infância; profissionalização; normalização; centração no desenvolvimento e nos direitos da criança* (Formosinho, 2004: 205)

Desde os anos 90 até ao século XXI tem-se evitado a institucionalização durante um grande período de tempo e indiscriminadamente. Verifica-se um aumento das medidas de prevenção e só em último caso é que se recorre à institucionalização. A prática institucional deve ser avaliada, controlada e supervisionada.

4.2. A instituição e os seus princípios

Para que a institucionalização seja de qualidade são necessários alguns princípios. Segundo Formosinho (2004) existe um conjunto de princípios e práticas institucionais que se encontram anexas à criança institucionalizada e apoiam uma filosofia no horizonte da intervenção.

a) *Princípio da individualização* – leva a uma avaliação das necessidades e conseqüente criação de programas de cuidados individualizados. Quando a criança é acolhida na instituição, existem algumas práticas que possibilitam identificar o princípio da individualização. *Por exemplo: informar a criança acerca da sua situação, causas, finalidade e possíveis alternativas futuras, porque geralmente a criança experimenta medo, insegurança e culpa; tentar conhecer as percepções da criança acerca da sua situação e necessidades; mostrar a instituição à criança e informá-la acerca dos costumes e normas, transmitindo segurança e confiança; sempre que possível, a criança deve visitar previamente a instituição na companhia dos familiares* (Formosinho, 2004: 211).

Em outras alturas, este princípio também deve ser respeitado. É nas necessidades da criança que o plano individualizado deve assentar, é necessário ter um plano/programa que oriente o processo de intervenção junto de cada criança, de modo a atender às suas especificidades e necessidades.

A criança deve ter acesso a espaços personalizados detentores dos seus gostos, de modo a que a sua intimidade possa ser vivenciada. Deve também ter acesso a intervalos que lhe permitam decidir qual o local onde deseja estar e se quer estar só ou acompanhada.

b) *Respeito pelos direitos da família e da criança* - à criança institucionalizada e respectiva família devem ser comunicados os direitos e responsabilidades. Estes devem ser consciencializados de que, quando existe alguma regra anteriormente conhecida e estabelecida pela criança que não é respeitada, se recorre à aplicação de sanções.

O respeito e o afecto são a base do tratamento da criança e seus familiares. É-lhes possibilitado o direito à comunicação considerando a reciprocidade dos contactos e a sua intimidade, *sendo as famílias motivadas no sentido da sua participação no processo e sua inclusão como sujeito educativo activo. Assim, têm direito à participação nas decisões, na definição de objectivos e na auto-avaliação de progressos. A sua participação deve, portanto, ser assegurada numa dinâmica de*

discussões em grupo para a tomada de decisões sobre questões quotidianas (Formosinho, 2004: 212). A criança tem ainda o direito de efectuar queixas, sempre que se sentir maltratada a profissionais que podem ser internos ou externos nos quais ela deposite confiança.

c) *Normalização e integração* – o estilo de vida da criança institucionalizada deve ser idêntico ao das outras crianças. De acordo com as suas necessidades e em função da sua idade e cultura, devem ser criadas rotinas, ritmos, actividades no interior da instituição. *A normalização implica a co-educação e, conseqüentemente, a presença de figuras educativas masculinas e femininas, e a convivência da criança com outras crianças de ambos os sexos. A integração comunitária envolve facilidades, apoios e estimulação que os profissionais da instituição levam a cabo para que a criança se integre e socialize na comunidade, bem como esforços para evitar a estigmatização da própria instituição* (Formosinho, 2004: 212 e 213).

d) *Enfoque no desenvolvimento e centração nas potencialidades da criança* – quando é acolhida, a criança transporta problemas de ordem social e pessoal, sendo necessária uma intervenção exaustiva baseada nas suas necessidades, englobando a busca de instrumentos de avaliação, técnicas de trabalho em grupo e individual, a execução de novas actividades, busca de novas experiências, facultar várias actividades, utilização de programas de intervenção, apreciação dos processos e resultados.

Quando se efectua um plano de decisão sobre o futuro de uma criança, tanto ela como a sua família devem ser integrados no processo, sendo fundamental para cada situação, a realização de um diálogo, com o objectivo de analisar o momento actual, quais as causas da situação e os desejos ou expectativas.

O dia-a-dia da criança na instituição deve conter compromissos e responsabilidades (tais como o auxílio em tarefas domésticas e a manutenção da ordem) de acordo com a sua idade e nível de desenvolvimento. Conforme vai entrando na adolescência e na idade adulta torna-se importante constituir e executar objectivos relacionados com competências de independência e autonomia (exemplos: cuidar da roupa, fazer compras, saber cozinhar e gerir os serviços da comunidade), ou seja, saber lidar com as várias áreas do quotidiano.

e) *Protecção e segurança* – é fundamental que todas as crianças vivam em climas de protecção e de segurança, essencialmente as que são vítimas de maus-tratos.

Devem ser consideradas nas instituições medidas e práticas de segurança que propiciem às crianças um ambiente seguro e confortável, através: da advocacia social

(defendendo os interesses e direitos das pessoas que se apoia); promover a autoprotecção (criar um programa de aprendizagem com o objectivo de diminuir a fragilidade de certas situações através da revelação e evitamento de situações de risco); prevenir relações abusivas (vigiar as relações das crianças com os adultos e os pares que a envolvem, de maneira a evitar maus-tratos); dar respostas afectivas (por forma a que a criança se sinta protegida, segura e querida); vigiar saídas e visitas (facultando com as crianças o diálogo e a segurança sobre o tempo que passam com os seus familiares e em sua casa, respeitando a sua intimidade) e preservar a segurança física (criando medidas de segurança que evitem acidentes).

f) *A criança e respectiva satisfação das necessidades básicas* – esta engloba cuidados relacionados com o conforto da habitação, ter acesso a vestuário e a uma boa alimentação, a possibilidade de a criança ter contactado com a família e poder frequentar serviços da comunidade e a escola.

g) *Acesso à saúde mental e física* - abrange a educação para a saúde (trabalho educativo sobre temas como a prevenção de doenças infecciosas, sexualidade, prevenção do consumo de drogas, tabaco e álcool, higiene pessoal e alimentação).

h) *Oportunidades educativas e escolarização – a educação enquanto aspecto básico da atenção nas instituições remete para a importância da integração no sistema de ensino, bem como da criação de sistemas de apoio necessários. De facto, a vida académica e a escolarização demonstram ser o terreno no qual a criança institucionalizada experiênciam maiores problemas* (Formosinho, 2004: 215).

É em escolas possuidoras das melhores respostas a estas crianças que elas devem ser integradas. Não se deve menosprezar o facto de que o êxito académico está directamente relacionado com a auto-estima e com o desenvolvimento pessoal. É a partir de estratégias variadas que se deve motivar o rendimento académico.

i) *Envolvimento familiar* – para que exista êxito na protecção à infância é necessário que exista alguma colaboração e coordenação entre a família e a instituição, para deste modo realizar um plano de intervenção. Quando os interesses da criança e da família estão de acordo é no «caso familiar» que se efectua a estratégia de intervenção. *Esta perspectiva envolve o desenvolvimento de estratégias de envolvimento familiar (nomeadamente nos momentos de visita ou outros contactos) e de estratégias de promoção de competências parentais e responsabilidade compartilhada (por exemplo, através de acções de sensibilização e de formação) A cada criança deve de corresponder um programa que especifique a finalidade principal da intervenção*

(reunificação familiar, emancipação ou integração noutra família) e um documento que especifique os limites e princípios do trabalho com as famílias (Formosinho, 2004: 215).

j) *Coordenação e colaboração centradas na criança e respectiva família* – esta ocorre entre os serviços sociais, os profissionais de saúde e de educação para que em conjunto consigam auxiliar a criança a atingir os seus objectivos. Este princípio engloba a colaboração de várias entidades, como é o caso da instituição, da escola, dos elementos chave da comunidade e dos serviços de apoio à família e infância.

k) *Construção da instituição de acolhimento como contexto de qualidade* – é tendo como fundamento um princípio de qualidade que os técnicos que trabalham nestas instituições devem ter preparação e profissionalização através da formação contínua. A edificação de uma instituição que tem como objectivo a promoção, de um contexto de qualidade e a satisfação de direitos e de necessidades das crianças é efectuada através de experiências, competências profissionais e conhecimentos.

4.3. A intervenção e a sua programação

É extremamente importante neste trabalho, abordar a intervenção e a sua programação, uma vez que a nossa investigação empírica é desenvolvida num Centro de Acolhimento, onde a população alvo se encontra institucionalizada.

A Institucionalização surge quando se esgotam as várias respostas às crianças em perigo, essencialmente a situação de internato. Só se internam menores quando não existem outras possibilidades de intervenção. Pretende-se que a institucionalização promova, para além de cuidados essenciais de bem-estar, um sentimento de pertença a um grupo, onde se promova a sua estabilidade emocional e auto-confiança. É muito importante que na institucionalização se desenvolva um sentimento de bem-estar emocional, físico e um sentimento de segurança.

É necessário estarmos conscientes que, em internatos, a educação está para além da sala de aula, do gabinete do psicólogo e do grupo terapêutico. O comportamento e a personalidade da criança são directamente influenciados pelos adultos que com ela passam grande parte do tempo, e são influenciados através de reacções e de acções.

A sociedade possui problemas que lhe estão interiorizados, como é o caso das crianças em perigo, sendo as Instituições de Solidariedade Social um meio para resolver esse problema. A maioria das crianças acolhidas pelas instituições sofre de exclusão social. *A necessidade de prevenir a exclusão e a marginalidade, passando pelo reforço da autonomia, da auto-estima e das competências sociais da criança e do jovem, durante a sua permanência de Internato leva ao desenvolvimento de actividades que proporcionam novas vivências, na descoberta e construção da sua personalidade, envolvendo a comunidade neste processo* (Marta, 2004: 38). O caso do Centro de Emergência de Alverca funciona como uma garantia de bem-estar e saúde, pois proporciona relações sociais e pretende criar estabilidade emocional.

No contexto institucional, é através de uma rigorosa planificação que se delinea, define e fundamenta a intervenção. O contexto institucional deve ser baseado nas leis correspondentes à família, à criança e aos respectivos mecanismos protectores. Um programa institucional deve conter uma estrutura que especifique aspectos, como:

- *enquadramento legal*: critérios e disposições legais dos planos regionais correspondentes aos programas institucionais;

- *tipologia e definição*: refere os tipos de serviço e critérios exclusivos e inclusivos;

- *população-alvo*: menores a quem se aplicam os serviços;

- *funções e objectivos*: quais são os objectivos e o papel da instituição;

- *recursos humanos*: os profissionais e os trabalhadores são definidos assim como as suas funções;

- *organização e administração*: coordenação no interior do sistema de protecção, organização educativa, gestão financeira, suporte e planificação documental, órgãos de gestão e sua participação e planificação laboral;

- *critérios e princípios da instituição*;

- *o acolhimento e a respectiva avaliação*: para se efectuar uma avaliação contínua dos serviços da instituição são precisos métodos, mecanismos e instrumentos.

Tanto as famílias como as crianças que se encontram institucionalizadas, por diferentes motivos, dividem histórias e problemas que as põem em risco.

Em cada criança é necessária uma constante avaliação das suas necessidades, intervenções e seguimento individualizado para que a programação da intervenção institucional seja vista como um plano que envolve metas, objectivos e funções. Assim, no sentido de um acompanhamento completo e constante, que apresenta como suporte o

trabalho e a colaboração multidisciplinar, torna-se fulcral uma contínua recolha de dados, de maneira a recriar o processo, tanto a nível dos contextos ecológicos em que a criança se encontra rodeada, como a nível das suas interacções e actividades.

Quando um trabalho individualizado é programado, deve conter uma primeira avaliação das necessidades da criança, segundo dados facultados por técnicos de infância (avaliação social, pedagógica e psicológica) e educadores (professores, educadores da instituição e pais), seguindo-se o estabelecimento de um plano de objectivos, recursos e actividades para se efectuar uma avaliação do cumprimento dos objectivos, assim como dos progressos atingidos.

Relativamente à intervenção em contexto institucional, em 1987 Anthony (citado por Formosinho 2004) apresenta os termos de vulnerabilidade e resiliência, referindo que são considerados como dois pólos contrários de um *continuum*, verificando-se que o primeiro representa o ressentimento mediante efeitos adversos e o segundo refere que, depois do permanecimento em situações de risco, existem consequências benignas. Em 2000, Rutter demonstrou que é preciso questionar se é mais necessário um foco nos riscos que *tornam as crianças vulneráveis à psicopatologia ou se será mais vantajoso centrar as atenções nos factores protectores que criam resiliência face à adversidade* (citado por Formosinho, 2004: 218).

Pretende-se que a intervenção seja impulsionadora de uma progressiva alteração da vulnerabilidade para a resiliência, tendo por base as melhores medidas direccionadas para a diminuição do impacto de factores de risco e/ou para o aumento de factores protectores. O desenvolvimento e a manutenção de recursos enquanto factores protectores são aspectos em que a intervenção se pode basear. Neste sentido, as áreas alvo possíveis são a promoção do sentido de auto-eficácia e da auto-estima, o desenvolvimento de competências de relacionamento inter-pessoal. É nas reacções e nos processos resultantes da experimentação de risco que a intervenção se pode basear, pelo que a criança poderia ser protegida através da disposição de serviços e de cuidados de qualidade que garantam a continuidade nos relacionamentos interpessoais, o suporte emocional e a percepção de segurança.

É necessário a existência de intencionalidade quando se pretende, em contexto institucional, realizar a intervenção. A intencionalidade requer a escolha de estratégias e de alvos de mudança que permitam a passagem da vulnerabilidade para a resiliência e adaptação. É importante que o profissional assuma como um dever o envolvimento *num conjunto de tarefas direccionadas para elementos sequenciais e interactivos das*

trajetórias desenvolvimentais que contribuem para a resiliência da criança e que abarcam uma vasta gama de actividades, responsabilidades e estratégias de intervenção (Formosinho, 2004: 219).

Em 1998, os autores Whitaker, Hicks e Archer apresentam, em cinco grandes grupos, uma classificação de actividades do profissional/educador. São elas: trabalho individual com as crianças, trabalho em grupo com as crianças, coordenação dos serviços de protecção à infância, trabalho sistémico nas redes de relações das crianças e trabalho de equipa na instituição.

A primeira actividade intitula-se *trabalho individual com as crianças* e refere que no trabalho individual com as crianças institucionalizadas, a característica central deve de ser a compreensão. O trabalho individual com as crianças assume como objectivos: orientar na intervenção a compreensão, a empatia, a aceitação incondicional e a escuta activa; perceber, descobrir e respeitar na criança os seus talentos, as suas competências, as suas visões, os seus conhecimentos, os seus valores e as suas esperanças; integrar e conhecer as condições relacionadas com a tríade cognição – emoção – comportamento que representa a actual vida da criança; explorar os recursos sociais, familiares e individuais; coadjuvar juntamente com a criança na definição de finalidades realistas; criar intervenções que levam à execução de objectivos e ao bem-estar e respectivo desenvolvimento da criança. Quando se recebe a criança na instituição dá-se início a um primeiro passo que é a intervenção. O passo que se segue é o de perspectivar a compreensão e o conhecimento da necessidade da criança, tendo em consideração a sua história de vida. Quando, juntamente com a criança, os objectivos foram estabelecidos, segue-se a programação da intervenção, em que esses objectivos são constantemente revistos e avaliados.

A segunda actividade intitula-se de *trabalho em grupo com as crianças* – esta pretende que as intervenções em grupo tenham como objectivo central a competência que cada sujeito tem para realizar alterações positivas na sua vida e nos seus contextos. Numa primeira fase, permite avaliar expectativas, facilitar relações suportadas no apoio mútuo e estabelecer objectivos de um modo construtivista. Foi demonstrado que alguns factores de resiliência, tais como - a crença na mudança, a auto-eficácia, a promoção de competências essenciais, o relacionamento significativo com os adultos, a distância adaptativa, o sentido de controlo, a redução da auto-culpabilização e o desenvolvimento de competências de resolução de problemas - são suportados através de processos de grupo fundamentados em objectivos partilhados.

A terceira actividade intitula-se *coordenação dos serviços de protecção à infância* – estes serviços devem dar uma resposta às necessidades da criança, tanto de um modo eficiente, como colaborativo. Gardner (1993) refere que os problemas podem ser minimizados ou eliminados através de uma abordagem coordenada e compreensiva do entendimento cabal das dificuldades ou problemas da criança. O trabalho de coordenação de serviços tem como objectivos: através da partilha do plano de intervenção os profissionais darem uma resposta às especificidades de cada um, e através da promoção do envolvimento activo da família e da partilha de responsabilidades criar uma sinergia direccionada para o bem-estar e satisfação das necessidades da criança. A intervenção, avaliação e investigação dos serviços são facilitados através da discussão entre sistemas de protecção à criança e a coordenação entre os serviços.

A quarta actividade intitula-se *trabalho sistémico nas redes de relações das crianças* – a criança sob uma perspectiva ecológica é vista nos contextos que a englobam, assim como, as relações que estabelece reciprocamente e mutuamente entre estes. Os objectivos desta actividade são a *identificação de dificuldades que cruzam factores relacionados com a criança, a família, os pares, a escola e a comunidade, devendo a intervenção focar as transações interpessoais que estão relacionadas com os problemas da criança – ora contribuindo para tais problemas, ora representando factores protectores* (Formosinho, 2004: 222). É muito importante que a intervenção familiar perspetive a sua alteração e operacionalize os problemas, esta deve ter em consideração o presente e a acção.

A quinta actividade tem como título *trabalho de equipa na instituição* – esta refere que é através dos processos de colaboração que se caminha para intensificar a eficácia pessoal através da edificação da eficácia da equipa, assim como uma diminuição do stress relacionado com a natureza deste tipo de tarefa. Assim, a colaboração leva à criação de *certezas situadas, a partir da consideração do problema e do contexto, ponto de partida para a intervenção, permitindo a delineação de objectivos específicos e de actividades estruturadas*. (Formosinho, 2004: 223) Segundo Araújo e Formosinho (2001) é na partilha e na diferenciação que se fundamenta a execução dos objectivos de intervenção, necessitando de competências, de saberes, de funções e papéis distintos, sendo a resposta a cada situação problemática, edificada através da partilha de decisões, objectivos e responsabilidades.

A execução deste tipo de tarefas tem como objectivo a satisfação das necessidades básicas da criança e resulta de reuniões de equipa, coordenação de actividades e de supervisão, constatando-se que a equipa tem que estar em constante reflexão, experiência e formação pois os seus conhecimentos e competências são avaliados, registados e actualizados.

4.4. Rede nacional de lares para acolhimento de crianças e jovens em situação de risco

No presente estudo analisamos a temática de crianças vítimas de maus-tratos que se encontram institucionalizadas. Se se torna importante abordar a intervenção e sua programação, surge neste âmbito a necessidade de caracterização e divulgação da rede nacional de lares para acolhimento. Os lares de acolhimento são uma realidade na vida de muitas crianças vítimas de maus-tratos, por isso, procedemos à sua análise, possibilitando a divulgação do seu conceito.

Este conceito surge-nos no Artigo 2º Decreto-lei n.º2/86, de 2 de Janeiro quando refere que *Os lares são equipamentos sociais*.

Os lares de acolhimento para crianças e jovens de carácter definitivo estão localizados no contexto do sistema nacional de acolhimento e acompanhamento infantil e juvenil, em situações de risco. Face a uma perspectiva teórica, é possível diferenciar em três níveis, em função das necessidades técnicas oriundas da análise das problemáticas com que se relaciona, o sistema nacional de acolhimento e acompanhamento de crianças e jovens em situação de perigo. São eles: *O acolhimento de emergência* – tem como finalidade acolher crianças e jovens em situação de perigo por um período de tempo que não exceda as 48 horas. As instituições de acolhimento permanente anularam vagas, criando aquilo que chamamos *Unidades de Emergência*; *O acolhimento temporário* – tem como objectivo acolher crianças e jovens durante períodos que não ultrapassem os 6 meses. Este acolhimento está destinado a situações em que é preciso um afastamento da família por um período de tempo, e é em *Famílias de Acolhimento* ou *Casas de Acolhimento Temporário* que se realiza; *O acolhimento de longa duração* - está direccionado para as crianças e jovens que não possuem um meio-familiar ou quando o meio familiar é muito problemático. Para estas crianças e jovens,

as respostas sociais estão ao nível dos *Lares* a par com a *Adopção*. Só é possível o regresso à família de origem se o diagnóstico técnico da situação achar que esta solução é a mais adequada.

É possível encontrar em todos os níveis do acolhimento portas de entrada oriundas do sistema de acolhimento e acompanhamento de crianças e jovens em situações de risco, relacionadas com as necessidades específicas referentes às várias situações de risco. Pretende-se que sejam soluções de fim de linha quando são dadas respostas de carácter definitivo, como é o caso dos lares para crianças e jovens. O que se quer dizer é que só se deve recorrer a estas medidas quando estiverem esgotadas todas as oportunidades de trabalho social com a criança/ jovem e com a família de que são oriundos ocorrendo ao mesmo tempo o acolhimento temporário.

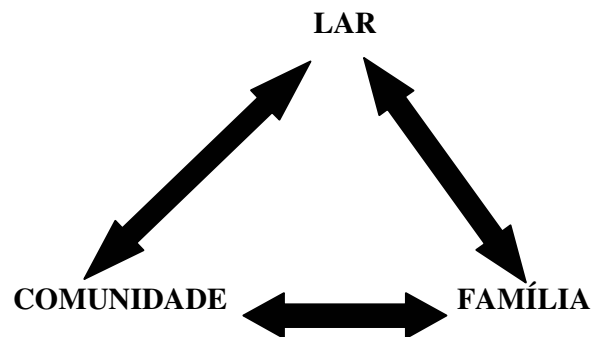
4.4.1. Objectivos e princípios de funcionamento dos Lares de Crianças e Jovens:

Em termos teóricos, uma instituição define a sua filosofia de funcionamento através de dois indicadores – princípios (o que rege a actuação) e objectivos (para que esta se dirige).

O ponto de partida para a definição dos objectivos e princípios dos lares de acolhimento para crianças e jovens é aquele que está definido legalmente, ou seja, as *estruturas sociais que têm como objectivo o acolhimento de crianças e jovens, tendo como princípio genérico o proporcionar de estruturas de vida tão aproximadas quanto possível às das famílias, com vista ao seu desenvolvimento físico, intelectual e moral e à sua inserção na sociedade* (Artigo 2º do Decreto Lei n.º2/86, de 2 de Janeiro). O que se pretende é que sejam estabelecidos laços emocionais e afectivos com as famílias de que as crianças são provenientes (quando a criança não é posta em risco), com os técnicos e os pares que fazem parte da família da criança ou jovem institucionalizado e ainda na comunidade que as envolvem.

No contexto do acolhimento institucional, é possível extrair da definição dos objectivos e princípios gerais dos lares, a existência de uma triangulação de relações que se estabelecem no lar – a instituição, a família e a comunidade – existindo um inter-relacionamento com cada um dos vértices.

No acolhimento institucional de crianças e jovens, o triângulo relacional representa-se da seguinte maneira:



Esquema retirado de: *Lares de Crianças e Jovens*, 2000:21

É possível distinguirem-se dois eixos, mediante o triângulo de relações, sendo a tipologia de lares de crianças e jovens definida a partir da intersecção de dois dos eixos. O primeiro eixo está relacionado com o tipo de relação estabelecida pelo lar de crianças e jovens com as famílias de que crianças são oriundas, que pode ir da relação de afastamento à de proximidade e que se pode representar da seguinte forma:

“Eixo de relacionamento entre o lar e as famílias das crianças acolhidas em lar

PROXIMIDADE

À FAMÍLIA



AFASTAMENTO

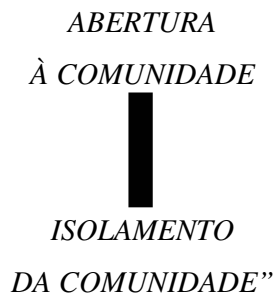
DA FAMÍLIA”

(Lares de Crianças e Jovens, 2000:22)

Pode traçar-se um segundo eixo, a partir do triângulo de relações que se submete da definição normativa do exercício dos lares de crianças e jovens referente ao tipo de

relação que a instituição mantém com a comunidade envolvente e que pode ir de uma relação de isolamento a uma relação de abertura que se pode representar:

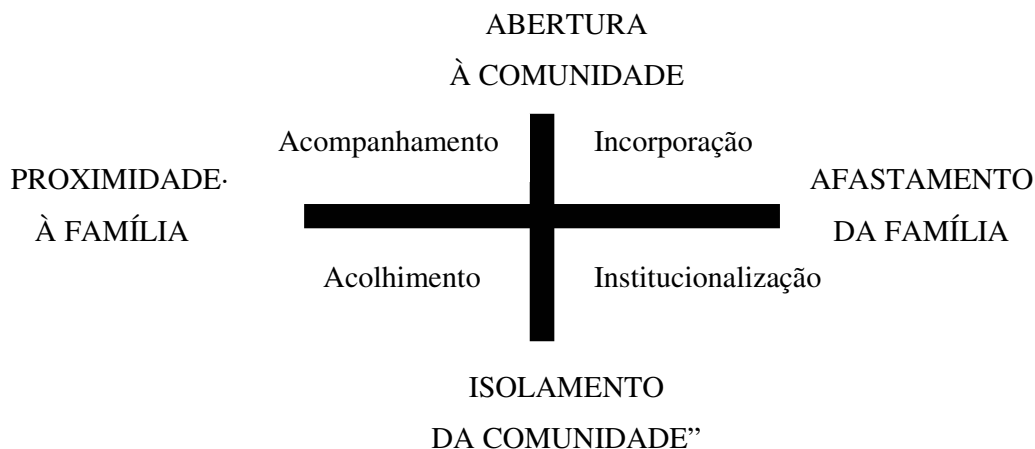
“Eixo de relacionamento entre o lar e a comunidade envolvente



(Lares de Crianças e Jovens, 2000:22)

O resultado do cruzamento destes dois eixos é uma tipologia de lares de crianças e de jovens criada em função das especificidades do seu funcionamento.

“Tipologia dos lares de crianças e jovens em função dos eixos de relacionamento

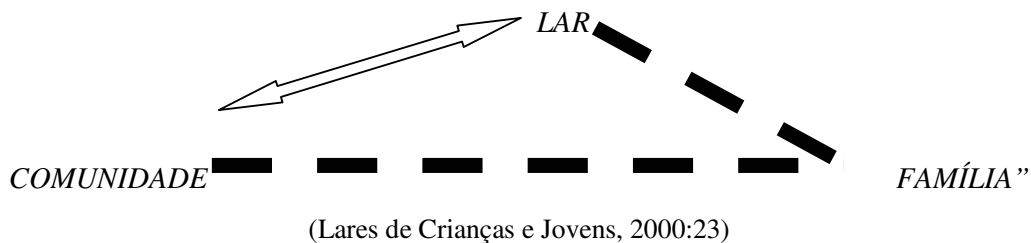


(Lares de Crianças e Jovens, 2000:22)

Os lares de crianças e jovens que promovem a abertura à comunidade envolvente (ou seja, promovem a participação nas suas actividades e nas da comunidade) e ao mesmo tempo divulgam como princípio, o afastamento da família de que são oriundas as crianças/jovens apresentam como filosofia de funcionamento a

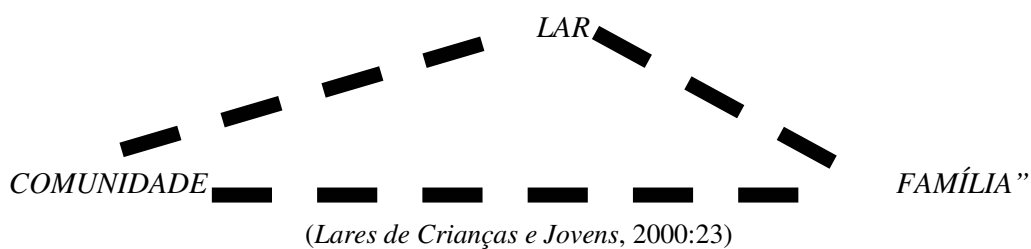
incorporação. É possível verificar apenas um relacionamento entre dois dos vértices do triângulo de relações. Esta filosofia pode ser esquematizada do seguinte modo:

“Triângulo de relacionamento dos lares de Incorporação



Existem lares que não proporcionam a proximidade de relações da criança/ jovem acolhida com a sua família de origem, nem com a comunidade que engloba o lar onde se encontrar a morar. A Institucionalização é a filosofia de acolhimento, ou seja, assume-se um acolhimento em função da instituição, sem ter em consideração as necessidades afectivas e os relacionamentos com o exterior, essenciais ao bem-estar e ao desenvolvimento das crianças/ jovens acolhidos. Não existem arestas no triângulo representativo deste tipo de lar.

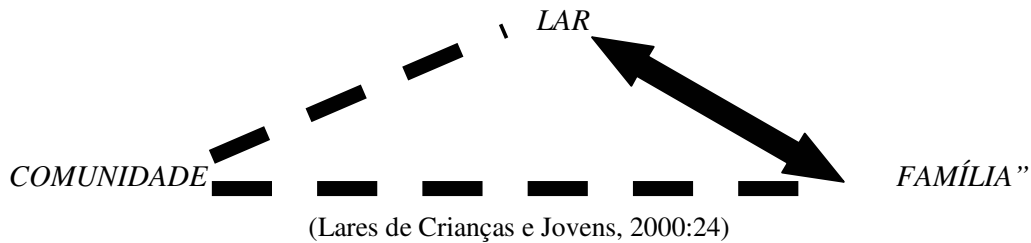
Triângulo de relacionamento nos lares de Institucionalização



Existem também outros lares que têm como princípio a preservação e manutenção do contacto entre a criança e a sua família de origem, menosprezando a abertura à comunidade. É uma política de Acolhimento que se faz neste lares, ou seja, pretende-se que a criança permaneça distante do exterior, fortificando somente uma das

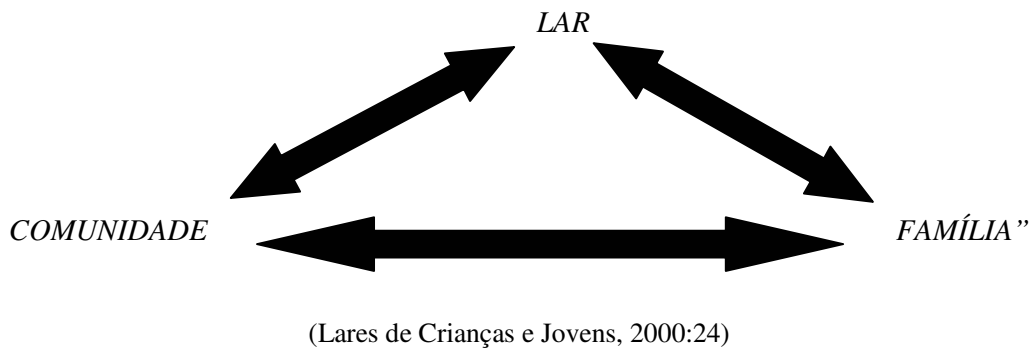
arestas do triângulo de relações.

Triângulo de relacionamento nos lares de Acolhimento



Verifica-se ainda a existência de um tipo de lar cuja política de funcionamento é a de Acompanhamento de crianças/jovens que lá habitam, facultando-lhes e estimulando-lhes o contacto com a família de origem, ao mesmo tempo que apresenta a abertura à comunidade englobante, tanto na participação das crianças/ jovens que acolhe nas actividades desenvolvidas por esta, como na participação comunitária dos eventos efectuados por si.

Triângulo de relacionamento nos lares de Acompanhamento



Através da tipologia criada em função de indicadores de funcionamento foi possível distinguir quatro tipos de lares: os lares de Incorporação, os lares de Acolhimento, os lares de Institucionalização e os lares de Acompanhamento.

O Centro de Emergência Social de Alverca apresenta como filosofia a de Acompanhamento.

4.4.2. Normas e dinâmicas de funcionamento: a organização e o acompanhamento:

Os princípios e os objectivos de uma instituição são reflectidos através das suas normas de funcionamento.

Relativamente à instituição onde se está a desenvolver o estudo, sabe-se que está a funcionar desde 1995 e tem como finalidade acolher temporariamente crianças do sexo masculino e feminino, até aos doze anos de idade, que se encontrem em situação de risco (conforme definido no art.º 3º da cap.I da Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro).

O Centro de Emergência Social de Alverca acolhe crianças em que é necessária uma intervenção multidisciplinar onde a recuperação da criança se assume como o objectivo principal. São criadas as condições necessárias para permitirem, tanto quanto possível, a recuperação e um desenvolvimento harmonioso nos domínios social, educativo, psicológico e da saúde.

No seguimento do acolhimento da criança, é criado um Projecto de Vida que pretende que os interesses da criança sejam defendidos. A data e os horários de visita dos familiares são definidos conforme o processo e a medida de protecção judicial.

Quando a criança frequenta a escola e após a sua integração no Centro de Emergência Social, procede-se à sua transferência para o colégio da Fundação. Existe um espaço próprio no Centro para as crianças receberem as visitas da família biológica e/ou de amigos. As visitas deverão ser antecipadamente marcadas e efectuem-se de segunda a sexta-feira, das 10h00m às 17h30m.

Os contactos com o exterior através do telefone podem ser efectuados, sendo necessário efectuar o pedido ao pessoal de serviço. Relativamente à alimentação, no Centro de Emergência Social, verifica-se que é um nutricionista que a elabora para seguidamente ser aprovada pelos serviços de saúde da instituição. Existe um acompanhamento médico da Equipa Técnica e, sempre que necessário, as crianças frequentam a Clínica de Medicina Física e Reabilitação pertencente à Fundação CEBI.

É promovida a integração das crianças residentes na comunidade. Sendo *incentivada a sua saída da instituição em diversos momentos quer em actividades promovidas pela Fundação, quer com amigos, quer no âmbito do Projecto “Família Amiga” em curso no Centro de Emergência Social (Regulamento Interno do Centro de Emergência Social da Fundação CEBI).*

4.5. Institucionalização e as suas Repercussões

Normalmente, a maneira possível ainda que não a ideal, de ajudar as crianças vítimas de maus-tratos é a retirada do meio familiar. Face a estas situações e tendo como referência Pedro Strecht (2000), a grande maioria destas crianças apresenta uma grande dependência de um meio familiar patológico, demonstrando dificuldades em conseguir dar continuidade ao seu desejo de crescer. Podem-se salientar, segundo Strecht (2000), três quadros que são comuns:

Imaturidades estruturais – crianças com tendência para serem mal organizadas, em que o seu «eu» não se encontra organizado, imaturas e que, apesar de possuírem um potencial intelectual dentro da média, podem apresentar falhas a nível intelectual. Normalmente, estas crianças apresentam sinais de pobreza psicológica, detectáveis através da existência de um discurso e jogo muito ligados ao concreto. As deficiências do investimento parental são demonstradas através de: dificuldades de aprendizagem, atrasos de linguagem e de crescimento, problemas de comportamento, dificuldades no controle de esfíncteres, com enurese, encoprese, ...

Depressões – as crianças apresentam vários níveis de gravidade e de profundidade. Algumas das crianças tristes, ou inibidas, ou com dificuldades de aprendizagem, ou mais frequentemente apresentam comportamentos agitados, pré-delinquentes, com falhas na identidade sexual ou em risco de suicídio, apresentam falhas na auto-estima devido a não serem valorizadas.

Desorganizações pré-psicóticas ou psicóticas – as crianças podem estar confusas, desorganizadas, chegando por vezes a encontrarem-se aparentemente deficitárias, devido a uma inaptidão de evolução e a uma dificuldade em permanecer viva uma dinâmica interior, face à profundidade de acontecimentos traumáticos.

Face à adaptação a um meio extra-familiar, as crianças vão receber um modo de vida novo e um local novo. Pode acontecer que esta acomodação, tanto ao local e como ao modo de vida, leve a algumas dificuldades ou perda de identidade, podendo ocorrer uma luta contra a indiferença, a solidão ou apatia pela sua pessoa. A criança tende a “escolher” um adulto da instituição que o verá como afectivamente significativo e do qual espera atenção. Existirá um efeito reparador do “eu”, se esse adulto der à criança espaço para a poder ouvir dizer o que pensa e o que sente; o que leva a que a criança reconstrua uma confiança no mundo exterior.

Na instituição, é muito importante que a ligação afectiva que une as crianças aos pais seja mantida e respeitada. É na instituição que a criança busca afecto, contenção emocional e física, autoridade protectora e a pouco e pouco, tende a adquirir novas relações às quais atribuirá significados construtivos e saudáveis. O contacto com os pais ou familiares, sobre os quais em nenhuma circunstância se deverá deixar de intervir ou desvalorizar, não poderá ser quebrado, mas sim permitido em fins-de-semana, férias, etc.

Capítulo V – A Acção Social

5.1. A acção social

O conceito de acção social, neste capítulo, surge por considerarmos que o mesmo é uma componente importante na análise de todos os dados, tanto daqueles que decorrem ao longo da investigação empírica, como da investigação bibliográfica.

Vários são os sentidos e âmbitos utilizados na designação de acção social. *Ela pode indicar: i) quer o conjunto das intervenções sociais, públicas e privadas, face aos problemas sociais, ii) quer os dispositivos e técnicas facilitadores e de acompanhamento dos processos de inserção social, iii) quer, ainda, o ramo da política de segurança social, cujas medidas cobriram os riscos não abrangidos pelo esquema previdenciário* (Rodrigues, 2003: 11).

A presente reflexão sobre acção social está relacionada com o terceiro ponto acima referido, pois é nele que se encontra enquadrado o tema abordado na dissertação.

A acção social, tem como objectivos fundamentais a prevenção de situações de carência, disfunção e marginalização social e a integração comunitária. Destina-se ainda a assegurar especial protecção aos grupos mais vulneráveis, nomeadamente crianças, jovens, deficientes e idosos, bem como a outras pessoas em situação de risco, que não sejam, ou não possam ser superadas através dos regimes de segurança social (Artigo 33º, Lei da Segurança Social n.º28/84, de 14 de Agosto).

Quando a protecção social se revela inexistente ou insuficiente, a acção social permite auxiliar ou complementar a protecção social, garantida pelos regimes legais. Do sistema de segurança social fazem parte as Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS). É o estado quem promove e apoia as IPSS, tendo como finalidade o auxílio na execução dos objectivos do Sistema de Segurança Social. Uma das principais formas de associativismo tem sido afirmada pelas IPSS através de um grande património. Estas instituições representam um pólo aglutinador organizado e fulcral. Deste modo, estas, juntamente com o estado, são complementares na realização da justiça social, apresentando-se como um componente imprescindível à acção social – a da solidariedade.

As IPSS não apresentam finalidades lucrativas, sendo criadas através da iniciativa de particulares. Pretendem dar uma significação organizada ao dever de

justiça e de solidariedade, sendo independentes administrativamente de qualquer corpo autárquico ou do Estado.

Os seus principais objectivos face à prestação de serviços e à concessão de bens são: apoiar crianças/jovens, apoiar a integração comunitária e social, proteger dos cidadãos a invalidez e a velhice, proteger e promover a saúde, educar e formar profissionalmente cidadãos e resolver problemas relacionados com a habitação das pessoas.

No passado, a acção social estava relacionada com a pobreza, mas nos dias que correm ela também se encontra associada ao fenómeno da exclusão social. *O desenvolvimento e conteúdo substantivo da Acção Social foi sendo informada por diferentes conceitos de pobreza (nomeadamente o de pobreza relativa e absoluta) e de protecção social* (Rodrigues, 2003: 11).

Tem sido proposta à acção social, a operacionalização de medidas de cariz mais selectivo ou universal e diversas funções, com efeitos ao nível do aumento ou diminuição dos direitos. No entanto, estas modificações não estiveram associadas a reflexões analíticas, causando um aumento da ambiguidade existente em torno do conteúdo da acção social.

Apesar da acção social e das políticas sociais emergirem com o capitalismo, de forma a encarar a questão social, é em pressupostos diferentes que assenta a origem de cada uma delas. É do acordo estabelecido entre movimentos sociais e sindicais e o poder instituído, que derivam as políticas sociais. A acção social apresenta-se como uma apropriação do estado na versão de componente da Segurança Social, ignorando-se as razões e o peso dos interlocutores conhecidos no seu surgimento e respectivo desenvolvimento. *Algumas são as razões que podem ajudar a compreender a ausência destes interlocutores: i) quer o facto de os interlocutores não serem habitualmente públicos destinatários da própria Acção Social, e ii) quer, ainda, pela circunstância de que os destinatários de Acção Social não se constituírem reconhecidamente em interlocutores* (Rodrigues, 2003: 18). Estas diferenciações demonstram no seu interior interesses contraditórios e diferenciados, mas apresentam uma dupla função ideológico-política. *Ao mesmo tempo visam a coesão e harmonia social, têm um potencial legitimação do poder instituído, e constituem-se também em espaços de acesso a recursos e direitos da população excluída* (Rodrigues, 2003: 18). A população mais desfavorecida, através do alcance a um conjunto de garantias sociais e benefícios, pode ser vista socialmente e apresenta grandes possibilidades de ver realizada a sua condição

e exercício de cidadania (ainda que do ponto de vista social, de uma maneira muito restrita).

5.2. Encaminhamento e acompanhamento das crianças e jovens acolhidos

Ao longo deste capítulo intitulado *A acção social* surge a necessidade de sabermos quando as crianças e jovens são acolhidos, qual é o seu encaminhamento e acompanhamento.

No projecto de vida das crianças, o primeiro passo é o acolhimento em lares. A responsabilidade incumbida aos serviços de Segurança Social é a de acompanhar em todo o processo de acolhimento a definição de procedimentos, os princípios a realizar e ainda a obrigação de discutir com os lares o acompanhamento do projecto de vida definido para as crianças.

Estas instituições assumem a finalidade de proporcionar às crianças desprovidos de meio-familiar, condições de vida idênticas às das estruturas familiares, facilitando-lhes o seu bem-estar e um desenvolvimento saudável a nível intelectual, físico e emocional.

Estas instituições, pelos objectivos que se propõem cumprir, devem votar a sua actividade às crianças e aos jovens que acolhem; o funcionamento da instituição em função de si própria e das normas e regras por si impostas não permite cumprir os objectivos a que se propõe enquanto lar de acolhimento de crianças e jovens (Lares de Crianças e Jovens – Caracterização e Dinâmicas de Funcionamento, 2000: 102). A instituição não deve ver como uma ameaça a abertura à comunidade envolvente, nem às famílias dos menores acolhidos, nem à rotina ou ordem estabelecida. Quando é o interesse das crianças que está em causa, verifica-se que, quanto maior for a estreiteza de contactos com o mundo exterior, menores serão os efeitos negativos da institucionalização. Se se seguir esta orientação, constata-se que crianças e técnicos obtêm mais facilmente o acesso a oportunidades de experienciarem e absorverem afectividades e referências enriquecedoras.

Quando é possível os lares de crianças manterem alguma proximidade com a família de origem ou outras pessoas que mantinham ou mantêm relações de afectividade, verifica-se que essa proximidade é, na maioria das vezes, fulcral para um saudável desenvolvimento emocional. *De facto, todos temos um passado, que*

condiciona aquilo que somos; ignorá-lo ou escamoteá-lo é levar estas crianças a crescerem interiorizando nas suas identidades a ideia de que uma parte das suas vidas não é (ou não deve ser) aceite (Lares de Crianças e Jovens – Caracterização e Dinâmicas de Funcionamento, 2000: 102).

Aos Serviços de Segurança Social sugere-se o estabelecimento de contactos mais próximos com os lares, divulgando às instituições as vantagens de abertura ao mundo exterior. À Segurança Social é-lhe incumbido o papel de fornecer pareceres e apoios precisos às alterações das culturas institucionais no sentido de uma maior abertura.

PARTE II

INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Capítulo I - Opções Metodológicas

Quando iniciámos o presente estudo, surgiu-nos a questão de qual seria o modelo conceptual que iríamos adoptar e que instrumentos e técnicas recorreríamos.

Na pesquisa documental, utilizámos as técnicas documentais clássicas de recolha de dados. Efectuámos um levantamento da bibliografia existente com interesse para a nossa investigação. As referências bibliográficas foram organizadas de acordo com os vários temas que se pretenderam desenvolver no estudo. Consultámos diversa bibliografia, cada uma com as suas especificidades. A bibliografia de referência terá por base a consulta de enciclopédias e dicionários especializados, em que o objectivo é o fornecimento de um seguimento para penetrar nos assuntos em pesquisa e encaminhar para uma bibliografia mais credível. A bibliografia de bibliografias é informação extraída da citação dos autores. A bibliografia on-line é a recolha bibliográfica efectuada nos sites de universidades, editoras e bibliotecas. Fizemos cuidado com a informação recolhida da Internet, procurando verificar a sua validade.

A pesquisa documental, para além da de campo, é o suporte de toda a informação recolhida na revisão bibliográfica. Esta tem como principais objectivos ler, seleccionar, interpretar e tratar informação que se vai extraindo dos vários tipos de suporte. Esta actividade sendo uma das que são necessárias para a realização de uma dissertação de mestrado, é aquela que se começa a realizar desde muito cedo, por vezes até pode ocorrer antes do ingresso no Mestrado. *A escolha das leituras deve ser realizada com muito cuidado. Qualquer que seja o tipo e a amplitude do trabalho, um investigador dispõe sempre de um tempo de leitura limitado...Não há nada mais desesperante do que verificar, após várias semanas de leitura, que não se está muito mais avançado do que no início. O objectivo é, portanto, fazer o ponto de situação acerca dos conhecimentos que interessam para a pergunta de partida, explorando ao máximo cada minuto de leitura.* (Quivy, 2003: 51 e 52)

Considerou-se que o método qualitativo era a metodologia mais adequada a esta investigação, porque o que se pretende compreender é a conduta humana. Classificámos o estudo como qualitativo devido às suas características, tais como, objectivos, questões

de investigação e fontes de recolha de dados. *A investigação qualitativa é descritiva. A descrição deve ser rigorosa e resultar directamente dos dados recolhidos. Os dados incluem transcrições de entrevistas, registos de observação, documentos escritos (pessoais e oficiais), fotografias e gravações vídeo. Os investigadores analisam as notas tomadas em trabalho de campo, os dados recolhidos respeitando, tanto quanto possível, a forma segundo a qual foram registados ou transcritos.* (Carmo & Malheiro, 1998:177 e 180)

Assim, a identificação, organização e processamento dos dados apresenta características próprias da metodologia qualitativa. Este tipo de metodologia dá origem a estudos ricos em análise das situações e dos processos sociais, em geral, devido a uma das suas características fundamentais, que é a capacidade de descrever minuciosamente os fenómenos empíricos.

Foram as Ciências Sociais as impulsionadoras da investigação qualitativa, o que leva à escassez de referências a seu respeito por parte dos investigadores. Este tipo de investigação leva a uma maior proximidade, quer a nível simbólico (linguagem), quer a nível físico (espaço), entre os participantes e o investigador. Foi na observação, na entrevista e na análise de documentos que centrámos o estudo.

Seguindo a linha de pensamento de Woods (1987), a “*triangulação*” ou seja, a combinação de formas de recolha de dados permite-nos obter maiores garantias na validade do estudo. Referindo que *na investigação em ciências sociais, a utilização de três métodos diferentes ou mais para explorar um problema aumenta enormemente as possibilidades de exactidão.* (Woods, 1987: 102)

O tipo de investigação é o estudo de caso descritivo, pois pretende-se efectuar a observação directa e descritiva, tendo por base um estudo qualitativo. *O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico.* (Bogdan & Biklen, 1994: 89)

Nesta dissertação, a investigação é o estudo de caso descritivo onde pretendemos efectuar a observação directa e descritiva, tendo por base um estudo qualitativo. Será um estudo de caso porque investiga um fenómeno no seu contexto real com validade para essa realidade que são os comportamentos e atitudes de crianças vítimas de maus-tratos residentes no Centro de Emergência Social da Fundação CEBI.

Citando Hermano Carmo e Manuela Malheiro, *o estudo de caso constitui a estratégia preferida quando se quer responder a questões de “como” e “porquê”, o investigador não pode exercer controlo sobre os acontecimentos e o estudo focaliza-se*

na investigação de um fenómeno actual no seu próprio contexto. (Carmo & Malheiro, 1998: 216)

Num estudo de caso existem sete categorias, que segundo Ludke & André (1986) são essenciais: *Visam a descoberta; Enfatizam a interrupção em contexto; Buscam retratar a realidade de forma completa e profunda; Usam uma variedade de fontes de informação; Revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalistas; Procuram representar os diferentes às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social; Os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.* (Ludke & André, 1986: 18 à 20)

A análise documental, a entrevista e a observação directa são os métodos utilizados neste estudo.

Um dos instrumentos de análise utilizados é o inquérito. Segundo Carmo (1986), *a palavra inquérito, significa etimologicamente tentar descobrir: sempre que utilizamos uma forma organizada de tentar descobrir alguma coisa de forma sistematizada, estamos perante a ideia do inquérito.* Para a obtenção de informações, privilegiámos a observação participante, entrevistas às crianças e entrevistas aos técnicos que estão diariamente com elas.

Nas entrevistas, é necessário considerar que *o objectivo de qualquer entrevista é abrir a área livre dos dois interlocutores no que respeita à matéria da entrevista, reduzindo, por consequência a área secreta do entrevistado e a área cega do entrevistador.* (Carmo & Malheiro, 1998: 126)

Na fase de planeamento das entrevistas, elaborámos um guião que teve como objectivo definir a sequência das questões e os conteúdos.

Para conhecer melhor a realidade que envolve as crianças, realizámos dois tipos de entrevistas: a semi-estruturada e a estruturada aos técnicos do CES e aos professores, e a semi-estruturada às crianças.

Ludke & André (1986) referem que as entrevistas semi-estruturadas desenrolam-se a partir de um esquema básico e não são aplicadas rigidamente. Sendo necessário, o entrevistador pode efectuar adaptações.

As entrevistas estruturadas têm como finalidade resolver dados específicos das crianças, e poder identificar alguns aspectos da sua personalidade para efectuar a sua caracterização.

Efectuámos um total de dezassete entrevistas: duas à educadora Elisabete, sobre a vida das crianças e o CES, uma a cada professor das cinco crianças, sobre os seus comportamentos em contexto escolar; cinco à psicóloga Mafalda sobre os comportamentos, a família e o acolhimento de cada criança e cinco às cinco crianças, para conhecer seu percurso de vida.

As entrevistas foram realizadas em espaços diferentes. Com os membros da Equipa Técnica do CES e as crianças, as entrevistas realizaram-se num gabinete do CES. Com os professores, as entrevistas foram realizadas na respectiva sala-de-aula.

Preocupámo-nos substancialmente com as condições psicológicas associadas à situação da entrevista, tendo sido previamente apresentados aos entrevistados os guiões de entrevista.

Através da observação participante pretendemos uma melhor integração, interacção e compreensão das crianças e adultos do CEBI, podendo deste modo registar a dinâmica e a interacção com o meio e recolher dados de vários tipos.

A observação participante propriamente dita tem como finalidade recolher informações que traduzam o conceito e obter as informações necessárias para posteriormente proceder à aplicação do tratamento dos dados e à verificação das hipóteses.

Para o presente estudo realizámos no contexto escolar e institucional um total de vinte e duas observações às crianças.

O mergulho foi restrito, ou seja, o investigador tem um posicionamento distanciado face ao objecto de estudo, uma vez que a observadora é exterior ao CES, ou seja, não se encontra a trabalhar nessa instituição, só sendo a ela dirigido para realizar o estudo.

Outro método de recolha de dados foi a pesquisa documental que *também incluem* [as pesquisas documentais] *aquilo que outros criaram e que o investigador encontra, tal como diários, fotografias, documentos oficiais e artigos de jornais.* (Bogdan & Biklen, 1994: 149) Consultámos vários trabalhos cujo campo científico se encontra próximo do do presente estudo. Esta consulta teve como principal objectivo comparar os resultados obtidos nesta dissertação com os de outros estudos.

Foi com o intuito de complementar os resultados obtidos nas entrevistas e observações que utilizámos a análise documental como uma técnica de recolha de dados. Foram consultados o Regulamento Interno do CES, fichas individuais das

crianças, cadernos diários dos alunos e dossiers existentes no CES, facultados pela psicóloga.

A escolha destas técnicas e instrumentos deve-se ao facto de serem os mais adequados para recolher dados sobre as crianças vítimas de violência familiar.

O plano de investigação empírica desenvolveu-se em quatro fases:

Na primeira fase do estudo empírico e da investigação, realizámos o levantamento de dados sobre o CES, através da consulta do seu Regulamento Interno, de entrevistas estruturadas com perguntas abertas de média duração, a um membro da Equipa Técnica do CES – Educadora Elisabete - e da caracterização das crianças que frequentam o Centro. Esta caracterização baseou-se nos dados que constam das suas fichas individuais: faixas etárias, sexo, região de proveniência, grupo sócio-económico, data e, causa da admissão. No final desta primeira fase, a informação foi informatizada. Procedemos à análise dos dados e efectuámos uma caracterização da população do CES, através da construção de gráficos.

Na segunda fase do estudo empírico da investigação, realizámos entrevistas aos membros da Equipa Técnica do CES – Educadora Elisabete e Psicóloga Mafalda - e aos professores das crianças. As entrevistas às crianças e aos membros da Equipa Técnica do CES foram semi-estruturada, com perguntas abertas de média duração, enquanto que aos professores das crianças e à psicóloga, as entrevistas foram estruturadas. As informações recolhidas durante as entrevistas foram informatizadas, para seguidamente efectuarmos um guião de entrevista semi-estruturada, para realizar às crianças.

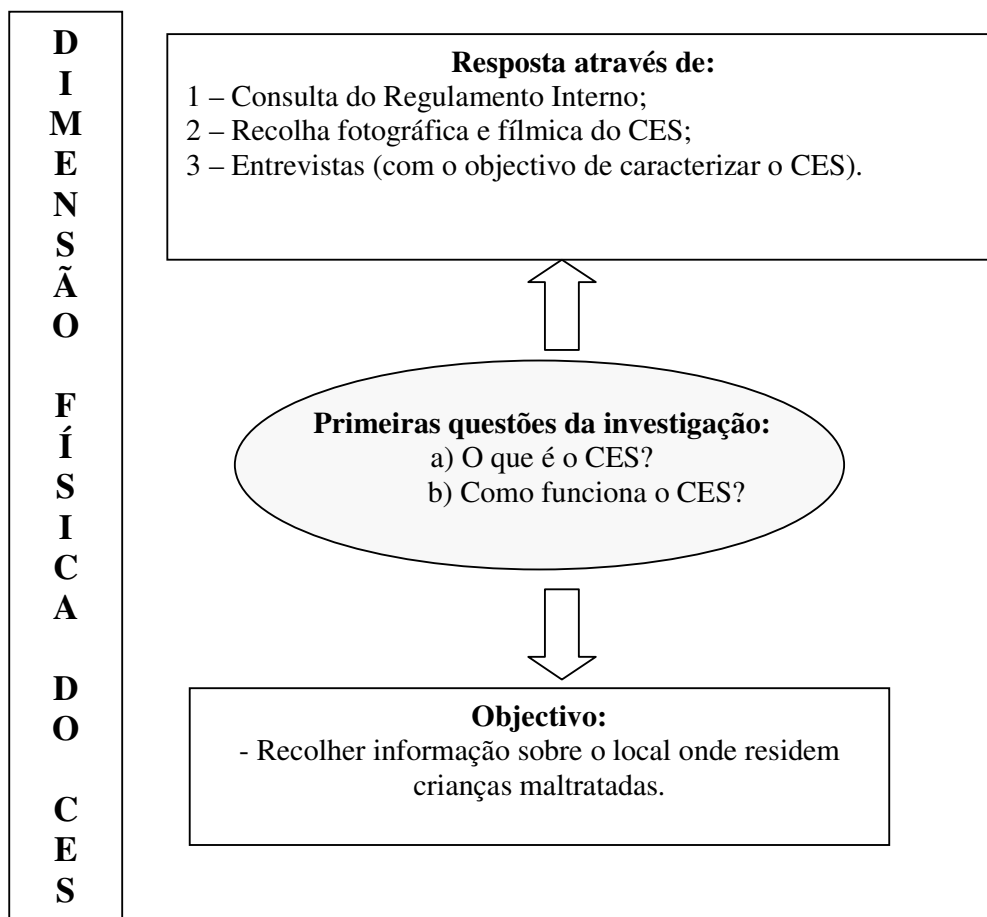
Na terceira fase do estudo, efectuámos as entrevistas às crianças seleccionadas e procedemos a observações directas, informatizando-se também os resultados.

Na quarta e última fase, analisámos e tratámos os dados recolhidos ao longo da investigação empírica.

Como já foi por nós anteriormente referida, a questão de partida para a presente investigação foi:

- De que forma é que os maus-tratos sofridos na família, afectam os comportamentos e as atitudes das crianças que residem no Centro de Emergência Social de Alverca?

Para alcançarmos a meta proposta com essa questão de partida, organizámos algumas questões de investigação, que se relacionam com esclarecimentos sobre o CES, a identificação de comportamentos e atitudes das crianças que ali residem, e a forma como vivem o seu quotidiano. Estas mesmas questões pretendem alcançar os objectivos do presente estudo, nomeadamente recolher informações sobre crianças maltratadas e negligenciadas, bem como sobre atitudes e padrões de comportamentos que elas apresentam. Através dessas questões de investigação por nós seleccionadas, pretendemos estender o nosso conhecimento a vários domínios e elementos (conforme apresentamos nos quadro seguintes): as dimensões física e humana do CES, as relações humanas e a caracterização global das 5 crianças.



**D
I
M
E
N
S
Ã
O

H
U
M
A
N
A**

Resposta através de:
4 – Entrevistas a educadores e psicólogos (para conhecer a integração social dos residentes, perceber como é o dia a dia dos residentes dentro do CES);
5 – Caracterização quantitativa da população.

Segundas questões da investigação:
c) Quais as características da população do CES?

Objectivo:
- Recolher informação sobre crianças maltratadas.

**R
E
L
A
Ç
Õ
E
S

H
U
M
A
N
A
S**

Resposta através de:
6 – Conhecimento dos horários (semanal e fim-de-semana)
7 – Conhecimento das tarefas realizadas pelas crianças

Terceiras questões da investigação:
d) Qual a relação dos residentes com o CES?
e) Como é passado o dia-a-dia das crianças dentro do CES?

Objectivo:
- Observar como é que estas crianças vivem o seu dia-a-dia.

**A
M
O
S
T
R
A

5
C
R
I
A
N
Ç
A
S**

Resposta através de:

- 8 – Entrevista aos técnicos (para obter uma caracterização das crianças)
- 9 – Entrevista às crianças;
- 10 – Observação das crianças.



Quartas questões da investigação:

- f) Quais são os comportamentos das crianças em estudo, perante as várias situações do seu dia-a-dia?
- g) Quais as suas atitudes, face a situações de vivência traumáticas?
- h) Quais as características da personalidade destas crianças?



Objectivos:

- Verificar como os maus-tratos influenciam comportamentos;
- Identificar determinadas atitudes resultantes do percurso de vida das crianças em estudo;
- Verificar como os maus-tratos influenciam o seu percurso de vida.

Capítulo II - Instrumentos de Análise

2.1. O inquérito por entrevista

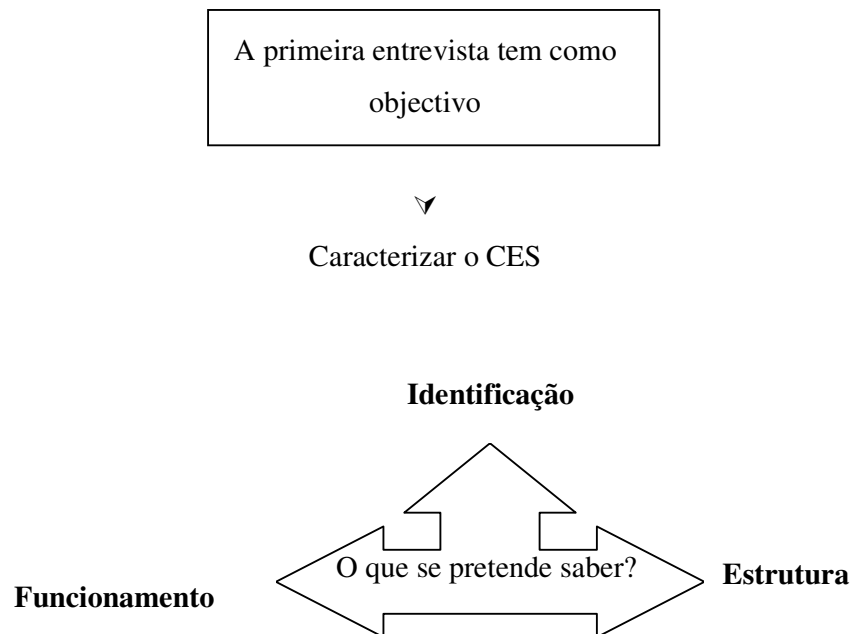
O presente estudo privilegia o inquérito por entrevista, pois considerámos ser este um meio em que se obtêm muitas informações importantes.

O inquérito por entrevista foi aplicado a várias pessoas que contactam diariamente com as crianças observadas, assim como às próprias crianças.

Antes da execução do inquérito por entrevista, foi elaborado e entregue, aos entrevistados, um guião com os objectivos pré-definidos.

As entrevistas realizadas à educadora da Equipa Técnica do CES e às crianças são semi-estruturadas, com perguntas abertas de média duração. As entrevistas realizadas à psicóloga e aos professores são estruturadas.

Seguidamente, apresentam-se os objectivos, assim como, o que se pretende saber nos cinco modelos de entrevistas realizadas.



- **Identificação**
 - Quantos Centros de Emergência Social pertencentes à Fundação CEBI existem? Localização?
 - Qual o Estatuto Jurídico do CES?

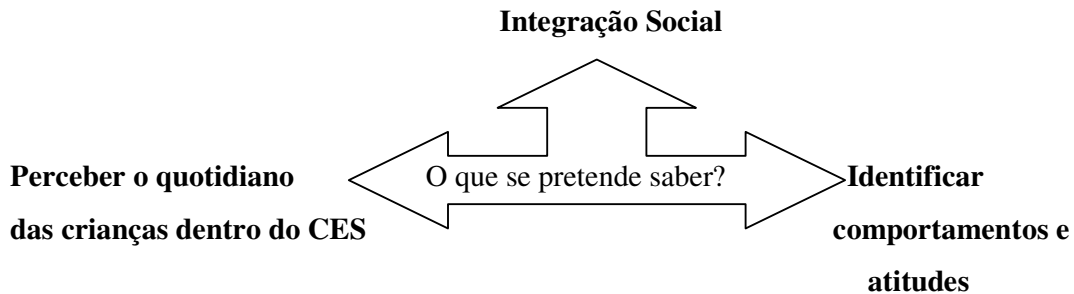
- **Funcionamento**
 - Quantos funcionários tem o CES? Como estão categorizados? Quais as funções das categorias?
 - A admissão só se efectua através do pedido das entidades competentes? Se chegar uma mãe para acolher o seu filho, o CES acolhe-o?
 - Quais são o critérios de prioridade no ingresso?
 - Existe o relacionamento das crianças com a família? Como?
 - O CES integra crianças com deficiência? Porquê? Desde sempre ocorreu essa integração.
 - Como é assegurado o sistema de vigilância das crianças? Funcionou sempre do mesmo modo?
 - As crianças realizam alguma tarefa doméstica (quem faz as camas)?

- **Estrutura**
 - Como é que o CES sobrevive? Que apoios tem?
 - Quantas crianças residem no CES?
 - O CES manteve sempre esta estrutura?
 - O número de crianças acolhidas aquando a abertura do CES é idêntico ao mesmo número de hoje?
 - Em termos físicos existem muitas alterações desde o nascimento do CES até hoje? Quais?
 - O que é a copa?

A segunda entrevista tem como
objectivo



Conhecer a Vida das Crianças



- **Integração Social**
 - Quando e como ocorre a saída das crianças do CES?
 - No caso do projecto de vida ser a institucionalização, as crianças podem ficar no CES?
 - Quando saem definitivamente como ocorre a integração social, a nível familiar?
 - Após a saída do CES, existem casos de exclusão social?
- **Perceber o quotidiano das crianças dentro do CES**
 - Quais são as actividades de lazer que estão disponíveis para as crianças?
 - Existe a comemoração de dias festivos? Quais?
 - As festas são abertas à comunidade?
 - São efectuadas iniciativas que promovem o desenvolvimento pessoal e social?
- **Identificar comportamentos e atitudes**
 - Caracterize as crianças através de adjectivos.
 - Que comportamentos é que as crianças evidenciam (na generalidade)?
 - Em crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos quais são os comportamentos mais frequentes?

- Quais as atitudes que as crianças demonstram face a situações de violência?
(ex. brigas entre os residentes)

- E quando existe a situação de briga como reagem as crianças que estão a assistir?

- Na televisão e essencialmente na comunicação social tem-se ouvido falar bastante de crianças vítimas de maus-tratos. Como é que reagem as crianças aqui no CES?

E se escolherem filmes violentos?

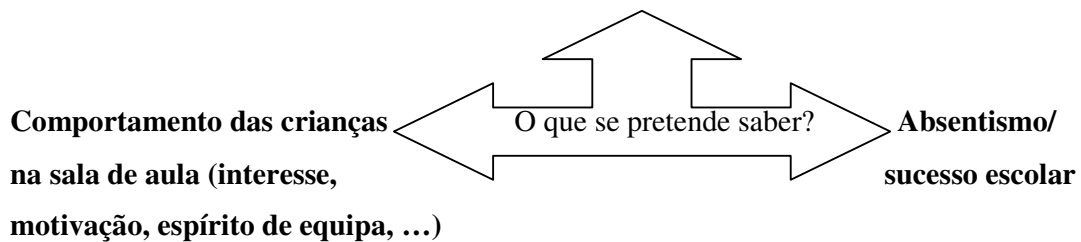
- Que características de personalidade se encontram mais vincadas nestas crianças?

A terceira entrevista tem como
objectivo



Conhecer comportamentos e atitudes das crianças
no contexto escolar

**Atitudes das crianças nas actividades
exteriores/interiores à sala de aula**

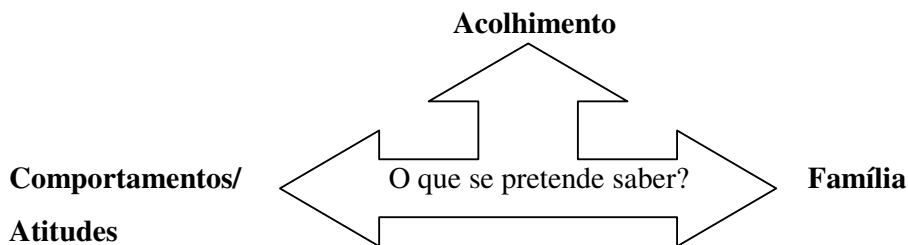


- **Atitudes da criança nas actividades exteriores/interiores à sala de aula**
 - Quais são as atitudes da criança face a situações mais violentas?
 - Quais as características de personalidade da criança em estudo?
- **Comportamento da criança na sala de aula (interesse, motivação, espírito de equipa, ...)**
 - Quais são os comportamentos que as crianças manifestam diariamente?
 - Caracterize as crianças através de adjectivos?
- **Sucesso escolar**
 - A criança é interessada?
 - A criança é empenhada?

Quarta Entrevista tem como
Objectivo



Verificar como os maus-tratos influenciam comportamentos;
Identificar determinadas atitudes resultantes do seu percurso de vida;
Verificar como os maus-tratos influenciam o seu percurso de vida.



● **Acolhimento:**

- Quais foram os motivos que levaram ao acolhimento da criança no CES?
- Como se efectuou a integração e a evolução psicológica da criança?
- Em que medida é que o CES contribuiu para melhorar o nível de vida da criança?
- Quais as perspectivas de futuro para a criança?
- A criança manifesta saudade de alguém ou de alguma coisa que deixou para trás?
- Como reage a criança face às regras e aos horários do CES?
- Como encara a criança o facto de ter que viver num Centro de Acolhimento?

● **Família:**

- Como era o ambiente da família da criança?
- A criança mantém algum contacto com a família? Se sim, como se tem mantido a relação com a família nos últimos tempos?
- Existe a possibilidade de reintegração na família? Se sim, como se procederá?

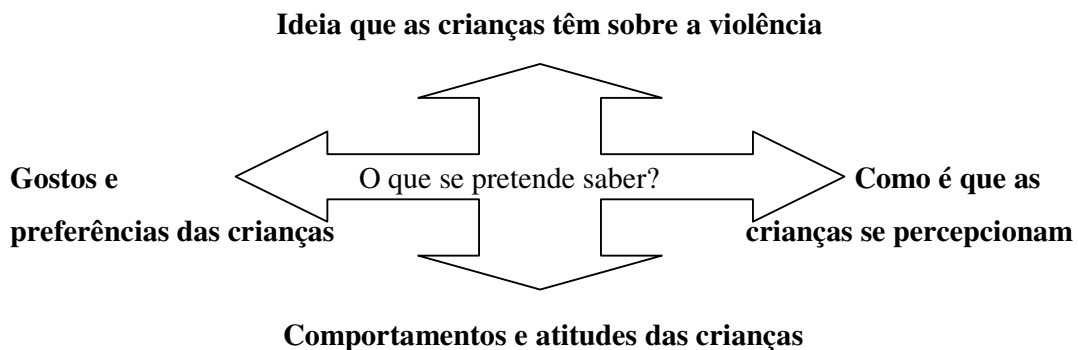
Comportamentos/ atitudes:

- Desde que a criança foi integrada no CES, mudou as atitudes, a forma de estar, os comportamentos? De que forma?
- A criança apresenta níveis de ansiedade? Quais são as causas? Quais os comportamentos advenientes?
- Quais são os comportamentos/ atitudes da criança com os adultos? E com os pares?
- A criança apresenta atitudes de violência? Se sim, em que situações?
- Quando a criança percebe perigo, como reage?
- Como caracteriza a criança psicologicamente?

A quinta entrevista tem como
objectivo



Verificar como os maus-tratos influenciam comportamentos;
Identificar determinadas atitudes resultantes do percurso de vida das crianças;
Verificar como os maus-tratos influenciam o seu percurso de vida



- **Ideia que as crianças têm sobre a violência**
 - Existem crianças mais violentas do que outras? Justifica a resposta.
 - Achas que os homens são mais violentos do que as mulheres? Se sim, porque é que achas que isso acontece?
 - Para ti, o que leva a que existam pessoas mais violentas do que outras?

- **Gostos e as preferências das crianças**
 - Gostas de viver no CES? O que mais gostas no CES? E o que menos gostas? O que mais gostas de fazer no CES? O que menos gostas de fazer no CES?
 - Como costumavas passar os teus tempos livres? Quais são as tuas brincadeiras favoritas? Porquê?
 - O que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?
 - Qual foi o filme que mais gostaste de ver? Porquê? Qual foi o filme que menos gostaste de ver? Porquê?
 - O que mais gostas da escola? O que menos gostas da escola?

- Na tua vida qual foi o acontecimento que mais gostaste? Na tua vida qual foi o acontecimento que mais gostaste?

- **Como é que as crianças se percebem**

- Como é que achas que tu és?
- Se pudesses modificar algo em ti, o que mudarias?
- Como te caracterizas fisicamente?
- Como te caracterizas psicologicamente.

- **Comportamentos e atitudes das crianças**

- És conflituoso? Porquê?
- Onde quer que estejas, contribuis para que exista sempre um bom ambiente?
- Respeitas as pessoas que estão ao teu redor?
- Ouves com atenção o que os outros têm para te dizer?

2.2. A observação

Durante o estudo, tencionámos efectuar várias observações. Inicialmente, pretendemos observar as instalações do CES e posteriormente observámos as crianças e os seus comportamentos em várias situações do dia-a-dia. Realizou-se uma grelha que utilizada para fazer o registo da observação, sendo a sua disposição a seguinte:

Data: ____/____/____

Instrumentos utilizados para registar a observação:

Técnica de observação escolhida:

Questões deontológicas respeitadas:

O que observar:

Observação:

As observações decorreram entre Fevereiro e Junho de 2006, num total de vinte e três. Apenas na primeira sessão se recorreu a filmagens e observámos as instalações do CES sendo a técnica escolhida a da observação não participante. Nas restantes recorreu-se à observação participante, tendo como prioridade máxima a preservação da privacidade das crianças. Ao longo das várias observações, em que se efectuaram registos escritos, pretendemos analisar o comportamento e as atitudes das crianças: em contexto escolar, durante actividades e ao longo do dia.

Capítulo III - Campo da Investigação

Este capítulo tem como objectivo principal caracterizar o espaço onde se desenrola a investigação empírica. Inicialmente, faz-se a caracterização do contexto institucional, ou seja, o concelho e a freguesia onde se encontra implementada, instituição que se super entende a Fundação CEBI. Seguidamente, caracteriza-se o próprio CES, tendo em consideração a orgânica, o funcionamento e a dimensão física e humana.

Por último, pretende-se ainda fazer uma caracterização das crianças acolhidas no CES, tendo em consideração aspectos das suas personalidades, a integração social e a rotina diária.

3.1. Caracterização do Contexto Institucional

3.1.1. O concelho de Vila Franca de Xira:

O Centro de Emergência Social de Alverca pertence à Fundação CEBI, que se localiza na freguesia de Alverca do Ribatejo, concelho de Vila Franca de Xira.

Este concelho, com um total de 293,88 km², pertence à área Metropolitana de Lisboa. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística, do ano de 2001, tem uma população com cerca de 122 908 habitantes.

Encontra-se subdividido em 11 freguesias, sendo limitado a norte pelos municípios de Alenquer e Azambuja, a leste por Benavente, a sul pelo estuário do Tejo, a sul e oeste por Loures e a noroeste por Arruda dos Vinhos. As freguesias de Vila Franca de Xira são as seguintes: Alhandra, Alverca do Ribatejo, Cachoeiras, Calhandriz, Castanheira do Ribatejo, Forte da Casa, Póvoa de Santa Iria, São João dos Montes, Sobralinho, Vialonga e Vila Franca de Xira.

A ocupação da área que actualmente corresponde à freguesia de Vila Franca de Xira data do período final do Neolítico e do período Calcolítico, existindo ainda vestígios dessa ocupação nas grutas da Pedra Furada, construídas como espaços funerais colectivos.

Entre os séculos II e IV junto ao Tejo, mais precisamente em Povos, existiu uma área ocupada durante a época da civilização romana.

Recentemente, as pesquisas arqueológicas colheram vestígios de habitações muçulmanas e algum material cerâmico no Monte de do Senhor da Boa Morte.

A construção dum castelo no alto do monte data da reconquista cristã, evidenciando-se no foral doado por D. Sancho I, aos moradores do Castelo de Povos, em 1195, a sua importância defensiva. Actualmente, ainda é possível visitar um conjunto de sepulturas antropomórficas escavadas na rocha, datadas dessa época.

Pensa-se que a denominação do concelho – Xira – se deve à herdade de Cira, localizada um pouco a sul de Povos, a qual fora doada em 1206 a D. Froila Ermiges, que posteriormente concedeu foral, em 1212, aos moradores de Vila Franca e Cira.

Foi devido à sua localização privilegiada, que Vila Franca se desenvolveu como centro em que as trocas comerciais desempenhavam um papel importante e as vias fluviais eram as facilitadoras das comunicações. As actividades detentoras de um grande peso na economia local eram a agricultura, a pesca, o artesanato e a actividade comercial.

Actualmente, Vila Franca de Xira, do ponto de vista administrativo, integra as lezírias (propriedades pertencentes à Casa Real e à igreja Patriarcal). Estas influenciaram o trabalho e as deslocações sazonais das pessoas da outra margem do rio, devido à exploração pecuária e agrícola. Em 1836, após a constituição da Companhia das Lezírias, a maioria destes terrenos passou a estar na posse dessa importante empresa agrícola.

O concelho, no final do século XIX, assistiu à implantação de centros fabris, ocorrendo um grande desenvolvimento, originado não só por esta industrialização, como também pela abertura do primeiro troço da linha-férrea, entre Lisboa e Carregado. A atracção para esta região de pessoas oriundas de diversas zonas do país deveu-se ainda à melhoria das comunicações rodoviárias (construção do troço da auto-estrada Lisboa - Vila Franca e da ponte sobre o Tejo.)

Esta região apresenta festas, vivências e gostos ligadas à tauromaquia e ao campino, devido à criação de gado bravo nas suas lezírias.

As feições comercial e urbana destacaram-se ao longo do século XX, e nos dias de hoje, Vila Franca de Xira está convertida num centro nevrálgico de comunicação e de serviços. O concelho apresenta, ao nível da actividade económica, uma estrutura bastante terciarizada, que tem como base as empresas, a logística, o comércio e os serviços prestados, ocorrendo uma diminuição do peso do sector secundário, essencialmente na indústria transformadora.

3.1.2. A Freguesia de Alverca do Ribatejo:

Alverca do Ribatejo, freguesia do concelho de Vila Franca de Xira onde se localiza a instituição em estudo, apresenta São Pedro como orago. Consta como uma das freguesias mais importantes do concelho de Vila Franca a segunda maior, em superfície e a mais populosa.

Esta freguesia, encontra-se localizada próximo das antigas portas de Lisboa, as quais, no século XVIII significavam o princípio e o termo desta cidade e o sul do Ribatejo. Eram definidas por dois belos e airosos obeliscos, que ainda em bom estado de conservação, foram mandados construir em 1782, pela rainha D. Maria I.

Apresenta 17,89 km² de área e 29 086 de habitantes (2001), sendo a densidade de 1 625,8 hab/km².

Situa-se na margem direita do Rio Tejo, tendo na sua constituição uma aprazível planície, conjugada com outeiros e vales. Faz fronteira, a nordeste com a freguesia do Sobralinho, a noroeste com o Calhandriz, a oeste com Bucelas (concelho de Loures), a sul, com Vialonga e Forte da Casa, e a leste, com o rio Tejo.

É para se distinguir da sua homónima beirã, Alverca da Beira (que se localiza entre Pinhel e a Guarda) que Alverca do Ribatejo apresenta o apelido regional.

Em 1918, efectua-se a instalação do Parque de Material Aeronáutico, para posterior e sucessivamente se irem instalando outras Unidades Militares.

A ligação à História da Aviação Portuguesa é uma das principais características de Alverca. Foi em 1919 que foram criadas as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico (OGMA) e o aeródromo militar. Foi também nesta freguesia que pela primeira vez funcionou um aeroporto internacional português, designado de Campo Internacional de Aterragem, o qual até 1940, data de inauguração do aeroporto da Portela, serviu Lisboa.

Julga-se que os fundadores da povoação original foram os Árabes, no séc. IX ou X.

Objecta-se que uma pequena comunidade de mouros viveu em Alverca, na colina do Castelo, no sítio do Adarce. Estes sobreviviam da extração de sal, fazendo dele comércio, da caça, da agricultura e da pesca. Os toponímicos existentes - Adarce (Á-de-Arce), Á-dos-Potes, À-dos-Merlos, Arcena (À-de-Cena), etc. – indicam que assim fosse. A própria palavra Alverca é de origem árabe: «Alborca», que significa terra alagadiça.

Em 1147, após a conquista de Santarém, segue-se a conquista de praças importantes, como é o caso de Lisboa, Sintra, Palmela e Almada. Alverca e outros

povoados de pequenas dimensões, no decorrer deste período, foram agregados pelas aguerridas hostes de D. Afonso Henriques, que os ofereceu aos cruzados que o tinha auxiliado na conquista e povoamento de Lisboa.

Foi após a 2ª Guerra Mundial que esta freguesia de cariz rural viveu o rebrandamento de uma explosão a nível demográfico e industrial, tornando-se actualmente na freguesia mais populosa do concelho. O seu ritmo de crescimento foi muito rápido, ocorrendo simultaneamente o desenvolvimento do comércio, da indústria e do sector de serviços. Aqui chegaram muitas pessoas vindas de todas as regiões do país, à procura de novos empregos ou de dormitório, considerando a sua proximidade da capital.

A 9 de Agosto de 1990, Alverca é elevada à categoria de cidade, como consta na aprovação da Assembleia da República, de 13 de Julho de 1990.

O progressivo desenvolvimento contribuiu para que Alverca seja conhecida por tudo o que a envolve, como é o caso dos bolos de Natal, dos seus saborosos e afamados queijos de ovelha e dos seus aviões.

Apresenta como principais atractivos o Museu do Ar e a Igreja dos Pastorinhos (que encerra o segundo maior carrilhão da Europa e o terceiro do mundo).

Outros locais a visitar, aquando da estadia nesta cidade, são: a Casa da Câmara, a Quinta do Cochão, a Igreja da Misericórdia, a Igreja Matriz de S. Pedro, o Largo do Pelourinho, a Ermida de S. Clemente, o Museu Municipal e os Padrões.

Existem muitos sabores a desvendar à mesa, em Alverca do Ribatejo. Estes possuem essencialmente influência ribatejana. Aqui era tradição a realização de uma Feira Santa onde, na Quinta-feira Santa, se comia uma sopa que continha castanhas piladas, feijão branco, arroz, coentros e açúcar.

A cidade, que continua em constante desenvolvimento, encontra-se animada no mês de Junho, pela Festa de S. Pedro.

3.1.3. Caracterização da Fundação Centro de Bem-estar Infantil de Alverca (CEBI):

O impulsionador principal da Fundação CEBI foi José Álvaro Vidal. É a ele que se encontram associadas as origens e a dinâmica própria da Fundação. A obra que Vidal sonhou, está actualmente a ser seguida por um Conselho de Administração.

Os marcos centrais no caminho percorrido pela Fundação até aos dias que correm, são:

1968 – O Jardim-de-infância da Paróquia de S. Pedro de Alverca abriu as portas a 25 de Novembro. Eram quatro o número de crianças a frequentá-lo. Estas eram acompanhadas por colaboradoras, em regime de voluntariado.

1974 - Foi publicado no “Diário do Governo” a 31 de Janeiro, o estatuto do Centro de Bem-Estar Infantil de Alverca do Ribatejo, assumindo o papel de instituição particular de assistência de tipo associativo.

Esta instituição, a partir da década de oitenta, passou a ter também Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário. À população da região foi ainda proporcionado um Serviço de Fisioterapia, sendo a intervenção alargada a outros domínios da saúde.

1982 – O principal objectivo que o CEBI assume neste ano é o de promover e auxiliar a população da Freguesia de Alverca. Passa de uma intervenção de natureza exclusivamente sócio-educativa, para uma intervenção comunitária.

1983 – Aos adolescentes que frequentavam o ciclo preparatório das escolas da região, proporcionou-lhes a possibilidade de apoio, no Clube de Jovens.

1990 – Foram iniciadas actividades de Externato, com a leccionação do 1º Ano do 1º ciclo do Ensino Básico, numa perspectiva de educação global, integrada e contínua.

1991 – Começa a funcionar um Lar para Idosos, que apresenta excelentes instalações, dispondo de cinco andares e onde trabalham pessoas qualificadas.

1992 – É alterada a designação da instituição para CEBI.

1995 - A 25 de Novembro e após um processo de transformação demorado, o CEBI foi constituído como Fundação. É neste ano que o Centro de Emergência Social, onde decorreu o presente estudo, nasce.

1999 – A 12 de Junho, morre José Álvaro Vidal, protagonista do principal impulso e fundador da Fundação. Em sua homenagem, é atribuído ao colégio o seu nome: “*José Álvaro Vidal*”.

2002 – Abre o Centro de Recursos da Ericeira, a 3 de Junho. Esta propriedade da Fundação localiza-se em Fonte Boa dos Nabos, uma quinta de 16 000 m².

Vista aérea da Fundação CEBI:



Legenda:	
1. Escola Básica do 2º Ciclo	7. Pré-escolar (bloco azul)
2. Serviços Administrativos	8. Escola Básica do 1º ciclo
3. Centro Emergência Social (1º	9. Cozinha e refeitório
Piso) e creche (rés-do-chão)	10. Pavilhão Gimnodesportivo
4. Jardim-de-infância (bloco	11. Escola Básica do 3º ciclo
rosa)	12. Clínica de Medicina Física e
5. Jardim-de-infância (bloco	de Reabilitação
verde)	
6. Pré-escolar (bloco laranja)	

3.2. O Centro de Emergência Social de Alverca

3.2.1. Orgânica e funcionamento:

O Centro de Emergência Social de Alverca (CES) encontra-se inserido dentro da Fundação CEBI.

O CES da Fundação CEBI pretende assegurar o acolhimento transitório e urgente a crianças até aos 12 anos, que se encontrem em situação de risco.

Relativamente aos apoios, o CES conta com um acordo com a segurança social para acolher vinte e cinco crianças, com os abonos de família das respectivas crianças, com o auxílio das editoras, (através da oferta de manuais escolares), de lojas (exemplo: Jumbo de Alverca, Palmolive, Glaxo, Cerelac, Cidilância), e com o apoio da comunidade a comunidade, através da oferta de roupas, brinquedos, cadeiras para o carro e cadeiras para a refeição.

O acolhimento no CES garante às crianças a satisfação das suas necessidades básicas e, tanto quanto possível, condições de vida próximas às da estrutura familiar, enquanto se efectua um diagnóstico da situação da criança e se realiza um projecto de vida adequado e satisfatório. Na sequência do acolhimento, o CES assume como principal objectivo, uma intervenção multidisciplinar, de maneira a que a recuperação e o desenvolvimento das crianças sejam promovidos harmonicamente, designadamente nos domínios social, educativo e da saúde física e mental.

É aos interesses e direitos das crianças que se atende e, quando possível, também aos das suas famílias. Sempre que se perspectiva a reintegração da criança junto da sua família biológica, esta é incentivada a participar na concretização do Projecto de Vida da Criança.

É através de um pedido de acolhimento realizado pelas entidades competentes, tais como a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, a Segurança Social, o tribunal, o ICJ ou a GNR, que se efectua a admissão de crianças no CES. São factores como a existência de vagas, a idade das crianças, a análise do pedido efectuado, do relatório de caracterização (designadamente nos domínios social, psicológico e clínico), e da capacidade de resposta, que levam à decisão de admissão da criança no CES.

Quando esse acolhimento se concretiza é preenchida uma Declaração de Entrada no CES, contendo os seguintes elementos: a identificação da criança, a data de entrada no CES e identificação dos técnicos ou entidade que solicitaram o acolhimento. É também preenchida uma ficha individual da criança, onde constam os seus dados

personais, os hábitos e a medicação que tenha que tomar. São também pedidos os documentos da criança (Cédula Pessoal ou Bilhete de Identidade ou Certidão de Nascimento, Boletim de Vacinas, Cartão de utente da ARS (ou outra Entidade), N° de Segurança Social dos Pais e Cartões de outros serviços onde eventualmente esteja a ter acompanhamento médico/psicológico). São estabelecidos horários e datas de visita para os familiares da criança, tendo em consideração o processo e a medida de promoção e protecção judicial a que a criança está sujeita. A criança é inscrita na Secretaria-geral da Fundação quando ocorre o processo administrativo da admissão.

As crianças são observadas pelo médico da equipa na sequência do acolhimento, sendo assim iniciado o processo de acompanhamento psicológico e social.

Se a criança tiver mais de um ano de idade, após proceder ao conhecimento da sua situação e conseqüente integração no CES, também ocorre a integração da criança no Colégio da Fundação, no sector correspondente à sua idade e situação escolar. Se a criança ainda não tiver um ano, permanecerá no CES.

Às crianças é assegurada uma alimentação adequada, tendo em consideração a idade e estado de saúde. A ementa é feita por um nutricionista e aprovada pelos serviços de saúde da instituição. Sempre que se verificarem situações em que exista indicação médica específica, as crianças terão o regime alimentar adequado à prescrição.

Existe um acompanhamento médico da Equipa Técnica às crianças residentes no CES. Se existir necessidade, as crianças frequentam os serviços da Clínica de Medicina Física e Reabilitação, da Fundação CEBI. Encontram-se também inscritas no Centro de Saúde de Alverca onde, sempre que necessário, têm acompanhamento e assistência médica. Quando existem consultas médicas fora da Fundação, as crianças são acompanhadas por um elemento da Equipa Técnica ou por uma Ajudante de Lar.

A saída definitiva do CES ocorre quando no Projecto de Vida da Criança existir uma medida tomada nesse sentido. Existe uma preparação antes de ocorrer essa saída da criança, a qual poderá levar os seus objectos pessoais, roupas e brinquedos, sempre que a família, a Equipa Técnica do CES ou outros técnicos envolvidos no processo julguem conveniente. São entregues à família ou aos técnicos que acompanharam o processo, no momento da saída, todos os documentos das crianças, assim como informações importantes que com elas estejam relacionadas com elas. É preenchida a Declaração de Saída Definitiva na altura da saída das crianças do CES, sendo a mesma assinada por quem recebe o Menor e por quem procede à sua entrega.

Relativamente à segurança, estão instaladas câmaras de vigilância e uma porta de segurança, que só abre por dentro, controlando-se assim as entradas e saídas. Existe também um porteiro, que controla as visitas e as saídas das crianças.

3.2.2. Dimensão Física:

O Centro de Emergência Social da Fundação CEBI encontra-se equipado como uma casa, disposta de maneira a que a privacidade e as necessidades de cada criança sejam respeitadas e reproduzindo um ambiente acolhedor e familiar, facilitador da reestruturação psico-afectiva.

Durante as observações, foram tiradas algumas fotografias e filmadas as instalações para melhor demonstrar a disposição da casa.

O CES é um edifício que se situa no interior da Fundação CEBI, mas nem sempre manteve a estrutura que tem actualmente. *Quando viemos para cá, inicialmente havia poucas crianças, de forma que nós tivemos a funcionar a casa com salas durante o dia, partilhando o mesmo espaço. À medida que a casa foi enchendo, a necessidade de quartos foi sendo maior. Depois foram saindo as salas e o CES ficou aquilo que é hoje.* (E2)

Em termos físicos, existem alterações relativamente aos quartos, gabinetes, refeitório e casas de banho. Foram acrescentados ou retirados alguns pormenores, de maneira a ajustar o espaço às necessidades das crianças.

O CES funciona durante 24 horas por dia. Cada criança possui uma cama, num quarto devidamente preparado. Existem também espaços adequados para que cada criança possa estudar e outros destinados à recepção de visitas e realização de actividades lúdicas. As instalações sanitárias garantem o respeito pela privacidade e intimidade de cada criança. Frequentemente ouvimos crianças e adultos que trabalham no Centro referirem-se a ele como “casa”.

Ao entrarmos no Centro, encontramos um hall de entrada com plantas (sete, duas das quais são enormes), alguns quadros, sendo um deles da Convenção dos Direitos da Criança, um placar grande decorado com as fotos das crianças e uma mesa redonda onde se pode observar a maqueta do CES. Este hall de entrada dá acesso a uma dispensa e ao gabinete do CES. Neste hall, há uma porta grande com vidros, decorada com cortinas cheias de bonecos de cores vivas. Passando essa porta, encontramos outro hall que dá acesso à sala de televisão, à copa, ao gabinete do director e dos técnicos e aos quartos. Este hall está decorado com muitas cores e com um aquário. Se nos

voltarmos para Norte e virarmos à direita, encontramos a sala de televisão. Indo em frente, vamos dar a um pequeno corredor. Voltando à direita, encontramos o refeitório e a copa e se nos voltarmos a esquerda, encontramos o gabinete do director e o dos técnicos e um corredor que dá acesso à sala de brincar e aos quartos das crianças.



Sala de televisão – é o local onde as crianças mais velhas, ao fim do dia, podem ver televisão. É também nesta sala que as crianças recebem as suas visitas.



Refeitório – é o local onde as crianças fazem as suas refeições. Existem mesas grandes para as crianças mais velhas, mesas mais pequenas para as crianças mais novas e cadeiras de bebé.



Copa – (esta divisão não se designa por cozinha porque não se faz ali comida). Como as crianças estão integradas nas diversas valências da fundação, durante o dia fazem as suas refeições no refeitório da Fundação. À noite, a comida vem do refeitório dos idosos e, quando chega ao CES, é colocada numa estufa, até à hora do jantar, para depois ser servida às crianças.

A loiça é lavada na copa, lugar onde também existe um frigorífico e um pequeno fogão.



No corredor de acesso aos quartos existem duas casas de banho, uma para os rapazes e outra para as raparigas, três quartos do lado direito, dois quartos do lado esquerdo e um ao fundo do corredor, que é o quarto dos bebés. Os quartos do lado direito e o quarto dos bebés têm casa de banho privativa.



Primeiro quarto do lado direito – é o quarto dos rapazes e tem crianças com idades entre os 3 e os 10 anos. Este quarto tem uma casa de banho, seis camas com mesas de cabeceira, uma mesa redonda, um roupeiro, uma secretária e estantes para as crianças colocarem os seus objectos.



Segundo quarto do lado direito – é um quarto misto, para rapazes e raparigas com três e quatro anos de idade. Este quarto tem uma casa de banho, sete camas com mesinha de cabeceira, uma mesa redonda, um roupeiro e estantes para os objectos pessoais das crianças.



Terceiro quarto do lado direito – é um quarto misto. Tem meninas com dez anos e meninos com um ano e meio e dois anos. Este quarto tem uma casa de banho, cinco camas (algumas têm grades para as crianças que estão a fazer a transição do berço), três berços, camas com mesinha de cabeceira, uma mesa redonda, um roupeiro, estantes para os objectos pessoais e um sofá.



Quarto quarto do lado esquerdo – é um quarto misto. As crianças têm quatro, seis e doze anos de idade e são irmãos. Este quarto tem dois beliches, roupeiro, estantes, um sofá e duas secretárias. Os mais novos dormem em baixo e a mais velha em cima.



Quinto quarto do lado esquerdo – é um quarto com beliches para rapazes, com idades entre os cinco e os doze anos. Os mais novos dormem na cama de baixo. Este quarto tem dois beliches, roupeiro, estantes e duas secretárias.



O sexto quarto destina-se aos bebés e está localizado ao fundo do corredor. O bebé mais velho tem 18 meses e o mais novo, 11. Este quarto tem uma casa de banho, cinco berços, estantes para se colocarem os objectos e um sofá.



Todos os quartos se encontram pintados com cores alegres e vivas.

Sala de brincar e de actividades – é o local onde as crianças que não frequentam a escola passam grande parte do seu tempo. Nesta sala, existem brinquedos. É aqui que as técnicas e as educadoras realizam as actividades.



3.2.3. Dimensão Humana:

A equipa técnica do CES, com funções bem definidas, é constituída por uma educadora de infância, uma psicóloga, uma assistente social, uma administrativa, uma médica, um jurista e pela directora Doutora Olga, que também é psicóloga.

O CES tem catorze ajudantes de lar que trabalham em turnos rotativos, de 8 horas. Possuem funções que se assemelham ao papel de mãe: dão a alimentação, fazem a higiene, levam as crianças à fisioterapia, ao médico, jogam com elas, arrumam as suas roupas e fazem o comer para os bebés.

Existem duas auxiliares de limpeza.

O CES entrou em funcionamento em Janeiro de 1996, com uma criança. Ao fim de uma semana entrou outra. Quinze dias depois, entraram mais duas e assim sucessivamente.

Seguem-se alguns gráficos explicativos da população que reside actualmente no CES:

Gráfico 1: Distribuição das crianças quanto à idade:

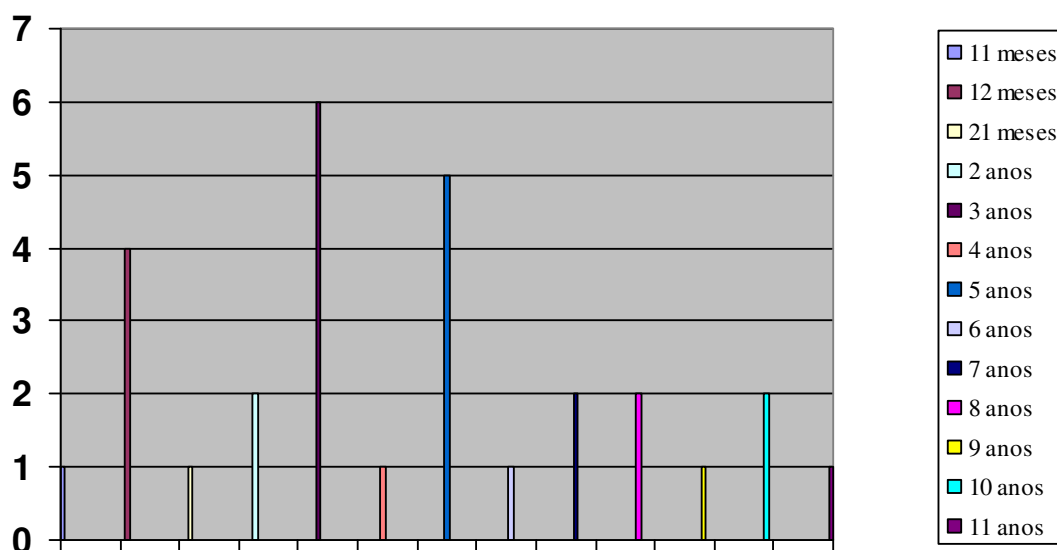


Gráfico 2: Distribuição das crianças quanto ao sexo:

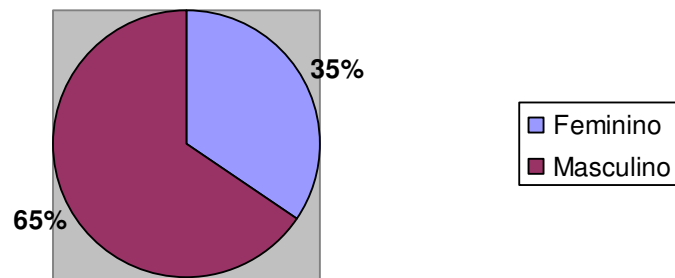


Gráfico 3: Distribuição das crianças quanto ao grupo sócio-económico a que pertencem:

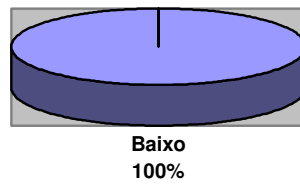


Gráfico 4: Distribuição das crianças quanto ao ano de admissão no CES:

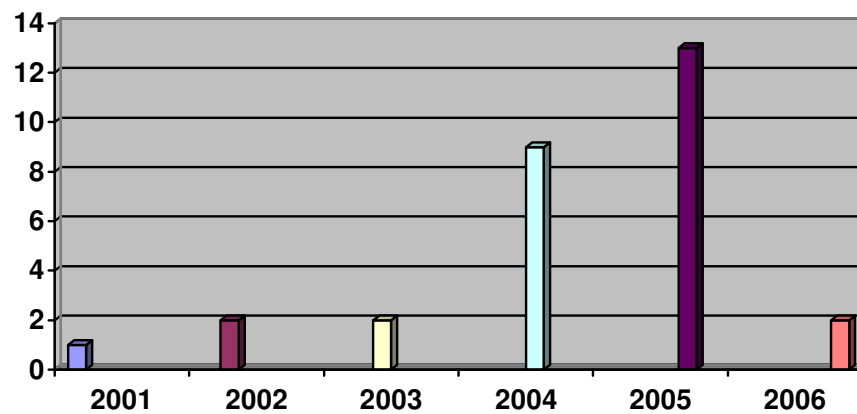


Gráfico 5: Distribuição das crianças quanto às causas da institucionalização:

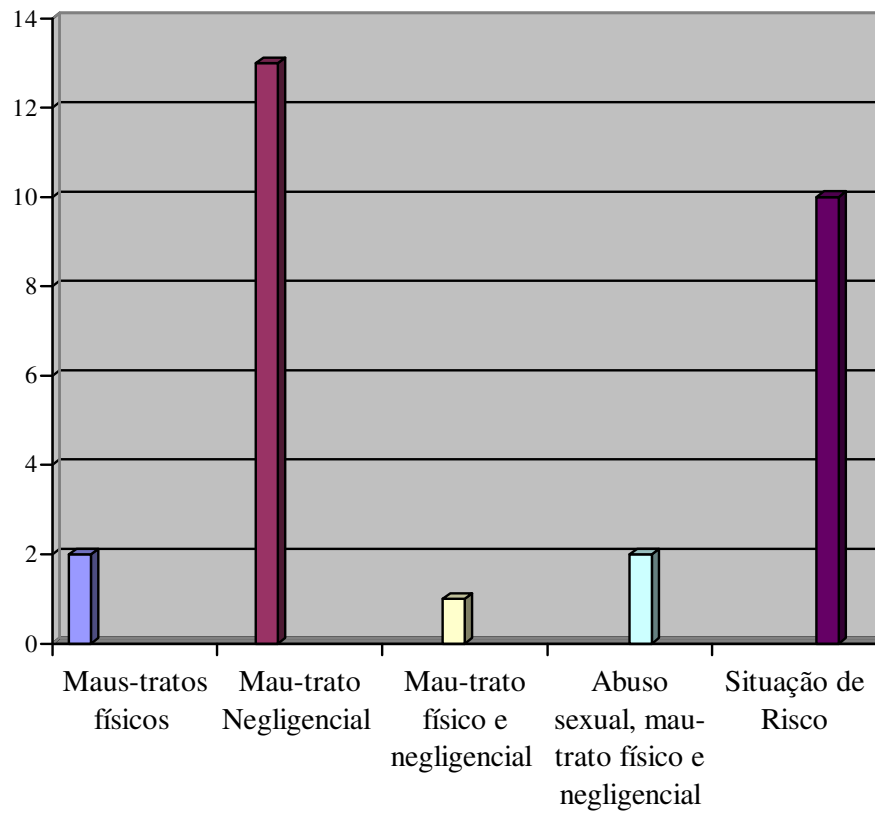
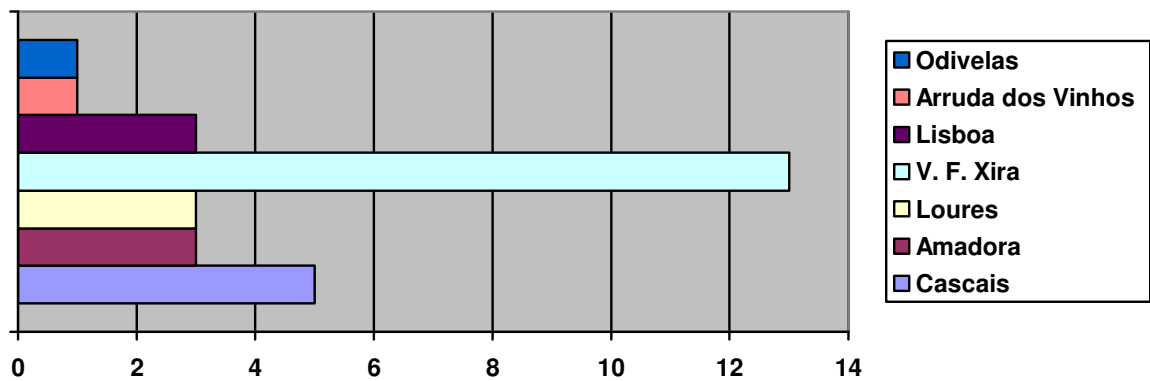


Gráfico 6: Localização das várias instituições que sinalizaram as crianças que residem no CES: Zona dos Hospitais, Tribunais de Família e Menores, Comissões de Protecção de Crianças e Jovens em Risco, Instituto de Solidariedade e Segurança Social:



3.2.4.Relações Humanas:

As crianças que chegam ao CES encontram-se em situação de perigo e são retiradas dos pais pelos tribunais ou assistentes sociais. O centro de acolhimento procura satisfazer as suas necessidades básicas e promover condições de vida próximas das familiares.

Desde que não seja um perigo para a criança, esta pode receber visitas da família e dos amigos. No CES, existe um espaço próprio para o efeito, conforme por nós foi anteriormente dito. De acordo com as orientações do pessoal em serviço, as crianças podem convidar amigos ou colegas da escola para o CES e recebê-las na sala de visitas ou nos seus quartos, consoante as situações. Se quiserem contactar com familiares ou amigos, as crianças têm acesso ao telefone. É com a Equipa Técnica que se deverão marcar antecipadamente as visitas às crianças, sendo o horário de visita de segunda a sexta-feira, das 10h00 às 17h30m.

Na generalidade, as crianças acolhidas pelo CES foram, desde os primeiros momentos da sua vida, vítimas de maus-tratos de vários tipos, os quais deixaram mazelas, ao nível psicológico, físico e do desenvolvimento. Estas são consideradas crianças em perigo devido à precariedade de cuidados primários, que tiveram como é o caso da alimentação, saúde, higiene, investimento cultural, aprendizagem e socialização.

Segundo alguns dos autores mencionados ao longo do enquadramento teórico, a violência entre estas crianças é muito frequente, sendo também um traço comum com as crianças de rua. De um modo geral, o ser humano pode comunicar oralmente, gestualmente ou comportamentalmente. A violência através de comportamentos ou gestos é a maneira mais prática que as crianças abusadas ou violentadas encontram para comunicar, pois para sobreviverem, elas tiveram que aprender a defender-se dos outros.

Sempre que uma das crianças sai do CES para passear, passar o fim-de-semana ou as férias, é assinada uma Declaração onde consta a identificação de quem leva a criança, bem como os dias e o horário durante os quais ocorrerá a saída.

3.3. As crianças do CES

3.3.1. A Rotina:

Na segunda parte do nosso enquadramento teórico, no ponto que refere a institucionalização e os seus princípios, referimos que o dia-a-dia da criança deve conter compromissos e responsabilidades (tais como, o auxílio nas tarefas domésticas e a manutenção da ordem), de acordo com a idade e nível de desenvolvimento de cada uma. É neste sentido que o CES incube às crianças a realização de determinadas tarefas.

Essas tarefas dependem da faixa etária e da maturidade de cada uma delas.

As crianças colaboram diariamente em tarefas como varrer o chão e pôr e levantar as mesas. Os mais velhos fazem as camas, limpam as casas de banho após o banho, limpam a água e arrumam a roupa. Os mais novos também têm algumas tarefas como colocar o casaco no quarto quando chegam e meter a roupa suja dentro de sacos para lavar e arrumar os brinquedos.

Para além das tarefas assinaladas, as crianças também dispõem de tempo para realizarem actividades lúdicas. Os mais velhos têm à sua disposição futebol, natação, basquetebol, dança jazz, karaté, ballet, tecelagem, clube da matemática, rádio clube e escalada. Após a realização dos trabalhos de casa, podem brincar, jogar computador, gameboy, playstation, ou ver um vídeo. As crianças mais novas dispõem de expressão dramática, clube da matemática, música, canto, e outras actividades lúdicas e desportivas.

Nas instalações do CES, existe um ringue onde, sempre que queiram, as crianças podem patinar, andar de trotinete, jogar basquetebol ou saltar à corda. Durante o fim-de-semana, realizam-se também passeios, idas ao teatro, ao cinema e ao circo, bem como às actividades que a Câmara Municipal promove. Nestes períodos, jovens voluntários colaboram com o CES, realizando actividades com as crianças.

No CES, as crianças cumprem diariamente o seguinte horário:

Quadro 1: Horário de actividades da Fundação CEBI de Segunda a Sexta.

	Crianças com idades entre os 2 e os 5 anos	Crianças com idades entre os 6 e os 12 anos
8h00m	Levantar	Levantar
8h30m	Pequeno-almoço	Pequeno-almoço
9h00m	Vão para as valências da Fundação relativas à idade.	Vão para o colégio
12h00m	Almoço	Almoço
13h00m	Voltam para as valências	Voltam para o colégio
15h30m	Lanche	
16h00m		Lanche
16h30	Realização de actividades	Realização de actividades
19h00m	Jantar	
19h30m		Jantar
21h30m	Deitar	
22h00m		Deitar

Quadro 2: Horário de actividades do CES durante o fim-de-semana:

	Crianças com idades entre os 2 e os 5 anos	Crianças com idades entre os 6 e os 12 anos
8h00m/ 8h30m	Levantar	Levantar
9h00m/ 9h30m	Pequeno-almoço	Pequeno-almoço
10h00m	Realização de actividades com os voluntários	Realização de actividades com os voluntários
11h30m	Almoço	
12h00m		Almoço
15h30m	Lanche	
16h00m	Sesta	Lanche
16h30		Realização dos trabalhos de casa e jogos.
19h00m	Jantar	
19h30m		Jantar
21h30m	Deitar	
22h00m		Deitar

3.3.2. A Integração Social:

A integração social a nível familiar é feita gradualmente, tendo em consideração que a criança pode retornar à família, ser adoptada ou institucionalizada.

Quando a decisão passa pelo regresso a casa, este ocorre de um modo faseado. Inicialmente, fazem-se as saídas de fim-de-semana. Seguidamente, as saídas ocorrem durante o período de férias e por último, dá-se a saída definitiva. Estas saídas faseadas também têm como objectivo a avaliação da criança.

A integração da criança numa família adoptiva também é feita de uma forma gradual, começando pelas saídas durante uma tarde, um dia, um fim-de-semana.

Posteriormente, as crianças começam a dormir em casa das famílias e, por último, saem definitivamente.

Quando o Projecto de Vida da Criança passa pela institucionalização, existe uma preparação prévia. Logo que se arranja a vaga, estabelece-se um diálogo com uma semana de antecedência, no sentido de preparar a saída da criança para a instituição em questão.

A integração social, a nível comunitário, efectua-se através da comemoração de dias festivos, como é o caso do Natal, do Dia da Criança e do Carnaval. As festas do CES são abertas às pessoas que durante o ano colaboram com esse Centro.

No CES, a Festa de Natal nunca é comemorada no dia de Natal, porque as crianças vão passar a época festiva com os familiares ou com famílias amigas. Na festa de Carnaval, existe um curso, no qual as crianças participam. O CES põe então à disposição das crianças, máscaras de Carnaval. Os aniversários também são comemorados e, nesse dia, o CES conta com a colaboração do Jumbo, através da oferta de bolos de aniversário e brinquedos.

O ambiente no CES pretende promover experiências que levem ao enriquecimento pessoal e social das crianças. Esse desenvolvimento é proporcionado através de actividades, como idas ao cinema e ao teatro, e saídas com as famílias amigas. Como estas crianças nasceram ou cresceram num ambiente familiar desequilibrado, desestruturado, pobre e negligente, as saídas com as famílias amigas são experiências muito enriquecedoras porque lhes proporcionam a oportunidade de contactar com um ambiente familiar salubre e enriquecedor, a nível pessoal e social.

3.3.3. Aspectos da personalidade das crianças:

Segundo a educadora e a psicóloga da Equipa Técnica, a maioria das crianças do CES são muito meigas, extrovertidas, sensíveis, flexíveis, carentes e dadas. São também instáveis emocionalmente, mas demonstram uma grande capacidade de adaptação e de interacção com as pessoas. Contudo, também há crianças muito introvertidas, que têm medo de tudo, que são reservadas, inibidas e com grandes dificuldades de adaptação a realidades novas. Todas elas tentam chamar a atenção dos outros: umas pela positiva e outras pela negativa, usando a maioria esta última forma.

Geralmente, os comportamentos agressivos destas crianças são influenciados por factores como: o tipo de negligência ou mau-trato a que foram sujeitas, a idade, a duração do mau-trato e a relação com o maltratante.

Relativamente aos comportamentos mais frequentes *depende da idade e da criança. Nós temos crianças que foram vítimas de maus-tratos muito severos e que não são maltratantes, nem exercem violência sobre as outras crianças ou adultos. Temos também crianças que foram vítimas de violência e são muito agressivas, tanto para os pares como para os adultos. Os comportamentos violentos são mais frequentes nas crianças mais velhas, com idades como 8, 9, 10, 11 e 12 anos que foram vítimas de maus-tratos sucessivos e cujos comportamentos já se encontram enraizados.* (Citando a educadora do CES E1).

.

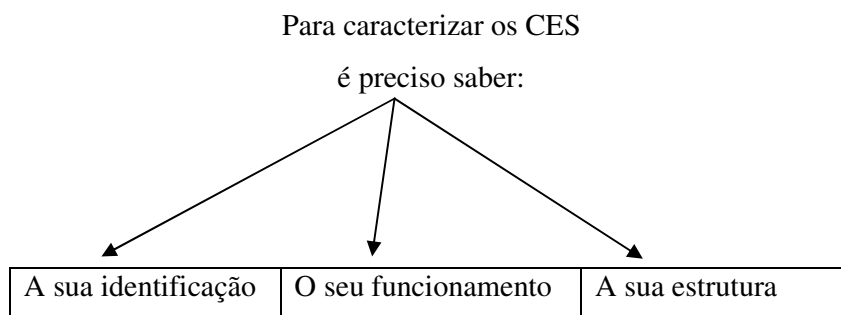
Capítulo IV – Resultados do Trabalho de Campo

Com o presente capítulo, pretendemos analisar os dados recolhidos ao longo da investigação de campo.

4.1. Análise dos Inquéritos por Entrevista

4.1.1. Análise da entrevista à Equipa Técnica do CES – Educadora Elisabete - sobre as características do CES (E2):

A análise da entrevista realizou-se de acordo com o objectivo de base – caracterizar o CES – com o qual se pretendeu saber – 1. a sua identificação; 2. o seu funcionamento; a sua estrutura.



1. Identificação



sub-objectivos

- 1.º Verificar quando o CES iniciou a sua actividade e qual a sua localização.
- 2.º Qual o Estatuto Jurídico

1.º O Centro de Emergência Social de Alverca localiza-se na Estrada Nacional 10, na Quinta de Santa Maria, na freguesia de Alverca, no concelho de Vila Franca de Xira.

Começou a funcionar em Janeiro de 1996. (E2)

2.º O CES encontra-se inserido dentro da Fundação CEBI (E2).

É uma Instituição Particular de Solidariedade Social.

2. Funcionamento
▼
sub-objectivos

- 3.º Verificar como sobrevive o CES
- 4.º Verificar qual o número de crianças
- 5.º Verificar qual o número de funcionários.
- 6.º Verificar como se efectua a admissão;
- 7.º Saber quais são os critérios de prioridade de ingresso;
- 8.º Perceber se existe um relacionamento das crianças com a família e como se realiza.
- 9.º Saber se o CES integra crianças deficientes
- 10.º Saber quais as tarefas que as crianças realizam.

3.º Para a sua sobrevivência, o CES conta com apoios económicos do Estado, da Segurança Social e da Comunidade. Também recebe os Abonos de Família das crianças.

(...) Temos uma grande receptividade da comunidade no sentido de arranjar roupas, brinquedos, jogos (...) Temos também o apoio de algumas lojas que oferecem donativos (...) as escolas organizam projectos de turma ou de área escola e vêm à Instituição depois de angariarem toda uma série de coisas (...)(E2)

4.º Actualmente, residem vinte e nove crianças no CES, mas *iniciou com uma criança em Janeiro de 96, ao fim de alguns dias entrou uma outra criança, quinze dias depois entraram mais duas e assim sucessivamente. (E2)*

5.º O CES conta com a colaboração da Equipa Técnica: uma educadora de infância, uma psicóloga, uma assistente social, uma directora, uma administrativa e um jurista, duas auxiliares de limpeza e catorze ajudantes de lar. São estas *que fazem um bocadinho o papel de mãe.* (E2)

6.º A admissão das crianças neste Centro efectua-se, unicamente, através das entidades competentes, tais como: uma Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em risco, a Segurança Social, o Tribunal, o ICJ, ou ainda a GNR.

7.º O principal critério de prioridade de ingresso dessas crianças no CES é o de possuírem idade inferior a 12 anos. No entanto, também tem de ser avaliada *a situação histórica, a situação clínica da criança e a sua situação social.* (E2)

8.º É importante frisar que o relacionamento das crianças com a sua família de origem pode manter-se. Estas só não recebem visitas dos familiares se existir uma ordem do tribunal.

Este relacionamento criança-família processa-se através de visitas, (realizadas em períodos estipulados pela instituição), através de saídas aos fins-de-semana, ou nas férias.

9.º Este centro acolhe também crianças deficientes alvo de abusos familiares, desde que sejam menores de 12 anos, isto porque, segundo a filosofia do CES *todas as crianças têm o direito a ser acolhidas.* (E2)

10.º As crianças são envolvidas na vida quotidiana do Centro, realizando algumas tarefas domésticas, de acordo com a sua idade e maturidade.

Há sempre alguém que tem a tarefa de todos os dias colocar as mesas, de levantar as mesas, de ajudar a varrer o chão. (...) Fazem as camas, os mais velhos (...) O mais pequenos o que fazem é quando chegam a casa metem o casaquinho nos quartos, despem-se e metem a roupa dentro dos saquinhos para lavar e arrumam os brinquedos. Os mais velhos limpam as casas de banho após o banhos (...)(E2)

4. Estrutura
 ▼
sub-objectivos

11.º Saber se o CES antevê sempre a mesma estrutura.

11.º Desde que iniciou o seu funcionamento, o CES foi adequando a sua estrutura e a sua dimensão, às necessidades e ao número de crianças que ali residiam.

Inicialmente, os quartos eram utilizados à noite para dormir e durante o período do dia, serviam de espaço de aulas.

Quando viemos para cá havia poucas crianças, de forma que tivemos a funcionar a casa e durante o dia, salas de aulas, partilhando o mesmo espaço. À medida que a casa foi enchendo, a necessidade dos quartos foi sendo maior o que levou à saída das salas e o CES ficou aquilo que é hoje. (E2)

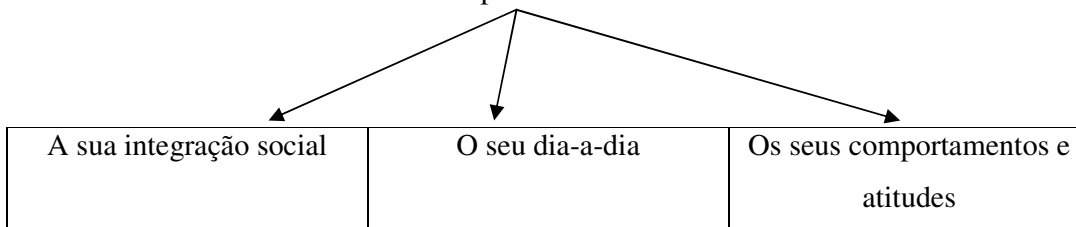
As alterações físicas ocorreram essencialmente nas casas de banho, no refeitório, nos gabinetes e nos quartos.

4.1.2. Análise da entrevista a um membro da Equipa Técnica do CES – Educadora Elisabete - para conhecer a integração social, a rotina diária e aspectos da personalidade dos residentes do CES (E1):

A análise da entrevista permitir-nos-á conhecer a vida das crianças, sob várias vertentes: como se efectua a sua integração social, quais os comportamentos que apresentam e qual é o seu quotidiano.

Para conhecer a vida das crianças

é preciso saber:



1. Integração social



sub-objectivos

- 1.º Verificar como e quando ocorre a saída das crianças.
- 2.º Verificar se após a saída do CES existem casos de exclusão social.

A estadia das crianças no CES tem uma duração limitada e relativamente curta. No entanto, estas só saem do CES quando tiverem o Projecto de Vida definido, o qual poderá assumir várias formas: o regresso à família, a adopção ou a institucionalização.

Quando esse Projecto de Vida passa pela institucionalização, as crianças são encaminhadas para outro centro, considerando que o CES é um centro de acolhimento temporário e transitório.

Sempre que são integradas numa instituição, as crianças *são preparadas antecipadamente e na altura em que se arranja vaga, conversa-se com a criança e prepara-se a criança uma semana antes. Quando se faz a transferência para a instituição, ela é acompanhada pelas técnicas. (E1)*

Quando o Projecto de Vida passa pela integração das crianças na família de origem, a Segurança Social procede à avaliação desta. Segue-se ou não a saída da criança, a qual se acontecer, será feita de forma gradual, primeiro com saídas de fim-de-semana, seguindo-se as saídas de férias e finalmente, a saída definitiva.

No caso da criança ser integrada numa família adoptiva, o processo também decorre de forma gradual, começando *pelas saídas durante uma tarde, depois um dia, um fim-de-semana, depois as crianças começam a dormir em casa das famílias e depois saem definitivamente. (E1)*

Ainda relativamente à integração social, não poderíamos deixar de questionar os entrevistados perante a existência de exclusão social exercida sobre as crianças que saem do CES. As respostas obtidas não foram conclusivas.

Após a saída do CES nós perdemos o contacto. (...) Poderemos vir a saber porque normalmente há crianças que saem e que voltam a reentrar, ou crianças que já

saíram e que depois nos chegam relatórios ou pedidos de informação sobre determinadas situações que estão a acontecer. Agora se existem casos de exclusão por causa de estarem aqui no CES eu julgo que não, pelo menos nós tentamos preservar as crianças (...) Relativamente aqui à escola, também não existe nenhuma exclusão às crianças, elas estão completamente integradas nas salas de aulas (...) (E1)

O CES promove também a realização de actividades que contribuem para o desenvolvimento global das crianças através de *saídas ao cinema, ao teatro e saídas com famílias amigas um dos projectos do CES. (E1)*

As famílias amigas permitem que *as crianças tenham experiências enriquecedoras, na medida em que lhes conferem a oportunidade de estarem num ambiente familiar. Estas crianças são oriundas de um seio familiar desestruturado e se não têm oportunidade de ver o outro lado, de como é que funciona a família, acabam por ter uma ideia errada de como é que é o comportamento do pai ou da mãe e assim têm oportunidade de comparar. (...) O ambiente aqui no CES também promove o desenvolvimento pessoal e social. As experiências que proporcionamos às crianças pretendem promover o seu desenvolvimento pessoal e social. (E1)*

Por outro lado, as datas festivas são sempre comemoradas, realizando-se um convívio saudável entre crianças e os colaboradores do CES.

2. O seu dia-a-dia



sub-objectivo

- 3.º Saber quais são as actividades promovidas pela instituição para as crianças
- 4.º Verificar se existe a comemoração de dias festivos e se estão abertos à comunidade.
- 5.º Saber se existem iniciativas que promovem o desenvolvimento pessoal e social.

As crianças que se encontram em idade escolar frequentam a escola. De acordo com a idade, a Fundação CEBI disponibiliza uma série de actividades às crianças que a frequentam:

futebol, natação, basquetebol, dança jazz, karaté, ballet, tecelagem. Clube da matemática, rádio clube, escalada. (...) Os mais pequeninos têm expressão dramática, clube da matemática, música, canto, actividades lúdicas e desportivas. (E1)

A diversidade é grande, conforme se conclui pelas entrevistas, *que podem ir desde passeios como ir ao teatro, ir ao cinema, ir ao circo, ir às actividades que a Câmara promove e são gratuitas. As próprias instituições que contactam connosco no sentido de levar as crianças e nós vamos a acompanhar. Já chegou a haver escolas que se juntaram, comparam bilhetes para as crianças irem ao Jardim Zoológico, vamos aos parques e às lojas. (...) Temos um ringue onde eles vão fazer patinagem, andar de trotinete, jogar basquetebol, saltar à corda. (E1)*

3. Comportamentos
▼
sub-objectivos

- 6.º Saber quais são os comportamentos evidenciados pela generalidade das crianças;
- 7.º Saber quais são as atitudes que as crianças demonstram face a situações de violência;
- 8.º Saber quais são as principais características de personalidade destas crianças.

As crianças residentes no CES nem sempre apresentam comportamentos ajustados e são vários os factores que estão na base desses desajustes. Podemos adiantar que estes estão directamente relacionado com a negatividade da experiência vivida, o tipo de negligência ou mau-trato a que as crianças foram sujeitas, a idade, a duração do mau-trato e quem foi o maltratante.

Um pai maltratante marca muito, porque o pai é um modelo (...) (E1)

Um as reagem com mais agressividade do que outras (...) As chamadas de atenção tanto são feitas pela positiva, como pela negativa. A maioria das vezes é pela negativa, e são feitas através do gritar ou atirar alguma coisa. Depende muito das vivências a que foram sujeitas. (E1)

Os comportamentos violentos são mais frequentes nas crianças mais velhas, com idades como 8, 9, 10, 11 e 12 que foram vítimas de maus-tratos sucessivos, cujo comportamento já se encontra enraizado. (E1)

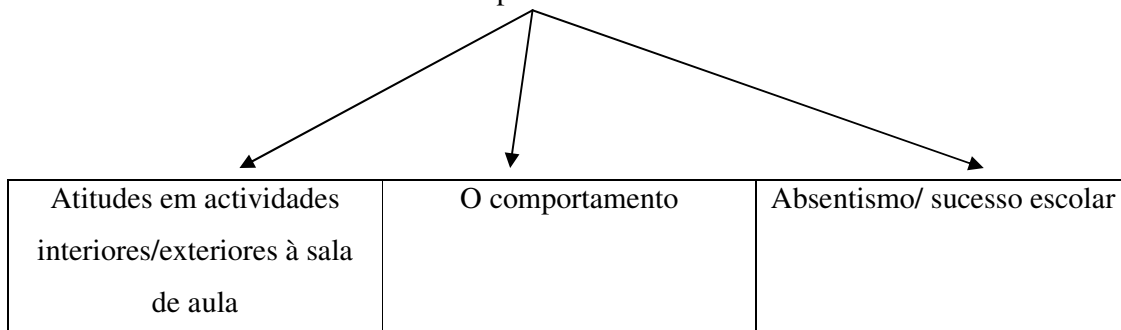
Na personalidade destas crianças evidencia-se particularmente a carência afectiva e a instabilidade emocional. O desejo de ter alguém que goste delas é notório. Na generalidade, trata-se de crianças muito meigas e solícitas, sempre à espera de mimos. A maioria interage com qualquer pessoa, mas também há algumas que têm medo e mostram reserva e inibição. Verifica-se, contudo que estas crianças têm uma grande capacidade de adaptação.

4.1.3. Análise das entrevistas às professoras das crianças em estudo (E3, E4, E5, E6, E7):

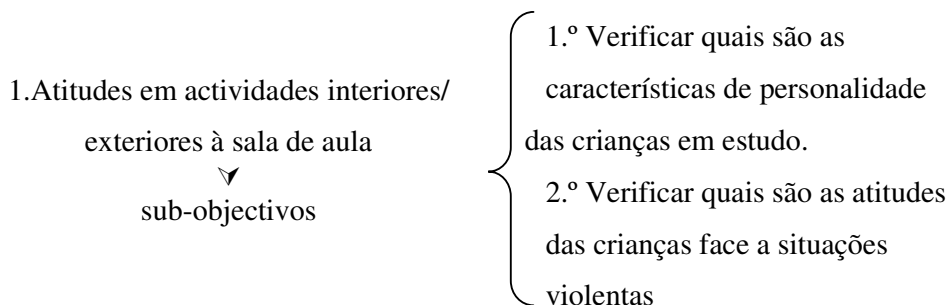
A finalidade destas entrevista é conhecer os comportamentos e as atitudes das crianças, em contexto escolar. Os aspectos abordados na mesma prendem-se essencialmente com as atitudes das crianças dentro e fora da sala de aula, as suas reacções perante situações violentas, quer sejam espectadores, quer actores e o sucesso escolar. O indicador do absentismo escolar não foi analisado, considerando que as crianças são obrigadas a frequentar as aulas.

Para conhecer os comportamentos e atitudes das crianças

é preciso saber:



Apresentamos as conclusões das entrevistas e os resultados dos tratamentos de dados recolhidos através de grelhas, por, entendermos ser esta uma forma mais imediata de visualização e leitura.



Quadro 3 - Atitudes em actividades interiores/exteriores à sala de aula e personalidade:

Criança 1	<i>“É meiga, carinhosa, e inteligente. Tem muita força de vontade em aprender.” (E3)</i>
Criança 2	<i>“Hiperactiva, muito meiga quando está bem disposta. Demonstra muita falta de atenção. Quando está aborrecida é muito violenta e diz muitas asneiras. É uma criança muito revoltada, gosta muito de atenção e a pessoa tem que se dedicar somente a ela”. (E4)</i>
Criança 3	<i>“É uma criança meiga e cuidadosa com a professora, mas quando a professora a chama a atenção não gosta e resmunga. Na sala de aula interessa-se pelo o que é dito.” (E5)</i>
Criança 4	<i>“É uma criança meiga e cuidadosa com a professora. Socialmente é muito influenciável. Por vezes, em ambiente de amigos existem alguns focos de agressividade, mas tais atitudes não são de todo comuns.” (E6)</i>
Criança 5	<i>“É batalhadora quando é estimulada frequentemente. É notório que só gosta de trabalhar e fazer bem quando sente interesse por parte de quem solicita. É uma criança meiga e a maior parte das vezes é honesta em relação ao que conta”. (E7)</i>

Quadro 4 - Características comuns à personalidade das crianças em estudo:

	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5
Meiga	×	×	×	×	×
Cuidadosa com a professora			×	×	

Quadro 5 - Atitudes:

Criança 1	<i>“Não consigo referir porque a criança só se encontra na minha sala de aula há duas semanas.” (E3)</i>
Criança 2	<i>“Provoca situações muito violentas. Quando existem brigas, coloca-se sempre na confusão.” (E4)</i>
Criança 3	<i>“Reage com violência.” (E5)</i>
Criança 4	<i>“Na minha presença, o aluno não reage de forma agressiva, mesmo que esta seja a atitude dos outros colegas em relação a ele.” (E6)</i>
Criança 5	<i>“Tenta sempre justificar-se e explica a situação acontecida. Ultimamente no recreio porta-se muito mal e é muito mal-educado com as auxiliares.” (E7)</i>

Quadro 6 - Atitudes comuns:

	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5
Manifesta alguma violência e/ou agressividade	×	×	×	×	×

2. Comportamento das crianças

▼
sub-objectivos

3.º Verificar quais são os comportamentos que a criança manifesta;

4.º Caracterizar a criança através de adjectivos.

Quadro 7 - Comportamento das crianças:

Criança 1	<i>“É uma criança com vontade de aprender, meiga e amiga dos colegas. Gosta de mostrar o que vai fazendo.” (E3)</i>
Criança 2	<i>“Faz aprendizagens pequenas, cansa-se com muita facilidade. O máximo são quinze minutos a trabalhar depois têm que se realizar actividades práticas, depois torna-se muito violenta – deita-se no chão, despe-se, põe-se em cima das cadeiras, pontapeia as mesas, ...” (E4)</i>
Criança 3	<i>“É uma criança serena e que gosta de colaborar. Na sala de aula é muito interessada, mas por vezes não realiza os trabalhos de casa.” (E5)</i>
Criança 4	<i>“Diariamente é uma criança desatenta e desconcentrada, demora imenso na realização de tarefas escolares. Gosta de colaborar em actividades de grupo, é afectiva comigo e com os colegas da turma.” (E6)</i>
Criança 5	<i>“Diariamente, na sala de aula, tem um bom comportamento. É atento, interessado e participa em todas as actividades com empenho. É organizado e gosta de mostrar o que vai fazendo. É uma criança que precisa de muito apoio e de muita atenção. É uma criança amiga dos colegas.” (E7)</i>

Quadro 8 - Comportamentos comuns:

	Amiga dos colegas	Gosta de mostrar o que faz	Interessada, gosta de trabalhar e demonstra vontade de aprender	Desatenta Realiza aprendizagens pequenas.
Criança 1	×	×	×	
Criança 2				×
Criança 3			×	
Criança 4				×
Criança 5	×	×	×	

Quadro 9 - Caracterização individual das personalidades:

Criança 1	<i>“Meiga, serena, calma e alegre.”</i> (E3)
Criança 2	<i>“Hiperactiva, meiga, violenta, revoltada, desatenta.”</i> (E4)
Criança 3	<i>“Meiga, carinhosa, atenta, cuidadosa.”</i> (E5)
Criança 4	<i>“Meiga, desatenta.”</i> (E6)
Criança 5	<i>“Meiga, organizada, calma, participativa, interessada e trabalhadora.”</i> (E7)

Quadro 10 - Aspectos comuns da personalidade das crianças:

	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5
Meiga	×	×	×	×	×
Atenta/ Interessada			×		×
Desatenta		×		×	

3. Sucesso escolar
 ▼
 sub-objectivos

5.º Saber se a criança é interessada e empenhada

Quadro 11 - Interesse/ Empenho pela escola:

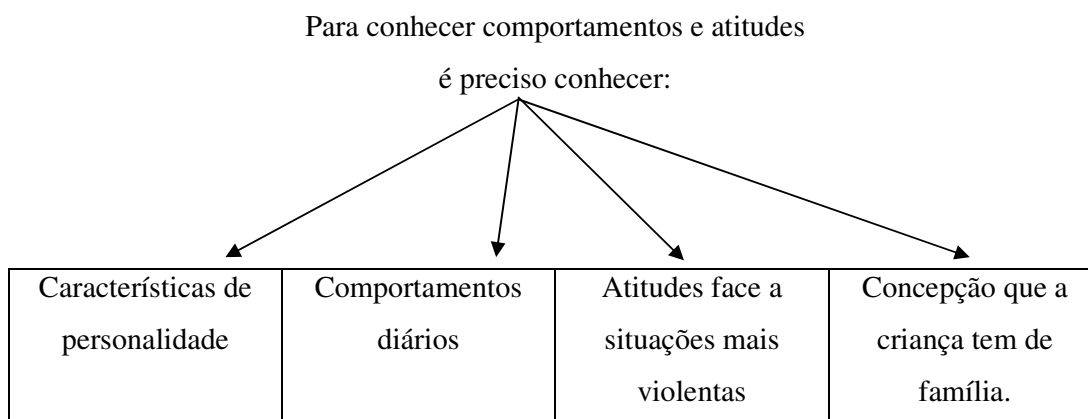
Criança 1	<i>“Demonstra algum interesse nos conteúdos que são abordados. Empenha-se na realização das tarefas.”</i> (E3)
Criança 2	<i>“Não apresenta qualquer interesse face aos conteúdos programático. Presta atenção durante algum tempo na realização de tarefas práticas.”</i> (E4)
Criança 3	<i>“Na sala de aula é muito interessada e empenhada, mas em casa isso não acontece.”</i> (E5)
Criança 4	<i>“Não é empenhada, nem interessada.”</i> (E6)
Criança 5	<i>“É uma criança empenhada e bastante interessada.”</i> (E7)

Quadro 12 - Característica comuns:

	Criança 1	Criança 2	Criança 3	Criança 4	Criança 5
Empenhada	×		×		×

4.1.4. Análise das entrevista à psicóloga, sobre as crianças em estudo (E8, E9, E10, E11, E12):

Com estas entrevistas, pretendemos ficar a conhecer a opinião técnica da psicóloga do CES sobre as atitudes e os comportamentos das cinco crianças, compreender a alteração que os maus-tratos sofridos provocaram na personalidade das mesmas, conhecer as reacções de cada uma delas à integração neste centro, assim como a sua adaptação.



Perante a nossa questão relativamente aos motivos subjacentes à integração das crianças no CES e à forma como estas viveram a experiência do afastamento do meio familiar onde sofreram maus-tratos e como encontraram a sua nova vida num meio totalmente novo, as opiniões da psicóloga serviram para formularmos o nosso próprio juízo.

As entrevistas realizadas permitiram-nos constatar que antes da sua integração no CES, todas as crianças tinham um ambiente familiar violento, instável e repleto de carências, a nível económico e social, como se verifica pelos testemunhos seguintes.

Pensa-se que era instável, a criança por vezes ficava em casa, ou na casa de uma vizinha enquanto a mãe ia aos bailes.(E8)

Violento e até de abandono para com a criança. (E12)

Poderemos concluir que o CES contribuiu para melhorar a vida das cinco crianças em estudo, sob vários aspectos, proporcionando-lhes alimentação adequada, subsistência económica, bem-estar físico e educação.

(...) a criança era proibida de comer batida quando ia ao frigorífico buscar comida, por ter fome. (...) e era vítima de violência por parte de um tio com quem ficava após a escola. (E8)

A vida da criança melhorou com a vinda para o CES, na medida em que [este] lhe permitiu ter condições de habitabilidade, de segurança e de higiene. (...) A criança era vítima de violência, dormia num sofá num quarto sem condições. (E12)

Podemos igualmente confirmar que a mudança das crianças para o CES se traduziu num melhorar das suas condições de vida. Como se depreende, esta melhoria e um contacto mais afectuoso com os pares e os adultos conduziram a alterações comportamentais, nomeadamente no cumprimento de regras, na forma de estar, na relação com os outros, na aquisição de posturas correctas à mesa e na segurança que sentem. A criança 5, inclusivamente, deixou de ser assustada, para confiar mais nos que a rodeiam.

Verificaram-se mudanças em todas as crianças, desde a sua integração no CES. Algumas atitudes e comportamentos sofreram bastantes alterações e houve outras em que as modificações foram reduzidas.

De um modo geral, as evoluções comportamentais manifestadas pelas crianças são positivas. Para além de se sentirem mais felizes e seguras, referem também que dispõem de tempo para brincar.

Alguns dos seus comportamentos e atitudes alteraram-se nomeadamente no saber estar à mesa, no modo de falar e no cumprimento de regras. (E9)

(...) Costumava bater muito nos irmãos e nas crianças mais novas. (E10)

Melhorou significativamente, era uma criança assustada e não confiava nas pessoas. Tornou-se uma criança mais segura de si e feliz. (E12)

Como é lógico, todas as crianças têm uma forma muito particular de encarar o facto de viverem num Centro de Acolhimento.

No que respeita ao cumprimento das regras e dos horários existentes no CES, as crianças 1 e 3 reagem bem, mas as outras três nem sempre estão de acordo, o que desencadeia reacções negativas.

Como todas as crianças, por vezes não concorda com algumas coisas, mas de um modo geral reage positivamente às regras e aos horários. (E8)

Nem sempre cumpre os horários e as regras estabelecidas. (E12)

Na maioria dos casos, as crianças manifestam atitudes de confronto e de desobediência em relação aos adultos, ainda que para isso recorram à mentira (criança 3), ao choro (criança 2) e às birras (criança 4)

Com os pares, surgem frequentemente conflitos verbais e físicos (crianças 2, 3 e 4). A criança 1 assume um carácter de excepção, considerando-se que não é geradora de conflitos.

O seu comportamento/ atitudes para com os adultos é sempre uma atitude de confronto, de ir contra as indicações do adulto. Com o grupo de pares está sempre a tentar desafiá-los tirando-lhes coisas. (E9)

É uma criança que tenta fazer o que entende mesmo que isto signifique mentir aos adultos. (E10)

Com os adultos se contrariado ou confrontado com algo reage: chora, atira com as coisas, bate as portas, com os pares bate-lhes.(E11)

Relativamente à forma como reagem, pela análise da entrevista podemos afirmar que as cinco crianças em estudo adoptam atitudes violentas, essencialmente quando são provocadas por outras, quando são contrariadas ou confrontadas.

Podemos constatar que foram essencialmente as circunstâncias da vida, tais como a falta de afecto dos progenitores e a sua já longa estadia no CES, que tornaram estas crianças mais violentas e irrequietas.

A criança manifesta atitudes violentas quando é contrariada ou quando quer algo que não lhe pertence e luta por ter.(E9)

As causas que tornaram a criança irrequieta e com atitudes violentas foram o facto da sua longa estadia no CES, e o perceber que os seus irmãos encontram-se com a mãe e ele e a irmã não.(E11)

Um traço comum à personalidade de todas estas crianças é a carência afectiva. Aprofundando no perfil de cada uma, podemos dizer que a criança 1 possui baixa auto-estima, que as crianças 2 e 4 se caracterizam por terem baixa tolerância à frustração, e que a criança 5 é insegura e facilmente influenciável.

Tem uma baixa tolerância à frustração é uma criança com grandes carências afectivas e revoltada. (E11)

É uma criança carente, insegura, é facilmente influenciada pelos outros. (E12)

Duas das crianças (2 e 5) não manifestam saudades de nada nem de ninguém ligado à sua vida anterior à entrada no Centro. No entanto, as restantes crianças sentem saudades dos seus familiares, particularmente da mãe e dos irmãos.

Sente saudades dos irmãos e da mãe. (E11)

À excepção da criança 2, que nunca se mostra ansiosa, os níveis de ansiedade das outras crianças parecem estar relacionados com a família, concretamente com as visitas que recebem e com o atraso dos familiares aos encontros marcados. Acontece também esta perturbação ocorrer por antecipação face às saídas com as famílias amigas ou com vontade extrema de voltarem a fazer parte de um novo núcleo familiar.

Fica um pouco ansiosa antes, durante e após as visitas dos familiares. (E8)

Demonstra-se também ansioso por ter uma família. (E12)

As crianças 1, 3 e 5, quando percebem o perigo, tentam sempre refugiar-se no adulto. Já as crianças 2 e 4, não parecem aperceber-se de situações perigosas.

Quando percebe o perigo a criança pede ajuda a um adulto. (E8)

À exceção das crianças 2 e 5, as restantes três mantêm contacto, mais ou menos regular, com alguns dos seus familiares.

Os pais são assíduos e telefonam todos os dias, no entanto, a relação como filho é um pouco distante, fria. (E8)

Não mantém contacto com a família. (E9)

O contacto com a família não é regular, no entanto gosta muito das visitas da mãe e da irmã. (E11)

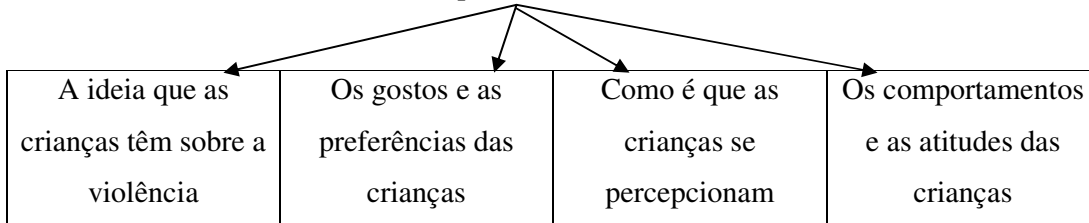
As perspectivas de futuro para estas crianças nem sempre passam pela possibilidade de reintegração na família de origem, pois para a maioria delas (crianças 2, 4 e 5), esta hipótese não é viável, carecendo de orientações diferentes, como sejam a adopção ou o acolhimento definitivo em instituições da especialidade.

4.1.5. Análise das entrevistas às crianças em estudo (E13, E14, E15, E16, E17):

As cinco entrevistas realizadas pretendiam essencialmente dialogar com as crianças e conhecê-las melhor. Procurou-se também verificar como os maus-tratos influenciam os comportamentos e o futuro das mesmas e identificar determinadas atitudes resultantes do percurso de vida anterior.

Para conhecer melhor as crianças, assim como os seus comportamentos e atitudes,

é preciso conhecer:



É de salientar que, durante a entrevista, a criança 2 passou o tempo a brincar, mexeu em tudo o que se encontrava no gabinete, nunca olhou a entrevistadora e respondeu às questões de costas voltadas. Trata-se de uma criança com dificuldades a vários níveis, por isso algumas das questões inicialmente previstas não foram colocadas, e mesmo em relação à grande maioria das que foram feitas, a criança ou não as percebeu ou não conseguiu responder.

Também a criança 4 apresentou dificuldades de interpretação das perguntas o que frequentemente exigiu a sua reformulação. Por outro lado, raramente conseguiu justificar as suas opiniões.

Relativamente à criança 5, realça-se a tristeza do seu olhar, a par da peculiar posição mantida ao longo da entrevista: pernas em cima da cadeira.

1. Ideia que as crianças têm sobre a violência
▼
sub-objectivos

- 1.º Tentar perceber qual a opinião das crianças sobre a existência de crianças mais violentas do que outras. Através da questão – Existem crianças mais violentas do que outras? Justifica a resposta;
- 2.º Verificar se as crianças têm a ideia de que os homens são mais violentos do que as mulheres. Através da questão - Achas que os homens são mais violentos do que as mulheres? Se sim, porque é que achas que isso acontece?;
- 3.º Saber qual a opinião da existência de pessoas mais violentas do que outras. Através da questão - Para ti o faz com que existam pessoas mais violentas do que outras?

1.º Auscultadas sobre a noção de violência na infância, à excepção da criança 1, e apesar de posteriormente manifestarem alguma dificuldade em apontar as razões dessa resposta, as restantes referiram que há crianças mais violentas do que outras.

Quando esta pergunta foi colocada às crianças verificou-se que a criança 1 se escondeu com o boné e que a criança 4 sorriu.

Não, porque não. Só existem ladrões. (E13)

2.º Continuando com a abordagem da violência em geral todas as crianças, exceptuando a 5, apontam os homens como mais violentos do que as mulheres, esclarecendo que estas são vítimas daqueles.

Quando esta pergunta foi colocada às crianças, verificou-se que a criança 1 poisou a cabeça na mesa e falou com a cara virada na direcção oposta à da entrevistadora. A criança 2 esteve a experimentar óculos que estavam numa gaveta e só olhava para a investigadora cada vez que pegava nuns óculos diferentes.

“Os homens são mais violentos do que as mulheres.” (E15)

3.º Quando questionadas sobre os motivos que conduzem à predominância da violência dos homens sobre as mulheres, as crianças em estudo não conseguem apontar qualquer razão, à excepção da criança 1, que diz:

Porque as mulheres portam-se mal. (E13)

As restantes crianças apresentaram dificuldades em responder a esta questão.

Quando esta pergunta foi colocada, a criança 1 continuou com a cabeça em cima da mesa cara virada contra a entrevistadora. A criança 2 continuou a experimentar óculos, fixando a investigadora apenas quando colocava um modelo novo. A criança 4 ficou um pouco irrequieta.

2. Os gostos e as preferências



sub-objectivo

4.º Saber quais são os gostos das crianças relativamente ao lugar onde vivem. Através das questões - Gostas de viver no CES?, O que mais gostas no CES?, E o que menos gostas?, O que mais gostas de fazer no CES?, O que menos gostas de fazer no CES?;

5.º Conhecer os gostos e as preferências das crianças relativamente aos seus tempos livres e brincadeiras. Através das questões - Como costumavas passar os teus tempos livres? Quais são as tuas brincadeiras favoritas? Porquê?;

6.º Saber qual a sua preferência por uma profissão. Através da questão - O que gostarias de ser quando fores grande? Porquê?;

7.º Saber a preferência pelos filmes e o porquê dessa preferência, ou não. Através das questões - Qual foi o filme que mais gostaste de ver? Porquê? Qual foi o filme que menos gostaste de ver? Porquê?;

8.º Conhecer as suas preferências pelas actividades da escola. Através das questões - O que mais gostas da escola? O que menos gostas da escola?;

9.º Saber das suas vivências ao longo do seu percurso de vida. Saber as que a marcaram pela positiva e pela negativa. Através das questões - Na tua vida qual foi o acontecimento que mais gostaste? Na tua vida qual foi o acontecimento que menos gostaste?

4.º Prosseguindo a análise, pretendemos averiguar junto das cinco crianças se gostavam de viver no CES e quais as actividades preferidas que ali realizavam.

Atendendo que apenas a criança 5 respondeu afirmativamente, podemos concluir que o grupo não gosta de viver no CES, apesar de gostar dos jogos que ali realizam (crianças 3, 4 e 5) e do fim-de-semana (criança 1). A criança 2 não conseguiu encontrar alguma actividade que lhe desse prazer.

No que concerne àquilo que as crianças menos apreciam no CES, as respostas, embora inconclusivas, foram muito variadas, apesar de terem sido acompanhadas de olhares “vazios” ou de sorrisos nervosos.

O que eu gosto menos do CES é não poder fazer o que eu quero. (E13)

Eu não gosto que me chamem nomes, que digam nomes atrás das minhas costas à minha família. (E15)

É as tarefas e os castigos. (E16)

Do peixe. (E17)

5.º A ocupação dos tempos livres é comum à maioria do grupo: jogar futebol e fazer ginástica (crianças 2, 4 e 5)

No que se refere às brincadeiras favoritas, o futebol continuou a reunir muitos adeptos (crianças 1, 2 e 4), em igualdade com os jogos (crianças 2, 3 e 5)

Torneios de futebol (...) é das minhas coisas favoritas. (E13)

Jogar à bola (...) (E16)

6.º Depois do que pudemos subtrair da questão referida no parágrafo anterior – brincadeiras preferidas e actividades realizadas nos tempos livres – a profissão que a generalidade do grupo (crianças 1, 4 e 5) anseia para o seu futuro só poderia ser a de futebolista.

Contudo, também se revestem de particular interesse as opções dadas pelas crianças 2 e 5, polícia e educador de infância, respectivamente, muito em particular pela justificação que acompanha tais escolhas.

Polícia, porque eu gosto de mandar nas pessoas todas.(E14)

Educadora de Infância, porque gosto muito de crianças. Porque elas são muito divertidas. Outras vezes chamam nomes, mas não percebem o que é. (E15)

7.º Prosseguindo com a análise das entrevistas às cinco crianças em estudo e perante a questão dos filmes preferidos e daqueles de que menos tinham gostado, verificámos que não existiram respostas coincidentes.

Contudo, parece-nos que as justificações dadas pelas crianças 1 e 3, relativamente às razões que invocaram para não terem gostado de determinados filmes, se revestem de interesse

A Cinderela, “bah”. Porque é um filme feio. Porque é porcaria, porque é só para as raparigas. (E13)

Foi o Beethoven 5, porque aquilo aparecem lá aqueles fantasmas e aquilo é muito estranho. Tenho medo de fantasmas. (E15)

É de referir que a criança 1, aquando das perguntas, a nível de comportamentos corporais ficou com os braços e os cotovelos apoiados na mesa e as mãos na cabeça.

8.º Quando pretendemos conhecer as preferências dos alunos no que respeita às actividades escolares, verificámos que aquelas que exigem mais trabalho e esforço não reúnem os seus gostos, em detrimento das restantes.

Não gosto de trabalhar Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Só gosto de Expressão Plástica. (E13)

Gosto de brincar. (E14)

*Gosto de pintar, uma das coisas que mais gosto de fazer é Expressão Plástica.
(E15)*

9.º Perante as questões direccionadas para os acontecimentos de que mais e de que menos tinham gostado, não se verificou unanimidade entre as respostas, visto que estas duas perguntas tinham um carácter muito pessoal.

Este foi um momento bastante emotivo para a entrevistadora, considerando os comportamentos corporais com que as crianças reagiram.

Assim, a criança 1 mostrou-se irrequieta e escondeu a cara no boné. A criança 3 ficou nervosa, mexendo muito as mãos. A criança 5 adoptou uma expressão muito triste, cruzando os braços e deitando a cabeça em cima da mesa.

Não gostei de vir para o CES. (E13)

Ai esse é que é pior. Eh pá eu era para contar uma coisa mas ... Então, o que eu menos gostei menos, menos, menos é de ter sido violada mais nada. (E15)

Eu não gostei de nada. (E17)

3. Como é que as crianças se
percepcionam
▼
sub-objectivo

10.º Analisar a ideia que a criança tem de si. Questão: Como é que achas que és?
11.º Saber o que é que a criança não gosta em si. Questão: Se pudesses modificar algo em ti o que mudarias?
12.º Saber qual é a caracterização física que a criança faz de si. Questão: Como te caracterizas fisicamente?
13.º Saber qual é a caracterização psicológica que a criança faz de si. Questão: Como te caracterizas psicologicamente?

10.º Analisando a forma como cada criança se define, constatámos que as crianças 1, 2, 3 inicialmente responderam *Não sei*, mas após algum tempo de reflexão demonstraram ter uma imagem positiva delas próprias. A criança 4 manteve o *Não sei* (E16) e a 5 demonstrou ter uma imagem muito negativa dela ao responder *Mau e mau* (E17).

Quando respondeu a esta mesma pergunta, a criança 1 começou e acabou abanando os ombros, tendo sorrindo enquanto dizia: *inteligente* (E13)

A criança 2 respondeu sem olhar para a entrevistadora, pois estava de costas voltadas e amuada.

A criança 4 demorou bastante tempo a responder e, quando disse *Não sei* (E16) encolheu os ombros.

11.º Parece-nos que a pergunta: *Se pudesses modificar algo em ti, o que mudarias?* se traduziu numa dificuldade de resposta, já que as crianças 2, 3 e 4 afirmaram não saber, e a criança 5 refere que já mudou, enquanto essas mesmas respostas são acompanhadas de um encolher de ombros.

Não sei, mudava “aah”, não sei. Eu mudava o nome, ai não não mudava. (E15)

12.º O pedido de caracterização física de cada uma das crianças foi igualmente acompanhado de encolhimento de ombros, sendo frequentes as respostas “*Não sei.*” (E13, 14) e “*Sei lá.*” (E17)

Contudo, as crianças 3 e 4 conseguiram descrever-se com algum pormenor.

Eu olho para mim ao espelho. Sou bonita, alta, um bocadinho gorda e a cara fininha. A cor do cabelo é preta ou castanha. Os olhos verdes ou azuis. (E15)

Sou baixo e magro e os meus olhos são castanhos. (E16)

13.º A criança 3, cujo retrato físico fora bastante pormenorizado, deu-nos igualmente uma boa caracterização psicológica, ao contrário das colegas 2,4 e 5 que se escudaram atrás de um simples “*Não sei*”, acompanhado do habitual encolher de ombros.

Eu sou simpática mas às vezes sou má, gosto de falar com toda a gente as que eu conheço claro. As que não conheço nem uma palavra. (E15)

4. Os comportamentos e
as atitudes das crianças



sub-objectivo

14.º Compreender se a criança tem uma ideia correcta do seu comportamento.

Questão: És conflituoso? Porquê?

15.º Saber se a criança se esforça para se portar bem. Questão: Onde quer

que estejas contribuis para que exista sempre um bom ambiente?

16.º Saber se a criança respeita todos aqueles que a rodeiam. Questão: Respeitas as pessoas que estão ao teu redor?

17.º Saber se a criança se interessa pelo que os outros lhe dizem. Questão: Ouves com atenção o que os outros têm para te dizer?

14.º Aprofundando cada vez mais nos aspectos íntimos de cada um, quisemos saber se as crianças se julgam conflituosas, tendo a 4 e 5 respondido afirmativamente, contrariamente às crianças 1, 2 e 3. Existe coerência nas respostas das crianças 1, 3, 4 e 5, à excepção da criança 2, que demonstrou ter uma ideia incorrecta do seu comportamento

Não, porque eu não sou de arranjar brigas e os que aqui tão são todos meus amigos. Nunca se arranja brigas. (E13)

Não, porque eu não gosto. (E14)

Eu, eu não. Porque é muita confusão, depois ainda fica mais violento. (E15)

15.º Três das crianças em estudo afirmaram que se esforçam para criar bom ambiente junto dos outros (crianças 1, 2 e 5).

16.º São igualmente três, mas desta vez foram as crianças 1, 2 e 4 que asseguram respeitar os que os rodeiam, contrariamente às crianças 3 e 5.

Às vezes, outras vezes não, quando elas são mal-educadas para mim. Quer dizer, não tou a dizer adulto. Aos adultos não respondo nada. Faço de conta que eu não ouvi. Com os pequeninos isso é uma confusão é eles a chamarem-me nomes é eu a chamar-lhes nomes, não sei quê e não sei que mais. (E15)

17.º À pergunta: *Ouves com atenção o que os outros têm para te dizer?* só as crianças 1 e 2 responderam que *Sim*. Contudo, considerando o conhecimento que a entrevistadora tem da criança 2, conseguido ao longo da observação, esta resposta demonstra que a criança não tem muita consciência das suas atitudes perante os outros, uma vez que isso nem sempre acontece.

Em conclusão, diremos que, na globalidade, as respostas das crianças às diversas perguntas foram relativamente curtas, verificando-se por vezes algumas contradições, o que nos leva a deduzir a existência de dificuldades ao nível da compreensão e de expressão oral.

Salienta-se que a criança 2 adoptou frequentemente uma postura de reserva, birra e amuo, permanecendo de costas voltadas para a entrevistadora.

Na maioria dos casos, as crianças apresentaram-se algo ausentes. Terminamos a análise destas entrevistas, salientando que, se por um lado existem situações anteriores à integração no CES que “feriram” estas crianças, por outro, a sua permanência nesse espaço não lhes trouxe a felicidade almejada!

4.2. Análise das Grelhas de Observação:

As observações às crianças podem dividir-se em três grandes blocos: 1.as que decorrem no CES em ocasiões rotineiras, (nos dias 13 de Março e nos dias 23, 24, 26, 27 e 29 de Maio), 2.as que decorrem durante a realização de actividades lúdicas (25 de Março), 3.as que foram realizadas em contexto de sala de aula (criança 1 a 21 de Março, 29 de Maio e 5 de Junho; criança 2 a 24 de Março, 31 de Maio e 19 de Junho; criança 3 a 23 de Março, 29 de Maio e 5 de Junho; criança 4 a 22 de Março, 29 de Maio e 5 de Junho e a criança 5 a 20 de Março, 29 de Maio e 5 de Junho.)

4.2.1. Análise das Grelhas de Observação das Crianças em Actividades Lúdicas (O7):

Considerando a ausência das crianças 2, 3 e 5 no fim-de-semana em que decorreram as observações em análise, apenas pudemos observar os comportamentos das crianças 1 e 4, já que aquelas tinham ido passar esse período com as famílias biológicas ou com famílias amigas.

As actividades lúdicas em que duas crianças (1 e 4) estiveram envolvidas decorreram ao longo de uma tarde e envolveram o futebol, pintura e jogos diversos. A supervisão foi exercida por jovens voluntários, os quais também tomaram parte dos diversos jogos e brincadeiras.

Na observação realizada durante essas actividades foi possível verificar que as crianças em estudo faziam constantes chamadas de atenção, pois queriam que os voluntários se ocupassem prioritariamente delas. É de referir que se mostraram bastante alegres com as brincadeiras propostas. Contudo, reagem com violência às crianças mais novas e às do sexo oposto. Apesar do interesse manifestado, a grande parte das brincadeiras decorreram no meio de brigas.

4.2.2. Análise das Grelhas de Observação das Crianças em Ocasões Rotineiras (O1, O2, O3, O4, O5, O6):

Esta análise reporta-se aos dias em que a investigadora pretendeu observar comportamentos e atitudes das crianças, em actividades diárias. Estas decorreram em vários momentos do dia: de manhã (ao levantar, ao tomar o pequeno almoço e na ida para a escola), à tarde e à noite (antes, durante e após o jantar e na ida para a cama).

Na observação realizada durante a manhã, podemos verificar a existência de crianças calmas (1 e 3) e outras muito enérgicas. As crianças calmas fizeram a sua higiene sossegadas e em silêncio. Ao pequeno-almoço, continuaram caladas. Quando terminaram a refeição, deixam o lugar arrumado e dirigiram-se à casa de banho, sempre com posturas correctas, para lavar os dentes, indo posteriormente sozinhas para a escola.

As crianças muito enérgicas (2, 4 e 5) começaram o dia com constantes chamadas de atenção sobre si próprias, pela negativa como quando reagiram com indelicadeza para as auxiliares e subiram para cima do mobiliário. O momento da higiene diária decorreu no meio de uma algazarra.

Durante o pequeno-almoço conversavam com as crianças que se encontravam noutras mesas, nunca estiveram sossegadas nas cadeiras e levantavam-se com alguma frequência. Depois da refeição, dirigiram-se à casa de banho para lavar os dentes, mas sempre com algum alarido.

Nas observações realizadas durante a tarde, constatámos que as crianças 1 e 3, que tinham permanecido calmas durante a manhã, tornaram-se mais activas, à tarde. Verificámos também que as crianças 1, 4 e 5, e por vezes a 2, gostavam muito de estar juntas, para brincar e jogar. Contudo, as suas brincadeiras adquiriram frequentemente um carácter violento. Convém também referir que a criança 5, apenas se envolve em brigas, quando provocada. A criança 1 gostava muito de observar as lutas dos colegas e raramente entrava nelas. Aliás, esta raramente reage de maneira violenta, optando na maioria das vezes, por ameaçar os colegas que vai contar a um adulto, as partidas que lhe pregam.

Ao anoitecer e chegada a hora do banho, as crianças 2, 4 e 5 arranjaram vários motivos para recusar tomá-lo, sendo necessário que as auxiliares as obrigassem.

Na observação realizada à noite, verificámos que as crianças 1 e 3, a exemplo do ocorrido da manhã, estavam calmas. Antes do jantar, tomaram banho em silêncio. Uma delas foi para a sala da TV ver uma cassete de vídeo e a outra esteve a arrumar a casa-de-banho. Durante o jantar, conversaram um pouco com os colegas da mesa, após o que se dirigiram novamente àquela sala, para verem um filme. Durante o visionamento do mesmo, foram-se identificando com as personagens.

As crianças 2, 4 e 5, antes do jantar, encontravam-se muito irrequietas: penduravam-se nos varões dos cortinados, saltavam nas camas e colocavam-se em cima do mobiliário. Durante o jantar continuaram a desrespeitar as regras cívicas, colocando

os pés em cima das cadeiras, deitando-se em cima das mesas e fazendo birra quando as auxiliares as repreendiam. Após o jantar, foram para a sala de Tv, ameaçando bater nos colegas e gozando com eles.

Todas as crianças dirigiram-se para a sala da Tv, quando o jantar terminou, ver filmes ou para a sala de brinquedos, jogar.

Após este período de observação, concluímos que as crianças 2, 4 e 5, apresentam quase sempre comportamentos incorrectos. As crianças 1 e 3 são mais sociáveis e relacionam-se melhor com os outros, reagindo às diversas situações com maior ponderação.

É também digno de registo, o facto da criança 1 ter apresentado uma evolução ao longo das observações. Inicialmente, encontrava-se mais retraída e brincava pouco com os colegas, alterando gradualmente estas atitudes, pois passou a interagir mais.

Na observação realizada ao longo do dia, foi possível observar os seguintes comportamentos das crianças:

Quadro 13 - Comportamentos das crianças ao levantar

	Ao Levantar		
	Faz a higiene pessoal calmamente	Mantém-se afastado, enquanto faz a higiene pessoal	Faz a higiene pessoal, resmungando com as auxiliares
Criança 1	x		
Criança 2		x	
Criança 3	x		
Criança 4			x
Criança 5			x

Quadro 14 - Comportamentos das crianças ao pequeno-almoço

	Durante o pequeno-almoço			
	Permanece sossegada no lugar	Come com satisfação	Está irrequieta na cadeira e conversa com os colegas	Por vezes, é agressiva e indelicada para as auxiliares
Criança 1	x	x		
Criança 2			x	
Criança 3	x			
Criança 4			x	x
Criança 5			x	x

Quadro 15 - Comportamentos das crianças após o pequeno-almoço

	Após o pequeno-almoço					
	Durante a semana			Ao fim-de-semana		
	Lava os dentes e vai sozinha para a escola	Lava os dentes e aguarda que as auxiliares a levem à escola	Lava os dentes e vai com outra criança para a escola	Brinca com os colegas	Brinca com os colegas, mas ofende-os verbal e fisicamente	Ajuda as auxiliares
Criança 1	x			x		
Criança 2		x		x		
Criança 3			x			x
Criança 4			x		x	
Criança 5			x	x		

Quadro 16 - Comportamentos das crianças à tarde

	À tarde				
	Toma banho contrariada	Brinca com os colegas	Faz muitos disparates (salta em cima da cama, sobe para as estantes, põe os pés em cima das cadeiras, ...)	Faz os trabalhos de casa e várias pesquisas	Bate nos colegas ou ofende verbalmente adultos e crianças
Criança 1	x	x			
Criança 2	x		x		x
Criança 3		x			
Criança 4	x		x		x
Criança 5	x		x	x	x

Quadro 17 - Comportamentos das crianças ao jantar

	Ao jantar			
	Come com satisfação, chegando a expressar largos sorrisos quando a comida agrada muito	Conversa com os colegas da mesa	Não consegue estar correctamente sentada à mesa (dança, morde-se, põe os pés em cima da cadeira, ...)	Bate nos colegas ou ofende verbalmente adultos e crianças
Criança 1	x	x		
Criança 2		x	x	
Criança 3		x		
Criança 4		x		x
Criança 5		x		

Quadro 18 - Comportamentos das crianças após o jantar

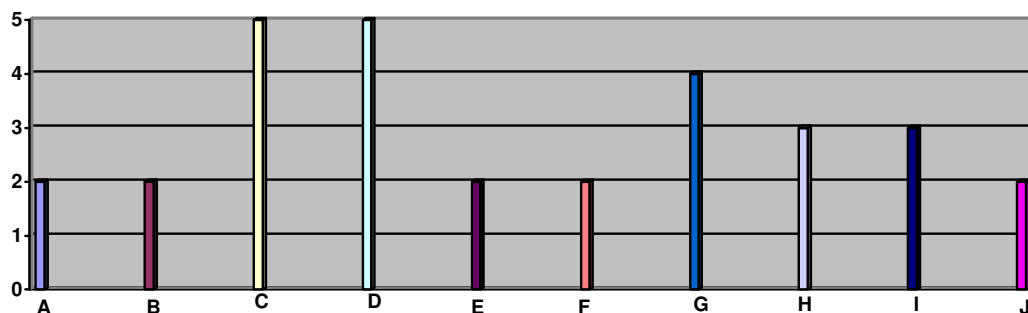
	Após o jantar		
	Bate nos colegas que se encontram na sala a ver televisão	Faz birras e amua, quando é a sua vez de realizar as tarefas	Vê televisão e identifica-se com as personagens dos filmes
Criança 1			x
Criança 2	x		
Criança 3			x
Criança 4	x	x	
Criança 5			x

Durante a observação diária, verificaram-se as seguintes características de personalidade:

Quadro 19 – Características de personalidade das crianças observadas no CES

	Calma	Sossegada	Carente	Meiga	Violenta	Agressiva	Conflituosa	Irrequieta	Insegura	Baixa tolerância à frustração
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Criança 1	x	x	x	x					x	
Criança 2			x	x	x	x	x	x		x
Criança 3	x	x	x	x			x		x	
Criança 4			x	x	x	x	x	x		x
Criança 5			x	x			x	x	x	

Gráfico 7 - Número de crianças com características de personalidades semelhantes:



Legenda:

A – Calma

D – Meiga

G – Conflituosa

J – Baixa tolerância à frustração

B – Sossegada

E – Violenta

H – Irrequieta

C – Carente

F – Agressiva

I – Insegura

4.2.3. Análise das Grelhas de Observação efectuadas às crianças em contexto

escolar:

Ao longo das sessões, pretendemos observar os comportamentos e as atitudes das cinco crianças, em contexto escolar.

Considerando que os comportamentos que ocorrem nos intervalos das actividades escolares, vulgarmente conhecidos por recreios, se revestem de particular interesse, já que o controlo e a presença do adulto são mais reduzidos, quisemos também observar as crianças a que se reporta o presente estudo, nessas ocasiões. As observações realizadas com este propósito ocorreram entre as 10h30 e as 11h, ao passo que durante os três restantes períodos (9h00/10h30, 11h00/12h00 e 13h30/15h30), as observações se direccionavam para a análise dos comportamentos das referidas crianças em situações de sala-de-aula.

No final das observações, pudemos apurar algumas características da personalidade destas crianças, bem como compreender quais os comportamentos que lhes são inerentes.

Características da criança 1

- Calma;
- Pouco participativa;
- Reservada;
- Sossegada;
- Desorganizada (coloca em cima da mesa material de que não necessita);
- Pouco concentrada (dispersa a atenção com alguma facilidade);
- Carente e meiga;
- Empenhada;
- Insegura (precisa de constantes reforços da professora);
- Não percebe em que situação deve utilizar a caneta ou o lápis.

Comportamentos da criança 1

- ▶ Rói as unhas e o material escolar;
- ▶ Faz uma careta, em que enrugam o nariz e estica os lábios, simultaneamente;
- ▶ Passa grande parte do tempo com a mão esquerda sobre a cabeça e esta em cima da mesa;
- ▶ Abana as pernas com muita frequência;
- ▶ Quando regressa ao lugar, não se senta de imediato. Quando o faz coloca os joelhos na cadeira.

Características da criança 2

- Violenta;
- Agressiva;
- Desatenta;
- Desorganizada;
- Carente afectivamente, gosta de mimos. Chama a atenção das pessoas que a rodeiam, de uma forma negativa;
- Meiga;
- Pouco participativa nas actividades lectivas;
- Cansa-se com muita facilidade das actividades propostas.
- Mantém-se mais interessada e atenta durante a realização de actividades práticas;
- Expressa-se com uma linguagem bastante infantil e não pronuncia o “r”;
- Quando realiza tarefas escolares, precisa de muito reforço positivo.

Comportamentos da criança 2

- ▶ Sorri quando os pais lhe dão atenção e mimos;
- ▶ Rói as unhas;
- ▶ Quando se enerva, tira os sapatos (este comportamento significa que algo de mau vai acontecer);
- ▶ Magoa os colegas nas brincadeiras;
- ▶ Na maior parte das vezes, sempre que acaba de magoar os colegas, auto agride-se;
- ▶ Prontifica-se para ajudar a professora;
- ▶ Está constantemente a provocar os colegas, insinuando e mexendo no seu sexo (projectando a bacia para a frente, enquanto toca as partes genitais). Molhou os colegas e enfrentava-os com a garrafa à frente do sexo dizendo: *“quero fazer sexo.”(O11)*
“o ... quer fazer sexo contigo (O13)

Pudemos constatar que os comportamentos desta criança se foram alterando ao longo da observação, encontrando-se nas últimas sessões mais calma e atenta. Segundo a professora, estas alterações estão directamente relacionadas com o início da medicação para a hiperactividade.


Características da criança 3

- Interessada;
- Empenhada;
- Organizada;
- Muito madura para a idade;
- Carente;
- Meiga;
- Esforçada;
- Pouco participativa;
- Sossegada;
- Apresenta um apurado sentido de justiça;
- Possui um grande sentido de responsabilidade;
- Precisa de constantes reforços.

Comportamentos da criança 3

- ▶ Prontifica-se para ajudar a professora;
- ▶ Rói as unhas;
- ▶ Prefere a companhia dos adultos, ou de crianças mais novas com as quais se sente bem e que a tratam como ela merece;
- ▶ Mete frequentemente a mão na boca;
- ▶ Passa grande parte do tempo com a mão na orelha ou no cabelo;
- ▶ Enrola o cabelo e morde-o;
- ▶ Na turma, é constantemente alvo de gozo. Foi possível verificar dois tipos de reacção a esse gozo: ou reage batendo, ou resolve ignorar (cruza os braços e vira a cara);

Características da criança 4

- 
- Violenta;
 - Agressiva;
 - Meiga;
 - Carente;
 - Desatenta;
 - Desorganizada;
 - Não é participativa;
 - Muito distraída.

Comportamentos da criança 4

- ▶ Rói as unhas e as canetas;
- ▶ Mete os dedos na boca;
- ▶ É desinteressada relativamente à realização do seu trabalho, mas gosta de acompanhar o que os colegas estão a realizar;
- ▶ Depois de ter magoado um colega, magoa-se a si própria, auto-agredindo-se;
- ▶ Prontifica-se para ajudar a professora.

Pelas observações realizadas, podemos concluir que a criança 5 não apresenta as mesmas reacções dentro e fora sala-de-aula (no intervalo):

<i>Características da criança 5</i>	<i>Na sala de aula:</i> <ul style="list-style-type: none">- Esforçada;- Meiga;- Muito participativa;- Carente;- Empenhada;- Gosta de dar opinião/ ideias;- Precisa de constantes reforços positivos para realizar as tarefas.
	<i>No intervalo:</i> <ul style="list-style-type: none">- Violenta;- Agressiva;- Muito conflituosa;- Mal-educada;- Não obedece às auxiliares.

Comportamentos da criança 5

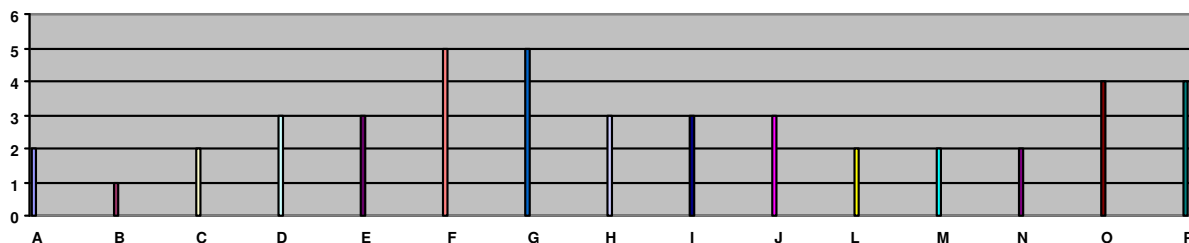
- ▶ Prontifica-se para ajudar a professora;
- ▶ Quando fala com a professora, baloiça a cadeira e mexe muito a cabeça e as sobrancelhas;
- ▶ Passa grande parte do tempo com a mão na cabeça;
- ▶ No intervalo, dificilmente obedece às auxiliares, as quais só conseguem os seus intuitos, quando lhe falaram com calma e carinhosamente.

Durante a observação das crianças em contexto escolar, verificaram-se as seguintes características de personalidade:

Quadro 20 – Características de personalidade das crianças observadas em contexto escolar

	Calma	Reservada	Sossegada	Desorganizada	Distraída	Carente	Meiga	Violenta	Agressiva	Empenhada	Interessada	Esforçada	Conflituosa	Precisa de constantes reforços	Pouco participativa quer oralmente, quer nas actividades lectivas
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P
Criança 1	x	x	x	x	x	x	x			x				x	x
Criança 2				x	x	x	x	x	x				x	x	x
Criança 3	x		x			x	x			x	x	x		x	x
Criança 4				x	x	x	x	x	x						x
Criança 5						x	x	x	x	x	x	x	x	x	

Gráfico 8 - Número de crianças que apresentam características comuns, em contexto escolar



Legenda:

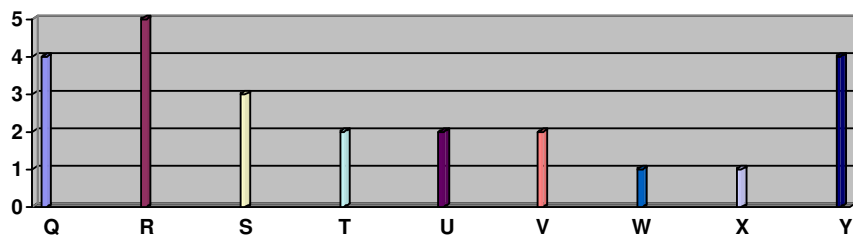
- A - Calma D - Desorganizada G - Meiga J - Empenhada N - Conflituosa
- B - Reservada E - Distraída H - Violenta L - Interessada O - Precisa de constantes reforços
- C - Sossegada F - Carente I - Agressiva M - Esforçada P - Pouco participativa quer oralmente, quer nas actividades lectivas

Durante a observação das crianças em contexto escolar verificaram-se os seguintes comportamentos:

Quadro 21 – Comportamentos das crianças observados em contexto escolar

	Roer as unhas Q	Gostar de ajudar R	Permanecer com a mão na cabeça S	Magoar os colegas e depois, auto-agredir-se T	Gostar de estar com os mais velhos U	Fazer caretas inconscientemente V	Fazer frente aos colegas, mexendo nos órgãos genitais W	Tirar os sapatos quando está zangada X	Magoar os colegas Y
Criança 1	X	X	X			X			
Criança 2	X	X		X	X		X	X	X
Criança 3	X	X	X		X				X
Criança 4	X	X		X					X
Criança 5		X	X			X			X

Gráfico 9 – Números de crianças que apresentam comportamentos comuns observados em contexto escolar



Legenda:

Q – Roer as unhas

T – Magoar os colegas e depois auto-agredir-se

W – Fazer frente aos colegas, mexendo nos órgãos genitais

R – Gostar de ajudar

U – Gostar de estar com os mais velhos

X – Tirar os sapatos quando está zangada

S – Permanecer com a mão na cabeça

V – Fazer caretas inconscientemente

Y – Magoar os colegas

4.3. Caracterização das crianças, através do cruzamento de dados recolhidos nas entrevistas e nas observações

Com a finalidade de podermos organizar o mais fielmente possível, um perfil coerente e real das crianças por nós estudadas, procedemos, não só à realização de entrevistas aos profissionais que com elas interagem (professoras e psicóloga) e às próprias crianças, como também a observações directas do seu quotidiano (em contexto escolar e em momentos do dia-a-dia).

Reportando-nos aos dois pontos anteriores deste trabalho diremos que a caracterização agora elaborada, resulta da intersecção das análises que deles constam.

Os dados recolhidos serviram para que procedêssemos às caracterizações físicas e psicológicas de cada criança e descrevêssemos os seus comportamentos e abordássemos sucintamente os percursos de vida que cada uma delas teve, até ao seu acolhimento no CES.

4.3.1.Criança 1

Caracterização Física:

A criança tem um ar meigo e dócil. Por vezes, apresenta uma expressão triste.

É uma criança bonita, com uma estatura normal para os seus nove anos. É magra, tem cabelos ruivos curtos (no início do estudo, tinha o cabelo mais comprido) e olhos verdes. A pele é bastante clara e repleta de sardas. Os colegas deram-lhe a alcunha de “*cenoura*”, precisamente devido a estas características. As mãos são pequenas, com dedos médios e unhas roídas.

Não tem problemas de visão, nem de audição.

Apresenta-se limpa e com o vestuário cuidado.

Caracterização Psicológica:

Afectivamente, trata-se de uma criança carente, carinhosa, meiga e *amiga dos colegas (E8)*. Segundo a psicóloga, tem baixa auto-estima, sendo também um pouco insegura, serena e calma. Raramente apresenta as suas opiniões. Mostra-se bastante satisfeita às refeições e chega a esboçar largos sorrisos quando come certos alimentos (exemplo: bolos, uvas, ...)

Manifesta timidez e passividade em várias situações, como quando é provocada para tomar parte de uma briga ou convidada a expor as suas ideias.

Não provoca situações desagradáveis nem conflituosas, quer no CES, quer na sala de aula quer no recreio.

Quando percebe o perigo, é no adulto que procura auxílio.

Comportamentos e Atitudes:

Desde que foi integrada no Centro, verificou-se uma alteração do comportamento relativamente à maneira como se alimentava. *Um dos aspectos mais relevantes, é a maneira como se alimentava, comia muito rapidamente e queria repetir sempre, talvez com medo de passar fome. Os seus comportamentos noutros contextos, pelos registos que temos da outra escola eram semelhantes. (E8)*

Na escola, a criança é pouco participativa e desorganizada (coloca em cima da mesa material de que não necessita). Manifesta insegurança quando vai ao quadro e dificuldades na utilização da caneta e do lápis. Distrai-se facilmente, mas é muito empenhada, embora precise de constantes reforços positivos.

Tanto na escola, como no CES, não é uma criança conflituosa. Só reage com violência quando é *provocada por outra criança e se esta a magoar. (E8)*

Com os adultos, a criança tem uma atitude correcta, obedecendo e respeitando as regras. Em sala de aula, foi possível observar comportamentos de nervosismo e ansiedade como roer as unhas e o material escolar. Passa muito tempo com a mão na cabeça e esta em cima da mesa. Raramente está quieta com as pernas (abana-as constantemente).

Percurso da Criança:

É uma criança conformada com a sua situação e percebeu que não podia continuar a viver do modo como vivia (E8). Na família biológica, a criança sofreu privações alimentares e quando ia ao frigorífico buscar algo para comer, era punida fisicamente. Era vítima de maus-tratos físicos, suspeitando-se também, de abuso sexual por parte de um tio, com quem ficava depois da escola.

O ambiente familiar era instável e segundo a psicóloga, *a criança por vezes ficava em casa, ou na casa da vizinha enquanto a mãe ia aos bailes. (E8)*

A criança foi integrada no CES, a 25 de Janeiro de 2006, quando tinha oito anos.

A integração foi boa. O seu acolhimento não tem sofrido alterações (E8). Ao longo destes meses, verificou-se uma evolução em termos de à-vontade com os pares. Já

mantém relações de amizade com alguns colegas, essencialmente com os do mesmo sexo e idade.

No Centro de Acolhimento recebe visitas semanais dos pais (mãe e padrasto) e da avó. *Os pais são assíduos e telefonam todos os dias, no entanto, a relação com o filho é um pouco distante e fria. (E8)*

4.3.2.Criança 2

Caracterização Física:

A criança 2 é magra e bonita. Apresenta uma estatura normal para a idade: oito anos.

Tem o cabelo preto e encarapinhado. A pele é negra e com aspecto macio. Os olhos são pretos. Tem as mãos e os dedos pequenos e as unhas roídas.

Não tem problemas de audição, nem de visão.

No fim do dia, tem um visual descuidado e pouco limpo.

Caracterização Psicológica:

A criança é muito revoltada, provavelmente devido à sua situação de vida. Gosta de ser o centro das atenções. Geralmente, é meiga, mas também consegue ser violenta e agressiva.

Trata-se de uma criança hiperactiva. Contudo, foi possível verificar, que nas últimas observações realizadas pela investigadora, se encontrava mais calma, devido ao início do tratamento para a hiperactividade.

O facto de não receber visitas há algum tempo origina constantes chamadas de atenção dos adultos pela negativa.

Durante uma conversa informal com a psicóloga, esta referiu que quando a criança chegou ao CES, não tinha qualquer noção de regras ou normas de comportamento, verificando-se alguma agressividade. Segundo esta mesma técnica, a criança é muito carente e possui baixa tolerância à frustração.

Expressa-se através de uma linguagem e pronúncia bastante infantis para a sua idade, não pronunciando o “r”, por exemplo.

Comportamentos e Atitudes:

Na escola, é uma criança que precisa de muito reforço quando está a realizar tarefas escolares. Cansa-se com facilidade. A realização de actividades práticas conseguem captar a sua atenção durante mais tempo.

É desatenta e desorganizada

Nesta criança, encontrámos dois tipos de comportamentos opostos, face aos adultos com quem convive. Na escola, aprecia a proximidade das auxiliares e da professora, sobretudo os mimos que delas recebe, mas no CES, *o seu comportamento (...) para com os adultos é sempre uma atitude de confronto, de ir contra as indicações (...).* (E9)

Observámos que em diversas ocasiões, esta criança se relaciona mal com os colegas, provocando-os e agredindo-os física e verbalmente. Mesmo nas brincadeiras, briga com elas. Foi-nos ainda possível verificar que era frequente magoar-se a si própria, depois de os aleijar.

Com o grupo de pares está sempre a tentar desafiá-los tirando-lhes as coisas. (E9)

A criança é muito provocadora de situações violentas. (E9)

Percurso da Criança:

O pai veio de Angola com a criança e outro irmão, sem habitação definida. Como a situação sócio-económica era má entregou os dois filhos ao cuidado da Instituição. *O seu tempo de permanência já é bastante longo e já não deve ter lembranças do que é viver noutra local.* (E9), por isso não manifesta saudades. Parece-nos relevante o facto do pai não manter qualquer relação com estes filhos.

Desde a entrada para o CES, *alguns dos seus comportamentos e atitudes alteraram-se nomeadamente no saber estar à mesa, no modo de falar e no cumprimento de regras.* (E9)

Como já tivemos oportunidade de apontar, desde que iniciou a medicação para a hiperactividade, a criança encontra-se mais calma, quer no CES quer na escola, onde consegue momentos de alguma atenção.

4.3.3.Criança 3

Caracterização Física:

Trata-se de uma criança bonita, com físico e estatura normais para a idade: doze anos.

Os cabelos são castanho-claros compridos. Tem uns grandes olhos azuis e pele muito clara. As mãos e os dedos são médios, com unhas roídas.

A visão e audição são normais.

Apresenta-se com um vestuário cuidado e limpo.

Caracterização Psicológica:

A criança é meiga, cuidadosa, interessada e atenta ao que a rodeia.

Afectivamente, é carente e carinhosa (especialmente com os mais pequenos ou com os adultos).

Possui sentido de justiça e de responsabilidade. O aspecto que mais sobressai quando está junto dos pares é a sua maturidade.

Na escola, é uma criança sossegada. Apesar do seu empenhado, participa pouco oralmente.

Os reforços positivos do adulto são muito importantes para que esta criança adquira as aprendizagens escolares.

É uma criança meiga e cuidadosa com a professora, mas quando a professora chama a sua atenção não gosta e resmunga. (E5)

É uma criança serena que colabora com a professora. (E5)

Apenas reage com agressividade face a situações mais violentas.

É uma criança insegura e quando percebe o perigo, geralmente corre a falar com o adulto. (E10)

Comportamentos e Atitudes:

Antes da sua integração no CES, a criança costumava bater muito aos irmãos e às crianças mais novas. (E10)

Actualmente, já recorre à admoestação, o que demonstra uma evolução muito positiva nos seus comportamentos.

Encontra-se mais calma mas, para fazer o que pretende, mente aos adultos.

Fica ansiosa quando o fim-de-semana se aproxima, pois aprecia muito esses períodos. Quando os pais se atrasam, à sexta-feira, manifesta nervosismo e perturbação.

Em contexto escolar, apresenta algumas “ausências”. Nesses momentos mantém-se com a cabeça apoiada num braço e a outra mão encostada à orelha. O seu nervosismo manifesta-se pelo roer das unhas.

Aprecia particularmente a presença dos adultos, ajudando-os nas suas tarefas.

Percurso da Criança:

Tinha 11 anos aquando da sua integração no CES a 2 de Fevereiro de 2005.

Anteriormente, já havia sido institucionalizada, devido à perda de habitação dos pais, que possuíam um nível sócio-económico muito baixo.

A mãe abandonou a casa com os filhos, alegando querer começar uma vida nova, sem o marido, pois era maltratada por este. A criança assistia a esta violência familiar, passando também carências. Por outro lado, existe a suspeita de que foi abusada sexualmente pelos tios.

Não era assídua na escola e não tinha vontade de brincar, devido ao seu ambiente familiar *violento e de carências económicas. (E10)*

Actualmente, decorre a avaliação das saídas de fim-de-semana, pois existe a possibilidade de reintegração na família biológica.

A criança sente saudades da mãe e da restante família *e deseja muito ir viver para junto dos pais. (E10)*

4.3.4. Criança 4

Caracterização Física:

É uma criança bonita, cuja estatura é normal para a idade: 11 anos. É magra, tem cabelo castanho-escuro e olhos esverdeados. As sardas que tem no nariz dão-lhe um ar muito engraçado.

Tem as mãos e os dedos médios e as unhas roídas.

Não tem problemas de visão, nem de audição.

Tem uma apresentação sempre cuidada e limpa, pois preocupa-se com a aparência e o aspecto da roupa.

Caracterização Psicológica:

É uma criança meiga e cuidadosa com a professora. Socialmente é muito influenciável. Por vezes, em ambiente de amigos, existem alguns focos de agressividade, mas tais atitudes não são de todo comuns. (E6)

Afectivamente, esta criança consegue adoptar características perfeitamente opostas: ora é meiga e carente, ora é agressiva e violenta.

Na sala de aula, para além de não ser participativa, é desorganizada com o seu material e muito desatenta, distraíndo-se com facilidade.

Tem uma baixa tolerância à frustração. É uma criança com grandes carências afectivas e revoltada.(E11)

Em muitas situações, não tem percepção do perigo.

Trata-se de uma criança pouco respeitadora de normas e condutas, já que não consegue respeitar os horários, nem as regras do CES. Infringe-os constantemente e reage mal perante a imposição dos mesmos.

Comportamentos e Atitudes:

Segundo a professora, é uma criança desatenta e desconcentrada. Demora imenso na realização de tarefas escolares. Colabora em actividades de grupo. É afectiva comigo e com os colegas da turma. Na minha presença, o aluno não reage de forma agressiva, mesmo que esta seja a atitude dos outros em relação a ele. (E6)

Na sala de aula, rói as unhas e as canetas ou mete os dedos na boca. É desinteressada relativamente ao seu trabalho, mas gosta de ver e ouvir o que os colegas da turma fazem ou dizem. Sempre que a professora solicita auxílio, a criança prontifica-se para ajudar.

No CES, as suas atitudes alteraram-se bastante, é uma criança que reage muito impulsivamente, o que não acontecia anteriormente. Com os adultos, se contrariado ou confrontado com algo, reage: chora, atira com as coisas, bate as portas. Com os pares, bate-lhes. (E11)

A criança fica ansiosa perante “acontecimentos importantes”, por exemplo quando recebe a visita da mãe ou quando sai com as famílias amigas.

Os factores que, segundo a psicóloga, contribuíram para o facto de a criança ser agressiva e irrequieta são: *a sua longa estadia no CES, e o perceber que os seus irmãos se encontram com a mãe e ele e a irmã não. (E11)*

A criança manifesta atitudes violentas *quando é contrariada ou confrontada com algo que julga não ter culpa. (E11)*

Percurso da Criança:

Antes da integração no CES, a criança 4 durante o dia, estava ao encargo de uma irmã mais velha, com tendências suicidas. Por conseguinte, o ambiente era muito instável. Para além de não ir à escola, passava também por carências alimentares, devido ao baixo nível sócio-económico da família.

No CES, a criança integrou-se bem, mas a sua *evolução está-se a mostrar um pouco atribulada. Encontra-se numa fase em que está a reagir de uma forma muito impulsiva. (E11)*

É da mãe e dos irmãos que manifesta mais saudades e, apesar do contacto com a família não ser regular, gosta muito de receber visitas, particularmente da mãe e da irmã.

4.3.5. Criança 5

Caracterização Física:

Trata-se de uma criança de 10 anos, bonita e magra, de pele mulata, tem olhos e cabelo preto, um pouco encaracolado.

Ouve e vê bem.

Apresenta alguma preocupação relativamente ao vestuário: de um modo geral, anda limpo e cuidado.

Caracterização Psicológica:

É uma criança carente, insegura e é facilmente influenciada pelos outros. (E12)

É meiga, organizada, calma, participativa, interessada e trabalhadora. É batalhador quando é estimulado frequentemente, etc. É notório que só gosta de trabalhar e fazer bem, quando sente interesse por parte de quem solicita. A maior parte das vezes é honesta em relação ao que conta. (E7)

É uma criança amiga dos colegas. (E12)

Segundo a professora e também de acordo com as observações por nós efectuadas, pode considerar-se que agora a criança se porta bem, depois de ter atravessado um período de comportamentos muito incorrectos, no recreio.

Na sala de aula, precisa de muito apoio e atenção, mas é empenhada, colaborando frequentemente com ideias e opiniões.

No recreio, a criança 5 apresenta comportamentos muito antagônicos. Embora a maioria das vezes se porte bem, também acontece envolver-se em fortes conflitos com os colegas, durante os quais reage de forma violenta e agressiva.

Apresenta também algumas dificuldades em aceitar a autoridade e o cumprimento de horários e regras, desafiando e desobedecendo, por vezes, às auxiliares.

Estamos em crer que as circunstâncias da vida e a longa permanência desta criança no CES promovem os seus estados de irrequietude e violência.

Perante situações de perigo, tem tendência para se afastar e falar com um adulto.

Comportamentos e Atitudes:

De um modo geral é educado para com os adultos e com os pares. Na sala, é amigo do amigo. Em casa, tenta por vezes mandar nos mais pequenos e com os adultos em casa tenta ir contra as suas regras. (E12)

Diariamente, na sala de aula, tem um bom comportamento. É atento e interessado e participa em todas as actividades com empenho. É organizado e gosta de mostrar o que vai fazendo. Face a situações mais violentas a criança “tenta sempre justificar-se e explica a situação acontecida. (E7)

Ao longo das nossas observações, pudemos verificar que a criança 5 por norma não é violenta, reagindo desta forma, quando é provocada. As desobediências e as indelicadezas perante as auxiliares são superadas quando estas lhe falam calmamente e com carinho. Na sala-de-aula, passa grande parte do tempo com a mão na cabeça. Quando fala com a professora, baloiça a cadeira, e mexe as sobranceiras e a cabeça. É muito solícita para com os pedidos da professora. A criança fica nervosa *quando é interrogada em relação à família biológica, e também encontra-se ansiosa por ter uma família.*(E12)

Percurso da Criança:

Até ao ingresso no CES, a criança vivia numa casa sem *condições de habitabilidade, de segurança e de higiene. (E12)* Dormia no sofá de um quarto sem condições. O ambiente familiar era violento e de abandono para com a criança, que era vítima de agressão e maus-tratos severos, por parte da madrasta, dos quais resultaram marcas visíveis no corpo. Por conseguinte, a criança não sente saudades nenhuma do

“exterior”, o que deseja muito é ter uma nova família. Parece-nos que este desejo profundo da criança se prende directamente com as experiências negativas que a família biológica lhe proporcionou.

Desde que foi integrada no CES, a postura *melhorou significativamente*. *Era uma criança assustada e não confiava nas pessoas (E12) e tornou-se uma criança mais segura de si e feliz. (E12)*

Segundo a professora, quando a criança chegou à escola não tinha hábitos, nem métodos de trabalho, *não sabia nada*, não lia, nem escrevia. Actualmente, já lê, sendo a escrita a sua maior dificuldade.

Parece-nos que o facto da criança, até à sua integração no colégio CEBI, estar integrada em turmas problemáticas, não só condicionava as suas aprendizagens, como fazia com que fosse um “aluno problema”.

O acolhimento desta criança no CES, proporcionou-lhe bem-estar e conforto, bem como uma segurança, desconhecida até então.

4.4. Análise dos dados recolhidos durante a investigação empírica:

No capítulo I da segunda parte, apresentámos as questões que estiveram na base da nossa investigação, bem como os objectivos subjacentes. Pretendemos agora debruçar-nos sobre os resultados obtidos, depois de realizado o trabalho de campo.

Primeiras questões da investigação:

- a) O que é o Centro de Emergência Social?
- b) Como funciona o Centro de Emergência Social?

Objectivo: Recolher informações sobre o local onde residem crianças maltratadas.

O Centro de Emergência Social de Alverca, sendo uma organização de apoio social, acolhe crianças que vivem em situação de perigo. Tendo entrado em funcionamento no início do ano de 1996, prestando esse apoio a apenas uma criança, viu este número ir aumentando gradualmente, até completar a sua lotação.

Os residentes deste centro provêm, não só do concelho de Vila Franca de Xira, mas de outros 6 concelhos próximos. Uma vez concretizado o acolhimento das crianças, a intervenção do CES é direccionada para os vários domínios do desenvolvimento das mesmas, concorrendo para colmatar as deficiências anteriores, através da prestação de cuidados básicos, inerentes às idades de cada uma dessas crianças.

Priorizam-se sempre os direitos e os interesses das crianças, os quais são considerados aquando do planeamento do seu futuro. Este consigna-se num documento intitulado *Projecto de Vida*, no qual se ponderam as perspectivas a proporcionar a cada criança. Estas podem englobar uma de três possibilidades distintas: a reintegração junto da família biológica, a adopção ou o internamento definitivo, num outro Centro, considerando que o CES apenas permite uma permanência provisória.

De acordo com as nossas observações, podemos concluir que a intervenção deste centro corresponde integralmente aos intentos a que se propõe, já que o tratamento e o seguimento dado às crianças que ali residem assumem um nível de qualidade digna de reparo. A alimentação é variada e confeccionada nas melhores condições; a educação é prestada segundo os parâmetros de qualidade a que o CEBI já habituou os seus utentes; o pessoal técnico e auxiliar adopta, em todas as circunstâncias, posturas afáveis e familiares; as condições de habitabilidade atingem parâmetros semelhantes aos de uma

casa de família clássica e a prestação dos cuidados de saúde, higiene e vestuário nunca são descurados.

Segunda questão da investigação:

c)Quais as características da população do CES?

Objectivo: Recolher informações sobre crianças maltratadas.

Como já referimos em capítulos anteriores, as crianças chegam ao CES através de serviços como a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Risco, o Tribunal de Menores e os Centros Regionais de Segurança Social ou a GNR. Estas crianças foram retiradas aos pais pelos tribunais ou assistentes sociais, porque se encontravam a viver em situação de perigo.

As crianças vítimas de maus-tratos são consideradas crianças em perigo, devido à precariedade dos cuidados primários recebidos, como é o caso da alimentação, da saúde e da higiene e do fraco investimento cultural, tanto na aprendizagem, como na socialização.

O ano em que mais crianças foram integradas no CES, foi o de 2005.

A população infantil acolhida tem idades compreendidas entre os 11 meses e os 12 anos, rondando a maioria os 3 anos. As famílias de proveniência apresentam todas um nível socio-económico baixo. Cerca de 65 % das crianças acolhidas são do sexo masculino.

Poderemos referir novamente que as causas que conduziram ao acolhimento das crianças neste centro estão directamente relacionadas com situações vividas por estas dentro da família, as quais abrangem a negligência, o abuso sexual e os maus-tratos, tanto psicológicos como físicos.

Terceiras questões de investigação:

d)Qual a relação dos residentes com o CES?

e) Como é passado o dia-a-dia das crianças dentro do CES?

Objectivo: Observar como estas crianças vivem o seu dia-a-dia

Apoiando-nos nas observações e nas entrevistas realizadas ao longo do nosso estudo, podemos concluir que as crianças alojadas no CES participam directamente em alguns tarefas diárias, a exemplo do que sucede nos núcleos familiares normais. Deste

modo, elas sentem-se elementos válidos e plenamente integrados na grande “família” que durante um período, pelo menos, será a delas.

Aliás, estas crianças costumam referir-se ao Centro como a “casa”, o que caracteriza o laço afectivo que mantêm o espaço físico, em si, e com as funcionárias que se ocupam deles. Estas, a exemplo do que acontece como as mães de família, desempenham simultaneamente o papel de mães, amigas, confidentes, agentes de autoridade, juízes, empregadas,... Para além desta relação aproximada que se vive na família, o CES providencia também aos seus residentes a realização de uma série de actividades lúdicas, adequadas às diversas idades, através das quais cada criança desenvolve a sua integração pessoal e comunitária, ao mesmo tempo que se apropria de experiências de vida, quem sabe, quantas vezes vividas em primeiríssima mão, tais como idas ao cinema, ao teatro, saídas para famílias amigas, tecelagem, xadrez, ...

O dia-a-dia das crianças adquire também uma dimensão semelhante à que é vivida em “família”, ou seja, aos bebés até aos dois anos são providenciados os cuidados inerentes à dependência que os caracteriza; as crianças com idades compreendidas entre os dois e os cinco anos frequentam as valências da Fundação CEBI, do tipo “Jardim-de-infância”; aquelas que têm entre os seis e os doze anos frequentam a escola, durante o horário normal estabelecido para o ensino básico, integrados em turmas dos alunos externos, pois esta Fundação apresenta também vertentes de “colégio particular”.

Um dos aspectos que pode diferenciar esta nova forma de vida, da anterior, reside nos horários fixos para as diversas crianças, os quais assumem algum carácter rígido e monótono: levantar sempre às 8h00, almoçar das 12h00 às 13h00, jantar às 19h30 e deitar às 21h30 ou 22h00, conforme as idades.

Quartas questões de investigação:

f)Quais são os comportamentos das crianças em estudo perante as várias situações do seu dia-a-dia?

g)Quais são as suas atitudes face a situações de vivência traumática?

h) Quais as características da personalidade das crianças?

Objectivos: Verificar como os maus-tratos influenciam comportamentos.

Identificar determinadas atitudes resultantes do percurso de vida das crianças em estudo.

Verificar como os maus-tratos influenciam o seu percurso de vida.

No quadro actual da sociedade em que vivemos, verificámos que existem crianças maltratadas oriundas dos vários estratos sociais. Contudo, as crianças acolhidas no CES são todas provenientes de famílias com poucos recursos económicos, culturais e sociais.

Sendo raras as situações de monoparentalidade, até à integração no CES, na generalidade, as crianças viviam com ambos os pais, os quais eram analfabetos ou possuíam a escolaridade mínima. Alguns eram desempregados ou possuíam um emprego provisório, indiferenciado e mal pago.

Estas características sociais são típicas das classes mais baixas. Estas reúnem poucas condições para satisfazer as necessidades dos filhos, usando o álcool, a droga e a violência como uma escapatória para os problemas que enfrentam. Esta situação leva a que as crianças sofram pela falta da satisfação das suas necessidades básicas e vivam muitas vezes rodeadas de violência, tornando-se vítimas de abusos e maus-tratos.

Os maus-tratos sofridos levam à existência de outro tipo de problemas, não somente no momento em que ocorrem, mas também ao longo da vida, podendo causar sequelas, maiores ou menores, conforme a duração, intensidade e idade das crianças, à altura da vivência desses mesmos maus-tratos.

Estas crianças, por vezes, manifestam comportamentos vulgarmente designados de “anormais”, mas eles não são mais do que sinais para reclamarem um pouco de atenção, afecto e carinho.

Podemos afirmar que o desenvolvimento, social, emocional, moral, cognitivo, e físico das vítimas fica comprometido, bem como os seus comportamentos.

De um modo geral, também ao nível da socialização, da adaptação à escola e do insucesso escolar residem influências negativas dos maus-tratos.

Em termos emocionais, estas crianças apresentam grandes dificuldades em expressar-se, tal como se pôde verificar ao longo das nossas observações e das entrevistas. Sempre que se pedia uma justificação, obtinha-se como resposta *Não sei* ou *Porque gosto, ...*

A nível escolar, estas crianças apresentam um rendimento não satisfatório (como é o caso das crianças 1, 2 e 4) ou satisfatório (como é o caso das crianças 3 e 5). A área onde estas crianças apresentam mais dificuldades é na Língua Portuguesa. Apresentam dificuldades em comunicar, sendo o seu vocabulário pobre e pouco variado. Em sala de aula, estas crianças são desatentas, possuem falta de iniciativa e são muito dependentes

do professor, precisando constantemente de apoio e de atenção. Na generalidade, mostram-se pouco participativas em todas as actividades lectivas.

As agressões físicas, os ataques de cólera e o exibicionismo foram formas vulgares de reacção, utilizadas pelas crianças por nós observadas.

Na maior parte das vezes, adoptam padrões de comportamento antagónicos e idênticos aos dos seus progenitores, sendo arbitrariamente apáticos e meigos; violentos e agressivos.

Nestas crianças, foi ainda possível verificar a existência de uma certa ambiguidade nas relações interpessoais, ora procurando o afastamento, ora a aproximação. Por vezes, esta oscilação aplica-se também ao comportamento, variando entre a dependência e a desconfiança.

Um grande traço de personalidade comum a todas as crianças é o facto de serem carentes e meigas, com auto-estima baixa, reduzida tolerância à frustração, inseguras e facilmente influenciáveis.

Ao longo das nossas observações, pudemos ainda verificar com alguma frequência, a ocorrência de roubos, a indisciplina, a intransigência e a relutância no cumprimento de horários e normas.

Capítulo V - Discussão de Resultados

Nesta dissertação, demos especial importância aos comportamentos evidenciados por cinco crianças que foram institucionalizadas, por terem sido vítimas de maus-tratos.

Pensamos ter utilizado a metodologia adequada, uma vez que foi possível alcançar os objectivos previamente estabelecidos e ter dado uma resposta à pergunta de partida:

- De que forma é que os maus-tratos sofridos na família, afectam os comportamentos e as atitudes das crianças que residem no Centro de Emergência Social de Alverca?

Nas cinco crianças do estudo de caso, apesar de numas ser mais evidente do que noutras, constatámos a existência de comportamentos agressivos, uma predisposição para desportos, brincadeiras e filmes violentos, problemas comportamentais, sentimentos de revolta e insucesso escolar. Estas crianças apresentam uma grande sensibilidade e, na maioria das vezes apresentam um olhar triste.

Actualmente, a criança 1 manifesta atitudes decorrentes do seu percurso de vida. O facto de a criança comer muito rapidamente, ser sempre a primeira a acabar, pedir para repetir e comer com mostras de grande satisfação está directamente relacionada com as vivências traumáticas por que passou, tais como a punição física quando se dirigia ao frigorífico e ter passado longos períodos sem comer.

A circunstância de a criança 2 ter sido abandonada pelo pai pode ser apontada como resposta às suas atitudes desagradáveis (como a revolta e o choro incontrolável), aos pedidos de carinho e às chamadas de atenção, embora pela negativa.

As vivências traumáticas – abuso sexual, violência física e negligência - por que passou a criança 3 levam-nos a pensar que esta desencadeou como resposta a estes acontecimentos o facto de mentir aos adultos, fantasiar, pedir e dar-lhes carinho.

Presentemente, a criança 4 apresenta variações de comportamento no CES e na escola. No CES faz constantes chamadas de atenção pela negativa, demonstrando a sua revolta e o seu desagrado. Na escola, é uma criança apática e desinteressada. Apresenta baixa tolerância à frustração, é muito sensível e possui como resposta emocional uma grande revolta, podendo este modo de estar relacionar-se com vivências traumáticas (mau-trato negligencial) experienciadas no passado.

A criança 5 foi vítima de maus-tratos negligenciais e físicos severos. Nos dias que correm, os comportamentos advenientes dessas vivências traumáticas passam por oscilações de comportamento, que variam entre a docilidade e a agressividade, a par da ansiedade em ter uma família.

A predisposição das crianças 1, 2, 4 e 5 para desportos agressivos, filmes e jogos violentos, com batalhas e lutas, pode advir da sua vivência num seio familiar negligente, instável e violento.

Os dias das crianças do CES são passados como os das outras crianças que vivem em famílias, com a variante que a sua família é muito numerosa e diversificada culturalmente.

Diariamente, as crianças do CES vão à escola, têm *hobbies* e quando chegam a casa desempenham tarefas domésticas (por exemplo: colocar a mesa, tirar a mesa, arrumar a casa-de-banho, ...) tal como as crianças que têm uma família.

Na pesquisa de campo, recorreremos à observação das crianças no CES, na escola, e em actividades lúdicas, e à entrevista, que teve como objectivo obter informações importantes no sentido de alcançar os objectivos inicialmente definidos.

As causas que levaram à institucionalização das crianças em estudo foram o facto de se encontrarem em situação de risco, ou de sofrerem maus-tratos físicos, negligências ou serem vítimas de abuso sexual. Nas crianças institucionalizadas que sofreram vários tipos de maus-tratos, é possível encontrar mazelas desenvolvimentais a nível físico ou psicológico e segundo Bentovin e Skuse (1994) existe uma grande possibilidade de coexistência destes tipos de sequelas.

O nível de vida de crianças maltratadas e negligenciadas melhora quando são institucionalizadas. Uma vez que lhes é possibilitada a oportunidade de estudar e brincar, já não sofrem privações a nível alimentar, económico, cultural e social, e são protegidas de ambientes familiares violentos e degradados. No CES tenta-se proporcionar às crianças a integração num ambiente familiar saudável, através do contacto com as famílias amigas. O contacto destas crianças com um ambiente familiar saudável é muito importante e enriquecedor tanto a nível pessoal como social.

Um traço de personalidade comum a todas as crianças estudadas é o facto de serem carentes. Existem algumas inseguras e facilmente influenciáveis e com baixa auto-estima e tolerância à frustração. Na maioria dos casos, as crianças possuem com os adultos atitudes de confronto e de desobediência. Com os seus pares, existem muitos conflitos. Todas as crianças possuem atitudes violentas, que normalmente surgem

quando são confrontadas ou contrariadas. *A forma como a pessoa se vê a si própria vai determinar não só o seu comportamento pessoal como também as suas relações com os outros.* (Azevedo, 2006:99)

Foram lidos vários estudos e foram referidos ao longo da dissertação, mas só alguns chegam a conclusões idênticas, ou a constatações parecidas, as quais serão seguidamente descritas.

O tipo de negligência ou mau-trato, a duração das mesmas, a idade da criança e o tempo durante o qual a criança viveu essas situações são factores determinantes dos problemas comportamentais das crianças. Uma constatação idêntica é possível encontrar na obra de Azevedo, 2006:102 quando refere que: *A observação da utilização de comportamentos agressivos vai fazer com que estas crianças aprendam a responder às situações de frustração, raiva ou medo de maneira também agressiva, o que dificulta a possibilidade de estabelecerem com os seus pares ou adultos relações sociais positivas.*

Através da pesquisa bibliográfica verificou-se que a história da criança se divide em várias etapas, e foi com o passar dos anos que os adultos foram tomando consciência das necessidades desta. É no século XX que se desenvolveram decisões políticas, como a *Convenção das Nações Unidas* e a *Convenção dos Direitos da Criança*, importantes na afirmação dos direitos da criança.

Só quando se esgotam todas as medidas de prevenção é que se recorre à institucionalização de crianças em situação de risco. Normalmente a maneira possível, mas não ideal de ajudar crianças vítimas de maus-tratos é a sua retirada da família. Face a estas situações, a grande maioria destas crianças apresenta uma grande dependência de um meio familiar patológico.

As crianças institucionalizadas são afectivamente carentes e muito instáveis emocionalmente. Esta falta de afectos leva a que muitas crianças desenvolvam comportamentos destrutivos, sendo o furto um deles, o qual foi possível observar em duas das crianças. Relativamente a este comportamento destrutivo – o furto; Azevedo refere que *o furto, à semelhança de outros comportamentos destrutivos infantis, é uma perturbação do comportamento resultante de perturbações psíquicas, causadas, muitas vezes, por carências afectivas graves.* (Azevedo, 2006:103)

Gaspar (1998) entendeu que a institucionalização *pode trazer malefícios e inconvenientes, mas para estes alunos foi o ponto-chave para a sua sobrevivência.* A autora refere a necessidade em se criarem medidas e políticas reais compensatórias para as pessoas que socialmente se encontram desfavorecidas. Mas não devem existir

desculpas para aqueles adultos que voluntária ou involuntariamente maltratam as suas crianças.

Gaspar (1998) verificou que *a sensibilidade das crianças é muito aguda e viva. Quando não conseguem dominar a situação, envolvem-se em estratégias sonhadoras, desenvolvem um esforço voluntário para melhorar ou buscar compensações, apesar do sofrimento. Dependem daqueles que as rodeiam. Vivem entre oscilações sucessivas de comportamento. Provocam respostas emocionais desagradáveis como revolta, apatia ou choro incontrolável, imergem em sonhos e fantasias, pedem e dão carinho.*

Na nossa dissertação obtivemos resultados idênticos. Também verificámos que as crianças que observámos e entrevistámos dependem daqueles que estão ao seu redor, muitas vezes as suas respostas a determinadas situações vivenciadas são agressivas e violentas. Observámos ainda que, face a determinadas situações, as “nossas” crianças respondem com um choro incontrolável, ou ficam apáticas. São crianças que precisam de muita atenção, carinho e são meiguice.

Assim como o Manual Core refere a frequência da violência sexual em meio familiar (A Fundação CEBI, em parceria com Instituto Superior de Polícia Judiciária e Ciências Criminais, com a National Society for the Prevention of Cruelty to Children (NSPCC), de Inglaterra, com a Defense for Children Internacional, com sede nos Países Baixos e com a ManComunidad del Norte del Tenerife, de Espanha formaram a equipa Core, juntamente com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) também nós constatámos que as duas crianças do estudo de caso que foram vítimas de violência sexual, o foram no contexto familiar. Ambas foram abusadas sexualmente pelos tios, num ambiente doméstico.

PARTE III

Capítulo I – Conclusão

Após termos concluído este estudo, podemos afirmar que, apesar de vivermos num mundo moderno e civilizado, continuamos a assistir diariamente a casos de crianças vítimas de negligências e maus-tratos, tanto por parte dos pais, como de outros adultos. É no sentido de inculcar em cada um de nós responsabilidades nestes atentados contra seres indefesos, que nasceu na investigadora a necessidade de desenvolver um estudo qualitativo sobre essa temática.

Pretendemos com o estudo, não só sensibilizar para a própria questão dos maus-tratos infantis, como também criar um instrumento que possa reunir o interesse de todos, essencialmente dos profissionais (entenda-se por profissional, aquele que trabalhe numa instituição, dando respostas às necessidades das crianças aí acolhidas) que têm diariamente a tarefa louvável de cuidar das vítimas.

A investigação realizada teve por base o paradigma qualitativo e a escolha incidu sobre amostras não probabilísticas, por ser este o processo de amostragem mais adequado à temática e ao método. Realizaram-se observações e entrevistas às crianças integradas num centro de acolhimento.

A escolha do método qualitativo teve em consideração o facto de os escassos estudos disponíveis sobre este tema terem um cariz quantitativo, o que os impede de mostrar a vertente humana, tão essencial quando se aborda um tema desta natureza.

A riqueza desta dissertação reside na abordagem dessa vertente humana e na possibilidade de conhecermos vivências de crianças maltratadas ou negligenciadas. Estas crianças, perante os dois pólos de uma escala só conhecem aquele que se refere ao da distância afectiva e do sofrimento.

Existem pais que pensam que a responsabilidade que têm para com os seus filhos é a de os alimentar, vestir e educar, matriculando-os na escola. No entanto, desconhecem que para que estes se desenvolvam harmoniosamente, é essencial amá-los, compreendê-los, escutá-los e auxiliá-los no que necessitam. Só assim estão a construir os alicerces da estrutura afectivo-emocional dos seus filhos. Apesar de nos parecer que esta postura de alguns pais perante a criação dos seus filhos não é a mais adequada, o que diremos de tantos outros que abusam da individualidade dos seus filhos, não os respeitando enquanto pessoas que são. Sentindo-se senhores e donos, sobrecarregam-nos com tarefas impróprias, desvalorizam a importância da educação, não lhes prestam

os cuidados de saúde e de higiene necessários, chegando ao espancamento e à violação. E, frequentemente, apesar de acusados e culpados, julgam-se impunes.

Podemos assim concluir que nem todas as crianças nascem com os mesmos direitos. Muitas vivem em meios desordenados, desagregados e com funcionamentos patológicos, que se traduzem em tratamentos desadequados e abusos de poder. De forma a remediar estas situações, a sociedade deveria assumir como tarefa, a “inclusão” dessas crianças em ambientes favoráveis. Contudo, esta não é uma tarefa fácil, pois carece de uma profunda modificação das atitudes acomodadas em cada um de nós.

Como o “essencial é invisível aos olhos” torna-se absolutamente necessário estar atento a todas as formas de comunicação das crianças, onde poderemos detectar sinais de luta e pedidos de socorro ocultos.

As crianças vítimas de maus-tratos são sobreviventes de um mundo hostil, oriundas de famílias destroçadas e sem perspectivas de mudança, onde abusadores ou pais ausentes, e mães frágeis e inconscientes, não são modelos de referência afectiva. A maior parte das crianças negligenciadas e maltratadas crescem na ausência de protecção por parte daqueles em que elas mais confiam – os pais.

Não podemos considerar a infância como sendo uma etapa estática da vida, onde tudo pode acontecer, sem que daí advenham consequências. Pelo contrário, trata-se de um período de extrema importância, onde a estrutura do ser humano se afirma e se define e as experiências proporcionadas alicerçam a personalidade do adulto em que cada criança se vai tornar. O passado das crianças abusadas fica indelevelmente marcado pela violência e pelo terror vividos e por trás da agressividade e do caos expressos nos comportamentos de algumas crianças encontra-se o desespero resultante das vivências redutoras que lhes foram impostas.

É frequente assistirmos a situações em que, perante atitudes agressivas e comportamentos violentos, estas crianças reagem ainda com mais agressividade, numa espiral sem fim. Os comportamentos que elas manifestam após terem sofrido os abusos estão directamente relacionados com a duração e o tipo de negligência ou mau-trato a que foram sujeitas, assim como a sua idade e a relação de afinidade que mantinham com os maltratantes.

Quando as crianças maltratadas são acolhidas nas instituições especializadas, já foram vítimas, desde os primeiros momentos de vida, de diversos tipos de negligências ou maus-tratos.

Sem uma intervenção pertinente por parte de profissionais, estas crianças são condenadas a viver num mundo marcado pela dor e pela falta de amor, lutando diariamente para sobreviverem a todo o tipo de atrocidades.

Contudo, o sucesso desta intervenção implica também o esforço de muitos actores: vizinhos, família, escola, estado e sociedade. Convenhamos que não se consegue fazer nada sozinho, nem de forma isolada.

As instituições de acolhimento regem-se por vários princípios, tais como: a individualização, o respeito pelos direitos da família e da criança, a normalização e integração, o enfoque no desenvolvimento e nas potencialidades da criança, bem como a sua protecção e segurança. Pretendem essencialmente proporcionar-lhes os cuidados essenciais de segurança e bem-estar físico, clínico e emocional, assim como promover o sentimento de pertença a um grupo e oportunidades de escolarização.

A institucionalização pode ser considerada como de transição ou de substituição. No primeiro caso, a estadia da criança é temporária, apenas levando o tempo necessário para permitir a definição do seu Projecto de Vida, o qual pode passar pela reintegração na família biológica ou pela adopção. A integração definitiva da criança na instituição da especialidade é considerada institucionalização de substituição. Esta última hipótese apenas surge quando se esgotam as respostas anteriores.

Genericamente, podemos concluir que as crianças que se encontram acolhidas nas instituições são facilmente influenciáveis, afectivamente carentes e emocionalmente instáveis. Apesar de adoptarem atitudes violentas, desejam que os adultos gostem delas e, geralmente, apresentam baixa auto-estima e reduzida tolerância à frustração.

Torna-se essencial que as instituições consigam cultivar nelas sentimentos de confiança, através de vinculações seguras e de uma eficaz equiparação à competência parental, lidando com elas com todo o carinho e compreensão possíveis.

Nas crianças abusadas, o peso dos actos lesivos que sofreram não se anula em pouco tempo. As “feridas” deixam muitas cicatrizes que conduzem a um desequilíbrio profundo e que podem desencadear comportamentos marginais e violentos, como forma de exteriorizar uma série de experiências traumáticas acumuladas no seu interior.

Depois de terem passado por vivências tão negativas e prejudiciais, capazes de levar à destruição de limites entre o passado e o presente, o comportamento destas crianças pode desencadear atitudes patológicas, tais como: a agressividade, o roubo, a violência, a total incapacidade defensiva e, conseqüentemente, a não organização da vida futura.

Por conseguinte, existem muitos riscos na evolução da vida destas crianças, riscos estes que vão desde o consumo de drogas, à delinquência ou à prostituição. Estas vítimas acabam frequentemente na prisão, no hospital ou na rua.

Há ainda muito que fazer para reduzir as situações de abuso impostas e, neste sentido, muito se espera de cada um de nós. Estas crianças encontram-se envolvidas nas suas fragilidades e entregues aos seus fantasmas passados, que culminam num profundo desespero. Precisam que lhes sejam dadas as oportunidades a que têm direito, de modo a alcançarem uma qualidade de vida, negada até um dado momento. Anseiam por um sorriso, um ombro amigo e uma porta aberta para a compreensão.

Cabe a cada um de nós, individualmente, estar alerta a todos os sinais, muitas vezes, subtis, lançados pela criança e, quando verificarmos a existência de anomalias susceptíveis de pôr em causa o seu bem-estar, não devemos pactuar com os abusadores, através do nosso silêncio. Devemos, enquanto membros activos e responsáveis da sociedade civil, alertar as autoridades competentes, de modo a pôr fim aos tratamentos sofridos por seres indefesos e garantir a punição correspondente aos abusadores.

Muito embora a complexidade da temática desta dissertação pudesse merecer um maior aprofundamento, foram alguns condicionalismos que impediram essa observância. Não pode ser mais extensa, nem mais aprofundada devido a algumas limitações e por se tratar de um tema deveras complexo, causador até de angústias à própria investigadora.

Podemos apontar como uma dessas limitações o facto do estudo se circunscrever ao Centro de Emergência Social de Alverca, limitando-o portanto às crianças ali residentes. O tempo foi outra das limitações, bem como o período de observação, relativamente curto. A situação profissional da investigadora também limitou o desenvolvimento do trabalho, porque é professora contratada e o local da sua colocação variou mais do que uma vez ao longo do ano.

Considerando a actualidade e o interesse da temática da investigação, apontamos algumas sugestões para trabalhos futuros:

- A continuação do presente estudo, mas com alargamento a outras instituições;
- Um estudo longitudinal das crianças institucionalizadas ao longo de um período de tempo mais dilatado;
- Caracterizar mais profundamente as famílias maltratantes, ao nível das suas origens e dos seus estilos de vida.

Capítulo II - Referências Bibliográficas

Acha-Irizar, F. (1982). *Vida Familiar y Vida Escolar*. Bilbao: Mensajero

Aires (1960). *A Criança e a Vida Familiar no Antigo Regime*. Lisboa: Relógio de Água

Amaro, Fausto; Gersão, Eliana & Leandro, Armando. (1986). *Crianças Maltratadas, Negligenciadas ou Praticando a Mendicidade*. Lisboa: Ministério da Justiça – Cadernos do Centro de Estudos Judiciários

Amaro, Fausto; Gersão, Eliana & Leandro, Armando. (1988). *Crianças Maltratadas, Negligenciadas ou Praticando a Mendicidade*. Lisboa: Ministério da Justiça – Cadernos do Centro de Estudos Judiciários

Amorim, Amílcar. (1995). *Introdução às Ciências Sociais*. Lisboa: Estante editora

André, Marli & Lúdké Menga (1986). *Pesquisa em Educação Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária

Araújo, S. & Formosinho, J. (2004). *A Criança Maltratada*. In: J. Formosinho (coord.). *A Criança na Sociedade Contemporânea*. (pp. 233 - 260). Lisboa: Universidade Aberta

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2002). *Manual CORE para o Atendimento de Crianças Vítimas de Violência Sexual*. Lisboa: APAV

Azevedo, M. & Maia, A. (2006). *Maus-Tratos à Criança*. Lisboa: CLIMEPSI editores

Barnett, O.W., Fagan, R.W. & Booker, J.M. (1991). *Hostility and stress as mediators of aggression in violent men*. *Journal of Family Violence*, vol.6, n.º3, pp. 217 – 340

Basanta Dopico, J. L. (2000). *Intervención Psicopedagógica en Menores*. Galicia: Conselleria de Familia e Promoción do Emprego, Muller e Xuventude/ Dirección Xeral de Familia

- Benavente, A. (1976). *A Escola na Sociedade de Classes*. Lisboa: Livros Horizonte
- Bogdan, Robert & Biklen, Sari (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development*. Cambridge: Harvard University Press
- Burgess, Robert (1997). *A Pesquisa de Terreno*. Oeiras: Celta Editora
- Burgoa, J. A. P. (1998). *La Convención de los Derechos del Niño*. Madrid: Editorial Tecnos
- Calheiros, M. & Monteiro, M. (2000). *Mau-trato e Negligência Parental*. Sociologia Problemas e Práticas, n.º 34 (pp.145 – 176)
- Campos, A. (1984). *O Menor Institucionalizado: Um Desafio para a Sociedade*. Petrópolis: Editora Vozes
- Cantón, M. & Cortés J. (eds.) (1999). *Malos tratos y abuso sexual infantil*. Madrid: Sigilo Veintiuno de España Editores, 3ª ed.
- Carmo, Hermano (1986). *Análise e Intervenção Organizacional*. Lisboa: Universidade Aberta
- Carmo, Hermano (1993) *A Criança de Rua: Um Rejeitado da Cidade*. In: M. Tavares (org.). *A Cidade. Jornadas Inter e Pluridisciplinares. Actas II*. (pp.321-334) Lisboa: Universidade Aberta
- Carmo, Hermano & Malheiro Manuela. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para a Auto – Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Canha, Jeni (2003). *Criança Maltratada*. Coimbra: Quarteto

Carvalho, Adalberto & Baptista, Isabel (2004). *Educação Social – Fundamentos e Estratégias*. Porto: Porto Editora

Clavel, Gilbert. (2004). *A Sociedade da Exclusão – Compreendê-la para dela sair*. Porto: Porto Editora

Cobo Medina, C. (1983). *Paidopsiquiatria dinámica I. higiene infanto-juvenil en nuestra sociedad española actual*. Madrid: Servicio Científico Roche

Colóquio Internacional (1996). *Educação para a Não-Violência*. Sintra: Fundação dos Direitos Humanos

Convenção sobre os Direitos da Criança

Cortesão, Luiza (1988). *Escola, Sociedade Que Relação?*. Porto: Edições Afrontamento

Costa, M. & Duarte, C. (2000). *Violência Familiar*. Porto: Âmbar

Coutinho, Manuel (2003). *Pedofilia e Abuso Sexual de Menores*. Boletim IAC, n.º68

Crianças e Jovens que Vivem em Lar – Caracterização Sociográfica e Percursos de Vida, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 2000

Davies, D.; Fernandes, J.; Soares, J. *et al* (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal: Realidade e Perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte

Decreto-Lei n.º2/86 de 2 de Janeiro

Decreto-Lei n.º 204/83 de 20 Maio

Decreto-Lei n.º 314/78

Decreto-Lei n.º 319/82 de 11 de Agosto

- DeMause, L. (1991). *História de la infancia*. Madrid: Alianza Universidad
- Detry, Brigitte & Cardoso, Ana (1996). *Construção do Futuro e Construção do Conhecimento – Investigação – Acção Junto de Jovens Num Bairro Degradado*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Eco, Humberto (2004). *Como se Faz uma Tese em Ciências Sociais*. Barcarena: Editorial Presença, 11ª edição
- Egeland, B. (1988). *Breaking the cycle of abuso: Implications for prediction and intervention*. In: K. Browe, C. Davies e P. Straton(Eds). *Early predictione and prevention of child abuso*. New York: Wiley
- Elmer, E. (1977). *Fragile famlilies, troubild children: The aftermath oh infant trauma*. Pittsburgh, PA: University Pittsburgh Press
- Elmer (1979). *Child abuse family stress*. Journal of Social Issues. Vol.35, n.º2, pp.60-71
- Fahlberg, V. (1994). *A Child's Journey Through Placement*. London: British Agencies for Adoption and Fostering
- Faw, Terry (1981). *Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência.*, Brasil: McGraw-Hill
- Fernandes, A. (2004). *Os Direitos da Criança no Contexto das Instituições Democráticas*. In: J. Formosinho (coord). *A Criança na Sociedade Contemporânea*. (pp. 19-52), Lisboa. Universidade Aberta
- Fernandes, C. (1997). *Da Dicotomia Escola/Família Para o Sucesso Escolar*. Lisboa: Universidade Aberta
- Ferreira, J. (1997). *Abuso Sexual e os Limites da Intervenção*. Boletim IAC, n.º 45

Foddy, William (1996). *Como perguntar. Teoria e Prática da Construção de Perguntar em Entrevistas e Questionários*. Oeiras: Celta Editora

Formosinho, J., Carlson, V., Cicchetti, D., Barnett, D. & Brawn, W. (1989). *Disorganized/ disoriented attachment relationships in maltreated infants*. *Developmental Psychology*, vol. 25, pp.525-531

Formosinho, J. & Kishimoto (2002). *Formação em contexto: Uma Estratégia de Intervenção*. São Paulo: Thomson

Formosinho, J., Sousa, Z. & Araújo, S. (2004). *A Criança Institucionalizada*. In: J. Formosinho (coord.). *A criança na Sociedade Contemporânea*. (pp. 199-232) Lisboa: Universidade Aberta

Fontana, V. (1963). *The maltreated syndrome*. *New England Journal of Medicine*. vol. 269, n.º 26, pp. 1389-1394

Flores, José (1994). *Influência da Família na Personalidade da Criança*. Porto: Porto Editora

Gallardo, José. (1994). *Maus-tratos à criança*. Porto: Porto Editora

Gardner, H. (1993). *Multiple Intelligences: The Theory in Practice*. New York: Basic Books

Gaspar, Maria. (1999). *Crianças Negligenciadas Inserção Sócio – Pedagógicas e Cultural*. Lisboa: Universidade Aberta

Giorgi, Piero (1980). *A Criança e as suas Instituições: A Família – A Escola*. Lisboa: Livros Horizonte

Hirschberger, J. (1957). *História da Filosofia na antiguidade*. São Paulo: Herder

IFOOP, Instituto de Formação e Cooperação Internacional. (2000). *A Pobreza e a*

Marginalização Social do Séc. XV aos Nossos Dias. Porto: Universidade Portucalense

Lares de Crianças e Jovens – Caracterização e Dinâmicas de Funcionamento,
Ministério do Trabalho e da Solidariedade – Instituto para o Desenvolvimento Social,
Lisboa, 2000

Lei da Segurança Social n.º 28/84 de 14 de Agosto

Lei n.º 147/99 de 1 de Setembro

Lucchini, Riccardo (2000). *Revista Infância e Juventude*, n.º1

Ludke, Menga & André, Marli (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária

Lynch, M. (1975). *Ill-health and child abuse*. *The Lancet* II, pp. 624-636

Machado, C. & Gonçalves, R. (2003). *Violência e Vítimas de Crimes*. Coimbra: Quarteto, 2ª ed.

Madeira, M. (1991). *Face a Novos Imperativos Que Acção Social?*. Comunicação apresentada nas primeiras Jornadas da Acção Social, Braga

Mardomingo, M.^a (1985). *Aspectos Psiquiátricos del Maltrato en la Infancia*. *Anales Españoles de Pediatría*, vol. 22, n.º23, pp.167-170

Magalhães, Teresa (2002). *Maus-Tratos em Crianças e Jovens*. Coimbra: Quarteto Editora

Marta, Sandra (2004) *A Educação pelo Trabalho segundo Padre Américo: Sua Influência em residentes da Casa do Gaiato – Um Estudo de Caso*. Lisboa: Universidade Aberta

Morais, F. & Fernandes, E. (1991). *Psicologia Comunitária: Experiências e Reflexões*.

Porto: Associação dos Psicólogos Portugueses

Oliveira-Formosinho, J. & Araújo S. (2001). *O Modelo de Intervenção da Associação da Criança: Uma gramática Ecológica para a Inclusão*. In: J. Oliveira-Formosinho e J. Formosinho (orgs). *Associação Criança: Um contexto de Formação em Contexto*. (pp.229-254). Braga: Livraria Minho

Osório & Nieto (1981). *El niño maltratado*. México: Trillas

Pereira, Potyara (1996). *A Assistência Social na Perspectiva dos Direitos – Crítica aos Padrões Dominantes de Protecção dos Pobres do Brasil*. Brasília: Thesaurus Editora

Phillips, M.H. & Cohen, C.S. (2000). *Strenght and resiliency themes in social work practice with groups*. In: E. Norman (ed.). *Resiliency enhancement: Putting the strenghts perspective into social work practice*. (pp. 128-142), New York: Columbia University Press

Pinto, Graça (1998). *O Trabalho das Crianças. De ppequenino é que se torce o pepino e o destino*. Oeiras: Celta editora

Pinto, Maria (1997). *Projectos para “Crianças de Rua” em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Universidade Aberta

Poirier, J., Valladon, S. & Raybaut, P. (1999). *Histórias de Vida: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta editora, 2ª ed

Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc Van (2003). *Manual de Investigação em Ciências Socais*. Lisboa: Gradiva, 3ª edição

Regulamento Interno do CES

II Relatório de Portugal Sobre a Aplicação da Convenção dos Direitos da Criança, 1ª edição, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1999

- Rodrigues, E. (1997). *Menores em Risco: Que Família de Origem?*. In: M. Carneiro (coord.). *Crianças de Risco*. (pp. 541-661). Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- Rodrigues, Fernanda (2003). *Acção Social na Área da Exclusão Social*. Lisboa: Universidade Aberta
- Salzinger, S., Rosário, M. et al (1993). *The effects of physical abuse on children's social relationships*. *Child Development*, n.º64, pp.169-187
- Sampaio, D. (1995). *Inventam-se Novos Pais*. Lisboa: Caminho
- Saraceno, C. (1995). *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa
- Sebastião, Gama (1998). *Modos de Vida Marginais na Cidade de Lisboa*. Oeiras: Celta Editora
- Segalen, M. (1981). *Sociologie de la famille*. Paris : Colin
- Silverman, F.(1972). *Unrecognized trauma in infants, the battered child syndrome and the syndrome of Ambroise Tardieu*. *Radiology*, vol. 104, pp. 337 – 353
- Simões, Alexandra (2003). *Abuso Sexual de Crianças*. Boletim IAC, n.º60
- Simões, Alexandra (2003). *O Porquê do Silêncio*. Boletim IAC, n.º68
- Skuse, D. & Bentovin, A. (1994). *Physical na Emotional Maltreatment*. In: M. Rutter, E. Taylor e L. Hersov (eds). *Child and Adolescent Psychiatry: Modern Approaches*. (pp. 209-229). Oxford: Blackwell Sciences
- Sprinthall, N. & Sprinthall, R. (1990). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw – Hill
- Strecht, Pedro (1999). *Preciso de Ti: Perturbações Psicossociais em Crianças e Adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim

Strecht, Pedro (2000). *Crescer Vazio: Repercussões do Abandono, Negligência e Maus-tratos em Crianças e Adolescentes*. Lisboa: Assírio & Alvim, 3ª ed

Strecht, Pedro (2003). *Interiores: Uma ajuda aos pais sobre a vida emocional dos filhos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 3ª ed

Strecht, Pedro (2003). *À Margem do Amor. Notas sobre delinquência infantil*. Lisboa: Assírio & Alvim

Strecht, Pedro (2006). *Uma Ferida no Coração. Abuso Sexual de Rapazes*. Lisboa: Assírio & Alvim

Steinberg, L., Catalano, R. & Dooly, D. (1981). *Economic antecedents of child abuse*. Child development. vol. 52, pp. 975-985

Ventura, Isaura (1999). *Protecção às Crianças em Portugal da Legislação à Prática*. Porto: Instituto Superior de Serviço Social do Porto

Whitaker, D., Archer, L. & Hicks, L. (1998). *Working in children's homes: Challenges and Complexities*. Chichester: Wiley

Winnicott, D. V.(1993). *A Família e o Desenvolvimento Individual*. São Paulo: Martins Fontes Editora Lda

Wolfe, A. (1987). *Child Abuse: Implications for Child Development and Psychopathology*. London: Sage Publications

Bibliografia On – Line

http://nfotovfx.com.sapo.pt/historia_vfx.htm ▶ consulta em 3/11/2005

http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Franca_de_Xira ▶ consulta em 3/11/2005

http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Franca_de_Xira_%28freguesia%29 ▶ consulta em 3/11/2005

http://pt.wikipedia.org/wiki/Alverca_do_Ribatejo ▶ consulta em 3/11/2005

www.cidades-portuguesas.net/localidade ▶ consulta em 7/11/2005

<http://www.cm-vfxira.pt/galeria/default.asp> ▶ consulta em 7/11/2005

http://www.aml.pt/AmlEmNumeros/C_VFXira.php ▶ consulta em 7/11/2005

<http://www.geocities.com/bravomonte2000/200204.html> ▶ consulta em 7/11/2005

ANEXOS

I. Observações das Crianças no CES

i. Observações no CES

Data: 13/3/2006

Instrumentos utilizados para registrar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Os comportamentos e as atitudes das cinco crianças do estudo de caso, em situações diárias: levantar, deitar e refeições

(O1) Observação:

- **Manhã**

Ao levantar:

Uma minoria das crianças faz a sua higiene pessoal calmamente e raramente falam uns com os outros.

A criança 1 não liga a ninguém. Após ter feito a higiene, dirige-se para a sala da Tv. com as outras crianças, senta-se no sofá, sem ligar ao que os outros estão a fazer, aguarda, até que as auxiliares a chamem para o pequeno-almoço.

A criança 2 acorda cheia de energia, sendo nesse estado emocional que faz a sua higiene pessoal, feito a sua higiene dirige-se de seguida, para a sala da Tv., onde se coloca em cima de uma cadeira, para ter acesso a uma estante, onde de seguida põe uma cassette a funcionar no vídeo. Quando os desenhos animados começam, desce para o sofá, onde bate palmas e dança. Fica então a aguarda, até que as auxiliares a chamem para o pequeno-almoço.

Depois da higiene, a criança 3 ajuda na limpeza da casa de banho e dirige-se para o quarto com uma colega. Também é no quarto que aguarda a chamada para o pequeno-almoço.

Inicialmente, começou por falar muito pouco, mas rapidamente esqueceu a timidez, comentando que tinha doze anos, que estava no 4ºano e que a disciplina

preferida era a de História. Justificou esta preferência, dizendo que gostava da história da Dona Isabel de Aragão, porque a mãe dela que também tinha estado numa instituição fizera um teatro sobre essa história, durante a sua permanência ali.

Também disse que, do CES, o que mais gostava era de ir passar os fins-de-semana a casa.

As crianças 4 e 5 enquanto fazem a higiene, resmungam com as auxiliares dirigindo-se depois juntas para o quarto. Uma vez ali, fazem bastantes disparates (saltam em cima da cama, penduram-se nos cortinados, fazem palhaçadas) enquanto aguardam que as auxiliares as chamem para tomar o pequeno-almoço.

Pequeno -Almoço:

A criança 1 entrou no refeitório sossegada, sentou-se e aguardou calada que as auxiliares lhe colocassem o pequeno-almoço na mesa. Manifestou alguma alegria quando verificou que havia bolos. Escolheu um, agarrou-o com satisfação e comeu-o. Durante o pequeno-almoço, não falou e, quando acabou, levantou-se e arrumou a caneca.

A criança 2, enquanto aguardava que as auxiliares lhe colocassem o pequeno-almoço na mesa, conversava com as crianças que se encontravam noutra mesa. Nunca esteve sossegada na cadeira, levantando-se várias vezes, durante a refeição.

A criança 3 entrou no refeitório ordeiramente, aguardando calmamente sentada e calada que as auxiliares trouxessem a comida. Durante a refeição, continuou calada, quando acabou de comer, levantou-se e arrumou a caneca. Pelo caminho de regresso ao lugar, dirigiu-se a uma auxiliar e pediu-lhe um beijo.

A criança, 4 enquanto aguardava que as auxiliares lhe colocassem o pequeno-almoço na mesa, conversava com as crianças que se encontravam noutra mesa e na mesa dela, gozava e chamava nomes aos colegas. Não comeu bolo, optando pelo pão e levantou-se para o ir buscar. Nunca esteve sossegada na cadeira. Enquanto comia, colocou com alguma frequência a mão na boca.

A criança 5 observou tudo o que se passava ao seu redor. Durante a refeição, conversou com algumas crianças da mesa. Quando se levantou, deixou o copo em cima da mesa.

Após o pequeno-almoço/ Ida para a escola:

Após o pequeno-almoço, todas as crianças se dirigem à casa de banho para lavarem os dentes e posteriormente irem para a escola. Só a criança 2 é acompanhada pelas auxiliares. Todas as outras vão sozinhas.

A criança 2, enquanto aguardava a ida para a escola, aproximou-se dos mais pequenos e colocou-lhes junto aos ouvidos, bonecos de borracha que fazem barulho.

A criança 4 e 5 vão juntas para a escola. Na entrada do CES encontram caixas com objectos no seu interior. Abriam-nas para verem o conteúdo.

A criança 1 vai sozinha para a escola e a criança 3 vai acompanhada por uma colega.

● Noite

Antes do jantar:

As crianças 1 e 2 encontravam-se na sala de Tv, estando a segunda em cima de uma estante, a mexer na televisão.

A criança 3 arrumou a casa de banho, depois de ter tomado um duche.

As crianças 4 e 5 estavam juntas no quarto, muito irrequietas.

A criança 4 pendurava-se no candeeiro e dizia que queria ser ladrão, como o irmão, informando ainda: *“Tenho 11 anos. Estou no quarto ano, mas com programa de segundo ano e já devia estar no sexto ano”*. Referiu também que já se encontrava há três anos no CES e o que mais gostava era de poder jogar futebol e basquetebol.

A criança 5 saltava na cama enquanto dizia que era *“horrível estar no CES”*.

Durante o jantar:

A criança 1 jantou muito calmamente, conversou muito pouco com alguns colegas da mesa. No fim do jantar, pediu para sair da mesa.

A criança 2 não foi logo para o refeitório quando as auxiliares a chamaram, começando por se esconder. Quando a descobriram e a chamaram para a mesa, começou a chorar porque se encontrava uma colega no seu lugar. Não conseguiu estar correctamente sentada. Coloca os pés em cima da cadeira e levantou-se muitas vezes do lugar.

A criança 3 jantou sossegadamente, conversando pouco com colegas. No fim do jantar, pediu para sair da mesa e foi-se sentar no chão, numa esquina a cantar baixinho. Quando os mais pequenos acabaram de jantar, ajudou-os a tirar as batas.

As crianças 4 e 5 sentaram-se lado a lado. Passaram grande parte do tempo a gozar com os colegas ou a meterem-se com eles. Mostram falta de educação para as auxiliares e ambas fizeram birra porque não queriam comer. A criança 4, por várias ocasiões levou o copo à boca, ao contrário. A criança 5 deitou-se na mesa e ameaçou tirar os olhos com o garfo.

Após o jantar/ Ida para a cama:

Após o jantar, as crianças foram todas para a sala de Tv. e escolheram ver uma cassette de vídeo que continha várias histórias infantis: “O Patinho Feio”, “Os Três Porquinhos”, “O Mickey”, “A tartaruga e a Lebre”, ... Todas as crianças que se sentaram no sofá, colocaram os pés em cima dele.

Enquanto viam os desenhos animados, as crianças iam-se identificando com as diferentes personagens.

Mais tarde, começaram a ir para a cama, por idades. Quando já só estavam as crescidas, começaram a insultar-se, chamando “gays” e “fufas” uns aos outros.

A criança 2 ameaçou bater num dos colegas, com um peluche que tinha na mão.

A criança 4 esteve o tempo todo de chapéu na cabeça. Ameaçou bater em vários colegas e gozou-os repetidamente.

Apenas a criança 5 se sentou numa mesa, a fazer os trabalhos de casa.

Data: 23/5/2006

Instrumentos utilizados para registrar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar os comportamentos e as atitudes das cinco crianças do estudo de caso em situações diárias como é o caso do levantar, do deitar e das refeições

(O2) Observação:

● **Tarde**

A criança 4, estava no quarto com a criança 5, 2 e 1, tentava saltar de um beliche para o outro e batia nos colegas.

Quando estas crianças estavam no quarto a criança 4 disse que ia buscar chocolates que estavam escondidos e quem quisesse para ir com ele. Das crianças que estavam no quarto só a 2 é que foi a 5 não se manifestou e a 1 recusou dizendo “não quero ficar de castigo”. Assim, as crianças 2 e 4 saíram do quarto e foram buscar os chocolates de regresso comiam-nos às escondidas e fartavam-se de rir.

Estas crianças estavam no quarto a brincar a falarem dos bichos-da-seda que cada uma tinha. Os cuidados para com os bichos eram muitos.

Quando a criança 2 tentou fazer mal aos bichos-da-seda a criança 5 bateu-lhe com as argolas de um caderno.

Estas crianças saíram da sala e brincavam nos corredores às corridas.

Várias vezes a criança 2 batia na criança 1, sendo a sua defesa dizer “pára”, “olha que eu vou dizer”.

Entretanto chegam ao CES, o padrasto, a avó e a mãe da criança 1. Quando os viu chegar a criança correu para a mãe a pedir um beijo. Foram para a sala da TV e assim que a criança chegou à sala subiu logo para uma cadeira para ligar a tv.

A criança 3 estava sentada na sala dos brinquedos com as crianças mais pequenas a ver tv e jogava com alguns dos pequenos. Abraça-se muitas vezes aos adultos a pedir beijinhos e mimos.

As crianças 4 e 5 corriam pelos corredores e punham os pés nas paredes, batiam nos outros colegas e brincavam com a caixa de chocolates que tinham comido.

A criança 4 fez uma birra porque queria uns ténis que tinham chegado e como não os recebeu saiu do CES amuado, pouco tempo depois voltou e pôs-se a jogar à bola.

A criança 5 estava muito preocupada porque tinha que fazer um trabalho de casa em power-point e não tinha um livro que falasse sobre planetas. Pediu autorização à assistente social para se dirigir à biblioteca da Fundação CEBI, e saiu.

As crianças 1, 2, 4 e 5 não gostam muito de tomar-banho. Foi necessário insistir várias vezes para que fossem para a casa de banho. As crianças tentavam arranjar pretextos para não irem para o banho.

A criança 4 tentou entrar várias vezes na casa de banho das raparigas enquanto nesta, se encontravam meninas. Abria a porta e mandava objectos para o interior.

A criança 2 andava com os bichos-da-seda e estava muito preocupada com eles. Arranjou uma caixa para um colega também ter bichos. Passou bastante tempo a olhar para os animais e mostrava-os às outras crianças. Houve uma criança que tentou mexer no bicho e a criança 2 reagiu batendo com a tampa da caixa onde se encontrava o animal na cara do outro colega.

Quando uma criança atirou a caixa dos bichos-da-seda para o chão a criança 2 começou a chorar dizendo “está morto”.

A criança 4, depois de ter tomado banho, andava pelo corredor com a toalha enrolada à cintura a correr e a assobiar.

Mais tarde, já vestido continuou a correr pelo corredor deitando-se no chão e gritando. Ia buscar bonecos e peluches aos quartos, corria e mandava-os ao ar ou a outras crianças. Um dos bonecos tinha chucha, a criança tirou-a da boca do boneco para a colocar na sua boca.

A criança 1 recebeu a visita da mãe, do padrasto e da avó. Quando os familiares se foram embora a criança foi para a casa de banho tomar um duche.

Posteriormente as crianças 1, 4 e 5 juntaram-se com a psicóloga no seu gabinete para realizarem um trabalho sobre o planeta Saturno. A criança 4 começou a ralar com a criança 1 por esta perder e estragar o material todo.

A criança 1 estava a oferecer dinheiro à criança 4 e esta disse-lhe “tas parvo eu não quero dinheiro, também não preciso disso para nada.” Enquanto a psicóloga não estava, a criança 4 tirava as canetas e pintava a 1, colocava corrector no livro que a criança 5 estava a utilizar e abria todas as gavetas do gabinete. As crianças 1, 4 e 2 brincavam com volantes e corriam no corredor de um lado para o outro.

A criança 4 bate na 1 sendo a sua reacção dizer “ai”.

A criança 2 trazia ao pescoço uma medalha que a 1 também queria, então a 1 agarra no pescoço da 2 e bate-lhe até conseguir o objecto.

● Durante o jantar:

A criança 4 bateu numa colega até ela ficar no chão, deu-lhe murros e pontapés. Conversou com os colegas da mesa, pontapeou vários colegas e ameaçou os colegas com a faca de comer.

A criança 1 comeu sossegada e conversou com alguns colegas que estavam na mesa. Bateu num colega.

A criança 2 conversou com os colegas da mesa.

A criança 3 conversou com alguns colegas da mesa e manteve-se sossegada. Quando um colega a aleijou ela chamou a auxiliar. Quando acabou de jantar, sentou-se no chão, a um canto.

A criança 5 conversou com os colegas e agarrou –se a uma auxiliar para receber mimos.

Data: 24/5/2006

Instrumentos utilizados para registrar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar os comportamentos e as atitudes das cinco crianças do estudo de caso em situações diárias como é o caso do levantar, do deitar e das refeições

(O3)Observação:

● **Durante o jantar:**

A criança 3 ajudou a pôr a mesa.

A criança 4 e 1 trouxeram para a mesa dois brinquedos, e a criança 1 foi colocar o brinquedo onde a 4 colocou o dela.

As crianças conversaram umas com as outras.

A criança 2 fazia gestos em cima da cabeça de um colega.

A criança 4 colocava pão na colher e mandava – o para a criança 2. A criança 2 atirava pão à 4.

A criança 2 dançava na mesa, mordida-se e deitava-se na cadeira.

A criança 4 fazia que telefonava com o chinelo.

A criança 1 quando recebeu a sobremesa (uvas) fez um grande sorriso e comeu-a muito satisfeita.

A criança 4 gritava “eu não como isto, eu não como isto.”

A criança 5 brincava com as uvas, atirava-as ao ar e tentava que caíssem na boca.

A criança 4 atirava as uvas aos colegas.

● **Depois do jantar:**

A criança 4 bateu num menino pequeno e pontapeou outro. Seguidamente foi-se esconder para não realizar a tarefa de tirar a mesa. Amou e fez uma birra. Como insistiram para que tirasse a mesa, espalhou todos os brinquedos que um colega tinha, deitando-os para o chão. Abriu a porta da rua e saiu. Como viu que ninguém foi atrás dela, voltou para cima. Quando regressou bateu num colega pondo-o no chão pontapeando-o violentamente.

Quando regressou foi-se esconder e pontapeou outro colega chamando-o de “palhaço”.

A criança 2 andava a brincar com as uvas que tinha recebido ao jantar.

Enquanto a criança 4 arrumava o refeitório, reclamava chamando os colegas de porcos e dizia que partia os dentes a alguns deles. Posteriormente tombou as cadeiras e não limpou mais.

A criança 4 e 2 foram para a sala da tv ver um filme e sentaram-se permanecendo sossegadas.

A criança 3 foi para a sala dos brinquedos dançar.

Data: 26/5/2006

Instrumentos utilizados para registrar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar os comportamentos e as atitudes das cinco crianças do estudo de caso em situações diárias como é o caso do levantar, do deitar e das refeições

(O4) Observação:

● **Tarde**

Quando cheguei ao CES a criança 3 estava a chorar numa sala com a assistente social, o motivo era a mãe. A criança estava com medo de não poder passar o fim-de-semana com mãe, uma vez que esta prometeu aos filhos que no Sábado iam fazer um piquenique e no Domingo iam à praia. Seguidamente foi para o quarto mais um irmão e uma amiga fazer pulseiras.

A criança 5 estava no computador a trabalhar, quando se fartou foi à arrecadação dos jogos escolher um. Posteriormente saiu com uma família amiga.

A criança 2 depois de ver o filme pôs-se a brincar com uma bola, seguidamente pôs-se a saltar em cima do sofá.

Depois da criança 4 ter chegado, a 1 foi ter com ela e seguiu – a para todo o lado.

A criança 4 agrediu os colegas verbalmente e fisicamente.

A criança 4 também agrediu a 1. A resposta da 1 à agressão foi “pára”. Depois colocaram um filme e sentaram-se a vê-lo.

● **Durante o jantar:**

A criança 3 ajudou a pôr a mesa, e foi chamar os colegas para irem para a mesa.

Ao jantar sentou-se na mesa dos mais pequenos e ajudou-os a comer.

A criança 2 não queria ir para a mesa e para fugir à funcionária subiu para cima de uma janela, seguindo-se o sofá, uma cadeira e posteriormente dirigiu-se para o refeitório.

A criança 2 tirou o peixe do 2º prato com as mãos e colocou-o na sopa.

A criança 1 sentou-se na mesa da criança 4.

As crianças durante a refeição sentaram-se umas com as outras.

Data: 27/5/2006

Instrumentos utilizados para registrar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar os comportamentos e as atitudes das cinco crianças do estudo de caso em situações diárias como é o caso do levantar, do deitar e das refeições

(O5) Observação:

● **Manhã depois do Pequeno-Almoço:**

As crianças 1, 2 e 4 estavam todas juntas, na sala da tv, a brincarem às lutas. Mas a criança 1 disse logo que não queria brincar, ficando a observar os outros e a brincar com uma bola de ténis.

A criança 4 manifestou-se bastante violenta, batendo com muita força de maneira a magoar os colegas.

Após a criança 2 ter sido bastante martirizada pela criança 4, começou a chorar e ficou sentada sossegada no sofá. Depois de ter posto a criança 2 a chorar, a criança 4 também pôs a 1 a chorar.

Posteriormente as crianças foram brincar à “rabia” para o corredor com uma bola.

Entretanto a criança 4 mandava a bola para os colegas de maneira a aleijá-los.

A criança 3 ajudava as auxiliares com os bebés, a dar-lhes banho, e a levá-los para a sala dos brinquedos.

Como as crianças 1, 2, 4, 5 e outras estavam a fazer muitos disparates, uma auxiliar mandou-os sentarem-se na sala da tv a ver o filme do Scoobido.

Quando estava a ver o filme, a criança 4 deitou-se no sofá e pôs outras crianças fora do sofá. Quando o filme estava a rodar as crianças iam-se identificando com as diferentes personagens do filme.

Estavam as crianças 1 e 2 na brincadeira em cima do sofá enquanto decorria o filme e sem querer tocaram na criança 4, esta vira-se muito violenta batendo na criança 2 dizendo “eu parto-te a boca palhaço.” A criança 1 saiu da sala a correr e não voltou.

Entretanto chegou uma criança à sala da tv para ver o filme e a criança 4 disse “se vens para aqui chatear parto-te as pernas.”

A criança 1 foi para a sala dos brinquedos ver os power –rangeres, com os mais pequenos.

O professor do basquetebol tinha combinado com as crianças 1 e 4 que iriam para o pavilhão gimnodesportivo ver um jogo, mas que para isso viria durante a manhã buscá-los. As crianças estavam muito preocupadas com o professor e pediram a uma auxiliar para lhe telefonar. Foi aí que ficaram a saber que o professor não viria, foi possível verificar reacções diferentes. A criança 1 mostrou-se bastante triste com a notícia, mas a criança 4 mostrou-se completamente indiferente.

A criança 3 passou a manhã a fazer sumo de laranja natural para os colegas beberem à hora do almoço.

Na sala da tv quando a criança 4 ouviu a campainha tocar, perto das 12h disse “escondam-se que é para não irmos buscar o almoço.” Posteriormente a criança 2 foi desafiada para brincar às brigas. As crianças começaram a brigar entretanto chega à sala a criança 4 que tinha ido ao w.c. Esta logo começa a distribuir pontapé e murros por todos, dizendo “vocês perdem todos comigo”.

Quando o filme acabou vieram as crianças 2 e 4 para o corredor jogar e a criança 1 saiu da sala de brinquedos para jogar com eles.

Data: 29/5/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar os comportamentos e as atitudes das cinco crianças do estudo de caso em situações diárias como é o caso do levantar, do deitar e das refeições

(O6) Observação:

● **Pequeno – Almoço:**

A criança 5 conversou com os colegas, na altura em que tinha o leite na caneca, foi às escondidas colocar cereais de chocolate.

A criança 1 e 4 apareceram juntas no refeitório. Enquanto a criança 1 se sentava a 2 desmanchava-lhe o penteado.

A criança 3 comeu sossegada e sem grandes conversas, quando acabou de tomar o pequeno-almoço dirigiu-se para a escola.

A criança 5 e 2 discutiram por causa dos cereais de chocolate, seguiu –se uma agressão física por parte da criança 5. Enquanto brigavam a criança 4 inicia a sua participação defendendo a criança 5. Para fugir da briga a criança 2 sai e no seu percurso cruza-se com uma criança mais pequena e bate-lhe.

Quando as auxiliares estavam a chamar a atenção da criança 5 pelo que ela tinha feito a criança começa a gritar com as auxiliares e estica-lhes o dedo do meio da mão.

ii. Observações no CES durante actividades lúdicas:

Criança n.º2 *

Criança n.º 3 *

Criança n.º5 *

*** Não foi possível observar estas crianças na realização de actividades lúdicas durante o fim-de-semana devido a irem-no passar com famílias amigas, ou com os familiares.**

Data: 25/3/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no CES os comportamentos e as atitudes das crianças durante a realização de actividades lúdicas ministradas por voluntários

(O7) Observação:

Antes da chegada dos voluntários que realizam actividades com as crianças do CES, as crianças n.º 1 e 4, brincavam atirando bolas aos brinquedos dos bebés com o objectivo de os derrubarem das prateleiras.

As crianças n.º 1 e 4 ficaram muito alegres quando os voluntários chegaram.

A criança n.º 4 estava bastante feliz, pedia constantemente abraços a um dos voluntários.

Ambas as crianças tentavam chamar a atenção dos voluntários do sexo masculino. Sempre que um dos voluntários fazia uma brincadeira com outra criança, todas elas também queriam realizar a brincadeira.

A criança n.º 1 é agressiva para as crianças do sexo oposto, mas não para as crianças do mesmo sexo.

A criança n.º 4 passou grande parte do tempo a brincar às lutas, tornou-se bastante agressiva. Enquanto estragava um brinquedo a um colega mantinha um grande sorriso na cara.

As crianças mostraram-se bastante alegres com as brincadeiras dos voluntários, queriam a atenção deles só para elas, eram violentas para as crianças mais novas. A grande parte das brincadeiras envolviam brigas.

II. Observações das crianças em contexto escolar

i. Observações à Criança 1

Observação n.º 1 à criança 1:

Data: 21/3/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 1.

(O8) Observação:

Sala de aula – 1º período da manhã (9h00m até 10h30m)

A criança, no dia anterior ao da observação, teve a visita da mãe.

A criança chegou atrasada à escola (mas segundo a professora não é costume).

No início da aula a criança estava um pouco irrequieta, não sossegando na cadeira e voltando-se para trás. Demorou um pouco para começar o trabalho mas, quando o iniciou sossegou.

Raramente tem o material escolar necessário que, segundo a professora apesar de lho fornecer diariamente no dia seguinte já não o tem.

Não participa oralmente, é uma criança muito reservada.

Por vezes, o aluno não se encontra atento, dispersa a sua atenção e para “vir a si” é necessário que a professora o chame.

Apresenta vários “tic`s” rói as unhas, faz uma careta em que enrugando o nariz e ao mesmo tempo estica os lábios.

Passa grande parte do tempo com a mão esquerda na cabeça e com a cabeça em cima da mesa. O aluno não consegue saber quando se utiliza a caneta e o lápis, quando o trabalho é para fazer a caneta ele faz a lápis e vice-versa.

Pede muitas vezes a atenção da professora para o ajudar na realização das tarefas e quando regressa ao lugar não se senta logo correctamente coloca sempre os joelhos na cadeira, só passado um instante é que se senta correctamente.

Intervalo

A criança passou o intervalo a jogar à bola com os colegas da turma. Durante o jogo houve um colega que começou a refilar com ele dizendo-lhe que não sabe defender. A criança 1 ignorou-o completamente.

Sala de aula – 2º período da manhã (11h00m até 12h00m)

Manteve-se muito calma, passou a maior parte do tempo com a mão na cabeça e com a cabeça em cima da mesa.

Recorreu várias vezes à professora para o ajudar no trabalho.

Sala de aula – 1º período da tarde (13h30m até 15h30m)

A criança entrou calmamente na sala, sentou-se e continuou o seu trabalho. Quando o terminou foi ter com a professora. Esta é uma criança que solicita muito a atenção da professora.

Numa das vezes em que a criança 1 se dirigia à professora, um dos seus colegas tinha a cadeira no caminho e esta pedia muito delicadamente para o colega se desviar. O colega resmungou com a criança a qual respondeu muito delicadamente que precisava de passar.

É uma criança um pouco desorganizada, colocando por vezes em cima da mesa material de que não necessita para trabalhar (chegou a ter o caderno de Língua Portuguesa e o de Matemática abertos quando apenas trabalhava no de Matemática), havia alguma desarrumação debaixo da mesa. Foi necessário que a professora o chamasse à atenção para que ele arrumasse a mesa.

A criança 1 é sossegada, dirige-se à professora com alguma frequência, é uma criança muito carente que solicita atenção muitas vezes e que manifesta falta de concentração.

Observação n.º 2 à criança 1:

Data: 29/5/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 1.

(O9) Observação:

A criança 1 quando chegou à sala depois do intervalo tirou uma série de folhas da mala que colocou-as no lixo.

Em cima da mesa tinha vários cadernos e o livro onde estava a trabalhar, tinha também um boneco da playmobil.

Roeu as canetas, esteve sempre com a caneta na boca e a roê-la.

A criança 1 esteve à espera que um colega lhe emprestasse um lápis para iniciar o trabalho do manual escolar.

Só começou a realizar correctamente o trabalho quando a professora iniciou a correcção oral.

Várias foram as vezes que a criança esteve a brincar com o boneco.

Passou o tempo a abanar as pernas e de vez em quando deitava a cabeça em cima da mesa.

Quando a professora entregou um trabalho para que as crianças o realizassem a criança 1 não iniciou logo a tarefa. Foi necessário à professora incentivar a criança trabalhar.

No quadro é uma criança bastante insegura, necessitando de auxílio da professora para a realização dos exercícios.

Quando se levanta e regressa ao lugar não se sente logo como deve de ser, primeiro coloca os joelhos na cadeira.

Ajuda a professora em recados ou outras tarefas, como por exemplo distribuir fichas de trabalho.

A criança nunca tem o material necessário para a aula. Pela primeira vez desde de Fevereiro (altura em que chegou à Instituição) que trouxe o equipamento de Educação Física.

Apresenta alguma dificuldade em se concentrar no trabalho que está a realizar.

Observação n.º 3 à criança 1:

Data: 5/6/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 1.

(O10) Observação:

A criança passa grande parte do tempo sentada incorrectamente (com as pernas debaixo do rabo, ou com os joelhos em cima da cadeira)

Para pintar coloca numa das mãos um molhe de lápis e depois vai-os usando quando necessita deles.

Tinha o material todo espalhado pela mesa e chegou a ter algum no chão.

Pedi várias vezes auxílio à professora.

A professora continua a pedir ao aluno que traga o material escolar necessário para a aula.

Apresenta alguma dificuldade em se concentrar no trabalho que está a realizar, sendo necessário que a professora chame o seu nome para que a criança “volte a si”. A criança passa grande parte do tempo a olhar o vazio com um ar muito pensativo.

Rói o material escolar e passa grande parte do tempo a abanar as pernas.

Por vezes quando está a escrever coloca a cabeça em cima da mesa.

ii. Observações à Criança 2

Observação n.º1 à criança 2:

Data: 24/3/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 2.

(O11) **Observação:**

Sala de aula – 1º período da manhã (9h30m até 11h00m)

No início da aula enquanto esperava pela professora a criança fez birra porque não queria mudar de bata. Fugiu à auxiliar do CES que o acompanhava e depois esteve bastante tempo abraçado à auxiliar da escola.

Põe-se em cima das cadeiras e das mesas.

É uma criança muito violenta, quando algum colega diz para fazer coisas que ela não quer, esta é bastante agressiva.

A criança não diz o “r” tem uma linguagem bastante infantil para a sua faixa etária.

É durante a realização de actividades práticas que a criança se encontra mais sossegada, mas cansa-se rapidamente do seu sossego.

Durante o intervalo dos mais velhos sai da sala, porque gosta muito deles.

Gosta muito de estar com os adultos.

Intervalo

Esteve a jogar à bola com os colegas, mas fartou-se, depois pendurou-se nos muros e nos carros que estavam estacionados.

Fugiu do recreio e foi buscar uma bola de esponja, como foi chamado à atenção pela auxiliar foi-se pôr no colo para receber mimos.

Quando o recreio acabou e as auxiliares mandaram as crianças para a sala a criança 2 foi pelo lado oposto àquele que tinha sido recomendado.

Sala de aula – 2º período da manhã (11h30m até 13h00m)

A criança 2 foi acusada por uma colega de que lhe tinha tirado um objecto, para mostrar a sua inocência a criança 2 disse para a outra a revistar. A colega revistou-a nos bolsos. No final de ter revistado todos os bolsos a criança 2 voltou-se para a colega e disse-lhe para a revistar no sexo.

Para realizar uma actividade a professora mandou sentar os alunos no chão, a criança 2 foi-se sentar no meio de duas colegas para receber mimos. Esteve sossegada enquanto as colegas a beijavam e lhe faziam festinhas.

Descalçou-se (segundo a professora este comportamento é característico quando a criança se encontra aborrecida).

Por vezes magoa-se a ela própria.

Esteve sossegada enquanto recebeu a atenção da professora. Quando se fartou foi implicar com um colega, tirou-lhe um livro e mandou-o para cima do armário.

Andou em cima das cadeiras, das mesas, pendurou-se no quadro e ao mesmo tempo esticava o sexo para a frente e puxava-o com a mão dizendo “quero fazer sexo”.

Rói as unhas.

Furou a tampa de uma garrafa de água e molhou os colegas. Também os enfrentava com a garrafa à frente do sexo. Seguidamente molhou-se a ela própria.

Sala de aula – 1º período da tarde (14h30m até 16h00m)

É uma criança muito protegida pelos colegas da turma, quando se aleija ou alguém lhe bate os colegas defendem-na e acarinham-na imediatamente.

Fez-se um bolo e enquanto a professora colocava no alguidar os ingredientes e mexia a massa a criança n.º 2 observava com alegria.

É a mascote da turma.

Em brincadeiras magoa os colegas.

Observação n.º 2 à criança 2:

Data: 31/5/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 2.

(o12) **Observação:**

A criança tem uma linguagem bastante infantil.

Distrai-se com muita facilidade e não consegue realizar os trabalhos escolares até ao fim.

Brinca com carrinhos, e quando se quer levantar do lugar sobe para cima da cadeira.

A criança não pronuncia os “r”.

A criança estava a elaborar um cartaz e quando foi para o pendurar queria fazer tudo sozinha e não deixava que os colegas também a ajudassem a pendurar o cartaz.

É uma criança bastante desorganizada, possuía o material todo espalhado pela mesa.

Colocou-se com os pés na cadeira, de cócoras, para executar uma ficha. Foi ajudado por um colega para realizar a ficha. Quando se farta de fazer a ficha a criança começa a bater na mesa com as mãos e o lápis. Um colega que estava a ajudá-la distraiu-se com outro colega e a criança disse: “oh, faz-me as contas.” Seguidamente a criança começa a bater com as mãos de maneira a fazer muito barulho.

Quando está a trabalhar coloca as mãos na cabeça.

Quando acabou o trabalho, sentou-se nas costas da cadeira e colocou os pés em cima do lugar onde se senta.

Posteriormente passou por cima das mesas até chegar ao quadro, pendurou-se no quadro e foi beber água da garrafa de um colega. Depois foi para fora da sala atirar carrinhos de brincar ao ar. Quando entrou, tirou novamente a garrafa de água a um colega, bebeu a água toda e atirou a garrafa vazia para cima do colega.

Observação n.º 3 à criança 2:

Data: 19/6/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 2.

(O13) Observação:

Quando entrei na sala de aula a criança estava sentada em cima da mesa e dizia “o ... quer fazer sexo contigo”.

Quando a mudaram de lugar, a criança pendurou-se na janela, e colocou-se ao colo da auxiliar que está com ela. Seguidamente quando se sentou no lugar não ficou bem sentada, colocou os pés e os joelhos em cima da cadeira e manteve-se nesta posição algum tempo.

Enquanto realizou uma ficha esteve um pouco sossegada mas, quando começou a ficar farta do que estava a fazer pendurou-se na mesa. Enquanto fazia o trabalho roía as unhas.

Quando sentia dificuldades na realização da ficha pedia ajuda à professora ou à auxiliar.

Amuou, porque queria apagar e a borracha que uma colega lhe emprestou não apagava, zangada mandou a borracha contra a parede. Quando acabou a ficha disse: “acabei quero outra.”

A criança não esteve tão irrequieta como nos outros dias porque se encontra a tomar medicação.

Posteriormente começou a chorar porque não consegui fazer uma letra e desistiu colocando os pés em cima da mesa.

Quando terminou a ficha, pintou os desenhos utilizando cores como o cinzento, verde, laranja, castanho, amarelo fluorescente, rosa e roxo.

iii. Observações à Criança 3

Observação n.º 1 à criança 3:

Data: 23/3/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 3.

(014) **Observação:**

Sala de aula – 1º período da manhã (9h00m até 10h30m)

A aluna entrou calmamente na sala de aula e sentou-se no seu lugar.

Está grande parte do tempo com a mão no ouvido ou no cabelo.

Durante a aula disse-me que agora vai passar todos os fins-de-semana e férias com a mãe.

Ficou zangada quando ouviu um colega a ofender outro dizendo: “opa, não chamem nomes.”

Intervalo

A saída da sala foi feita calmamente. Esteve a saltar à corda com um grande grupo de colegas, fartando-se depressa e indo saltar sozinha para seguidamente saltar com outras duas colegas, sendo uma delas também do CES.

Sala de aula – 2º período da manhã (11h00m até 12h00m)

Este período da aula foi dedicado à ginástica.

Fez todos os exercícios de aquecimento que a professora mandou, mas durante o jogo desistiu porque os colegas não lhe passavam a bola.

No caminho do ginásio para a sala de aula, três colegas gozaram com a criança, sendo a sua reacção bater.

Sala de aula – 1º período da tarde (13h30m até 15h30m)

À entrada, a criança estava a ser gozada pelos colegas (chamavam-na de burra), sendo a sua reacção de cruzar os braços e virar-lhes a cara.

É uma criança interessada, empenhada e organizada

Em termos de conhecimentos a criança acompanha a turma, sendo a Matemática a disciplina em que revela maiores dificuldades.

Não foi possível realizar a observação na sala de aula durante todo o período da tarde devido ao CES ter chamado a criança.

Arrumou os seus objectos e saiu calmamente. Dirigiu-se à professora manifestando alguma preocupação por “hoje” não ter tido nenhuma avaliação na folha do comportamento.

Observação n.º 2 à criança 3:

Data: 29/5/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 3.

(O15) Observação:

A criança 3 é muito organizada, possui um grande sentido de responsabilidade e é muito madura, por esse motivo ela foi eleita para realizar tarefas e fazer recados à professora.

Os trabalhos escolares são realizados com muita concentração e quando existem dúvidas a criança pede à professora que se dirija ao seu lugar.

Os apontamentos são passados com algum cuidado e utiliza cores diferentes para os diversos títulos.

Rói as unhas e passa bastante tempo com as mãos na boca e na cabeça.

Na aula não conversa, faz o seu trabalho sem ligar a conversas paralelas.

No fim de acabar um trabalho arruma o material que já não precisa.

Observação n.º 3 à criança 3:

Data: 5/6/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 3.

(o16) **Observação:**

A criança entrou muito calmamente na sala de aula. Passou para o caderno diário, muito atenta, os apontamentos que a professora escreveu no quadro.

A criança 3 é muito organizada, possui um grande sentido de responsabilidade e é muito madura, por esse motivo, ela foi eleita para realizar tarefas e fazer recados à professora.

Roeu as unhas e passou grande parte do tempo a enrolar e a morder o cabelo, também abanava as pernas.

Na aula não conversa, faz o seu trabalho sem ligar a conversas paralelas.

Quando termina uma tarefa arruma imediatamente o trabalho e a mesa.

Uma das tarefas era a de arrumar o processo individual e durante a sua realização não foi necessária a intervenção da professora, quando a tarefa terminou, a criança colocou durante um tempo a cabeça em cima da mesa.

iv. Observações à Criança 4

Observação n.º 1 à criança n.º 4:

Data: 22/3/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 4.

(O17)Observação:

Notas:

A criança encontra-se numa turma de 4º ano mas com programa de 2º ano (não sabe escrever o seu nome)

A professora referiu que a criança nos últimos dois meses foi acusada de roubo e desde essa altura que nunca mais foi a mesma. Sempre que desaparece ou que acontece alguma coisa é à criança 4 a quem são imediatamente atribuídas culpas. Desde então, a criança perde os trabalhos realizados na escola assim como os manuais escolares, já lhe foram facultados 4 manuais.

Sala de aula – 1º período da manhã (9h00m até 10h30m)

A criança entrou calmamente na sala de aula, sentou-se e tirou as coisas da mochila.

Esteve pouco atenta, mantém sempre as pernas a abanar, quando não está a roer as unhas rói as canetas. Não é participativo.

Distrai-se muito facilmente e encontra-se grande parte do tempo desatento (olha para a janela ou para os colegas que estão a trabalhar).

Intervalo

A criança passou o intervalo a jogar à bola com os colegas da turma. Estava alegre.

Sala de aula – 2º período da manhã (11h00m até 12h00m)

Prontificou-se para ajudar a professora.

A turma realizou uma visita ao Clube Europeu do 3º ciclo, a criança 4 pelo caminho fez uma finta a um colega, aleijou-o com o lápis e depois fez o mesmo a ela própria. Enquanto aguardávamos para entrar a criança brincava com um lápis.

Durante a visita participou com algum interesse nas actividades.

Sala de aula – 1º período da tarde (13h30m até 15h30m)

Entrou muito calmamente na sala de aula, dirigiu-se ao seu lugar, sentou-se e ficou sossegada.

É uma criança desinteressada em relação ao seu trabalho, no entanto, gosta de ouvir e ver o que os colegas estão a realizar.

A criança só realizava o trabalho quando a professora estava ao pé dela.

Continuou a movimentar as pernas e passou grande parte do tempo desatenta relativamente ao seu trabalho e a olhar pela janela.

Observação n.º 2 à criança 4:

Data: 29/5/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 4.

(O18) Observação:

A tarefa para a aula que a criança 4 tinha era a de realizar uma prova. A criança manteve-se muito sossegada na aula mas muito pouco atenta ao seu trabalho.

Quando não está a roer as canetas tem os dedos na boca.

Por vezes não se encontra sentada correctamente, distrai-se com alguma facilidade mexendo na mala, brincando com as canetas, olhando pela janela.

Olha bastante para o trabalho que os colegas estão a realizar, apesar de não conversar, gosta muito de olhar para os colegas.

Observação n.º 3 à criança 4:

Data: 5/6/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 4.

(O19) Observação:

A tarefa para a aula, que a criança 4 tinha era a de realizar uma prova que já tinha sido entregue à quatro dias atrás.

A criança manteve-se muito sossegada na aula mas muito pouco atenta ao seu trabalho, levantava a camisola e mexia na barriga, olhava pela janela, escrevia e pintava o estojo, fazia do vidro da janela um espelho o qual utilizava para se pentear e mexer na cara, voltava-se para trás para brincar com a cadeira, brincou com a caneta de maneira a riscar o braço.

Para responder a uma questão demora muito tempo.

Virou-se várias vezes para trás para ver o que a colega estava a fazer para depois se voltar para a frente.

Quando não está a roer as canetas tem os dedos na boca.

Abriu várias vezes a boca e enquanto escrevia abanava a cabeça.

v. Observações à Criança 5

Observação n.º1 à criança 5:

Data: 20/3/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 5.

(O20) Observação:

Notas:

A professora referiu que a criança precisa de muito apoio, que é sossegada e que precisa de muita atenção. Disse também que a criança em Setembro não tinha nem hábitos, nem métodos de trabalho e que não sabia nem ler nem escrever. Actualmente já lê sendo o seu maior problema a escrita. Esteve sempre integrado em turmas problemáticas e foi um aluno problema.

A professora alertou para o facto de que a criança dentro da sala de aula é bem comportada, mas no recreio é muito mal-educada.

A criança encontra-se sentada ao lado da professora.

Sala de aula – 1º período da manhã (9h00m até 10h30m)

No início da aula a professora perguntou a todos os alunos o que tinham dito aos pais da prenda que tinham feito, e a criança 5 respondeu que não deu a prenda ao pai mas que tinha dado à psicóloga.

Durante a leitura oral a criança 5 não estava atenta, ora olhava para um lado ora olhava para o outro, quando chegou à sua vez sempre que lia uma palavra olhava para a professora recebendo sempre feedback positivo. Seguidamente foram colocadas questões no quadro as quais a criança passou muito calmamente, antes de responder por escrito deu a resposta oral à professora. Isto porque, em termos de sala-de-aula é uma criança sem autonomia e que precisa de atenção constante.

Intervalo

Muito conflituoso e faz constantes insinuações.

Não obedece e é mal-educada para as auxiliares. Quando uma auxiliar a repreendeu deitou-se no chão, só conseguiram obter uma resposta quando outra auxiliar lhe falou muito calmamente.

Quando saiu para o intervalo dirigiu-se ao cacifo e no caminho gozou com uma colega e meteu-se com a outra. Iniciou uma briga com um colega, pontapeando-o.

Fez caretas às auxiliares, pelas costas.

Ficou toda derretida quando uma colega lhe fez festas na cabeça.

Sala de aula – 2º período da manhã (11h00m até 12h00m)

A criança demora algum tempo a realizar as tarefas propostas.

Quando responde à professora fala muito baixinho, tem tendência para baloiçar a cadeira e mexer a cabeça e as sobrancelhas. Enquanto trabalha permanece grande parte do tempo com a mão na cabeça.

É uma criança muito esforçada e interessada. Nos trabalhos gosta de dar ideias, faz muitas pesquisas, colabora muito e é participativa.

Não consegue acompanhar a turma a nível de conhecimentos.

Sala de aula – 1º período da tarde (13h30m até 15h30m)

Após o almoço, a entrada na sala de aula foi feita muito calmamente. A criança continuou as suas tarefas silenciosamente.

Quando a professora solicitou ajuda para distribuir os cadernos, a criança prontificou-se de imediato.

Quando não tem a atenção da professora na realização do trabalho a criança distrai-se (brinca com a caneta, olha para o ar, ou abre e fecha os olhos).

Quando são realizadas questões orais a criança é muito participativa, mas muito lenta a copiar do quadro para o caderno.

É uma criança que gosta de participar oralmente, tem a mesa organizada e só coloca em cima da mesa, o material de que necessita.

Observação n.º 2 à criança 5:

Data: 29/5/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 5.

(O21) Observação:

Quando a criança entrou na sala e a professora deu início à aula a criança começou de imediato a sua participação, no desenrolar da aula a criança foi participando com muito gosto.

Quando os colegas realizavam a leitura a criança seguia muito atenta.

Na leitura a criança 5 é muito insegura.

A criança seguiu muito atenta a aula, contudo, passou grande parte do tempo com a mão na cabeça e abriu a boca frequentemente.

Quando foi necessário fazer alguma tarefa ou realizar algum recado foi a criança 5 que a efectuou, uma vez que possui um grande sentido de responsabilidade e de maturidade.

A criança apresentou dificuldades em passar o que se encontrava no quadro, por isso demora algum tempo a executar essa tarefa.

A criança é organizada, possui somente em cima da mesa o material necessário para realizar o trabalho.

Observação n.º 3 à criança 5:

Data: 29/5/2006

Instrumentos utilizados para registar a observação: Bloco de notas e lápis

Técnica de observação escolhida: Observação Participante

Questões deontológicas respeitadas: Preservação da identidade das crianças

O que observar: Observar no contexto escolar os comportamentos e as atitudes da criança 5.

(O22) Observação:

A criança possui a mesa organiza, colocando somente em cima dela o material necessário para realizar a tarefa.

A criança fez várias vezes uma careta e estava um pouco irrequieta, levantou-se várias vezes do lugar e quando regressava à cadeira sentava-se incorrectamente, colocando os joelhos na cadeira, levando a que a sua atenção se dispersa.

Quando a professora saiu da sala de aula a criança começou logo a falar e levantou-se do lugar para se sentar no chão em frente ao quadro.

No desenrolar da aula sempre que a professora pedia a participação oral dos alunos a criança participava.

A criança enquanto fala com a professora tem o hábito de abanar com alguma frequência a cabeça.

III. Entrevista à Educadora Elisabete para conhecer a integração social, a rotina diária e aspectos de personalidade dos residentes do CES. A vida das crianças (E1)

Guião de Entrevista

1. Apresentação da Investigadora:

Nome: Dora Isabel Roberto Rodrigues

Idade: 24 anos

Licenciatura de Professores do 2º ciclo do Ensino Básico variante de Matemática e Ciências da Natureza

Mestrado na Universidade Aberta em Relações Interculturais

2. Apresentação do Problema de Pesquisa:

A tese tem como título “Um Olhar de Sofrimento” e como subtítulo Comportamentos e Atitudes de Crianças Institucionalizadas Vítimas de Maus-Tratos – 5 estudos de caso.

A tese assume como objectivo principal tentar verificar nas crianças quais são os comportamentos e as atitudes derivados dos acontecimentos traumáticos vividos.

3. Explicação do papel pedido ao entrevistado:

A escolha de interrogar a Equipa Técnica (psicóloga e educadora-de-infância) sobre as características do CES deve-se ao facto de ser ela a detentora de maior informação de tudo o que se passa no centro e de possuir um contacto directo com as crianças acolhidas.

4. Objectivo da Entrevista:

A entrevista tem como objectivo conhecer a “vida” (o seu horário, as suas rotinas, a generalidade dos seus comportamentos, ...) das crianças.

5. O que se pretende saber:

- A sua integração;
- Identificar comportamentos e atitudes;
- Perceber o quotidiano das crianças.

6. Duração da entrevista:

Prevê-se que a entrevista demore cerca de 1h ou 1h20m.

7. Estabelecimento do meio de comunicação, espaço e momento:

O meio de comunicação será oral, sendo o registo de dados gravado de maneira a que não se perca qualquer tipo de informação para posteriormente ser tratada.

A escolha do local de entrevista terá em conta o facto de ser um lugar sossegado e de ser um lugar onde existe alguma privacidade.

8. Desenvolvimento da entrevista:

Questões relacionadas com a integração social

1. Quando e como ocorre a saída das crianças do CES?
2. Quando saem definitivamente como ocorre a integração social a nível familiar?
3. Após a saída do CES existem casos de exclusão social?

Questões relacionadas com o dia-a-dia das crianças dentro do CES

4. Quais são as actividades de lazer que estão disponíveis para as crianças?
5. Existe a comemoração de dias festivos? Quais?
6. As festas são abertas à comunidade?
7. São efectuadas iniciativas que promovem o desenvolvimento pessoal e social?

Questões relacionadas com identificar comportamentos e atitudes das crianças

8. Caracterize as crianças através de adjectivos.
9. Que comportamentos é que as crianças evidenciam (na generalidade)?
10. Quais as atitudes que as crianças demonstram face a situações de violência? (ex. brigas entre os residentes)
11. Que características de personalidade se encontra mais vincadas nestas crianças?

Resulta da entrevista à Educadora Elisabete para conhecer a integração social, a rotina diária e aspectos de personalidade dos residentes do CES. A vida das crianças (E1)

Questões relacionadas com integração social

1. Quando e como ocorre a saída das crianças do CES?

A saída das crianças do CES só se realiza a partir do momento em que está definido o projecto de vida e que é uma decisão judicial relativamente ao seu projecto.

Que poderá ser o seu regresso a casa, poderá ir para adopção ou poderá ser a institucionalização.

2. No caso do projecto de vida ser a institucionalização, as crianças podem ficar no CES?

Não é aqui, porque nós aqui o acolhimento é temporário e deveria ser no máximo 6 meses. Nós tivemos aqui crianças que permaneceram 6 anos, de forma que há que reduzir o tempo de permanência o máximo possível por variadíssimas razões. Não só pelos laços afectivos que se criam como também pelas vagas porque quanto mais tempo as crianças permanecem aqui mais vagas são ocupadas durante um longo período de tempo. Então há imensas crianças para entrar que não entram e depois porque a nível emocional da criança é mais fácil, porque quanto mais rápido for a definição do projecto de vida melhor é para a criança. De forma que as crianças saem assim que o tribunal tomou uma decisão conveniente e adequada à situação da criança em concreto.

3. Quando saem definitivamente como ocorre a integração social a nível familiar?

Depende, se forem para casa a integração é feita gradualmente. A Segurança Social faz a avaliação das famílias e depois dá a informação ao tribunal. Quando as crianças vão para casa a saída da criança não é feita assim: sai e vai hoje. É feita de forma gradual, pelo menos nós tentamos que seja de uma forma gradual, mas há situações em que a criança sai já hoje ou daqui a três dias e não há mais nada a fazer.

Mas sempre que possível tenta-se que a saída seja feita gradualmente, primeiro saída de fim-de-semana, depois um período de férias e depois a saída definitiva. Isto para avaliar como é que decorre todo o processo. Com as famílias ocorre mais as saídas de fim-de-semana para depois se fazer uma avaliação, enquanto que com as

famílias adoptivas começa pelas saídas durante uma tarde, depois um dia, um fim-de-semana, depois as crianças começam a dormir em casa das famílias e depois saem definitivamente. Também não convém prolongar muito esta situação a nível da adopção, porque quando a criança está aqui há muito tempo fica indecisa e pensa: afinal como é que é? Vou? Ou fico? Qual é que vai ser quem quer que eu fique?, não querem que eu fique? Por isso não convém muito arrastar esta situação.

Crianças que vão para a instituição são preparadas antecipadamente e na altura em que se arranja vaga conversa-se com a criança e prepara-se a criança uma semana antes. Quando se faz a transferência para a Instituição ela é acompanhada pelas Técnicas.

4. Após a saída do CES existem casos de exclusão social?

Após a saída do CES nós perdemos o contacto. Só se quem for a acompanhar as crianças no caso de iram para as famílias e se tal acontecer quem acompanha é um Técnico do Serviço Social indicado pelo tribunal. Se for para a adopção será a equipa de adopção que seleccionou a família que fará o acompanhamento. Se for para a instituição será a instituição a acompanhar de forma que nós não sabemos.

Poderemos vir a saber porque normalmente há crianças que saem e que voltam a reentrar, ou crianças que já saíram e que depois nos chegam relatórios ou pedidos de informação sobre determinadas situações que estão a acontecer. Agora se existem casos de exclusão por causa de estarem aqui no CES eu julgo que não, pelo menos nós tentamos preservar as crianças por isso não são permitidas fotos ou filmagens e assim é preservada a confidencialidade da criança.

Relativamente aqui à escola, também não existe nenhuma exclusão às crianças, elas estão completamente integradas nas salas de aula e às vezes até são um bocadinho mimadas pelos educadores e professores. Deixam fazer mais um bocadinho do que os outros por não estarem integradas na família.

Questões relacionadas com o dia-a-dia das crianças dentro do CES:

5. Quais são as actividades de lazer que estão disponíveis para as crianças?

Elas podem escolher as actividades que querem. Têm futebol, natação, basquetebol, dança jazz, karaté, ballet, tecelagem, clube da matemática, rádio clube, escalada. Há toda uma série de actividades que a fundação oferece e as quais as nossas crianças estão integradas dependente da faixa etária.

A nível da escola ou jardim-de-infância: os mais pequeninos têm expressão dramática, clube da matemática, música, canto, actividades lúdicas e desportivas. Os mais velhos têm outro tipo de actividades e são eles que escolhem as actividades que gostariam de praticar.

Relativamente às actividades aqui em casa são variadas, existem actividades da semana, do fim-de-semana, que podem ir desde passeios como ir ao teatro, ir ao cinema, ir ao circo, ir às actividades que a câmara promove e são gratuitas. As próprias instituições que contactam connosco no sentido de levar as crianças e nós vamos a acompanhar. Já chegou a haver escolas que se juntaram e comparam bilhetes para as crianças irem ao Jardim Zoológico, vamos aos parques e às lojas.

Isto em grupo reduzidos, porque não pode ir a família toda. No início ia a família toda, porque era um grupo pequenino de crianças. Mas a nossa família foi alargando e agora é mais complicado. Nós temos o privilégio de termos parques na Instituição, todas as valências têm um parque de forma que as crianças podem ir lá sem necessitarmos de sair. Dentro das próprias paredes da instituição, onde estão protegidos, as crianças têm imensa coisa para fazer.

Temos um ringue onde eles vão fazer patinagem, andar de trotinete, jogar basquetebol, saltar à corda. Colaboram connosco jovens voluntários que vêm ao fim de semana realizar actividades.

Os mais velhos têm também os trabalhos de casa que depois de feitos podem jogar no computador, gameboy, playsation, podem jogar jogos colectivos ou individuais, fazer uma pintura, brincar com plasticina, aprender a jogar um jogo, cantar uma canção ver um vídeo. Todos esse tipos de coisas que se fazem em casa.

6. Existe a comemoração de dias festivos? Quais?

Sim, principalmente do Natal, Dia da Criança, Carnaval. Temos um corso no qual as crianças também participam e as crianças também se vestem. Então fica à disposição delas roupas que elas se divertem a vestir e vão para a rua.

Os aniversários também são festejados e contamos com a colaboração do Jumbo que nos oferece o donativo dos bolos e dos brinquedos e de tudo o que necessitados para a festa.

A nível da escola comemoram também o dia do pai, da mãe as crianças que normalmente não recebem visitas chegam a casa e oferecem a prenda a uma ou outra funcionária ou técnica.

7. As festas são abertas à comunidade?

A nossa do CES é aberta às pessoas que durante o ano colaboram connosco, aos estagiários, aos voluntários, às famílias amigas, aos professores, aos educadores, pessoas que nos deram donativos, todas as pessoas que colaboram com o CES.

Mesmo aos familiares não é aberto, porque é um bocado complicado de gerir, porque é uma festa da casa e é uma festa que nós casa, nós CES fazemos para as crianças.

A Festa de Natal não é comemorada no dia de Natal, porque felizmente as crianças vão passar fora com a família se o tribunal assim o decidir ou com as famílias amigas. E então a festa é feito como nós CES vamos dar uma prenda aos nossos filhos.

Famílias não só porque não temos espaço para tanta gente, também porque é uma festa familiar para nós CES, também para evitar alguns conflitos em determinadas situações, para não destabilizar as crianças e também às pessoas de fora que os pais não conhecem e não convém expor a familiares em contacto com famílias amigas. É uma festa privada.

8. São efectuadas iniciativas que promovem o desenvolvimento pessoal e social?

Sim, são realizadas actividades tais como saídas ao cinema ao teatro e saídas com as famílias amigas, um dos projectos do CES.

Várias são as famílias que têm colaborado connosco ao longo dos anos, permitindo que as crianças tenham experiências enriquecedoras, na medida em que lhes confere a oportunidade de estarem num ambiente familiar. Estas crianças são oriundas de um seio familiar desestruturado e se não tem oportunidade de ver o outro lado, de como é que funciona a família, acabam por ter uma ideia errada de como é que o comportamento do pai ou da mãe e assim têm oportunidade de comprar. Às vezes chegam à conclusão que aquele comportamento do pai que elas achavam que estava correcto, porque era o ídolo, se calhar chegam à conclusão que não é correcto porque tomou atitudes erradas e fez coisas que não deveria de fazer. Isto porque tem oportunidade de contactar com pais de outras crianças.

O ambiente aqui no CES também promove o desenvolvimento pessoal e social. As experiências que proporcionamos às crianças pretendem promover o seu desenvolvimento pessoal e social.

Questões relacionadas com identificar comportamentos e atitudes das crianças:

9. Caracterize as crianças através de adjetivos.

Geralmente são crianças afectivamente muito carentes, meigas, algumas são extrovertidas outras introvertidas. ´

São únicas, diferentes, com muito para dar e com muita vontade de receber de qualquer pessoa. São muito sensíveis, flexíveis, que se adaptam com muita facilidade, tem uma capacidade de ultrapassar dificuldades ou problemas às vezes muito graves com alguma facilidade.

10. Que comportamentos é que as crianças evidenciam (na generalidade)?

Depende de vários factores, tais como, aquilo porque cada criança passou, do tipo de negligencia e/ou mau-trato porque passou, ao que foi sujeita.

A maioria delas tenta chamar à atenção através de frequentes chamadas de atenção. São crianças muito carentes, muito meigas, umas são muito extrovertidas e outras muito introvertidas, muito enérgicas outras menos. Há crianças que quando chega ao CES apresentam muitas dificuldades em termos alimentares, que depois são trabalhadas. Um reagem com mais agressividade do que outras, factor influenciado pelas vivências e pela idade e duração do mau- trato.

As chamadas de atenção tanto são feitas pela positiva como pela negativa, a maioria das vezes é pela negativa, e são feitas através do gritar ou atirar alguma coisa. Depende muito das vivências a que foram sujeitas.

11. Em crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos quais são os comportamentos mais frequentes?

Depende da idade e da criança, nós temos crianças que foram crianças vítimas de maus-tratos muito severos e que não são maltratantes nem exercem violência sobre as outras crianças ou adultos. Temos também crianças que forma vítimas de violência e são muito agressivas tanto para os pares como para os adultos.

Os comportamentos violentos são mais frequentes nas crianças mais velhas com idades como 8, 9, 10, 11 e 12 anos que forma vítimas de maus- tratos sucessivos cujo comportamento já se encontra enraizado.

É muito mais complicado moldar o comportamento de uma criança com 9,10 anos do que uma que tenha 2, 3 ou 4, porque, nas crianças mais velhas o comportamento já foi interiorizado e torna-se muito mais complicado conseguir moldá-la.

Depende da criança, por aquilo que passam, pelo período em que passou e quem é que foi o maltratante. Um pai maltratante marca muito, porque o pai é um modelo, é ele quem manda, ele é um herói. De forma que o modelo fica lá porque se o pai faz é porque está correcto então eu também posso fazer.

Se o maltratante for o padrasto, um tio ou um primo e o pai até está presente aí a criança já tem o modelo do pai para se ir centrando levando a que o tipo de comportamento na estruturação da sua personalidade seja diferente.

Outro factor que influencia os comportamentos é a idade quanto mais velha a criança for mais complicado se torna uma vez que tem uma maior capacidade de absorção de comportamentos.

Todas as crianças passam pela pré-adolescência e nestas crianças esta fase é muito mais acentuada, porque não aceitam ordens, não cumprem regras, tem tendência a serem agressivas com outros especialmente com as crianças mais pequenas, pois não conseguem interiorizar que a criança mais pequena é diferente deles, que tem um comportamento diferente e que precisa de ser tratada de uma forma diferente.

Tudo depende da idade e a dos 12 anos é complicada, estas crianças são muito desarrumadas, não gostas de tomar banho, gostam de mandar especialmente nos mais pequenos porque sentem que já são crescidos e que agora é a vez deles mandarem nos outros. As meninas gostam das suas coisas, de se vestirem à sua maneira

12. Quais as atitudes que as crianças demonstram face a situações de violência? (ex. brigas entre os residentes)

Pelo período que eles passam aqui no CES acabam por estabelecer laços uns com os outros e basicamente vêem-se como irmãos ou primos. Então há brigas e atritos entre eles. São brigas normais entre crianças.

Se uma criança é mais violenta ou se possui problemas comportamentais isso reflecte-se mais violentamente nas outras. Mas, actualmente o que ocorre são briguinhas entre os meninos e as meninas (ou porque le me piscou o olho, ou porque me chamou nomes, ou porque o outro tem o brinquedo que ele quer e tira-lho).

13. E quando existe a situação de briga como reagem as crianças que estão a assistir?

Depende, há crianças que ignoram e outras que ficam mais assustadas.

Existe sempre a tendência dos mais velhos estarem mais afastados dos mais pequenos. Os mais pequenos quando brigam é porque um tira o brinquedo e outro não gostou e bate-lhe. Os mais velhos ora brigam, ora estão contentes ora chateiam-se, são muito emocionais.

14. Na televisão e essencialmente na comunicação social tem-se ouvido falar bastante de crianças vítimas de maus-tratos. Como é que reagem as crianças aqui o CES?

Não reagem porque não vêem, elas só vêem aquilo que nós seleccionamos. Nós tentamos que eles não vejam algumas coisas que possam ser traumatizantes para eles, e especialmente o telejornal. Isto porque o telejornal de hoje em dia é sempre complicado nós estamos sempre a controlar, caso isso aconteça é acompanhado por um auxiliar.

A essa hora eles estão a jantar e depois ou vão jogar, ou brincar ou ver um filme (um dvd de desenhos animados)

15. E se escolherem filmes violentos?

Não vêem. Mas ao fim de semana quando as crianças saem com as famílias amigas nós não temos muito bem a noção dos filmes que possam ver. Mas nós temos confiança nas pessoas e sabemos que não vão para o cinema ver um filme extremamente violento.

17. Que características de personalidade se encontra mais vincadas nestas crianças?

Carência afectiva, instabilidade emocional (que é muito evidente), o desejo de ter alguém que goste deles.

São todas crianças muito meigas, muito dadas, muito carentes e que querem muitos mimos.

Isso depende muito da personalidade da criança, mas a maioria interage com qualquer pessoa, mas também há crianças que têm medo, que são muito reservadas e inibidas.

Elas têm uma capacidade de adaptação muito grande, mas também há crianças que têm uma dificuldade muito grande em adaptar-se a realidades novas.

IV. Entrevista a Funcionários sobre as características do CES. Caracterizar o CES (E2)

Guião da entrevista

1. Apresentação da Investigadora:

Nome: Dora Isabel Roberto Rodrigues

Idade: 24 anos

Licenciatura de Professores do 2º ciclo do Ensino Básico variante de Matemática e Ciências da Natureza

Mestrado na Universidade Aberta em Relações Interculturais

2. Apresentação do Problema de Pesquisa:

A tese tem como título “Um Olhar de Sofrimento” e como subtítulo Comportamentos e Atitudes de Crianças Institucionalizadas Vítimas de Maus-Tratos – 5 estudos de caso.

A tese assume como objectivo principal tentar verificar nas crianças quais são os comportamentos e as atitudes derivados dos acontecimentos traumáticos vividos.

3. Explicação do papel pedido ao entrevistado:

A escolha de interrogar a Equipa Técnica (psicóloga e educadora de infância) sobre as características do CES deve-se ao facto de ser ela a detentora de maior informação de tudo o que se passa no centro e de possuir um contacto directo com as crianças acolhidas.

4. Objectivo da Entrevista:

A entrevista tem como objectivo caracterizar o CES.

5. O que se pretende saber:

- A sua identificação;
- O seu Funcionamento;
- A sua estrutura;
- A sua caracterização.

6. Duração da entrevista:

Prevê-se que a entrevista demore cerca de 1h ou 1h20m.

7. Estabelecimento do meio de comunicação, espaço e momento:

O meio de comunicação será oral, sendo o registo de dados gravado de maneira a que não se perca qualquer tipo de informação para posteriormente ser tratada.

A escolha do local de entrevista terá em conta o facto de ser um lugar sossegado e de ser um lugar onde existe alguma privacidade.

8. Desenvolvimento da entrevista:

Questões relacionadas com a identificação

1. Quantos Centros de Emergência Social pertencentes à Fundação CEBI existem?

Localização?

2. Qual o Estatuto Jurídico do CES?

Questões relacionadas com questões relacionadas com a caracterização

3. Como é que o CES sobrevive? Que apoios tem?

4. Quantas crianças existem no CES?

5. Quantos funcionários tem o CES? Como estão categorizados?

Questões relacionadas com o funcionamento

6. A admissão só se efectua através do pedido das entidades competentes?

7. Se chegar uma mãe para acolherem o filho, o CES acolhe?

8. Quais são os critérios de prioridade no ingresso?

9. Existe o relacionamento com a família? Como?

10. O CÊS integra crianças com deficiência. Porquê? Desde sempre ocorreu essa integração.

11. Como é assegurado o sistema de vigilância das crianças? Funcionou sempre do mesmo modo?

12. As crianças realizam alguma tarefa doméstica (quem faz as camas)?

Questões relacionadas com a estrutura

13. O CES manteve sempre esta estrutura?

14. O número de crianças acolhidas aquando a abertura do CES é idêntico aos dos dias de hoje?

15. Em termos físicos existem muitas alterações desde o nascimento do CES até hoje? Quais?

16. O que é a copa?

Resultado da entrevista a Funcionários sobre as características do CES.

Caracterizar o CES (E2)

Questões relacionadas com a identificação

1. Quantos Centros de Emergência Social pertencentes à Fundação CEBI existem?

Localização?

Só existe este, abriu em 1995,mas começou a funcionar em Janeiro de 1996.

2. Qual o Estatuto Jurídico do CES?

O CES encontra-se inserido dentro da Fundação, é uma das valências da Fundação e a Fundação tem o estatuto de uma IPSS.

Questões relacionadas com a caracterização

3. Como é que o CES sobrevive? Que apoios tem?

Nós temos os apoios do estado, temos um acordo feito com a segurança social para acolher vinte e cinco crianças, obviamente estamos sempre acima da lotação, estamos sempre acima dos 25. Isto até agora porque sei que o acordo vai ser revisto.

Além disso temos os abonos das crianças e também temos o apoio da comunidade. A comunidade tem colaborado connosco, temos uma grande receptividade da comunidade no sentido de arranjam roupas, brinquedos, jogos, cadeiras para o carro, cadeiras para a refeição, todas essas coisas. Temos depois também o apoio de algumas lojas que oferecem donativos, por exemplo: o Jumbo de Alverca, a Palmolive, a Cerelac, a Glaxo que é um laboratório, a Cidilândia (em Alverca), são várias. Depois temos as escolas que organizam através de projectos de turma ou da área escola e que vêm à instituição e que angariam toda uma série de coisas, que contactam com empresas e que depois vem à instituição e têm contacto com as crianças e a partir daí dão coisas. Temos também o auxílio das editoras que fazem donativos no início do ano lectivo e que dão livros escolares que as crianças estão a utilizar. Temos também donativos a nível monetário não só para o CES mas também para a Fundação. Donativos monetários de várias empresas e de vários grupos de pessoas particulares. Todas essas pequenas coisas.

4. Quantas crianças existem no CES?

O CES iniciou com uma criança em Janeiro de 96, ao fim de alguns dias (basicamente uma semana) entrou uma outra criança, quinze dias depois entrara mais duas crianças e assim sucessivamente. Foram entrando devagarinho e a partir do momento em que chegámos à lotação nunca mais baixamos. Já chegamos a ter o máximo de trinta e cinco crianças. O que vai muito para além das nossas capacidades, mas tentamos sempre dar resposta da melhor forma às necessidades das crianças.

5. Quantos funcionários tem o CES? Como estão categorizados? Quais as funções das categorias?

O CES conta com 14 ajudantes de lar que trabalham em turnos rotativos de 8 em 8 horas. Elas vão formando equipas. Estão sempre equipas e vão rodando. Dentro dessas funcionárias há duas funcionárias que fazem um apoio no período da tarde e no período da manhã que é onde é mais necessário. Essas duas não fazem noites ao contrário das outras 14.

Depois temos duas auxiliares de limpeza.

A equipa técnica que é constituída por: uma educadora de infância, uma psicóloga, uma assistente social, a directora, uma administrativa, uma médica e um jurista.

As ajudantes de lar têm várias funções, desde a alimentação, higiene, fazem um bocadinho o papel de mãe. Desde fazer jogos, actividades com os meninos, levá-los à fisioterapia, ao médico, arrumarem a roupa deles, fazerem o comer para os bebés, prepararem biberões, trocarem a fralda. Tudo o que é necessário fazer dentro de uma casa menos tratar da limpeza.

Questões relacionadas com o funcionamento:

6. A admissão só se efectua através do pedido das entidades competentes?

Sim, tem que estar sempre uma entidade por trás. O pedido pode ser feito por uma comissão, a segurança social (nem tanto), o tribunal, o ICJ ou uma urgência da GNR. Que já aconteceu às 3h da manhã encontrarem uma criança e necessitarem de acolher a criança porque ela não vai ficar no posto da GNR e pedirem a ser agente a acolher a criança.

7. Se chegar uma mãe para acolherem o filho, o CES acolhe?

Não, a mãe tem que se dirigir ao centro de segurança social, explicar a sua situação e depois as técnicas avaliam a situação e fazem o acompanhamento e aí se for necessário ajuda, ajudam a nível de vários apoios. Se for necessário a retirada procedem a todas os trâmites normais e burocráticos que são necessários para que se efectue. O CES não é um colégio não é para deixar a criança é preciso haver alguma coisa por trás e que esteja a prejudicar o bem-estar da criança.

8. Quais são o critérios de prioridade no ingresso?

Não há critérios. Os critérios que existem têm a ver que não acolhemos crianças com mais de 12 anos – a idade. A situação, a história, tem que se avaliar a situação histórica, a situação clínica da criança, a situação social. Porque temos que pensar uma coisa, temos cá 30 crianças (ou 29 neste momento) e temos que ver como é que a criança vem a nível de saúde. Se a criança tiver algo que põe em risco a saúde de outras crianças obviamente que não pode ser aceite. Mas se não for o caso não há qualquer inconveniente.

9. Existe o relacionamento das crianças com a família? Como?

Sim, nas visita. As crianças só não têm direito a receber as visitas dos pais se o tribunal assim o decidir. Caso contrário o crianças recebem visitas dos pais ou dos familiares que o tribunal achar conveniente para que as crianças estabeleçam contacto com a família. É obvio que as famílias vêm se estiverem interessadas, nem o tribunal nem ninguém obriga. Cabe às famílias demonstrarem pelo período que cá estão o interesse pelas crianças e isso vê-se pelas próprias visitas. Se as visitas são muito esporádicas e o interesse basicamente nulo é a partir daí que se vai elaborar o projecto de vida da criança.

Também há crianças que saem aos fins-de-semana, que passam os fins-de-semana com os pais que é um contacto muito mais directo. Mas, isso depende do acordo que a segurança sócia e o tribunal tenham feito com os pais. Há crianças que quando entram aqui passam para saídas de fim-de-semana, mas isso são situações raras. Mas o CES não vai em direcção a um colégio interno, no colégio interno é que as crianças permanecem durante a semana e vão ao fim de semana para casa. Nós não somos nenhum colégio interno, somos um centro que acolhe crianças que se encontram em situação de risco. Agora, normalmente isso acontece quando há uma previsão da

criança voltar para casa. Quando se está a pensar nesse projecto as saídas aos fins-de-semana tem como finalidade avaliar como é que são as saídas e são as vindas. Como é que a criança está em todas as possibilidades.

10. O CES integra crianças com deficiência. Porquê? Desde sempre ocorreu essa integração.

Sim, todas as crianças têm o direito a serem acolhidas, nós temos uma, mas já tivemos mais crianças. Já tivemos crianças com a espinha bífida (com a qual teria que se ter feito a avaliação e tudo mais) e outras crianças.

Neste momento, temos uma criança com deficiência motora que quando chegou tinha dois anos, neste momento já está crescidota, temos crianças com síndrome polideformativo

Já tivemos outra, não com deficiências, mas que sofria de ataraxia. Há várias crianças mas todas têm o direito de serem acolhidas em algum lado.

É obvio que é complicado fazer o acompanhamento a essas crianças, dar uma resposta mais adequada às suas necessidades do que a uma criança que não tenha qualquer tipo de deficiência.

Nunca tivemos um invisual, não quer dizer que se chegar aqui uma criança que está em risco detentora de deficiência visual que nós não a acolhemos. Não é por ser cega que se vai invalidar o acolhimento. Quem diz cega diz surda ou qualquer outro tipo de deficiência. É óbvio que a gente avalia quando chega um pedido se temos capacidade para dar resposta às necessidades da criança.

Quando a criança deficiente chegou tínhamos capacidade para lhe dar uma resposta uma vez que ela era pequenina. O tempo vai-se arrastando e o ideal, aliás era óptimo, que ela já tivesse arranjado um projecto de vida. Agora está mais complicado, porque a criança pesa mais, necessita de mais aparelhos e a criança vai crescendo e as pessoas que cá estão não crescem. De forma que a resposta àquilo que é necessário vai sendo cada vez menor. Mas valia-se tudo isso.

Desde o início que o CES acolhe crianças com deficiências, que pode ser várias. Temos crianças com problemas de coração, de diabetes. Neste momento o caso mais complicado que temos é o de uma criança que está a tomar hormona. Obviamente que tem que ser ministrado por alguém e é ensinado a todos, houve também uma criança que tinha que ser algaliada e a todos foram ensinados os procedimentos necessários.

11. Como é assegurado o sistema de vigilância das crianças? Funcionou sempre do mesmo modo?

Nós temos um porteiro que controla as visitas e as saídas das crianças. Em vários locais da Fundação existem câmaras de vigilância. Aqui temos uma porta de segurança que só abre por dentro, tem uma câmara de vigilância que se vê quem está à porta e só entra quem está autorizado a entrar. Normalmente há uma folha que tem as visitas e uma lista de pessoas que vem ao CES. Os porteiros contactam-nos quando há uma visita para o CES e dizem quem é a pessoa e nós respondemos se pode entrar ou não.

Desde de sempre se efectuou esta forma de vigilância.

12. As crianças realizam alguma tarefa doméstica (quem faz as camas)?

Sim, a partir de uma certa faixa etária e dependendo da maturidade da própria criança. Que pode por exemplo ter nove anos e não ter maturidade suficiente para efectuar uma determinada tarefa. É uma das preocupações foi a de que as crianças tinham que aprender e colaborar nas tarefas domésticas.

Isso supera conversas que surgiam inicialmente as funcionárias eram criadas. Não é, as crianças colaboram em coisas normais que se fazem em casa. Há sempre alguém que tem a tarefa de todos os dias colocar as mesas, de levantar as mesas, de ajudar a varrer o chão. Obviamente que agente não quer coisas perfeitas queremos é que eles colaborem.

Fazem as camas, os mais velhos, os mais novos são as funcionárias. Isto tudo ao mais velhos a partir dos seis/ sete anos dependendo da sua maturidade. Os mais pequenos o que fazem é quando chegam a casa metem o casaquinho nos quartos, despem-se e metem a roupa dentro dos saquinhos para ir para lavar e arrumam os brinquedos. Os mais velhos limpam as casas de banho após o banho, limpam a água, arrumam a roupa.

Questões relacionadas com a estrutura

13. O CES manteve sempre esta estrutura?

Não, inicialmente o CES era isto, só que como demorou muito tempo a abrir dado a determinados problemas com a segurança social, então este espaço foi ocupado com salas de aula. Quando viemos para cá inicialmente haviam poucas crianças de forma que nós tivemos a funcionar a casa com salas durante o dia, partilhando o

mesmo espaço. À medida que a casa foi enchendo a necessidade de quartos foi sendo maior. Depois foram saindo as salas e o CES ficou aquilo que é hoje.

Entretanto houve uma remodelação porque os gabinetes não existiam, o gabinete era só um e era no quarto dos bebês. Depois o quarto dos bebês era um quarto e o gabinete era na entrada numa salinha que está na entrada. Mais tarde o quarto dos bebês passou a ser um gabinete e o resto como estava, sendo o refeitório bastante amplo. Mas, como o refeitório era demasiado grande para as nossas necessidades, nós optámos por fazer gabinetes numa parte e foi daí que ficámos com um berçário.

14. O número de crianças acolhidas aquando a abertura do CES é idêntico aos dos dias de hoje?

Não.

15. Em termos físicos existem muitas alterações desde o nascimento do CES até hoje? Quais?

Sim existem, foram nos quartos, nos gabinetes, no refeitório, nas casas de banho. Foram acrescentadas ou retiradas coisas.

Nos quartos existiram várias remodelações, primeiro estavam camas, depois berços, depois foram retirados os berços e colocadas camas. Depois foram-se colocando mais camas num quarto e retiravam-se noutro.

Ajustar o espaço às necessidades das crianças.

16. O que é a copa?

Não é chamada cozinha porque não fazem comida, só se faz a sopinha dos bebês. Durante o dia vão comer fora, como estão integradas nas diversas valências da fundação comem no refeitório. À noite nós temos um refeitório dos idosos de forma que a comida vem devidamente acondicionada até chegar cá acima. Nós temos uma estufa onde a comida é colocada até à hora do jantar e depois é servida às crianças.

A copa consiste num frigorífico, num pequeno fogão que é necessário para aquecer aquilo que é necessário para dar às crianças e para lavar a loiça. Isso tem que ser feito aqui.

V. Entrevista aos professores das Crianças do CES (E3, E4, E5, E6, E7)

1.5.1. Guião da entrevista.

1. Apresentação da Investigadora:

Nome: Dora Isabel Roberto Rodrigues

Idade: 24 anos

Licenciatura de Professores do 2º ciclo do Ensino Básico variante de Matemática e Ciências da Natureza

Mestrado na Universidade Aberta em Relações Interculturais

2. Apresentação do Problema de Pesquisa:

A tese tem como título “Um Olhar de Sofrimento” e como subtítulo Comportamentos e Atitudes de Crianças Institucionalizadas Vítimas de Maus-Tratos – 5 estudos de caso.

A tese assume como objectivo principal tentar verificar nas crianças quais são os comportamentos e as atitudes derivados dos acontecimentos traumáticos vividos.

3. Explicação do papel pedido ao entrevistado:

A escolha de interrogar os professores das crianças deve-se ao facto de serem eles que estão com estas crianças grande parte do dia possuem informações muito úteis para a caracterização de comportamentos e atitudes destas crianças.

4. Objectivo da Entrevista:

A entrevista tem como objectivo conhecer comportamentos e atitudes das crianças no contexto escolar.

5. O que se pretende saber:

- Comportamento das crianças nas actividades exteriores/ interiores à sala-de-aula;
- Absentismo/ sucesso escolar;
- Comportamento da criança na sala-de-aula.

6. Duração da entrevista:

Prevê-se que a entrevista demore cerca de 15m.

7. Estabelecimento do meio de comunicação, espaço e momento:

O meio de comunicação será oral, sendo o registo efectuado através de bloco de notas e lápis, esta escolha tem como finalidade não se perder qualquer tipo de informação para posteriormente ser tratada. Como a entrevista é de curta duração não será necessário a sua gravação.

A gravação desenrolar-se-á na sala de aula em que o professor lecciona.

8. Desenvolvimento da entrevista:

Questões relacionadas com o comportamento das crianças nas actividades exteriores/ interiores à sala-de-aula

1. Quais são as características de personalidade da criança em estudo?
2. Quais são os seus comportamentos que a criança manifesta diariamente?

Questões relacionadas com o comportamento da criança na sala-de-aula

3. Quais são as atitudes da criança face a situações mais violentas?
4. Caracterize a criança através de adjectivos.

Questões relacionadas com absentismo/ sucesso escolar

5. A criança é interessada?
6. A criança é empenhada?

Resultado das entrevistas aos professores sobre as Crianças do CES

Entrevista à professora da criança 1 (E3)

1. Quais são as características de personalidade da criança em estudo?

É meiga, carinhosa, inteligente, tem muita força de vontade em aprender.

2. Quais são os seus comportamentos que a criança manifesta diariamente?

É uma criança com vontade de aprender, meiga e amiga dos colegas. Gosta de mostrar o que vai fazendo.

3. Quais são as atitudes da criança face a situações mais violentas?

Não consigo referir porque a criança só se encontra na minha sala de aula à duas semanas.

4. Caracterize a criança através de adjectivos.

Meiga, serena, calma e alegre.

5. A criança é interessada e empenhada?

Demonstra algum interesse nos conteúdos que são abordados, empenha-se na realização das tarefas.

Entrevista à professora da criança 2 (E4)

1. Quais são as características de personalidade da criança em estudo?

Hiperactiva, muito meiga quando está bem disposto. Demonstra muita falta de atenção. Quando está aborrecida é muito violenta e diz muitas asneiras. É uma criança muito revoltada, gosta muito de atenção e a pessoa tem que se dedicar somente a ela.

2. Quais são os seus comportamentos que a criança manifesta diariamente?

Faz aprendizagens pequenas, cansa-se com muita facilidade. O máximo são quinze minutos a trabalhar depois têm que se realizar actividades práticas, depois torna-se muito violenta – deita-se no chão, despe-se, põe-se em cima das cadeiras, pontapeia as mesas, ...

3. Quais são as atitudes da criança face a situações mais violentas?

Provoca situações muito violentas, quando existem brigas coloca-se sempre na confusão.

4. Caracterize a criança através de adjetivos.

Hiperactiva, meiga, violenta, revoltada, desatenta.

5. A criança é interessada e empenhada?

Não apresenta qualquer interesse face aos conteúdos programáticos, empenha-se durante algum tempo na realização de tarefas práticas.

Entrevista à professora da criança 3 (E5)

1. Quais são as características de personalidade da criança em estudo?

É uma criança meiga e cuidadosa com a professora, mas quando a professora a chama a atenção não gosta e resmunga.

Na sala de aula interessa-se pelo o que é dito.

2. Quais são os seus comportamentos que a criança manifesta diariamente?

É uma criança serena e que gosta de colaborar. Na sala de aula é muito interessada, mas por vezes não realiza os trabalhos de casa.

3. Quais são as atitudes da criança face a situações mais violentas?

Reage com violência

4. Caracterize a criança através de adjetivos.

Meiga, carinhosa, atenta, cuidadosa.

5. A criança é interessada e empenhada?

Na sala de aula é muito interessada e empenhada, mas em casa isso não acontece.

Entrevista à professora da criança 4 (E6)

1. Quais são as características de personalidade da criança em estudo?

É uma criança meiga e cuidadosa com a professora. Socialmente é muito influenciável.

Por vezes, em ambiente de amigos, existem alguns focos de agressividade, mas tais atitudes não são de todo comuns.

2. Quais são os seus comportamentos que a criança manifesta diariamente?

Diariamente é uma criança desatenta e desconcentrada, demora imenso na realização de tarefas escolares.

Gosta de colaborar em actividades de grupo, é afectiva comigo e com os colegas da turma.

3. Quais são as atitudes da criança face a situações mais violentas?

Na minha presença, o aluno não reage de forma agressiva, mesmo que esta seja a atitude dos outros colegas em relação a ele.

4. Caracterize a criança através de adjectivos.

Meiga, desatenta.

5. A criança é interessada e empenhada?

Não é empenhada nem interessada.

Entrevista à professora criança n.º5 (E7)

1. Quais são as características de personalidade da criança em estudo?

É batalhadora quando é estimulada frequentemente.

É notório que só gosta de trabalhar e fazer bem quando sente interesse por parte de quem solicita.

A maior parte das vezes é honesta em relação ao que conta.

2. Quais são os seus comportamentos que a criança manifesta diariamente?

Diariamente na sala de aula, tem um bom comportamento. É atento, interessado e participa em todas as actividades com empenho. É organizado e gosta de mostrar o que vai fazendo.

É uma criança que precisa de muito apoio e de muita atenção.

É uma criança amiga dos colegas.

3. Quais são as atitudes da criança face a situações mais violentas?

Tenta sempre justificar-se e explica a situação acontecida.

Ultimamente no recreio porta-se muito mal e é muito mal-educado com as auxiliares.

4. Caracterize a criança através de adjectivos.

É meigo, organizado, calmo, participativo, interessado e trabalhador.

5. A criança é interessada e empenhada?

É uma criança empenhada e bastante interessada.

VI. Entrevistas à Psicóloga sobre as crianças em Estudo (E8, E9, E10, E11, E12)

Guião da entrevista

1. Apresentação da Investigadora:

Nome: Dora Isabel Roberto Rodrigues

Idade: 24 anos

Licenciatura de Professores do 2º ciclo do Ensino Básico variante de Matemática e Ciências da Natureza

Mestrado na Universidade Aberta em Relações Interculturais

2. Apresentação do Problema de Pesquisa:

A tese tem como título “Um Olhar de Sofrimento” e como subtítulo Comportamentos e Atitudes de Crianças Institucionalizadas Vítimas de Maus-Tratos – 5 estudos de caso.

A tese assume como objectivo principal tentar verificar nas crianças quais são os comportamentos e as atitudes derivados dos acontecimentos traumáticos vividos.

3. Explicação do papel pedido ao entrevistado:

A escolha de interrogar a psicóloga da Equipa Técnica do CES é devida ao facto de ser a pessoa mais indicada para se obter informações sobre as crianças a vários níveis.

4. Objectivo da Entrevista:

A entrevista tem como objectivos verificar como os maus tratos influenciam comportamentos, identificar determinadas atitudes resultantes do seu percurso de vida e verificar como os maus-tratos influenciam o seu percurso de vida.

5. O que se pretende saber:

- As características de personalidade da criança em estudo;
- Os comportamentos que a criança manifesta diariamente;
- As atitudes da criança face a situações mais violentas;
- A ideia que a criança tem de família.

6. Duração da entrevista:

Prevê-se que a entrevista demore cerca de 1h.

7. Estabelecimento do meio de comunicação, espaço e momento:

O meio de comunicação será oral, sendo o registo de dados gravado de maneira a que não se perca qualquer tipo de informação para posteriormente ser tratada.

A escolha do local de entrevista terá em conta o facto de ser um lugar sossegado e de ser um lugar onde existe alguma privacidade.

8. Desenvolvimento da entrevista:

Questões relacionadas com o acolhimento:

1. Quais foram os motivos que levaram ao acolhimento da criança no CES?
2. Como se efectuou a integração e a evolução psicológica da criança?
3. Em que medida é que o CES contribuiu para melhorar o nível de vida da criança?
4. Quais as perspectivas de futuro para a criança?
5. A criança manifesta saudade de alguém ou de alguma coisa que deixou para trás?
6. Como reage a criança face às regras e aos horários do CES?
7. Como encara a criança o facto de ter que viver num Centro de Acolhimento?

Questões relacionadas com a família:

8. Como era o ambiente da família da criança?
9. A criança mantém algum contacto com a família? Se sim, como se tem mantido a relação com a família nos últimos tempos?
10. Existe a possibilidade de reintegração na família? Se sim, como se procederá?

Questões relacionadas com os comportamentos/ atitudes:

11. Desde que a criança foi integrada no CES, mudou as atitudes, a forma de estar, os comportamentos? De que forma?
12. A criança apresenta níveis de ansiedade? Quais são as causas? Quais os comportamentos advenientes?
13. Quais são os comportamentos/ atitudes da criança com os adultos? E com os pares?
14. A criança apresenta atitudes de violência? Se sim, em que situações?
15. Quando a criança percepção perigo, como reage?
16. Como caracteriza a criança psicologicamente?

Resultado da à Psicóloga sobre as crianças em Estudo (E8, E9, E10, E11, E12)

Entrevistas à Psicóloga sobre a criança 1 (E8)

Questões relacionadas com o acolhimento

1. Quais foram os motivos que levaram ao acolhimento da criança no CES?

Em termos da alimentação, pois a criança era proibida de comer batida quando ia ao frigorífico buscar comida por ter fome e era vítima de violência por parte de um tio com quem ficava após a escola.

2. Como se efectuou a integração e a evolução psicológica da criança?

A integração foi boa, o seu acolhimento não tem “sofrido” alterações.

3. Em que medida é que o CES contribuiu para melhorar o nível de vida da criança?

Em termos da alimentação, pois a criança era proibida de comer batida quando ia ao frigorífico buscar comida por ter fome.

4. Quais as perspectivas de futuro para a criança?

Integração na família biológica alargada a avó.

5. A criança manifesta saudade de alguém ou de alguma coisa que deixou para trás?

Apenas dos aspectos materiais – dos seus brinquedos e de alguns familiares de que tem saudades.

6. Como reage a criança face às regras e aos horários do CES?

Como todas as crianças por vezes não concorda com algumas coisas, mas de um modo geral reage positivamente às regras e aos horários.

7. Como encara a criança o facto de ter que viver num Centro de Acolhimento?

É uma criança conformada com a sua situação e percebeu que não podia viver do modo como estava a viver.

Questões relacionadas com a família

8. Como era o ambiente da família da criança?

Pensa-se que era instável, a criança por vezes ficava em casa, ou na casa de uma vizinha enquanto a mãe ia aos bailes.

9. A criança mantém algum contacto com a família? Se sim, como se tem mantido a relação com a família nos últimos tempos?

Sim, recebe visitas semanais. Os pais são assíduos e telefonam todos os dias, no entanto, a relação como filho é um pouco distante, fria.

10. Existe a possibilidade de reintegração na família? Se sim, como se procederá?

Sim, irá começar com as saídas ao fim-de-semana.

Questões relacionadas com os comportamentos/ atitudes

11. Desde que a criança foi integrada no CES, mudou as atitudes, a forma de estar, os comportamentos e o relacionamento com os outros? De que forma?

Um dos aspectos mais relevantes, é a maneira como se alimentava, comia muito rapidamente e queria repetir sempre – talvez com medo de passar fome. Os seus comportamentos noutros contextos pelos registos que temos da outra escola eram semelhantes.

Durante o tempo de permanência e à medida que o tempo passa, o seu à vontade é maior, o que leva a que a criança a infringir algumas “ regras”.

12. A criança apresenta níveis de ansiedade? Quais são as causas? Quais os comportamentos advenientes?

Fica um pouco ansiosa antes, durante e após as visitas dos familiares.

13. Quais são os comportamentos/ atitudes da criança com os adultos? E com os pares?

A sua atitude para com os adultos é correcta, obedece e respeita. Com os pares não existem conflitos que tenham sido provocados por ela.

14. A criança apresenta atitudes de violência? Se sim, em que situações?

Não é uma criança violenta. Não costuma ter atitudes violentas, a menos que seja provocada por outra criança e se esta a magoar.

15. Quando a criança percebe perigo como reage?

Pede ajuda a um adulto.

16. Como caracteriza a criança psicologicamente?

È uma criança com baixa de auto-estima e um pouco insegura. Não é uma criança violenta.

Entrevistas à Psicóloga sobre a criança 2 (E9)

Questões relacionadas com o acolhimento

1. Quais foram os motivos que levaram ao acolhimento da criança?

Condições económicas e habitacionais.

2. Como se efectuou a integração e a evolução da criança no CES?

A integração efectuou-se de um modo similar às outras crianças – não tem havido muitas evoluções.

3. Em que medida é que o CES contribuiu para melhorar o nível de vida da criança?

A criança encontrava-se sem local onde habitar e sem o que comer.

4. Quais as perspectivas de futuro para a criança?

A adopção.

5. A criança manifesta saudade de alguém ou de alguma coisa que deixou para trás?

Não manifesta saudades de nada.

6. Como reage a criança face às regras e aos horários do CES?

Reage negativamente, por vezes foge, faz birras, chama nomes.

7. Como encara a criança o facto de ter que estar a viver num Centro de Acolhimento?

O seu tempo de permanência já é bastante longo e já não deve de ter lembranças do que é viver noutra local.

Questões relacionadas com a família

8. Como era o ambiente da família da criança?

É um ambiente que é desconhecido para a criança.

9. A criança mantém algum contacto com a família? Se sim, como se mantém a relação com a família nos últimos tempos?

Não existe qualquer tipo de relação.

10. Existe a possibilidade de reintegração na família? Se sim, como se procederá?

Não

Questões relacionadas com os comportamentos/ atitudes

11. Desde que a criança foi integrada no CES ela mudou as suas atitudes, a sua forma de estar, os seus comportamentos e o seu relacionamento com a sociedade? De que forma?

Alguns dos seus comportamentos e atitudes alteraram-se nomeadamente no saber estar à mesa, no modo de falar e no cumprimento de regras.

12. A criança apresenta níveis de ansiedade? Quais são as causas? Quais os comportamentos advenientes?

Não apresenta.

13. Quais são os comportamentos/ atitudes da criança com os adultos? E com os pares?

O seu comportamento/ atitudes para com os adultos é sempre uma atitude de confronto, de ir contra as indicações do adulto. Com o grupo de pares está sempre a tentar desafiá-los tirando-lhes coisas.

14. A criança apresenta atitudes de violência? Se sim, em que situações?

Por vezes é muito violenta, devido à falta de afecto. Quando é contrariada ou quando quer algo que não lhe pertence e luta por ter.

15. Quando a criança percebe o perigo como reage?

Não percebe o perigo.

16. Como caracteriza a criança psicologicamente?

É uma criança hiperactiva, que no início da infância não foram impostas regras. Muito carente e com baixa tolerância à frustração.

Entrevistas à Psicóloga sobre a criança 3 (E10)

Questões relacionadas com o acolhimento

1. Quais foram os motivos que levaram ao acolhimento da criança?

Violência doméstica – situação económica.

2. Como se efectuou a integração e a evolução da criança no CES?

Como foi uma reintegração foi fácil.

3. Em que medida é que o CES contribuiu para melhorar o nível de vida da criança?

A criança não assiste a violência familiar e não passa por carências económicas, é assídua na escola e tem tempo para poder brincar.

4. Quais as perspectivas de futuro para a criança?

Possível reintegração na família ou institucionalização.

5. A criança manifesta saudade de alguém ou de alguma coisa que deixou para trás?

Sente saudades da mãe e da restante família.

6. Como reage a criança face às regras e aos horários do CES?

Reage bem.

7. Como encara a criança o facto de ter que estar a viver num Centro de Acolhimento?

Deseja muito viver para junto dos pais por vezes demonstra muita saudade e alguma tristeza.

Questões relacionadas com a família

8. Como era o ambiente da família da criança?

Ambiente violento e de carências económicas.

9. A criança mantém algum contacto com a família? Se sim, como se tem mantido a relação com a família nos últimos tempos?

Sim, através de saídas aos fins-de-semana.

10. Existe a possibilidade de reintegração na família? Se sim, como se procederá?

Sim, está-se a avaliar as saídas de fim-de-semana.

Questões relacionadas com os comportamentos/ atitudes

11. Desde que a criança foi integrada no CES ela mudou as suas atitudes, a sua forma de estar, os seus comportamentos e o seu relacionamento com a sociedade? Em que medida?

As suas atitudes não se alteraram significativamente no entanto a sua forma de estar mudou um pouco, encontra-se mais calma. E alterou o seu comportamento e as suas atitudes pois costumava bater muito nos irmãos e às crianças mais novas.

12. A criança apresenta níveis de ansiedade? Quais são as causas? Quais os comportamentos advenientes?

Sim, quando o fim-de-semana se aproxima, quando os pais se atrasam na Sexta-feira, por vezes fica pensativa.

13. Quais são os comportamentos/ atitudes da criança com os adultos? E com os pares?

É uma criança que tenta fazer o que entende mesmo que isto signifique mentir aos adultos. Com os pares é um pouco conflituosa.

14. A criança apresenta atitudes de violência? Se sim, em que situações?

Por vezes. A criança manifesta atitudes mais violentas com os pequenos, quando eles não se portam bem.

15. Quando a criança percebe perigo como reage?

Geralmente corre a falar com o adulto.

16. Como caracteriza a criança psicologicamente?

É uma criança insegura. A criança apresenta oscilações entre estar irrequieta e sossegada devido à Situação familiar a que foi sujeita.

Entrevistas à Psicóloga sobre a criança 4 (E11)

Questões relacionadas com o acolhimento

1. Quais foram os motivos que levaram ao acolhimento da criança no CES?

Instabilidade familiar, estavam aos cuidados de uma irmã menor e carências sócio-económicas.

2. Como se efectuou a integração e a evolução da criança no CES?

Fez uma boa integração a evolução está-se a mostrar um pouco atribulada.

3. Em que medida é que o CES contribuiu para melhorar o nível de vida da criança?

O CES contribuiu para que a criança fosse mais assídua na escola, que não estivesse num ambiente de instabilidade e que não passa-se carecias económicas.

4. Quais as perspectivas de futuro para a criança?

Institucionalização.

5. A criança manifesta saudade de alguém ou de alguma coisa que deixou para trás?

Sim, dos irmãos e da mãe.

6. Como reage a criança face às regras e aos horários do CES?

Reage negativamente, infringindo-os constantemente.

7. Como encara a criança o facto de ter que estar a viver num Centro de Acolhimento?

Encontra-se numa fase que está a reagir de uma forma muito impulsiva.

Questões relacionadas com a família

8. Como era o ambiente da família da criança?

Havia instabilidade familiar, estava entregue aos cuidados de uma irmã menor e passava por muitas carências sócio-económicas.

9. A criança mantém algum contacto com a família? Se sim, como se tem mantido a relação com a família nos últimos tempos?

Sim. O contacto com a família não é regular, no entanto gosta muito das visitas da mãe e da irmã.

10. Existe a possibilidade de reintegração na família? Como se procederá?

Não.

Questões relacionadas com os comportamentos/ atitudes

11. Desde que a criança foi integrada no CES ela mudou as suas atitudes, a sua forma de estar, os seus comportamentos e o seu relacionamento com a sociedade? De que forma?

As suas atitudes alteraram-se bastante, é uma criança que reage muito impulsivamente, o que não acontecia anteriormente.

12. A criança apresenta níveis de ansiedade? Quais são as causas? Quais os comportamentos advenientes?

Sim, visitas da mãe, acontecimento importante, sair com famílias amigas.

13. Quais são os comportamentos/ atitudes da criança com os adultos? E com os pares?

Com os adultos se contrariado ou confrontado com algo reage: chora, atira com as coisas, bate as portas, com os pares bate-lhes.

14. A criança apresenta atitudes de violência? Se sim, em que situações?

Sim, por vezes. Quando é contrariada, ou confrontada com algo que julga não ter culpa.

15. Quando a criança percebe o perigo como reage?

Não percebe o perigo em muitas situações, apenas o percebe nos outros.

16. Como caracteriza a criança psicologicamente?

Tem uma baixa tolerância à frustração é uma criança com grandes carências afectivas e revoltada. A criança é irrequieta e violenta devido à sua longa estadia no CES, e o perceber que os seus irmãos encontram-se com a mãe e ele e a irmã não.

Entrevistas à Psicóloga sobre a criança 5 (E12)

Questões relacionadas com o acolhimento

1. Quais foram os motivos que levaram ao acolhimento da criança?

A criança era vítima de violência, dormi num sofá num quarto sem condições.

2. Como se efectuou a integração e a evolução da criança no CES?

Boa integração e uma evolução muito positiva.

3. Quais foram os aspectos e em que medida é que o CES contribuiu para melhorar o nível de vida da criança?

Na medida em que lhe permitiu ter condições de habitabilidade, de segurança e de higiene.

4. Quais as perspectivas de futuro para a criança?

Adopção.

5. A criança manifesta saudade de alguém ou de alguma coisa que deixou para trás?

Não.

6. Como reage a criança face às regras e aos horários do CES?

Nem sempre cumpre os horários e as regras estabelecidas.

7. Como reage a criança face à situação de ter que estar a viver num Centro de Acolhimento?

Não reage muito bem, deseja muito ter uma família.

Questões relacionadas com a família

8. Como era o ambiente da família da criança?

Violento e até de abandono para com a criança.

9. A criança mantém algum contacto com a família? Se sim, como se tem mantido a relação com a família nos últimos tempos?

Não. Não tem mantido.

10. Existe a possibilidade de reintegração na família? Se sim, como se procederá?

Não.

Questões relacionadas com os comportamentos/ atitudes

11. Desde que a criança foi integrada no CES ela mudou as suas atitudes, a sua forma de estar, os seus comportamentos e o seu relacionamento com a sociedade? De que forma?

Melhorou significativamente, era uma criança assustada e não confiava nas pessoas.

12. A criança apresenta níveis de ansiedade? Quais são as causas? Quais os comportamentos advenientes?

Por vezes, quando é questionada em relação à família Biológica, fica um pouco perturbada. Demonstra-se também ansioso por ter uma família.

13. Quais são os comportamentos/ atitudes da criança com os adultos? E com os pares?

De um modo geral é educado para com os adultos, com os pares na sala é amigo do amigo, em casa tenta por vezes mandar nos mais pequenos, e com os adultos em casa tenta ir contra as suas regras.

14. A criança apresenta atitudes de violência? Se sim, em que situações?

Não é muito violenta. Pode manifestar alguma violência se for provocado por um colega.

15. Quando a criança percebe perigo como reage?

Geralmente afasta-se e fala com um adulto.

16. Como caracteriza a criança psicologicamente?

È uma criança carente, insegura, é facilmente influenciada pelos outros.

VII. Entrevistas às Crianças (E13, E14, E15, E16, E17):

Guião da entrevista

1. Apresentação da Investigadora:

Nome: Dora Isabel Roberto Rodrigues

Idade: 24 anos

Licenciatura de Professores do 2º ciclo do Ensino Básico variante de Matemática e Ciências da Natureza

Mestrado na Universidade Aberta em Relações Interculturais

2. Apresentação do Problema de Pesquisa:

A tese tem como título “Um Olhar de Sofrimento” e como subtítulo Comportamentos e Atitudes de Crianças Institucionalizadas Vítimas de Maus-Tratos – 5 estudos de caso.

A tese assume como objectivo principal tentar verificar nas crianças quais são os comportamentos e as atitudes derivados dos acontecimentos traumáticos vividos.

3. Explicação do papel pedido ao entrevistado:

A escolha de interrogar as cinco crianças do estudo de caso deve-se ao facto de serem somente elas as detentoras de certas informações e opiniões. Deve-se também para se estabelecer um contacto directo com as crianças de maneira a ouvir o que elas têm para dizer sobre o que pensam e o que sentem.

4. Objectivo da Entrevista:

A entrevista tem como objectivos verificar como os maus-tratos influenciam comportamentos, identificar determinadas atitudes resultantes do seu percurso de vida e verificar como os maus-tratos influenciam o seu percurso de vida.

5. O que se pretende saber:

- A ideia que as crianças têm sobre a violência;
- Os gostos e as preferências das crianças;
- Como é que as crianças se percebem;
- Os comportamentos e as atitudes das crianças.

6. Duração da entrevista:

Prevê-se que a entrevista demore cerca de 1h.

7. Estabelecimento do meio de comunicação, espaço e momento:

O meio de comunicação será oral, sendo o registo de dados gravado de maneira a que não se perca qualquer tipo de informação para posteriormente ser tratada.

A escolha do local de entrevista terá em conta o facto de ser um lugar sossegado e de ser um lugar onde existe alguma privacidade.

8. Desenvolvimento da entrevista:

Questões relacionadas com a apresentação:

1. Qual a tua idade?
2. Na escola em que ano andas?
3. Quando entraste para o CES quantos anos/ meses tinhas?
4. Tens família fora do CES? Se sim quem são?
5. Costumas ver a tua família?

Questões relacionadas com a auto – estima:

6. Como é que achas que és?
7. Se pudesses modificar algo em ti o que mudarias?
8. Como te caracterizas fisicamente?
9. Como te caracterizas psicologicamente.

Questões relacionadas com os gostos e preferências:

10. Gostas de viver no CES?
11. O que mais gostas no CES?
12. E o que menos gostas?
13. Como costumavas passar os teus tempos livres?
14. Quais são as tuas brincadeiras favoritas? Porquê?
15. O que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?
16. Se pudesses ter um animal de estimação, qual querias? Porquê?
17. Qual foi o filme que mais gostaste de ver? Porquê?
18. Qual foi o filme que menos gostaste de ver? Porquê?
19. O que mais gostas de fazer no CES?

- 20. O que menos gostas de fazer no CES?
- 21. O que mais gostas da escola?
- 22. O que menos gostas da escola?
- 23. Na tua vida qual foi o acontecimento que mais gostaste?
- 24. Na tua vida qual foi o acontecimento que menos gostaste?

Questões relacionadas com a ideia de violência

- 25. Existem crianças mais violentas do que outras? Justifica a resposta.
- 26. Achas que os homens são mais violentos do que as mulheres? Se sim, porque é que achas que isso acontece?
- 27. Para ti o que faz com que existam pessoas mais violentas do que outras?

Questões relacionadas com a área sócio-afectiva:

- 28. Qual a tua opinião sobre os adultos?
- 29. O que é para ti uma família?
- 30. Realizas qualquer tarefa até ao fim?
- 31. Gostas mais de trabalhar sozinho ou em grupo? Porquê?
- 32. Tens dificuldades em manifestar os teus sentimentos?
- 33. Quando tens algum problema pedes ajuda aos adultos?

Questões relacionadas com as atitudes:

- 34. És conflituoso? Porquê?
- 35. Onde quer que estejas contribuis para que exista sempre um bom ambiente?
- 36. Respeitas as pessoas que estão ao teu redor?
- 37. Ouves com atenção o que os outros têm para te dizer?

Resultados das entrevista:

Entrevista à Criança 1 (E13):

Questões relacionadas com a apresentação

1. Qual a tua idade?

Nove anos

2. Na escola em que ano andas?

Terceiro.

Já chumbaste alguma vez?

Não

3. Lembraste de quando entraste no CES?

Lembro

Quando entraste para o CES quantos anos/ meses tinhas?

Tinha oito anos.

Então já fizeste anos aqui no CES?

Foi no dia 15 de Junho.

4. Tens família fora do CES? Se sim quem são?

Tenho, é o meu pai que é padrasto, a mãe, a tia, irmão, avó, avô, a madrinha, padrinho e os tios fora.

O que queres dizer com tios fora?

Foram para o Algarve.

5. Costumas ver a tua família?

Às vezes só vem à terça-feira para me visitar.

E vem a família toda ou só vem alguns?

Só vem o pai, a mãe, a avó e a tia, mais ninguém.

Questões relacionadas com a auto-estima

6. Como é que achas que és?

Não sei. Bom, inteligente e mais nada.

7. Se pudesses modificar algo em ti o que mudarias?

Nada.

8. Como te caracterizas fisicamente?

Não sei. Sou magro, sou alto.

9. Como te caracterizas psicologicamente.

Não sei.

Sabes o que é psicologicamente?

Não, já não me lembro.

Sou bom, amigo, gosto de brincar com as pessoas, de jogar à bola, mais nada.

Questões relacionadas com gostos e preferências

10. Gostas de viver no CES?

Mais ou menos.

Mas mais para mais ou mais para menos?

Mais para mais.

11. O que mais gostas no CES? Porquê?

É do fim-de-semana. Podemos tar o dia todo na rua a brincar.

12. E o que menos gostas?

O que eu gosto menos do CES é não poder fazer o que eu quero.

13. Como costumavas passar os teus tempos livres?

“Anh”, fazer tudo.

Tudo o quê?

Jogar à bola e fazer jogos.

Que jogos?

Muitos, a brincar com os amigos e a brincar com os carros da hotweels e a fazer corridas com os carros, mais nada.

14. Quais são as tuas brincadeiras favoritas? Porquê?

Torneios de futebol e de basquetebol e fazer corridas com os carros. E mais nada.

Porque eu gosto, gosto muito de jogar futebol é das minhas coisas favoritas.

15. O que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?

Eu quando for grande vou ser futebolista, jogar basquet e corredor de carros verdadeiros.

Porque é as minhas melhores profissões. Porque eu gosto muito dessas coisas.

16. Se pudesses ter um animal de estimação, qual querias? Porquê?

Um gatinho bebé, hoje encontrei um. Porque eu gosto desses gatinhos.

E porque gostas mais dos bebés do que dos grandes?

Porque eu gosto mais dos bebés do que dos grandes, hoje encontrei um e guardei-o.

E gostas mais dos bebés porquê?

É por ser pequenino.

Os pequeninos fazem mal?

Não.

E os grandes?

Os grandes fazem mal.

17. Qual foi o filme que mais gostaste de ver? Porquê?

Pokémon, tenho cartas pokémon. Porque gosto da batalha pokémon.

Explica o que é isso da batalha.

Lançar pokémon para dentro da pokébola e depois fazer um combate dos ataques deles.

Estou a ver que gostas muito de luta! E a criança abana a cabeça afirmando.

E porquê?

Não sei.

Gostas de lutar?

Gosto, tou sempre a lutar com o urso.

E lutas com o urso porquê?

Porque sim.

E quando tu lutas com o urso quem ganha?

Sou eu, sou mais forte do que o urso

18. Qual foi o filme que menos gostaste de ver? Porquê?

A Cinderela, “bah”. Porque é um filme feio. Porque é porcaria, porque é só para as raparigas.

Porque é que dizes que é só para as raparigas? Qual é a diferença entre ser paras raparigas e para os rapazes?

Porque aquilo é rosa e os outros são vermelhos e verdes e azuis.

Tem a ver com as cores?

Tem.

Então quais são as cores dos rapazes?

Vermelho, amarelo, branco, verde e azul.

E porque dizes que essas são as cores dos rapazes?

Não sei. E o laranja e o castanho.

Achas que os rapazes só gostam dessas cores?

Todos os rapazes aqui do CES só gostam dessas cores.

E cor-de-rosa gostam?

Não, eu odeio.

E quais são as cores que odeias?

O roxo, mais nenhum, o cinzento e o preto.

19.O que mais gostas de fazer no CES?

É de brincar no fim-de-semana, eheh.

20.O que menos gostas de fazer no CES?

É de tar na escola, é de tar na escola a trabalhar. Eu este ano não vou passar.

E porque é que dizes isso?

Porque eu este ano passei de uma escola para outra.

E como é que sabes que não vais passar? A professora já disse?

Sim

E ficaste triste?

Fiquei e tou bastante triste, porque eu queria passar, porque eu gostava de passar. Não trabalhei o suficiente, não consegui.

21.O que mais gostas da escola?

Futebol, basquete, ginástica e escalada, e Karaté.

Porque gostas de karaté?

Porque há luta.

Mas por exemplo no futebol não há luta e também dizes que gostas de futebol, porque gostas desse desporto?

Porque é para jogar e do basquete também gosto.

22.O que menos gostas da escola?

Não gosto de trabalhar Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Só gosto de Expressão Plástica.

E de Expressão Musical?

Sim

23.Na tua vida qual foi o acontecimento que mais gostaste?

Foi de andar no Infantário, depois passei para a escola de Vila Franca e depois passei para esta escola.

E de todos estes acontecimentos qual foi o que mais gostaste?

Foi de andar no infantário.

O que mais gostaste no infantário?

Foi de andar sempre a fazer jogos na sala e de ir para o recreio. E quando a minha mãe me vinha buscar eu fugia dela pra casa. Ia buscar o meu carro telecomandado.

E fugias da tua mãe porquê?

Porque tava com pressa de ir brincar com o meu carro telecomandado.

24. Na tua vida qual foi o acontecimento que menos gostaste?

Não gostei de vir para o CES.

Questões relacionadas com ideia de violência:

25. Existem crianças mais violentas do que outras? Justifica a resposta.

Não, porque não. Só existem ladrões.

26. Achas que os homens são mais violentos do que as mulheres? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

Sim, porque os homens tão sempre a ralhar com as mulheres. Porque os homens tão sempre a ralhar com as mulheres e as mulheres tão sempre a bater nos homens. Pst aí, os homens tão sempre a bater nas mulheres e as mulheres ralham com os homens.

27. Para ti o que faz com que existam pessoas mais violentas do que outras?

Porque os homens batem nas mulheres e as mulheres ralham com os homens.

Porque é que achas que isso acontece?

Porque as mulheres portam-se mal.

E os homens só batem nas mulheres ou também batem nas crianças?

Só nas mulheres.

E nos meninos e nas meninas?

Não, porque são pequeninos como eu. Tou todo queimado da praia e da piscina.

Questões relacionadas com a área Sócio-Afectiva

28. Qual a tua opinião sobre os adultos?

Os adultos são bons, só que alguns são maus e violentos.

Por exemplo ladrões, os policias (eih os policias fazem bem mas também são), os bombeiros, mais nada.

E por exemplo dessas pessoas que acabaste de dizer alguma já te fez mal?

Sim, um ladrão.

29. O que é para ti uma família?

É tudo, gosto da família.

É tar com os pais e com os avós, ca família toda.

30. Realizas qualquer tarefa até ao fim?

Sim

31. Gostas mais de trabalhar sozinho ou em grupo? Porquê?

Em grupo, porque eles também me ajudam e eu também me ajudo.

32. Tens dificuldades em manifestar os teus sentimentos?

Muita

33. Quando tens algum problema pedes ajuda aos adultos?

Não peço aos meus amigos.

Questões relacionadas com as atitudes:

34. És conflituoso? Porquê?

Não, porque eu não sou de arranjar brigas e os que aqui tão são todos meus amigos. Nunca se arranja brigas

35. Onde quer que estejas contribuis para que exista sempre um bom ambiente?

Sim

36. Respeitas as pessoas que estão ao teu redor?

Sim

37. Ouves com atenção o que os outros têm para te dizer?

Sim

Entrevista à Criança 2 (E14):

Questões relacionadas com a apresentação

1. Qual a tua idade?

Ih na sei, oito.

2. Na escola em que ano andas?

Tava no segundo agora passei pó terceiro.

3. Quando entraste para o CES quantos anos/ meses tinhas?

Sete

4. Tens família fora do CES? Se sim quem são?

Tenho, Rui. O quê dos pais?

5. Costumas ver a tua família?

Sim, quando vêm.

Questões relacionadas com a auto-estima

6. Como é que achas que és?

Não sei, alto, bonito, magro.

7. Se pudesses modificar algo em ti o que mudarias?

Não sei

8. Como te caracterizas fisicamente?

Não sei

9. Como te caracterizas psicologicamente.

Não sei

Questões relacionadas com gostos e preferências

10. Gostas de viver no CES?

11. O que mais gostas no CES?

Nada

12. E o que menos gostas?

Não respondeu

13. Como costumavas passar os teus tempos livres?

Futebol, nataçãõ e ginástica.

14. Quais são as tuas brincadeiras favoritas? Porquê?

Futebol, saltar à corda, jogar playstation, jogar game-boy, cartas digimón e pokémon. Porque gosto, é fixe para jogar.

15. O que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?

Polícia, porque eu gosto de mandar nas pessoas todas.

16. Se pudesses ter um animal de estimação, qual querias? Porquê?

Um cão pequenino, porque gosto mais dele.

17. Qual foi o filme que mais gostaste de ver? Porquê?

O dos carros.

18. Qual foi o filme que menos gostaste de ver? Porquê?

O vermelho.

19.O que mais gostas de fazer no CES?

Comer pão.

20.O que menos gostas de fazer no CES?

Nada.

21.O que mais gostas da escola?

Gosto de brincar

22.O que menos gostas da escola?

Escrever

23. Na tua vida qual foi o acontecimento que mais gostaste?

Praia.

24. Na tua vida qual foi o acontecimento que menos gostaste?

Comer.

Questões relacionadas com a ideia de violência

25. Existem crianças mais violentas do que outras? Justifica a resposta.

Sim.

26. Achas que os homens são mais violentos do que as mulheres? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

Os meninos, porque eu acho.

27. Para ti o que faz com que existam pessoas mais violentas do que outras?

Sim, porque é fixe.

Questões relacionadas com a área sócio-afectiva:

28. Qual a tua opinião sobre os adultos?

Não sei.

29. O que é para ti uma família?

Não sei.

30. Realizas qualquer tarefa até ao fim?

Desisto a meio.

31. Gostas mais de trabalhar sozinho ou em grupo? Porquê?

Sozinho, porque eu gosto, porque é giro.

32. Tens dificuldades em manifestar os teus sentimentos?

Sim.

33. Quando tens algum problema pedes ajuda aos adultos?

Sim.

Questões relacionadas com as atitudes

34. És conflituoso? Porquê?

Não, porque eu não gosto.

35. Onde quer que estejas contribuis para que exista sempre um bom ambiente?

Sim.

36. Respeitas as pessoas que estão ao teu redor?

Sim.

37. Ouves com atenção o que os outros têm para te dizer?

Sim.

Entrevista à Criança 3 (E15):

Questões relacionadas com a apresentação

1. Qual a tua idade?

Doze.

2. Na escola em que ano andas?

Quarto.

Já ficaste retida algum ano?

Já.

Em que ano? Posso saber?

Terceiro.

3. Quando entraste para o CES quantos anos/ meses tinhas?

Tinha 11.

4. Tens família fora do CES? Se sim quem são?

Tenho, é a minha mãe e o meu pai.

Só a mãe e o pai?

E a minha tia Lurdes.

Avós e avos tens?

Não, quer dizer tenho a avó do Norte, mas essa tá quase a morrer. Então ela já não anda, já não fala, ela vai para uma cadeira de rodas ou então já está.

5. Costumas ver a tua família?

Costumo. Aos fins de semana, mas na quarta vieram cá visitar por causa do _____, fez anos.

Questões relacionadas com a auto – estima:

6. Como é que achas que és?

Não sei, “aah” sei lá. Sou bonita (acho eu), estudo, e o resto não me lembro.

Imagina que eu não sabia que eras. Como é que tu te descreverias?

Então sou bonita e inteligente.

7. Se pudesses modificar algo em ti o que mudarias?

Não sei, mudava “aah”, não sei. Eu mudava o nome, ai não não mudava.

Não gosto que gozem comigo. Queria que todos fossem meus amigos.

8. Como te caracterizas fisicamente?

Eu olho para mim ao espelho. Sou bonita, alta, um bocadinho gorda e a cara fininha. A cor do cabelo é preta ou castanha. Os olhos verdes ou azuis.

9. Como te caracterizas psicologicamente.

Eu sou simpática mas às vezes sou má, gosto de falar com toda agente as que eu conheço claro. As que não conheço nem uma palavra.

Questões relacionadas com gostos e preferências

10. Gostas de viver no CES?

Eu gosto e não gosto, gosto mais ou menos.

11. O que mais gostas no CES?

Fazer jogos, desenhos, tomar conta dos pequeninos, dar de comer aos bebés.

12. E o que menos gostas?

Eu não gosto que me chamem nomes, que digam nomes atrás das minhas costas à minha família. Não gosto disso, porque tão a dizer da minha família não tão a dizer da deles.

E quem é que chama nomes à tua família?

É os meus colegas.

13. Como costumavas passar os teus tempos livres?

Ou na escola ou em casa. Tão às vezes tou sentada, não tenho ninguém para brincar. Ou outras vezes tou a brincar com a _____ quando não tenho a _____amiga não brinco com ninguém.

E aqui em casa como costumavas passar o teu tempo?

Atão às vezes quando ninguém me liga vou pó pé das funcionárias e ajudo-as, faço muitas coisas.

14. Quais são as tuas brincadeiras favoritas? Porquê?

Atão é jogar à macaca, à apanhada, às escondidas, ao lencinho vai na mão (é de bebés mas pronto), jogar ao macaquinho do chinês e não gosto de mais nada. Porque são as minhas favoritas e quando comecei a brincar eu diverti-me com elas.

E porque é que te divertes com essas brincadeiras?

Então porque tou com amigos e ao menos não discutimos e enfim essas coisas todas.

15. O que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?

Educadora de Infância, porque gosto muito de crianças. Se fosse preciso até ia ser baby-sister, porque é a coisa que gosto mais.

E gostas muito das crianças porquê?

Porque elas são muito divertidas, outras vezes chamam nomes mas não percebem o que é.

16. Se pudesses ter um animal de estimação, qual querias? Porquê?

Queria tantos. Era um cachorro pequenino, porque ele é muito pequenino e quando for maior ou menos podemos treiná-lo para ser cão policia.

Porque é que gostavas de treinar um cão policia?

Porque ao menos descobre o que as pessoas andam a fazer e o que não andam a fazer. Tipo detective.

17. Qual foi o filme que mais gostaste de ver? Porquê?

Gostei dos 101 Dálmatas, porque ele só faz rir e é só cães às pintinhas. E eu gosto de todo o tipo de cães desde que sejam bons.

Não gostas de pessoas más?

Eu não, porque elas são muito más e podem fazer muita coisa má.

Dá-me um exemplo.

Não sei, olha por exemplo, meter veneno nu copo e agente pode morrer.

18. Qual foi o filme que menos gostaste de ver? Porquê?

Foi o Beethoven 5, porque aquilo aparecem lá aqueles fantasmas e aquilo é muito estranho. Tenho medo de fantasmas.

19.O que mais gostas de fazer no CES?

Gosto de fazer tudo, gosto de pronto jogar jogos, gosto de arrumar o quarto, gosto de lavar a loiça, gosto de limpar o refeitório. Pronto essas coisa de trabalho gosto de fazer.

E gostas mais de fazer sozinha, em grupo, ou com uma amiga?

Sozinha ou com o meu irmão.

Gostas de fazer em grupo?

Não em grupo não gosto, porque em grupo depois é uma confusão e depois uma pessoa que fazer uma coisa e a outra não quer fazer a mesma coisa que a outra pessoa faz e depois é uma confusão.

20.O que menos gostas de fazer no CES?

Não sei, não gosto que a minha mesa teja sempre a fazer barulho depois é uma confusão e as monitoras ralham.

Quando no refeitório?

Sim e depois elas mandam-nos calar e depois continuam a fazer barulho.

21.O que mais gostas da escola?

Gosto de pintar, uma das coisas que mais gosto de fazer é Expressão Plástica.

22.O que menos gostas da escola?

É de aturar os meus colegas, passei pó 5º ano.

É só de aturar os colegas ou há mais alguma coisa que tu não gostes?

Eu não gosto que ralhem comigo as funcionárias.

23.Na tua vida qual foi o acontecimento que mais gostaste?

Aah, eu queria falar de uma coisa mas não posso.

Eu, gostei de tar com a minha mãe, gostei de ir Aveleda (é tipo uma praia) com a minha mãe.

24. Na tua vida qual foi o acontecimento que menos gostaste?

Ai esse é que é pior. Eh pá eu era para contar uma coisa mas ... Então, o que eu menos gostei menos, menos, menos é de ter sido violada mais nada.

Questões relacionadas com ideia de violência

25. Existem crianças mais violentas do que outras? Justifica a resposta.

Acho que sim, porque eu vi no telejornal que há umas coisas violentas, umas pessoas que caíram pó poço, umas pessoas que foram violadas. Outras pessoas estão em situações que não deviam de estar, outras pessoas que assistiram a fogos e elas foram vítimas do fogo e dos incêndios como foi no Verão passado.

26. Achas que os homens são mais violentos do que as mulheres? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

Os homens são mais violentos do que as mulheres, porque no telejornal houve a notícia que os homens os ladrões tiraram a mulher de dentro do carro e não queriam nada, só queriam era violar a mulher.

27. Para ti o que faz com que existam pessoas mais violentas do que outras?

Porque vi no telejornal que os homens são mais violentos, é o que ouvi dizer no telejornal.

Questões relacionadas com a área sócio-afectiva:

28. Qual a tua opinião sobre os adultos?

Atão a minha opinião dos adultos é que os adultos devem, devem dar os exemplos aos mais pequenos. Como há aí muitas pessoas que não dão exemplos às crianças.

29. O que é para ti uma família?

Uma família é a família tar reunida toda, os tios, os avós, aah as tias e os primos é tarmos todos juntos.

Gostas de estar com os teus tios e com os teus avós?

Sim gosto, só não gosto de tar com alguns tios, foram os que me violaram.

Foi só um tio?

Foi mais do que um, quando eu tinha 9 anos.

30. Realizas qualquer tarefa até ao fim?

Não eu quando começo acabo, acabo até ao fim. Só às vezes quando tenho pressa é que não.

31. Gostas mais de trabalhar sozinho ou em grupo? Porquê?

Sozinha, aah porque dá menos trabalho.

32. Tens dificuldades em manifestar os teus sentimentos?

Tenho algumas dificuldades.

33. Quando tens algum problema pedes ajuda aos adultos?

Quando tenho problemas peço ajuda à minha mãe, ao meu pai, a pessoas que eu conheço.

Questões relacionadas com as atitudes

34. És conflituoso? Porquê?

Eu, eu não. Porque é muita confusão, depois ainda fica mais violento.

35. Onde quer que estejas contribuis para que exista sempre um bom ambiente?

Sei lá, às vezes não faço. Quando tou a ver alguma coisa que gosto ou assim, não faço.

36. Respeitas as pessoas que estão ao teu redor?

Às vezes, outras vezes não, quando elas são mal-educadas para mim. Quer dizer não tou a dizer adulto. Aos adultos não respondo nada faço de conta que eu não ouvi. Com os pequeninos isso é uma confusão é eles a chamarem-me nomes é eu a chamar-lhes nomes, não sei quê e não sei que mais.

37. Ouves com atenção o que os outros têm para te dizer?

Às vezes, outras vezes não.

E porque é que dizes umas vezes que sim e outras que não?

Porque às vezes tou na brincadeira e outras vezes não, como por exemplo na escola.

Entrevista à Criança 4 (E16):

Questões relacionadas com a apresentação

1. Qual a tua idade?

11

2. Na escola em que ano andas?

4ºD

3. Quando entraste para o CES quantos anos/ meses tinhas?

Aah 9, não 8 anos.

4. Tens família fora do CES? Se sim quem são?

Tenho ____a, ____b que tão fora e a ____c.

5. Costumas ver a tua família?

Sim

Questões relacionadas com a auto-estima

6. Como é que achas que és?

Não sei.

7. Se pudesses modificar algo em ti o que mudarias?

Não sei, mau aluno mudava mau aluno.

8. Como te caracterizas fisicamente?

Sou baixo e magro e os meus olhos são castanhos.

9. Como te caracterizas psicologicamente.

Não sei.

Questões relacionadas com gostos e preferências

10. Gostas de viver no CES?

Sim

11. O que mais gostas no CES?

É os jogos.

12. E o que menos gostas?

É as tarefas e os castigos.

13. Como costumavas passar os teus tempos livres?

Não sei, mini-basquet, ginástica e mais nada.

14. Quais são as tuas brincadeiras favoritas? Porquê?

Jogar à bola, porque gosto, porque é desportivo.

15. O que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?

Futebolista, porque eu gosto.

16. Se pudesses ter um animal de estimação, qual querias? Porquê?

Um cão, porque é giro. E papagaio porque ele fala.

17. Qual foi o filme que mais gostaste de ver? Porquê?

Filme do Zorro e do Tróia, não sei.

18. Qual foi o filme que menos gostaste de ver? Porquê?

Foi o de terror, fiquei arrepiado.

19. O que mais gostas de fazer no CES?

Jogos

20. O que menos gostas de fazer no CES?

Chatearem-me a cabeça.

E quem é que te chateia a cabeça?

É o _____

21. O que mais gostas da escola?

Das actividades.

22. O que menos gostas da escola?

As matérias.

23. Na tua vida qual foi o acontecimento que mais gostaste?

“Pnhr”, foi o futebol.

24. Na tua vida qual foi o acontecimento que menos gostaste?

... Foi de chumbar no quarto ano.

Questões relacionadas com a ideia de violência

25. Existem crianças mais violentas do que outras? Justifica a resposta.

Sim, não sei.

26. Achas que os homens são mais violentos do que as mulheres? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

“Pnhr” é os rapazes, não sei.

27. Para ti o que faz com que existam pessoas mais violentas do que outras?

Não sei

Questões relacionadas com a área sócio-afectiva:

28. Qual a tua opinião sobre os adultos?

Não sei.

29. O que é para ti uma família?

Também não sei.

30. Realizas qualquer tarefa até ao fim?

Às vezes.

31. Gostas mais de trabalhar sozinho ou em grupo? Porquê?

Em grupo, não sei

32. Tens dificuldades em manifestar os teus sentimentos?

Também não sei.

33. Quando tens algum problema pedes ajuda aos adultos?

Peço ajuda aos adultos.

Questões relacionadas com as atitudes

34. És conflituoso? Porquê?

Às vezes, com o _____ mas é ele que começa não sou eu. Não sei.

35. Onde quer que estejas contribuis para que exista sempre um bom ambiente?

É na casa das senhoras.

36. Respeitas as pessoas que estão ao teu redor?

Sim

37. Ouves com atenção o que os outros têm para te dizer?

Às vezes viro as costas e vou-me embora.

Entrevista à Criança 5(E17):

Questões relacionadas com a apresentação

1. Qual a tua idade?

Onze

2. Na escola em que ano andas?

No quarto, passei pó quarto.

3. Quando entraste para o CES quantos anos/ meses tinhas?

Não, não me lembro.

4. Tens família fora do CES? Se sim quem são?

Sei lá.

5. Costumas ver a tua família?

Não

Questões relacionadas com a auto-estima

6. Como é que achas que és?

Mau e mau.

7. Se pudesses modificar algo em ti o que mudarias?

Já mudei.

Mas se pudesses mudar alguma coisa em ti o que seria?

Nada.

O que mudaste?

Mudei só um bocadinho o comportamento.

E mudaste para pior ou para melhor?

Para melhor.

8. Como te caracterizas fisicamente?

Sei lá, magro, “uunnh” mais nada, baixo.

9. Como te caracterizas psicologicamente.

Sei lá, nunca me vi por dentro.

A tua maneira de ser como é?

Não sei.

Questões relacionadas gostos e preferências

10. Gostas de viver no CES?

Não sei, sim.

11. O que mais gostas no CES?

Nada, não sei. Há tanta coisa, jogar game- boy.

12. E o que menos gostas?

Do peixe.

13. Como costumavas passar os teus tempos livres?

Futebol, escalada e inglês.

14. Quais são as tuas brincadeiras favoritas? Porquê?

Jogar à apanhada, isso já não sei.

15. O que gostavas de ser quando fores grande? Porquê?

Futebolista, porque gosto, porque jogo.

16. Se pudesses ter um animal de estimação, qual querias? Porquê?

Porquinho-da-índia, isso já não sei, são fixes.

17. Qual foi o filme que mais gostaste de ver? Porquê?

Foi o X-men II, isso é difícil, não sei.

18. Qual foi o filme que menos gostaste de ver? Porquê?

Nenhum, gostei de todos.

19. O que mais gostas de fazer no CES?

Resposta na 11

20.O que menos gostas de fazer no CES?

Resposta na 12

21.O que mais gostas da escola?

Bacalhau à Brás.

O que é que gostas mais na sala de aula?

Do computador.

22.O que menos gostas da escola?

Não sei, nada.

23.Na tua vida qual foi o acontecimento que mais gostaste?

De nada.

Há coisas de que tu gostas?

Eu não gostei de nada. ... De sair com as senhoras.

24. Na tua vida qual foi o acontecimento que menos gostaste?

Não sei.

Questões relacionadas com a ideia de violência

25. Existem crianças mais violentas do que outras? Justifica a resposta.

Há, olha porque batem, batem, chamam nomes e mais nada.

26. Achas que os homens são mais violentos do que as mulheres? Se sim, porque é que achas que isso acontece?

As meninas são mais violentas. Porque são, a _____ é bueda bruta.

27. Para ti o que faz com que existam pessoas mais violentas do que outras?

Não sei, não sei.

Questões relacionadas com a área sócio-afectiva

28. Qual a tua opinião sobre os adultos?

Não sei, são bons, são fixes.

29. O que é para ti uma família?

“Aah” não sei

30. Realizas qualquer tarefa até ao fim?

Não sei, desisto.

31. Gostas mais de trabalhar sozinho ou em grupo? Porquê?

As duas coisas. Posso fazer trabalhos sozinho e quando tenho dificuldades também me podem ajudar.

32. Tens dificuldades em manifestar os teus sentimentos?

Às vezes.

33. Quando tens algum problema pedes ajuda aos adultos?

Não.

Questões relacionadas com as atitudes

34. És conflituoso? Porquê?

Gosto, porque é fixe, porque eu gosto.

35. Onde quer que estejas contribuis para que exista sempre um bom ambiente?

Sim

36. Respeitas as pessoas que estão ao teu redor?

Às vezes.

37. Ouves com atenção o que os outros têm para te dizer?

Não.

VIII. Regulamento Interno CES

CENTRO DE EMERGÊNCIA SOCIAL REGULAMENTO INTERNO

I. Preâmbulo

1. O Centro de Emergência Social (CES) da Fundação CEBI assegura o acolhimento urgente e transitório (6 meses, de acordo com o previsto na lei) a crianças em situação de risco (conforme definido no art.o 3º do Cap.1 da lei nº 147/99, de 1 Setembro) com idades até aos 12 anos.

2. O Acolhimento de crianças no CES é entendido como uma forma de lhes garantir a satisfação das suas necessidades básicas, próprias da idade, em condições de vida tão próximas quanto possível às da estrutura familiar, enquanto se procede ao diagnóstico da sua situação e se' . elabora um projecto de vida adequado e satisfatório.

O CES está equipado como uma Casa, de forma a reproduzir um ambiente familiar e acolhedor, facilitador da reestruturação psico-afectiva das crianças, sendo respeitadas a privacidade e necessidades de cada uma.

O objectivo principal do CES, assim, é o de, na sequência do acolhimento, desenvolver uma intervenção multidisciplinar junto das crianças, de modo a promover a sua recuperação e desenvolvimento harmónicos, designadamente nos domínios social, educativo e da saúde física e mental.

A intervenção a desenvolver junto das crianças e, quando possível, das suas famílias, atende prioritariamente aos: superiores interesses e direitos das crianças.

Sempre que se perspectiva, no Projecto de Vida das crianças, a sua reintegração junto da família biológica, a Família é incentivada a participar na concretização daquele Projecto.

3. Este Regulamento Interno constitui o conjunto de normas de funcionamento do CES. A sua aplicação satisfatória pressupõe um relacionamento de respeito e cortesia entre todas as pessoas envolvidas na prestação de cuidados globais e integrados às crianças que deles carecem, incluindo os profissionais, os familiares das crianças, os voluntários e outros agentes envolvidos no processo das crianças (como professores e educadoras de infância), para além da cooperação com outras entidades locais e regionais.

4. O Regulamento Interno e a sua aplicação são sujeitos a avaliação regularmente, sendo susceptíveis de alteração sempre que tal se justificar

2. Admissão

1. A admissão de crianças no CES acontece na sequência de pedido de acolhimento efectuado pelas entidades competentes.

2. A decisão de admissão depende da existência de vagas no CES, da análise do pedido efectuado e correspondente relatório de caracterização (designadamente nos domínios social, psicológico e clínico) e da capacidade de resposta ao mesmo.

3. Os pedidos de admissão são analisados pela Equipa Técnica do CES, sendo a decisão da responsabilidade da Direcção do mesmo

4. No momento da admissão:

a) É preenchida Declaração de Entrada no CES, onde consta a identificação da criança, data de entrada no CES I fi e identificação dos Técnicos/entidade que solicita acolhimento

b) É preenchida Ficha Individual da Criança, com os seus dados pessoais, hábitos e eventual medicação que esteja a ser efectuada

c) São solicitados os Documentos da Criança: Cédula Pessoal ou Bilhete de Identidade ou Certidão de Nascimento, Boletim de Vacinas, Cartão de utente da ARS (ou outra Entidade), N° de Segurança Social dos Pais, Cartões de outros serviços onde eventualmente esteja a ter acompanhamento médico/psicológico

d) Consoante o processo e a medida de promoção e I c protecção/judicial a que a criança está sujeita, são definidas datas e horários de visita para os familiares

e) No processo administrativo da admissão é efectuada também inscrição da criança na Secretaria Geral da Fundação

f) É dado conhecimento do Regulamento Interno aos Técnicos que acompanham a

Criança, bem como aos familiares (se for caso disso)

3. Serviços e apoio às crianças

1. Acolhimento no CES

1.1. O CES situa-se no complexo socioeducativo da Fundação CEBI, na Quinta de Santa Maria, Estrada Nacional I / 10, 2615-376 Alverca do Ribatejo com o telefone 219 589 133, fax 219 589 140, Email c.emerancia@fcebi.org ou dir.ces@fcebi.org

1.2 O CES funciona 24 horas por dia

1.3 As crianças em acolhimento no CES dispõem de atendimento e cuidados personalizados, consoante as suas necessidades.

1.4 As crianças dispõem de camas próprias em quartos devidamente preparados.

1.5 Existem instalações sanitárias que garantem respeito pela intimidade e privacidade, bem como espaços adequados para o estudo, recepção de visitas e actividades lúdicas

1.6 Na sequência do acolhimento as crianças são observadas pelo médico da Equipa e inicia-se processo de acompanhamento psicológico e social.

1.7 Conhecida a situação da criança, e desde que já tenha mais de um ano de idade, após uma ou duas semanas de integração no CES, a criança é integrada no Colégio da Fundação, na valência correspondente à sua idade e/ou situação escolar. Para isso, caso a criança já frequente o Ensino Obrigatório, procede-se à transferência da sua Matrícula para o Colégio.

1.8 Caso a criança tenha idade inferior a um ano de idade, permanecerá no CES.

1.9 As crianças que tenham visitas da família biológica/amigos, podem recebê-las em espaço próprio, nas instalações do CES

1.10 As crianças podem convidar amigos/colegas da Escola para o CES, podendo recebe-las na sala de visitas ou nos seus quartos, conforme as situações e, de acordo com as orientações do pessoal em serviço

1.11 As crianças têm acesso ao telefone para contactarem com familiares e/ou amigos, devendo solicitá-lo ao pessoal em serviço

2. Visitas de Familiares e/ou Amigos e Informações

2.1 As visitas às crianças residentes temporariamente no CES deverão ser marcados antecipadamente com a Equipa Técnica, em dia e hora a estipular

2.2 As visitas realizam-se de segunda a sexta - feira, entre as 10 horas e as 17.30 horas, nas instalações do CES (com marX1ção prévia)

2.3 Só excepcionalmente e após decisão superior, serão permitidas visitas fora do horário previsto

2.4 As visitas devem fazer anunciar-se nos Serviços de Portaria da Fundação CEBI, onde consta, em impresso próprio, a indicação de todas as pessoas com visitas marcadas

2.5 Durante as visitas não é permitido oferecer géneros alimentares às crianças

2.6 Como forma de preservar a intimidade, direito à imagem e reserva da vida privada das crianças, enquanto residirem no CES não é permitido tirar-lhes fotografias ou efectuar qualquer tipo de gravação (Ex: vídeo), sem autorização superior.

2.7 Os pedidos de informação sobre as crianças, feitos por I i familiares ou amigos, por telefone, serão encaminhados para a Equipa Técnica ou para a Ajudante de Lar de Serviço.

3. Alimentação

3.1 O CES assegura às crianças a alimentação adequada, confeccionada segundo as normas julgadas convenientes à idade e estado de saúde.

A ementa é previamente elaborada por um nutricionista, sujeita à aprovação dos serviços de saúde da Instituição e afixada em locais próprios.

No caso de existir indicação médica específica, as crianças terão o regime alimentar adequado àquela prescrição.

4. Cuidados de Saúde

4.1 As crianças residentes no CES são acompanhadas pelo Médico da Equipa Técnica

4.2 Caso haja necessidade, as crianças têm acesso aos serviços da Clínica de Medicina Física e Reabilitação, da Fundação

4.3 As crianças são inscritas no Centro de Saúde de Alverca, onde também podem ter acompanhamento e assistência médica, sempre que necessário

4.4 Sempre que tenham consultas médicas em serviços fora da Fundação, as crianças são acompanhadas às mesmas por um elemento da Equipa Técnica ou por uma Ajudante de Lar

5. Integração na Comunidade

5.1 Independentemente de o CES estar organizado por I I forma a proporcionar às crianças um ambiente tão próximo quanto possível ao do tipo familiar, deve ser promovido o contacto e a integração das mesmas junto da Comunidade. Como tal, é

incentivada a sua saída da

Instituição em diversos momentos, quer em actividades promovidas pela Fundação, quer com amigos, no âmbito do Projecto "Família Amiga", em curso no CES.

5.2 Sempre que uma criança sai do CES, para passeio/férias/fim de semana, é assinada uma Declaração onde consta a identificação de quem leva a criança e os dias e horário durante os quais ocorrerá a saída

5.3 Na Portaria existe uma folha de registo onde está indicado que crianças podem sair, com quem e quando e, ainda, quando regressam

6. Pessoal

6.1 Todo o pessoal que constitui a Equipa de Recursos Humanos do CES tem Funções definidas e tem conhecimento das mesmas

IV - Saída

1. Na sequência do definido no Projecto de vida das crianças, estas sairão do CES quando existir medida/decisão tomada nesse sentido, devendo esta ser clara quanto ao encaminhamento

2. Por altura da saída definitiva do CES, as crianças, tendo para isso sido preparado, poderão levar consigo os seus objectos/roupas/brinquedos pessoais, caso elas, a família, Equipa Técnica do CES ou outros técnicos envolvidos no processo o pretendam ou julguem conveniente.

3. No momento da saída das crianças do CES são devolvidos à Família ou aos Técnicos que acompanhem o processo, todos os documentos das mesmas, sendo também entregues informações pertinentes que se prendam com elas

4. Na altura da saída das crianças do CES é preenchida Declaração de Saída definitiva, sendo a mesma assinada por quem recebe o Menor e por quem procede à sua entrega.